

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**



## **A força transformadora da demanda pelo sentido**

Contributos da “logoterapia e análise existencial” na contemporaneidade

Mariana Rodrigues das Neves Celani

Orientador: Professora Doutora Guiomar Mafalda Maia de Faria Blanc

Tese apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia

Lisboa, Setembro de 2018

“Uma vez nesse caminho, é preciso ter a coragem de seguir sempre em frente, porque a estrada que sobe não é nunca de puro repouso”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Lepp, Ignace, (1951). *A Existência Autêntica*. (Trad. Aulácio de Almeida/Filomena Cruz). Coimbra: Limitada, (1953), p. 49.

Ao meu *Supra Sentido* que, desde sempre, me tem feito olhar para além do limite das minhas circunstâncias e me tem guiado por um caminho sobremaneira excelente – lugar de paz e amor, no qual tenho repousado...

## Agradecimentos

Em breves palavras tentarei retribuir, num gesto escrito de gratidão, o que com gratuidade me chegou e me permitiu enveredar pela senda que me fez chegar à conclusão deste trabalho. O interesse pelo tema “sentido da vida”, e “sofrimento” que dele decorre, não resultando de uma única experiência ou circunstância, é antes um somatório de encontros e desencontros vivenciais. Por isso, se de um modo efectivo poderei personalizar o meu agradecimento a alguns, outros há que tampouco lhes conheço o nome, mas cuja existência me causou o espanto suficiente e necessário para enveredar por este caminho.

Começo por agradecer a todo o Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras por me terem acolhido e considerado ser viável a concretização deste trabalho, apesar do meu parco fundamento nos trilhos da filosofia. De forma especial e particular, agradeço à Professora Doutora Mafalda Blanc o rigor, a disponibilidade e a entrega com que me orientou. À Professora Doutora Adriana Veríssimo Serrão deixo a minha gratidão pela forma generosa como partilhou o seu saber e como me incentivou, dizendo sempre ser possível chegar a bom porto. Aos meus colegas de curso agradeço a camaradagem, simpatia e partilha.

Agradeço à Doutora Isabel Pastor que me deu “luz verde” para avançar e que com confiança acreditou ser válido este sonho...e não só isso, mas uma mais-valia para o trabalho que desenvolvo profissionalmente.

Não posso deixar de mencionar aqueles que se têm confiado a mim, entregando-me a história das suas vidas, os seus segredos, medos e anseios, permitindo experienciar-me útil e acreditar que devo continuar a abraçar a causa que me move – cuidar...

Aos amigos que me disseram “vai em frente”, reconhecendo que este trabalho me permitiria espalhar a minha identidade...deixo aqui o meu apreço.

E, por fim, manifesto a minha gratidão à minha família – lugar de passado, presente e futuro...personagens da história que conto na primeira pessoa e que me esculpe um pouco todos os dias...

## RESUMO

A presente Dissertação de mestrado tem como principal objectivo explicitar tanto a génese, como os princípios fundacionais da “logoterapia e análise existencial”, tendo em conta a originalidade que a consubstancia. Procurámos, também, proceder a uma actualização da mesma na contemporaneidade, tendo em vista as suas implicações antropológico-filosóficas e ético-sociais. Deste modo, pretendemos aferir da sua aplicabilidade como resposta às necessidades do homem contemporâneo, em particular sobre a importância da demanda pelo sentido como força transformadora em resposta ao sofrimento humano.

**Palavras-Chave:** “logoterapia e análise existencial”; sentido; sofrimento; liberdade; valores

## ABSTRACT

The main objective of this Master's Dissertation is to explain both the genesis and the foundational principles of “logotherapy and existential analysis”, taking into account the originality that embody it. We also sought to update it in contemporary reflexion, given its anthropological-philosophical implications. In this way, we intend to assess its applicability as a response to the needs of contemporary man, in particular on the importance of the demand for meaning as a transforming force in response to human suffering.

**Key-words:** "Logotherapy and existential analysis"; meaning; suffering; freedom; values

# Índice

Agradecimentos .....	4
Resumo .....	5
Abstract .....	5
 <b>Introdução</b> .....	 7
 <b>Capítulo I: Génese da “logoterapia e análise existencial”</b> .....	 25
1. <i>Zeitgeist</i> : o niilismo da sociedade europeia e as suas consequências .....	25
2. Psicologismo epocal: entre a psicanálise de Freud e a psicologia individual de Adler .....	34
3. Contributos da filosofia e psicologia existencial: genealogia conceptual .....	44
 <b>Capítulo II: Princípios Fundacionais da “logoterapia e análise existencial”</b> .....	 57
1. Conceito de homem: entre a antropologia e a ontologia.....	57
2. Premissas fenomenológicas: liberdade, vontade e sentido .....	70
3. Logoterapia como intervenção pelo sentido: o poder da auto-transcendência .....	94
4. O sentido face à provação do sofrimento: o dom da linguagem .....	102
5. A logoterapia no tratamento das neuroses: originalidade metodológica .....	117
 <b>Capítulo III: Implicações Antropológico-Filosóficas e Ético-Sociais da “logoterapia e análise existencial”</b> .....	 142
1. O homem técnico: o retorno à comunidade .....	142
2. O homem técnico: entre o <i>dever-ter</i> e o <i>dever-ser</i> .....	155
3. O homem técnico: o poder de uma auto-biografia.....	169
 <b>Conclusão</b> .....	 183
 <b>Bibliografia</b> .....	 192

## Introdução

O tema do “sentido da vida” tem as suas origens no que se designa de “problema do homem” e da sua existência. É um tema que se vincula à felicidade, à origem da vida e ao seu fim, remontando aos filósofos gregos que esquadriharam o que condiz ao “destino” e à busca da “felicidade”. A procura pelo sentido da vida como resposta ao sofrimento tem sido uma questão premente do existir humano, sendo manifesto o entrecruzamento conceptual entre “sofrimento” e “sentido da vida” pela reciprocidade que os une, o que se espelha tanto no campo da Literatura, como no da Filosofia e, mais recentemente, no campo da Psicologia.

“A procura do sentido e do valor da vida não é de modo algum óbvia: surge em épocas em que o indivíduo não mais discerne com clareza o conteúdo da vida que o seu meio lhe apresenta, e essa incerteza, por seu lado, indica que as relações tradicionais não se encontram à altura das exigências suscitadas pelo progresso da vida.”<sup>2</sup>.

Se na agra literária, escritores como Dostoievski (1821-1881)<sup>3</sup>, Tolstoi (1828-1910), C. S. Lewis (1898-1963) e Albert Camus (1913-1960) tiveram no sofrimento e no sentido da vida o mote da escrita dos seus romances, na senda filosófica, Schopenhauer (1788-1860)<sup>4</sup>, Kierkegaard (1813-1855)<sup>5</sup>, Nietzsche (1844-1900)<sup>6</sup>, Heidegger (1889-1976)<sup>7</sup> e Jean-Paul Sartre (1905-1980)<sup>8</sup> são referência neste questionar existencial e busca pelo sentido. Indagações deste cunho assentam numa análise da relação subjectividade-

---

<sup>2</sup> Eucken, Rudolf, (1846). *O Sentido e o Valor da Vida*. (Trad. João Távoa). Rio de Janeiro: Delta, (1962), p. 61.

<sup>3</sup> Escritor e filósofo russo que procurou nas suas obras abordar os temas do: sofrimento, culpa, livre-arbítrio, cristianismo, racionalismo, niilismo, pobreza, violência, assassinio, altruísmo, além de analisar transtornos mentais, muitas vezes ligados à humilhação, ao isolamento, ao sadismo, ao masoquismo e ao suicídio.

<sup>4</sup> Schopenhauer aborda o tema do sofrimento associado ao amor, supondo que a acção humana é determinada pela vontade e não pela razão, evidenciando uma atitude pessimista relativa à existência humana.

<sup>5</sup> Kierkegaard procura nas suas obras a compreensão da vida e do sentimento do desespero que lhe pode estar associado, reportando-se, também por isso, ao amor e à procura da felicidade.

<sup>6</sup> Nietzsche defende que a “vontade de poder” é determinante na acção humana, cabendo ao homem a sua superação individual e transcendência.

<sup>7</sup> Heidegger propôs-se elaborar uma análise da existência, procurando a ontologia fundamental do ser, baseando-se na “fenomenologia” de Edmund Husserl (1859-1938). Tal ontologia é descrita na sua obra *Ser e Tempo* (1927).

<sup>8</sup> Sartre baseia-se tanto na fenomenologia de Edmund Husserl, como na ontologia fundamental de Heidegger, debruçando-se sobre a compreensão da experiência humana, o que expôs na sua obra *O Ser e o Nada* (1943).

objectividade, destacando-se Heidegger e Sartre pelos seus contributos alusivos à quotidianidade e às suas implicações no sentido da vida do homem. Na trajectória psicológica também se procurou dar resposta ao sofrimento humano, considerando-se ser este último o lugar de onde emergiam as desordens psicopatológicas do ser humano. Neste campo, divergiram proposições, pois para Freud (1856-1939), fundador da “psicanálise”<sup>9</sup>, o paciente sofria de uma “frustração sexual” e, para Adler (1870-1937), mentor da “psicologia individual”<sup>10</sup>, o sofrimento decorria de “sentimentos de inferioridade”. É em resposta a tais abordagens, consideradas insuficientes no seu olhar sobre o sofrimento humano, que Viktor Emil Frankl (1905-1997), ao entender que o paciente sofre de um “sentimento de falta de sentido da vida”, propõe a “logoterapia e análise existencial”.

Viktor Frankl (1905-1997), psiquiatra e neurologista vienense, nasceu em 26 de Março de 1905, na Áustria<sup>11</sup>, numa era de prosperidade e de esperança. Na sua autobiografia, publicada em 1995, Frankl dá-nos a conhecer o seu contexto familiar, deixando claro o seu apego à família e as consequentes dificuldades no seu processo de autonomização, descrevendo que “[...] estava tão emotivamente apegado à casa paterna que sofri de uma terrível nostalgia nas primeiras semanas, nos primeiros meses, e até nos primeiros anos, em que devia passar as noites em vários hospitais onde me encontrava a trabalhar.”<sup>12</sup>. A família nuclear era constituída pelo próprio Frankl, pelos seus pais, pelo seu irmão dois anos mais velho e, por uma irmã, quatro anos mais nova<sup>13</sup>. Frankl é oriundo de uma família de tradição judaica, cumprindo os seus pais as tradições e rituais judaicos. A este respeito, salienta o facto de o seu pai, embora religioso, apresentar um pensamento

---

<sup>9</sup> Consiste num método usado na investigação e tratamento de problemas emocionais e mentais. Freud desenvolveu a psicanálise numa época em que os doentes mentais eram colocados em asilos, considerando os psiquiatras que ouvi-los potenciaria os seus problemas. Em oposição a esta visão, a técnica de base da psicanálise assenta em ouvir os pacientes em tudo o que lhes sobrevier à mente. Foi deste modo que Freud concluiu que o comportamento humano é motivado por necessidades e desejos sexuais inconscientes.

<sup>10</sup> Também designada de “psicologia diferencial”, encara o indivíduo como “indivisível”, o que implica que o seu tratamento seja de cariz holístico. Segundo esta abordagem, o ser humano é quem melhor determina as suas próprias necessidades, desejos, interesses e desenvolvimento, sendo dominado por uma luta pela superioridade, ou seja, pela “vontade de poder”.

<sup>11</sup> A Áustria, como império, era composta por dois grandes grupos étnicos, os germananicos e magiares, mas também por grupos étnicos de menores dimensões, os judeus e os eslavos (oriundos da Europa Oriental, mais concretamente da Polónia e da então Checoslováquia).

<sup>12</sup> Frankl, Viktor, (1995). *Recollections: An Autobiography*. (Trad. Joseph Fabry/Judith Fabry). New York: Basic Books, (2000), p. 1: “I was so emotionally attached to my parental home that I suffered terrible homesickness during the first weeks and months, even years, when I had to stay overnight in the various hospitals where I was working.”.

<sup>13</sup> Cf. Redsand, Anna, (2006). *Viktor Frankl: A life worth living*. New York: Clarion Books, p. 9.



crítico, pelo que, “[...] talvez se tenha tornado no primeiro judeu liberal na Áustria”<sup>14</sup>. O facto de Frankl ter crescido no seio de uma família judaica praticante repercutiu-se na sua obra literária, verificando-se frequentemente a referência a versículos da Bíblia, sendo igualmente evidente a sua fé em Deus.

“A experiência suprema entre todas, para o homem que regressa a casa, é o sentimento maravilhoso de que, depois de tudo quanto sofreu, não há mais nada a temer – excepto o seu Deus.”<sup>15</sup>.

Frankl, embora oriundo de uma família de nível sócio-económico elevado, experienciou na sua infância um contexto existencial de privação, por ocasião da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Neste período, a família vivenciou graves dificuldades económicas, com repercussões a vários níveis, em particular, o alimentar, “[...] tornando-se a necessidade de comida tão grande que não era mais possível mantê-los”<sup>16</sup>. Este contexto retirou-lhe, em parte, a inocência de uma infância de abundância, não apenas material, mas acima de tudo existencial, confrontando-se o jovem Frankl com as consequências da “vontade de poder” do homem e conflitos daí resultantes. Assim, desde cedo, Frankl questionou-se sobre a vida e o seu sentido, não temendo necessariamente a morte, mas antes perguntando se o carácter transitório da vida lhe poderia retirar o significado.

“Uma noite, pouco antes de adormecer, fiquei surpreendido com um inesperado pensamento de que um dia também eu teria que morrer. O que me perturbou nessa ocasião – como aconteceu durante toda a minha vida – não foi ter medo de morrer, mas antes a questão de saber se a natureza transitória da vida poderia destruir o seu significado.”<sup>17</sup>.

---

<sup>14</sup> Frankl, Viktor, (1995). *Recollections: An Autobiography*. (Trad. Joseph Fabry & Judith Fabry). New York: Basic Books, (2000), p. 6: “He might have become the first liberal Jew in Austria”.

<sup>15</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 100.

<sup>16</sup> Redsand, Anna, (2006). *Viktor Frankl: A life worth living*. New York: Clarion Books, p. 8: “when the need for food became so great that keeping them was no longer possible.”.

<sup>17</sup> Frankl, Viktor, (1995). *Recollections: An Autobiography*. (Trad. Joseph Fabry & Judith Fabry). New York: Basic Books, (2000), p. 13: “one evening just before falling asleep, I was startled by the unexpected thought that one day I too have to die. What troubled me then – as it has done throughout my life – was not the fear of dying, but the question of whether the transitory nature of life might destroy its meaning.”.

Mais tarde, após percorrer um longo e penoso trajecto existencial, Frankl concluiu que “[...] o que importa não é tanto que a vida de um ser humano seja dolorosa ou prazerosa, mas que seja carregada de sentido”<sup>18</sup>, sendo a morte, o fundo sobre o qual o ser humano se torna um ser responsável. Torna-se, assim, irrelevante a duração da vida humana, por não ser a longevidade a atribuir sentido à existência, mas antes a liberdade, pela qual cada homem assume e redesenha o seu caminho de vida, desde o seu nascimento até à sua morte. Na adolescência de Frankl, durante uma aula de ciências naturais, um professor explicava que “[...] a vida nada mais é do que um processo de combustão, um processo de oxidação, Frankl levantou-se e disse: Senhor, se é assim, que sentido tem a vida?”<sup>19</sup>. Esta foi a questão basilar que o acompanhou ao longo da sua vida, e que se reflectiu no seu percurso académico e profissional.

A par do seu interesse por medicina, manifesto desde os seus três anos de idade, Frankl interessou-se também por outras disciplinas, como a psicologia e a filosofia, consubstanciando as suas leituras em Theodor Fechner e Wilhelm Ostwald, respectivamente<sup>20</sup>. O seu espírito observador e criativo, desde cedo se manifestou, sendo variados os relatos da sua participação em sala de aula. Em certa ocasião “[...] desligou as luzes e escureceu as janelas da sala de aula. O seu professor e colegas esperavam com interesse, pois a experiência ensinara-lhes a esperar o inesperado sempre que Viktor Frankl fizesse uma apresentação, e, certamente, ele não iria decepcioná-los desta vez. A sua apresentação foi sobre a *Galvanic Skin Response* (G.S.R.), uma nova descoberta em psicologia experimental.”<sup>21</sup>.

As suas leituras em filosofia e psicologia levaram-no à *psicanálise*. Foi assim que, ainda na adolescência, Frankl iniciou uma acérrima troca de correspondência com Freud<sup>22</sup>, o que lhe proporcionou a publicação do seu primeiro artigo científico, na

---

<sup>18</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 83.

<sup>19</sup> Redsand, Anna, (2006). *Viktor Frankl: A life worth living*. New York: Clarion Books, p. 18: “ ‘Life is nothing more than a combustion process, a process of oxidation.’ Viktor leaped from his seat and said, ‘Sir, if this is so, then what can be the meaning of life?’ ”.

<sup>20</sup> Cf. Soggie, Neil, (2016). *Logotherapy: Viktor Frankl, Life and Work*. New York: Rowman & Littlefield, p. 2.

<sup>21</sup> Redsand, Anna, (2006). *Viktor Frankl: A life worth living*. New York: Clarion Books, p. 16: “Whenever he could, Viktor used what he had learned about psychology for school papers and presentations. One day in class, he turned off the lights and darkened the windows of the classroom. His teacher and classmates waited with interest. Experience had taught them to expect the unexpected whenever Viktor Frankl had report to deliver, and he wasn’t about to disappoint them this time. His report was about Galvanic Skin Response (GSR), a new discovery in experimental psychology.”.

<sup>22</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papyrus, (1991), p. 264.

“International Journal of Psychoanalysis” em 1924<sup>23</sup>, aos dezanove anos de idade. Mais tarde, enquanto estudante de medicina, e por acalentar um especial gosto por filosofia, Frankl frequentava aulas de filósofos como Max Scheler<sup>24</sup>, Karl Jaspers<sup>25</sup>, Heidegger<sup>26</sup> e Martin Buber<sup>27</sup>, e de psiquiatras como Ludwig Binswanger<sup>28</sup>, tendo ancorado nestas correntes filosóficas e psicológicas a antropologia que, mais tarde, viria a defender, e sob a qual a pessoa deve ser considerada como única, original, irrepetível, unidade somático-psíquico-espiritual orientada para a procura do significado da sua existência e para a realização do seu próprio projecto existencial<sup>29</sup>.

Desapontado com o reducionismo psicanalítico, Frankl aproximou-se de Alfred Adler, tendo integrado a *Sociedade de Psicologia Individual*. Neste contexto, pôde aprofundar o seu saber a respeito de medicina psicossomática, tendo como mentores Rudolf Allers (1883-1963)<sup>30</sup> e Oswald Schwarz (1883-1949)<sup>31</sup>. Nesta altura, Frankl esboçou um sistema de pensamento no qual aprofundava as bases filosóficas de uma psicoterapia que fosse além do reducionismo freudiano e girasse em torno da radical capacidade do ser humano em procurar valor e significado para a sua existência. Tais ideias iriam ser publicadas em 1927, o que acabou por não suceder em virtude da separação entre Frankl e Adler<sup>32</sup>, tendo Frankl encontrado também nesta abordagem uma

---

<sup>23</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 12.

<sup>24</sup> Filósofo alemão, reconhecido por ter desenvolvido o seu trabalho nas áreas da fenomenologia, ética e antropologia filosófica, mas essencialmente, pelo seu contributo para a filosofia dos valores, tendo desenvolvido uma “teoria de valores”, de acordo com a qual o “ser-valor” de um objecto precede a sua percepção, ou seja, a realidade axiológica dos valores é anterior à sua existência. Os valores e os seus correspondentes opostos existem numa ordem objetiva.

<sup>25</sup> Reconhecido filósofo e psiquiatra alemão, cujo pensamento foi influenciado pelo seu conhecimento em psicopatologia. Interessou-se por integrar a ciência no pensamento filosófico, ao considerar que as ciências humanas não seriam suficientes para a interpretação o homem, beneficiando da análise crítica da filosofia para o efeito.

<sup>26</sup> Filósofo alemão, conhecido por ter estabelecido, na sua ontologia, uma ponte entre o existencialismo de Kierkegaard e a fenomenologia de Husserl, elaborando uma análise da existência visando esclarecer o verdadeiro sentido do ser, com base no método fenomenológico-hermenêutico.

<sup>27</sup> Filósofo austríaco, de origens judaicas. Na sua obra enfatizou a importância da intersubjectividade, ou seja, da relação estabelecida entre sujeitos, bem como daquela entre sujeito e objecto, defendendo que a comunicação e o diálogo assumem grande relevância na existência humana.

<sup>28</sup> Psiquiatra suíço, reconhecido por ter sido pioneiro na área da psicologia existencial, sendo considerado um dos principais fundadores da *Daseinanalyse*. É considerado o primeiro médico a conciliar a psicoterapia e o existencialismo, este último sob a influência de Heidegger e Husserl.

<sup>29</sup> Cf. Fizzotti, Eugenio, (2005). “Invitación a la lectura de los escritos de juventud de Viktor Frankl.” In Viktor Frankl (2005). *Escritos de Juventud 1923-1942*. (Trad. Roberto H. Bernet). Barcelona: Herder, (2007), p. 4.

<sup>30</sup> Psiquiatra austríaco, integrou o primeiro grupo fundador da psicanálise e constituiu-se como um mestre para Viktor Frankl.

<sup>31</sup> Psicólogo austríaco, expoente da “psicologia individual” e fundador da medicina psicossomática.

<sup>32</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papyrus, (1991), p. 265.

perspectiva reducionista que rejeitava, o que teve como consequência a sua expulsão da referida Sociedade, conjuntamente com os seus mentores<sup>33</sup>. É com base em significativas diferenças antropológicas que Frankl se vai opor à psicanálise de Freud e à psicologia individual de Adler, fundando, mais tarde, a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”<sup>34</sup>, igualmente conhecida por “logoterapia”. Rumo ao desenvolvimento da sua teoria, Frankl, sem que tivesse concluído a sua formação académica em medicina, mas impactado pelo resultado das publicações de Hugo Sauer<sup>35</sup> em 1923, vem a desenvolver, após a sua separação de Adler, um trabalho com jovens que apresentavam fortes sentimentos de frustração existencial, que se repercutiam no seu desempenho escolar, profissional e nas suas relações familiares e sociais, configurando-se o suicídio como uma possível resposta a esta situação humana. Nesta sequência, criou, em Viena, o primeiro *Centro de Aconselhamento Juvenil*, tendo sido apoiado por uns e criticado por outros<sup>36</sup>.

Contrariamente ao que tem sido divulgado, a teoria desenhada por Frankl, a “logoterapia”, não nasceu exclusivamente da experiência trágica que atravessou nos campos de concentração nazi. Antes tem as suas raízes em momento anterior. O próprio Frankl enquadra o desenvolvimento da sua teoria nas suas experiências de vida pessoais, descrevendo que na sua juventude teve de “passar pelo inferno do desespero devido à aparente falta de sentido da vida, pelo niilismo total e extremo”<sup>37</sup>. É, portanto, partindo de si e atento ao clamor de ajuda de homens e de mulheres da sua idade que, enquanto jovem estudante se propõe lançar iniciativas originais e vanguardistas para a sua época<sup>38</sup>. Note-se, porém, que aos dezasseis anos de idade fez uma apresentação, em sala de aula, acerca do significado da vida, tendo nesta ocasião lançado duas ideias basilares da sua teoria, a saber: 1. a vida pede algo especial a cada um de nós, seres humanos, não nos

---

<sup>33</sup> Cf. Soggie, N. (2016). *Logotherapy: Viktor Frankl, Life and Work*. New York: Rowman & Littlefield, p. 4.

<sup>34</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 102.

<sup>35</sup> Reconhecido por, nos finais de 1914, ter desenvolvido um trabalho com jovens que intentavam suicídio, tendo criado Centros de Ajuda Psicológica para esse efeito. Em 1923, numa breve publicação, ilustrou os resultados positivos da sua intervenção. Este trabalho suscitou curiosidade em muitos e, em particular, em Viktor Frankl.

<sup>36</sup> Cf. Fizzotti, Eugenio, (2005). “Invitación a la lectura de los escritos de juventud de Viktor Frankl.” In Viktor Frankl (2005). *Escritos de Juventud 1923-1942*. (Trad. Roberto H. Bernet). Barcelona: Herder, (2007), pp. 1-2.

<sup>37</sup> Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papirus, (1991), p. 265.

<sup>38</sup> Cf. Fizzotti, Eugenio, (2005). “Invitación a la lectura de los escritos de juventud de Viktor Frankl.” In Viktor Frankl (2005). *Escritos de Juventud 1923-1942*. (Trad. Roberto H. Bernet). Barcelona: Herder, (2007), p. 10.

cabendo a nós pedir um significado à vida, ou seja, o que dá sentido à vida, é o que lhe damos; 2. o significado final deste processo de dotação de sentido é, e deve permanecer, além da nossa compreensão. Frankl deu a este significado supremo o nome de “suprassentido”, pois está acima ou além do significado cotidiano<sup>39</sup>. Na sua perspectiva, tal *suprassentido* ou sentido último, “[...] não é algo sobrenatural, mas sim natural, consiste simplesmente num significado além do alcance humano. É esta verdade básica que enfatiza que a espiritualidade fará parte da vida humana autêntica”<sup>40</sup>.

Frankl conciliou a sua actividade clínica com a sua formação académica, que culminou numa perspectiva interdisciplinar, coadunando a medicina com a psicologia e a filosofia. Embora, inicialmente, pensasse especializar-se em dermatologia ou obstetrícia, foi através do incentivo de um amigo<sup>41</sup>, que se decidiu a prosseguir os seus estudos em psiquiatria e neurologia, áreas nas quais se especializou, terminando a sua formação como psiquiatra e neurologista em 1930. Neste ano assumiu responsabilidades no tratamento de indivíduos severamente deprimidos, a maioria mulheres suicidas, tendo sido neste contexto que se apercebeu da importância e utilidade do sentido de humor na terapia<sup>42</sup>. Frankl deparou-se com os resultados humanos da Primeira Guerra Mundial - homens e mulheres lesados aos níveis físico, afectivo, logístico, simbólico e cultural - apercebendo-se que a busca de sentido da vida poderia constituir um caminho de recuperação terapêutico. Ainda neste período, desconhecia Frankl o que o esperava mais adiante, pois ao ser preso nos campos de concentração nazi, constatou por si mesmo a necessidade primordial da busca de um sentido para a vida, ou seja, de ter um “para-que-sobreviver”<sup>43</sup>. Diz a esse respeito o autor:

---

<sup>39</sup> Cf. Redsand, Anna, (2006). *Viktor Frankl: A life worth living*. New York: Clarion Books, pp. 18-19: “First, he said that it is life that asks something special of each of us human beings, not we who ask life for meaning. In other words, what we give to life, nor what we take from it, makes our lives meaningful. Second, Viktor said, ‘Ultimate meaning is, and must remain, beyond our comprehension.’. He gave this ultimate meaning the name *suprameaning*, or meaning that is above or beyond everyday meaning.”

<sup>40</sup> Soggie, Neil, (2016). *Logotherapy: Viktor Frankl, Life and Work*. New York: Rowman & Littlefield, p. 3: “isn’t something supernatural, it is natural, simply a meaning beyond human grasp. This basic truth stresses that spirituality will be part of the genuine human life.”

<sup>41</sup> Cf. *Ibid.*, p. 3.

<sup>42</sup> Cf. *Ibid.*, p. 5.

<sup>43</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 19.

“As chances de sobrevivência dependiam da orientação para um sentido, da nítida perspectiva do respectivo prisioneiro de algo ou de alguém à sua espera, lá fora, quando, num futuro incerto, recuperasse a liberdade.”<sup>44</sup>.

Em 1937, Frankl iniciou actividade clínica em consultório privado. Nesta altura, evidenciava-se a passos largos o extremismo nazi na Europa, tendo-se iniciado um acentuado movimento migratório por parte de judeus residentes em Viena, podendo nestes contar-se Freud e Adler. Resultando da tomada de posse nazi dos estabelecimentos judeus, os profissionais judeus tiveram de apresentar as suas credenciais, tendo sido nesta sequência que, em 1938, Frankl assumiu a função de chefia, como neurologista, num hospital judeu, *Rothschild Hospital*<sup>45</sup>. Não tardou para que as autoridades alemãs ordenassem a aplicação do procedimento de eutanásia aos doentes hebreus austríacos, tendo Frankl sabotado tal programa. Em Dezembro de 1941 é-lhe concedido o visto para sair do país, confrontando-se com o dilema de “deixar para trás” os seus pais; tendo clamado por “um sinal do céu”, encontra ao regressar a casa um pedaço de mármore com uma inscrição dos *Dez Mandamentos* bíblicos: “Honra a teu pai e a tua mãe para que os teus dias se prolonguem na terra que Deus te deu.”<sup>46</sup>. Foi por esta razão que decidiu deixar caducar o visto e permanecer em Viena, juntamente com a família. Casou-se neste ano, tendo a sua mulher ficado grávida alguns meses depois, mas sujeita a um aborto, por imposição nazi, à semelhança do que sucedeu a outras mulheres na sua condição. Em Setembro de 1942, a família Frankl foi chamada ao processo de deportação para o campo de concentração nazi de *Theresienstadt*, sendo posteriormente transferidos para Auschwitz. A chegada ao campo de concentração fez-se em vagões que transportavam centenas de prisioneiros, descrevendo Frankl a fase da primeira selecção, a perda dos seus pertences e o impacto daí resultante, que designou de “existência nua”.

“Vi a verdade nua e crua e fiz algo que me marcou o ponto culminante da primeira fase da minha reacção psicológica: deitei fora toda a minha vida anterior. [...] Enquanto esperávamos pela vez nos chuveiros, tomámos

---

<sup>44</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 16.

<sup>45</sup> Cf. Soggie, Neil, (2016). *Logotherapy: Viktor Frankl, Life and Work*. New York: Rowman & Littlefield, p. 6.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 7: “Honor your father and your mother; that your days may be long in the land that God gives you.”.

consciência da nossa nudez: agora não tínhamos realmente nada a não ser os corpus nus – e até mesmo esses, despojados de pelos; tudo quanto possuíamos era, literalmente, a nossa existência nua.”<sup>47</sup>.

Desde logo, no primeiro dia de chegada ao campo, confrontando-se com a sua vivência pessoal e por observação das reacções de outros companheiros, Frankl assumiu consigo mesmo o compromisso de não atentar contra a própria vida como forma de pôr um fim ao sofrimento.

“Quase todos pensavam em suicídio, ainda que somente por um breve período de tempo. Era algo que nascia do carácter desesperado da situação, do perigo constante da morte a pairar sobre nós, a cada dia, em cada hora, e da proximidade das mortes de muitos dos outros presos. Com base em convicções pessoais [...] fiz a mim mesmo a promessa firme, no meu primeiro dia no campo, de que ‘não correria para a vedação’ ”<sup>48</sup>.

Das vivências no campo de concentração, o “grande experimentum crucis”<sup>49</sup>, Frankl descreve intermináveis jornadas de trabalho forçado, sob temperaturas negativas extremas, escassa comida, maus tratos físicos e psicológicos e o contacto com doenças graves, tudo cooperando para que os prisioneiros se concentrassem na sobrevivência, por estar a vida constantemente sob ameaça. Daí resultava um forte sentimento de “apatia” por tudo e por todos.

“A apatia, o embotar das emoções e o sentimento de que já não conseguíamos importar-nos com nada, eram os sintomas manifestados durante a segunda fase das reacções psicológicas do prisioneiro, que acabavam por torná-lo insensível aos espancamentos [...] Graças a esta insensibilidade, o prisioneiro em breve conseguia rodear-se de uma muito necessária carapaça de protecção.”<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), pp. 29-30.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 32.

<sup>49</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 128.

<sup>50</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 37.

É precisamente ao experienciar “uma existência provisória com um limite desconhecido”<sup>51</sup>, sendo exposto a uma vivência de privação existencial extrema, que Viktor Frankl lança a questão sobre a liberdade humana, sob a qual o homem pode escolher a atitude a ter em todas as situações, mesmo aquelas que o acometem de um irremediável sofrimento.

“Mas, então, e a liberdade humana? Não haverá liberdade espiritual relativamente ao comportamento e reacção a um determinado meio ambiente? [...] As experiências da vida nos campos mostram que os homens têm realmente a possibilidade de escolher. [...] O Homem *pode* preservar um vestígio de liberdade e independência espirituais, até mesmo em condições tão terríveis de stress físico e psíquico.”<sup>52</sup>.

Fruto da sua própria experiência, afirma que o homem é portador de uma característica que o distingue - a sua “liberdade” -, podendo, assim, sob as condições mais adversas, decidir comportar-se como um prisioneiro ou como um ser humano que, apesar de tudo, preserva a sua dignidade. Frankl refere-se, aqui, a uma *liberdade interior*, bastando-lhe um único exemplo como “[...] prova suficiente de que a força interior dos seres humanos pode erguê-los acima do seu destino exterior”<sup>53</sup>, sendo crucial acrescentar, “[...] a forma como um homem aceita o seu destino e todo o sofrimento que ele acarreta, a forma como carrega a sua cruz, concede-lhe bastas oportunidades – mesmo nas circunstâncias mais difíceis – para dar um sentido mais profundo à sua vida.”<sup>54</sup>. Por outras palavras, Frankl defende que o ser humano pode atribuir sentido à sua existência no modo como se posiciona perante o seu destino, havendo um sentido no sofrimento, apesar de este último não ser condição *sine qua non* daquele. Com efeito, na sua condição de sofredor, o homem pode decidir transformar a sua vida mediante a atitude que escolher tomar, precisamente porque “[...] a aceitação, ao menos no sentido de que esta nos faz suportar um sofrimento de forma correcta e leal a um destino autêntico, é por si mesma

---

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>52</sup> *Ibid.*, pp. 75-76.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 77.

<sup>54</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 77.



uma acção – mais do que isso, a mais elevada acção e a mais elevada realização permitida a um homem.”<sup>55</sup>.

É com base na sua vivência de prisioneiro em companhia de outros que Frankl se depara com o lema generalizado entre os seus companheiros de que “[...] já não tenho nada a esperar da vida”<sup>56</sup>, ao que o nosso autor retorque afirmando a crucialidade da atitude perante a vida. Nas suas palavras: “[...] tínhamos de aprender e, mais do que isso, tínhamos de ensinar aos desesperados, que não importava verdadeiramente o que esperávamos da vida, mas antes o que a vida esperava de nós.”<sup>57</sup>. A tal desafio existencial, deve o homem responder de forma adequada, responsável e personalizada. Como esclarece:

“Cada situação distingue-se pelo seu carácter único e existe sempre apenas uma resposta adequada ao problema colocado pela situação em causa. Quando um homem descobre que o seu destino é sofrer, terá de aceitar esse sofrimento como a sua missão; a sua missão única e exclusiva. [...] A sua oportunidade única reside na forma como carrega o seu fardo.”<sup>58</sup>.

O nosso autor produziu, sistematizou e publicou uma extensa obra de elevado valor terapêutico e existencial. Participou em inúmeras palestras em diferentes países, acreditando ter como missão contribuir para a resolução terapêutica do problema do sofrimento. Terminou a sua longa jornada, aos 92 anos de idade, vindo a falecer em 2 de Setembro de 1997. E foi essa contribuição que motivou a nossa escolha da sua obra como objecto de estudo da nossa Dissertação. Com efeito, parece-nos importante redescobrir, na nossa época, o sentido da vida e o significado do sofrimento, de modo a dar resposta à necessidade do homem contemporâneo de encontrar sentido no sentimento de vazio existencial. Responder a esta necessidade é fundacional ao bom funcionamento do psiquismo humano. Num momento em que existe uma multiplicidade de “ofertas” psicoterapêuticas, que se propõem dar uma vertiginosa resposta a uma diversidade de sintomas externalizados, não olhando o ser humano na sua totalidade física, psíquica e

---

<sup>55</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 74.

<sup>56</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 86.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 86.

<sup>58</sup> *Ibid.*, pp. 86-87.

espiritual, urge reavivar com maior profundidade os temas do sentido da vida e do sofrimento, reportando-os à psicoterapia actual. É precisamente neste ponto que, a “logoterapia e análise existencial” de Viktor Frankl, se revelam como uma oportunidade histórica de investigação.

O *corpus teórico* desta investigação assenta na obra magna, *O Homem Em Busca de Sentido*<sup>59</sup>, em virtude da sua centralidade para as grandes questões do sentido da vida e do sofrimento, sempre de actualidade, sobretudo quando, como hoje, o homem disfruta de mais e melhores condições de vida, mas de menos razões para viver. A referida obra é composta, na sua versão original, por duas partes, consistindo a primeira num relato autobiográfico das vivências do autor como prisioneiro nos campos de concentração nazi durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, a segunda, numa exposição das linhas mestras da sua proposta terapêutica. Esta proposta, conhecida por “logoterapia e análise existencial”, contrariando directamente a dimensão freudiana das “profundezas”, é uma psicologia do “alto” que, longe de insistir nos processos naturais e inconscientes, promove a ideia de que o indivíduo pode transcender esses mesmos processos, sobrepondo-se ao sofrimento e encontrando um sentido para a sua vida. Temas que, a nosso ver, têm tanto mais valor quanto mais sustentados numa experiência pessoal.

Pelo que foi possível indagar<sup>60</sup>, em Portugal, a “logoterapia e análise existencial” de Frankl não tem expressão na Academia, à excepção de dois trabalhos de base teológica que promovem a ligação com a teoria frankliana<sup>61</sup>. Assim, o nosso trabalho pretende colmatar esta lacuna, traçando a trajectória da abordagem psicoterapêutica proposta por Frankl, e explicitando o seu suporte fundacional psicológico e filosófico. Nesta medida, será feita uma leitura psico-filosófica do pensamento de Frankl, com enfoque na busca pelo sentido nas actuais condições epocais da existência. A partir da análise de conteúdo das obras de Frankl, pretendemos explicitar o que motivou o seu trabalho e o que nele não ficou totalmente tematizado. Neste contexto, valorizámos como primordial a seguinte questão: como pode a “logoterapia e análise existencial”, proposta por Frankl, responder à demanda pelo sentido da vida, no actual *Zeitgeist*?

---

<sup>59</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016). Versão original em alemão: *Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslager*.

<sup>60</sup> <http://www.logoterapiaonline.it/25.03.2018>.

<sup>61</sup> Cf. Almeida, Nuno, (2011). *Logos e Salvação. Leitura do pensamento de Viktor Frankl em perspectiva teológica*. Tese de Doutoramento em Teologia na UCP-Porto. Cf. Almeida, Nuno, (2016). *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã- leitura teológica do pensamento de Viktor Frankl*. Tese de Doutoramento em Teologia Dogmática na Universidade Salesiana de Roma. (publicada em 2017).

O ser humano revela uma necessidade natural de atribuir um sentido, mas também social e existencial. Tal necessidade revela-se com maior veemência perante situações de vida singulares, que rompem com o curso normal da existência e requerem do paciente uma particular atenção e resposta. Com efeito, para o nosso autor, a condição humana caracteriza-se por um processo diacrónico, associado, desde o nascimento, ao processo de crescimento e desenvolvimento e consequentes aprendizagens e aquisições ao nível físico, intelectual e emocional. O próprio ciclo de vida pressupõe um processo transformativo do ser humano, com vista à sua continuidade, iniciando-se com o seu nascimento e terminando na sua morte. Por outras palavras, a condição humana encerra em si um plano assente numa premissa cronológica, ou seja, o ser humano é temporal e transporta consigo um projecto de vida. Enquanto ser temporal, o homem move-se numa linha condutora entre o passado, o presente e o futuro, este último configurando-se como um horizonte de possibilidades e convocando o homem a planear a sua vida e, dessa forma, a esculpir-lhe um propósito.

“O sentido da existência humana baseia-se precisamente no seu carácter irreversível. Por isso, só podemos compreender a responsabilidade da vida de um homem sempre que a entendemos como uma responsabilidade tendo em conta o carácter temporal da vida, que só se vive uma vez”<sup>62</sup>.

Por outras palavras, trazido à existência, o homem é chamado a responder às demandas da vida, enquanto ser livre e responsável. Para Viktor Frankl, este é o maior desígnio humano, encontrar o sentido da vida, sendo a “vontade de sentido” [*Wille zum Sinn*] a força dinamizadora primária do espírito humano. Ela consiste no “[...] esforço pelo melhor cumprimento possível do sentido da sua existência”<sup>63</sup>, ou, ainda, na “luta humana para realizar o maior número de coisas possíveis, ao longo da sua existência, e por alcançar a maior parte dos ‘valores’ possíveis durante a sua vida”<sup>64</sup>.

---

<sup>62</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 83: “El sentido de la existencia humana se basa precisamente en su carácter irreversible. Por eso, sólo podremos comprender la responsabilidad de vida de un hombre siempre que la entendamos como una responsabilidad con vistas al carácter temporal de la vida, que sólo se vive una vez.”.

<sup>63</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 65.

<sup>64</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 91: “décrire la lutte humaine pour accomplir autant de choses sensées que possible, tout au long de l’existence, et pour réaliser autant de valeur que possible au cours de sa vie.”.

Esta abordagem do problema existencial supõe que a vida do ser humano, para além de conter em si mesma uma dimensão *bios*, tem, antes de tudo, sentido (*logos*), valor (*axios*) e finalidade (*telos*). É precisamente assente nesta premissa, que Frankl deixou claro, em toda a sua obra, que a vida tem valor e tem sentido, nada existindo que se lhe sobreponha, incluindo as situações de maior privação existencial, nas quais o sofrimento e o desespero irrompem confrontando o homem com a necessidade de lhe responder.

“A vida é verdadeiramente uma riqueza infinita, tendo em conta as possibilidades de lhe conferir sentido – contrariamente a um sentimento absurdo que pode sussurrar aos nossos ouvidos – a vida tem um sentido incondicional, incluindo a sua parte de miséria e tragédia.”<sup>65</sup>.

O sofrimento é, portanto, uma inevitabilidade da condição humana, pois, ainda que não seja a adversidade circunstancial a fazer do homem um sofredor, o facto de este se aperceber sem sentido, acomete-o de um forte sentimento de angústia e de frustração existencial, que o impulsiona a procurar um sentido para a sua vida. Porém, o sofrimento não é condição axial para se encontrar um sentido, mas, antes, ocasião para o potenciar.

“Precisamente aí, onde nos encontramos desamparados e desesperados, quando enfrentamos situações que não podem mudar, precisamente aí é que somos chamados, e nos é exigido, mudar a nós mesmos.”<sup>66</sup>.

A condição humana é pautada por esta constante procura pelo sentido, qualquer que seja a sua situação epocal, de guerra ou paz e prosperidade, razão pela qual uma abordagem psicoterapêutica que não considere esta premissa não estará à altura de responder adequadamente à necessidade humana mais profunda e de cariz existencial. A abordagem psicoterapêutica frankliana vai-se fundamentar numa antropologia e ontologia de cunho tridimensional, considerando as dimensões física, psíquica e espiritual, com vista a responder àquela necessidade humana de demanda pelo sentido da vida. A proposta de Frankl destaca-se das escolas psicoterapêuticas vigentes na sua época,

---

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 218: “La vie est vraiment d’une richesse infinie, en regard des possibilités de lui donner un sens – contrairement à ce que le sentiment de l’absurde murmure à nos oreilles – la vie possède même un sens inconditionnel, y compris avec sa part de misère et de tragédie.”.

<sup>66</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 30.

precisamente por considerar a dimensão espiritual do homem, a qual se constitui como “[...] o elemento essencial da verdadeira entidade humana, sendo precisamente aquela dimensão que, como elemento constituinte, é fundamentalmente responsável pela unidade do ser humano”<sup>67</sup>. É, nem mais nem menos, porque esta espiritualidade não depende de práticas religiosas, que pode e deve a psicoterapia intentar tornar consciente o espiritual.

“A logoterapia encoraja, especialmente, a que o homem tome consciência da sua responsabilidade, vendo nesta última o fundamento essencial da existência humana [...] Assim, se a logoterapia é a psicoterapia ‘que parte do espiritual’, a análise da Existência pode ser definida como a psicoterapia ‘que parte do espírito da consciência de responsabilidade’.”<sup>68</sup>.

Através da “análise da existência”, como uma análise do *ser-homem* enquanto *ser-em-situação-no-mundo-e-com-os-outros*, pode conduzir-se o homem a que por si próprio e diante de si, pela consciência da sua própria responsabilidade, seja capaz de penetrar na compreensão dos seus deveres peculiares e exclusivos e assim descobrir o sentido genuíno da sua vida. Estamos perante uma abordagem psicoterapêutica que passa pela reconfiguração do significado da vida de uma pessoa, a partir da sua história de vida, do seu começo e em direcção à sua finalidade. Falamos aqui da construção de uma narrativa autobiográfica e na qual compete ao próprio decifrar e interpretar hermenêuticamente a sua caminhada existencial. É através da integração da experiência passada na vivência presente que é possível a projecção do futuro, podendo o ser humano antecipar o que quer ser, sendo sua e exclusiva a capacidade de se projectar temporalmente e, deste modo, encontrar um sentido para a sua vida.

---

<sup>67</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 204: “La véritable entité humaine doit inclure la dimension spirituelle comme élément essentiel, puisque c’est précisément la dimension spirituelle qui, en tant que constituant, est fondamentalement responsable de l’unité de l’être humain.”

<sup>68</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 38: “La logoterapia, por el contrario, tiende a tornar consciente lo espiritual. Pues bien, concebida específicamente como análisis de la Existencia, se esfuerza, especialmente, por hacer que el hombre cobre conciencia de su responsabilidad, viendo en ella el fundamento esencial de la Existencia humana [...] Así, pues, si la logoterapia es la psicoterapia ‘que parte de lo espiritual’, el análisis de la Existencia podrá definirse como la psicoterapia ‘que arranca del espíritu de la conciencia de responsabilidad’.”

“O curso do tempo, o curso da vida, é o relacionamento das partes com um todo. Na biografia, surge a categoria de existência individual qualitativamente determinada. [...] Como a existência individual se dá no curso da vida, tal como a limitação, o sofrimento, a pressão vivenciada nos vários momentos da mesma causam a transição para outro estado”<sup>69</sup>.

Face ao exposto, após uma breve apresentação do nosso autor, bem como do tema e objectivo desta Dissertação, passamos de seguida a expor as suas linhas gerais. Trata-se de uma pesquisa que tem no sentido da vida e do sofrimento a sua linha hermenêutica. São estas categorias conceptuais alvo de interpretação ao longo de toda a Dissertação. Pretendemos compreender a proposta frankliana – “logoterapia e análise existencial” e a sua aplicabilidade na prática psicoterapêutica contemporânea. Assim sendo, o primeiro capítulo trata da génese da “logoterapia e análise existencial”. Com este objectivo, procede-se, no primeiro parágrafo, à caracterização da “situação epocal” [*Zeitgeist*] aquando do surgimento desta teoria como proposta psicoterapêutica, descrevendo-se o niilismo da sociedade europeia à época e as suas consequências morais e sociais. No segundo parágrafo faz-se uma análise explicativa da insuficiente resposta da “psicanálise” de Freud e da “psicologia individual” de Adler, enquanto abordagem psicoterapêutica, aludindo às suas limitações antropológicas e ontológicas. Termina-se o primeiro capítulo com um terceiro parágrafo que faz referência aos contributos da filosofia e da psicologia existencial, expondo-se a sua genealogia conceptual.

“Contra as tendências despersonalizantes e desumanizantes, que por toda a parte se ampliam, de uma *psicoterapia reumanizada*. [...] Cada época tem as *suas* neuroses, e cada época precisa da *sua* psicoterapia. Agora sabemos mais: somente a psicoterapia reumanizada pode compreender os sintomas da época – e reagir às necessidades do nosso tempo.”<sup>70</sup>.

---

<sup>69</sup> Dilthey, Wilhelm, (1910). *El Mundo Historico*. (Trad. Eugenio Imaz). México: Fondo de Cultura Económica, p. 278: “El curso del tiempo, el curso de la vida, es relación de las partes con un todo. En la biografía surge la categoría de la existencia individual cualitativamente determinada. [...] Como la existencia individual transcurre en un curso de vida, como la limitación, el sufrimiento, la presión experimentada en los diversos momentos de la misma provoca la marcha hacia otro estado”.

<sup>70</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 23.

Subsequentemente, o segundo capítulo respeita aos princípios fundacionais da “logoterapia e análise existencial”. No primeiro parágrafo expõe-se o conceito de homem, de acordo com a antropologia e ontologia franklianas, seguindo-se, no segundo parágrafo, um mapeamento relativo às premissas fenomenológicas desta teoria, nas quais se contemplam os conceitos de liberdade, vontade e sentido. O terceiro parágrafo trata da “logoterapia” como intervenção pelo sentido, sendo apresentado o poder da auto-transcendência como resposta do homem à demanda pelo sentido. Segue-se um quarto parágrafo que reflecte acerca da questão do sentido face à provação do sofrimento, encontrando-se na linguagem um dom, ao permitir ao homem elaborar e partilhar a sua angústia. Termina o segundo capítulo com um quinto parágrafo, no qual se apresenta a “logoterapia” no tratamento das neuroses e a sua originalidade metodológica e terapêutica.

“A auto-transcendência marca o facto antropológico fundamental de que a existência humana sempre aponta para algo que não é ela própria - aponta para algo ou alguém, ou para um sentido que deve ser preenchido, ou para a existência de outro ser humano que encontra.”<sup>71</sup>.

O terceiro capítulo expõe as implicações antropológico-filosóficas e ético-sociais da “logoterapia e análise existencial”, iniciando-se com um primeiro parágrafo que aborda a condição do homem técnico da contemporaneidade e o facto de este se ter desarraigado da comunidade, apresentando a ressurreição do *Homo Amans* [*Der liebende Mensch*] como possível resposta a esta problemática. O segundo parágrafo elabora sobre a questão da sobrevalorização do *dever-ter* do homem técnico, em detrimento do *dever-ser*, expressando dele um *modo-de-ser* inautêntico. Este último capítulo termina com um terceiro parágrafo, no qual se reforça a possibilidade que o homem técnico tem de reconfigurar o significado da vida a partir da sua biografia.

“Ninguém conseguirá evitar o confronto com o sofrimento inarredável, a culpa insuperável e, finalmente, a morte inevitável. [...] como se pode dizer sim à vida, *apesar de* todos esses aspectos trágicos da existência humana?”

---

<sup>71</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 16.

[...] Trata-se de ‘extrair’ dos próprios ‘aspectos negativos’ e, quem sabe, *exactamente* deles, um sentido, transformando-os destarte em algo positivo: o sofrimento, em desempenho; a culpa, em mudança; a morte, em estímulo para uma prática responsável.”<sup>72</sup>.

---

<sup>72</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), pp. 13-14.



## Capítulo I: Da gênese da Logoterapia à sua aplicabilidade

### 1. *Zeitgeist*: o niilismo da sociedade europeia e as suas consequências

A “logoterapia e análise existencial”, apresentada por Viktor Frankl enquanto proposta psicoterapêutica, surge num “período epocal” [*Zeitgeist*] imerso num profundo sentimento de falta de sentido. Este período configurava uma sociedade europeia que se encontrava no período pós- II Guerra Mundial (1939-1945). O próprio foi um sobrevivente dos campos de concentração nazi, que, como bem se sabe, constituíram na História uma das maiores expressões de massacres em massa contra a população civil.

As consequências sociais resultantes de um contexto de guerra não são novidade, entre o desemprego, a precariedade no acesso a bens de primeira necessidade (i.e., alimentação e saúde) e a mortalidade, a população viu-se condicionada, não tendo suprimidas as suas necessidades mais básicas (i.e., fisiológicas). Consequentemente, a população viu também comprometido o seu processo de desenvolvimento pessoal, precisamente porque, não vendo supridas as suas necessidades básicas, não aspira à satisfação de necessidades hierarquicamente superiores (e.g., realização pessoal)<sup>73</sup>. Nas palavras de Frankl, “[...] apenas quando as questões sociais estão resolvidas é que as questões existenciais aparecem cada vez mais na consciência do ser humano”<sup>74</sup>.

Perante tais circunstâncias de vida, ao homem é-lhe imposto pensar no “aqui-e-agora” da sobrevivência, descurando o seu projecto futuro, permitindo a dissolução de valores e tradições e, consequentemente, aniquilando a sua necessidade de busca pelo sentido da vida, ao defrontar-se com a ausência de finalidade e de resposta ao “porquê” do sofrimento e ao “para quê” da vida.

“Pensemos apenas como sofre o homem actual não apenas pela sua progressiva perda de instinto, como também pela sua perda de tradição: nesta pode residir, ao fim e ao cabo, uma das causas da frustração existencial. Sem

---

<sup>73</sup> Cf. Maslow, Abraham, (1954). *Motivation and Personality*, (3ª ed.). New York: Harper & Row, Publishers, p. 73.

<sup>74</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 168.

dúvida, vemos o seu efeito no vazio interno e na carência de conteúdo, no sentimento de haver perdido o sentido da existência e o conteúdo da vida”<sup>75</sup>.

É, por conseguinte, aquele “sentimento de falta de sentido da vida” que pode originar o que Frankl designou de “neurose colectiva” ou “neurose de massa”<sup>76</sup>. Tal neurose caracteriza-se por uma forma de viver o quotidiano sem projecto, explicando Frankl que o facto de “[...] o ser humano contemporâneo se ter acostumado a viver um dia após o outro, em resultado da última Guerra Mundial, e após o término desta, a sua atitude infelizmente não se ter modificado”<sup>77</sup>. Em consequência, o homem contemporâneo manteve uma atitude de passividade face à vida no geral e, de medo face ao futuro, por ter presente a possibilidade iminente de uma repentina destruição atómica.

Frankl identificou o surgimento deste tipo de neurose, em larga escala, no início dos anos 30, tendo aí encontrado razão para lançar nessa década as linhas mestras da “logoterapia e análise existencial”. O facto de ter prenunciado o aumento gradual e exponencial desta patologia, ao longo do século XX, foi a razão para que tivesse investido no desenvolvimento da sua teoria. Foi durante este século que a proposta frankliana ganhou terreno, evidenciando-se, ainda hoje – no século XXI - a sua aplicabilidade.

É, portanto, com base nestes pressupostos vivenciais, num período pós-guerra, que Frankl propõe com veemência a “logoterapia e análise existencial”, conciliando os domínios da Psicologia e da Filosofia, sob a influência dos trabalhos desenvolvidos por Max Scheler (1874-1928), Nicolai Hartmann (1882-1950)<sup>78</sup>, Ludwig Binswanger (1881-1966), Martin Heidegger (1889-1976), entre outros. Note-se que, em momento anterior à formalização da proposta logoterapêutica, Frankl desenvolveu já o seu percurso académico e profissional sob a senda da demanda pelo sentido da vida diante da fragilidade existencial do ser humano. Neste âmbito, ancorou a sua intervenção com

---

<sup>75</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 124: “Pensemos sólo cómo sufre el hombre actual no sólo por su progresiva pérdida de instinto, sino también por una pérdida de tradición: en ésta puede residir, al fin y al cabo, una de las causas de la frustración existencial. Sin embargo, vemos su efecto en el vacío interno y en la carencia de contenido, en el sentimiento de haber perdido el sentido de la existencia y el contenido de la vida, que entonces surge.”.

<sup>76</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 16.

<sup>77</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 225: “par une manière de vivre au jour le jour, sans projet. L’être humain contemporain est habitué à vivre d’un jour sur l’autre. Il a appris à le faire au cours de la dernière Guerre Mondiale, et depuis, cette attitude ne s’est malheureusement pas modifiée.”.

<sup>78</sup> Filósofo germano-báltico, considerado um dos principais representantes do realismo crítico e um importante metafísico do século XX.

pacientes suicidas, para os quais pôr um fim à vida se vislumbrava como a única resposta possível em face do avolumado sentimento de falta de sentido.

Não obstante, é numa fase existencial posterior que vem a formalizar a dita proposta, ao tornar-se um sobrevivente dos campos de concentração nazi<sup>79</sup> durante a Segunda Guerra Mundial. Após a libertação, Frankl redigiu a sua obra magna, intitulada *O Homem Em Busca de Sentido*<sup>80</sup>. Nesta obra, aprofunda os temas do “sofrimento” e do “sentido” baseado na sua experiência evenemencial, descrevendo as suas vivências nos campos de concentração de Auschwitz e Dachau e lança, também, as linhas mestras da “logoterapia e análise existencial”. Aliás, foi crente de que a literatura pode conter em si um fim terapêutico que redigiu aquela obra.

“Os homens que passaram pelo inferno do desespero, através da aparente falta de sentido da existência, são precisamente aqueles que podem oferecer aos outros homens, como um sacrifício, os seus sofrimentos. É justamente a autoexpressão do seu desespero que pode ajudar o leitor – igualmente atingido pelo *sofrimento de uma vida sem sentido* – a superá-lo, mesmo que seja para mostrar-lhe que não se encontra só.”<sup>81</sup>.

Frankl deixa claro que a vida tem valor e tem sentido, nada existindo que se lhe sobreponha, sendo mister encontrar esse sentido. Em seu entender, e fazendo alusão ao psicologismo da sua época, sediado na “psicanálise” e na “psicologia individual”, Frankl descreve que, contrariamente ao que se verificava nos tempos de Freud, em que o paciente sofria de uma frustração sexual ou, ainda, nos tempos de Adler, em que o sofrimento se associava a sentimentos de inferioridade, a “logoterapia”<sup>82</sup> procura dar resposta ao paciente que sofre de um sentimento de falta de sentido, associado a um sentimento de vazio interior<sup>83</sup>. Para Frankl, “[...] da mesma forma que, na história da filosofia, o psicologismo foi eliminado e criticamente superado mediante um logicismo, assim

---

<sup>79</sup> Considerados como a maior expressão de massacre em massa e cuja constituição resultou de políticas de extermínio total das “raças inferiores” como judeus, ciganos e de outros considerados menos perfectos.

<sup>80</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016).

<sup>81</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), pp. 108-109.

<sup>82</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 17: “terapia através do sentido”.

<sup>83</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 36.

também o psicologismo dentro da psicoterapia deve ser superado por algo que designaremos – de acordo com esta analogia- por logoterapia”<sup>84</sup>.

A demanda pelo sentido da vida acomete o homem tanto ao confrontar-se com as mais martirizantes circunstâncias de vida, como ao beneficiar de boas condições de vida. Note-se que o pós-guerra, sob o qual Frankl veio a desenvolver e a propôr a “logoterapia e análise existencial”, deu lugar a um período de expansão económica, também conhecido por “Era de Ouro do Capitalismo”. Esta “era”, abarcando essencialmente os países ocidentais, traduziu-se numa época de prosperidade económica de 1945 a 1970. Concomitantemente, neste mesmo período, iniciou-se a “Terceira Revolução Industrial”, também conhecida como “Revolução Digital” ou “Era do Conhecimento”. Esta “era” pautou-se pela inovação tecnológica e uso intenso da informática, o que acarretou relevantes transformações económicas e sociais. Daí derivou um processo de racionalização crescente, sendo embutidas mudanças na atitude do ser humano na sua relação com a natureza, a qual deixando de ser lugar de contemplação e vida, passou a ser sofregamente explorada como um recurso produtivo de prosperidade.

“Numa sociedade de abundância, mas esta abundância não é apenas de bens materiais, é também uma abundância de informação, uma explosão informativa [...] Se o homem em meio a este turbilhão de estímulos quer sobreviver e resistir aos meios de comunicação de massas, deve saber o que é e o que não é importante, o que é e não é fundamental; numa palavra, o que é que tem sentido e o que é que não o tem”<sup>85</sup>.

Cabe, portanto, ao próprio homem, com autonomia, procurar saber sobre esse “sentido”, assumindo o “modo-de-ser do perguntar e do pesquisar do conhecimento-

---

<sup>84</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 31: “Del mismo modo que, en la historia de la filosofía, el psicologismo ha sido eliminado e críticamente superado mediante un logicismo, así también el psicologismo dentro de la psicoterapia debe ser superado mediante algo que llamaremos – ateniéndonos a esta analogia – la logoterapia.”

<sup>85</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 107: “en una sociedad de abundancia, pero esta abundancia no lo es sólo de bienes materiales, es también una abundancia de información, una explosión informativa [...] Si el hombre en medio de todo este torbellino de estímulos quiere sobrevivir y resistir a los medios de comunicación de masas, debe saber qué es o no lo importante, qué es o no lo fundamental; en una palabra, qué es lo que tiene sentido y qué es lo que no lo tiene.”

histórico”<sup>86</sup> justamente porque, após se concretizar o sonho de melhorar a condição socioeconômica dos povos como fórmula para a felicidade e, “[...] uma vez apaziguada a luta pela sobrevivência, surge a seguinte pergunta: Sobreviver, para quê?”<sup>87</sup>. Esta indagação surge, justamente, quando o homem se vê com meios de vida suficientes, mas sem um sentido para viver.

Frankl, ao aplicar a premissa de que a vida tem sentido, nada existindo que se lhe sobreponha, tanto em contextos de privação existencial, como de abundância, veio responder com pertinência a uma sociedade que negligenciou a “vontade de sentido”<sup>88</sup> - força dinamizadora do espírito humano - sob a qual o homem empreende pelo cumprimento absoluto do sentido da sua existência<sup>89</sup>. Pelo contrário, essa foi a sociedade que, ainda sob a influência do “pensamento das Luzes”, apostou na “vontade de poder” nietzschiana. Ou seja, sob esta força motriz, o ser humano cingiu-se à realização, ambição e esforço para alcançar o mais alto padrão social, experienciando *a posteriori* uma experiência de “nadiificação” e de “perda de sentido da vida”.

“O século XIX operou uma reviravolta total dum mundo invisível para um mundo visível [...] A humanidade apodera-se do mundo visível com um ardor e uma força juvenis. Quanto mais fixa nele, mais firmemente crê poder encontrar nele um sentido e um valor para o todo da vida. [...] Acrescentemos a isto que toda a conquista tem o encanto da novidade, da recentíssima descoberta.”<sup>90</sup>.

Foi esta sociedade de abundância material e de “tempo de ócio”<sup>91</sup> (por vezes, involuntário sob a forma de desemprego), pautada por avanços tecnológicos, que ofereceu ao homem cada vez melhores condições de vida. Porém, este, amiudadamente,

---

<sup>86</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 5, p. 83.

<sup>87</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 19: “una vez apaciguada la lucha por la supervivência, há surgido la pregunta siguiente: Sobrevivir, para quê?”.

<sup>88</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 103.

<sup>89</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karlén Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 65.

<sup>90</sup> Eucken, Rudolf, (1846). *O Sentido e o Valor da Vida*. (Trad. João Távoa). Rio de Janeiro: Delta, (1962), p. 71.

<sup>91</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 23.

confrontou-se com o facto de ter cada vez menos razões para viver, optando por se alienar, caindo no niilismo e cingindo-se ao absurdo.

O romance de Albert Camus (1913-1960)<sup>92</sup>, *O Estrangeiro*<sup>93</sup>, alude a tal alienação, representando a personagem principal, Sr. Meursault, um homem desafectado, que incauto de sentimentos e de valores dilui os seus princípios pela prática de insanos actos. Disso é prova tanto a sua reacção de indiferença à morte da mãe, como quando mata um homem sem motivo e, ao ser julgado e condenado à pena de morte não revela arrependimento, antes isolando-se e silenciando-se, não usufrui da liberdade que lhe assiste. Como escreve Jean-Paul Sartre na introdução a esta obra, “[...] para Camus o drama humano é, ao invés, a ausência de toda a transcendência: ‘Não sei se este mundo tem um sentido que me ultrapassa. Mas sei que não conheço esse sentido e que, de momento, me é impossível conhecê-lo.’ ”<sup>94</sup>.

Foi, portanto, uma Europa capitalizada que convenceu o ser humano de que a ascensão económica estaria directamente correlacionada com a ascensão social, fomentando-lhe um consumo desenfreado e conduzindo-o a uma busca de felicidade através de experiências de satisfação imediata. Deste modo, o homem ficou despreparado para viver a vida com um projecto, uma meta e uma finalidade, porque, justamente, se “nada tem sentido”, então, “tudo é permitido”. E, se “tudo é permitido”, logo “tudo se quer”. Criaram-se assim as condições para que a não satisfação imediata de uma qualquer necessidade se constitua em motivo de frustração e desespero, potenciando estados depressivos e de apatia, nos quais o sentimento de falta de sentido para a vida ganha relevo.

Aliás, foi na década de 60 que surgiu o conhecido “movimento hippie”<sup>95</sup>. Dos estudos realizados sobre este movimento, identificaram-se características de personalidade comuns aos elementos que o integraram. Destas, pode ressaltar-se o facto

---

<sup>92</sup> Escritos, filósofo e ensaísta francês, reconhecido por iluminar os problemas da consciência humana.

<sup>93</sup> Camus, Albert, (1942). *O Estrangeiro*. (Trad. António Quadros). Lisboa: Editores Associados, (1965).

<sup>94</sup> *Ibid.* pp. 25-26.

<sup>95</sup> O “movimento hippie” pautou-se por ser um comportamento colectivo de contracultura, iniciado por jovens americanos, nos últimos anos da década de 1960, que se alastrou à Europa. Caracterizou-se pela anarquia não violenta e politicamente activa contra a guerra, bem como pela preocupação com a natureza e a rejeição dos valores tradicionais da sociedade capitalista da época. É conhecido pelo seu estilo psicadélico e colorido, em grande parte associado ao consumo de drogas sintéticas, como o LSD. Consubstanciou a reivindicação de uma revolução pacífica e sexual, donde derivou a célebre frase: “paz e amor”. Exerceu uma forte influência no mundo das artes (i.e., moda, artes gráficas e música), até aos dias de hoje. Cf. Pastore, María, (2010). *La utopía revolucionaria de los años '60*. Colección Razón Política. Buenos Aires: Signo. Cf. Mejía, Tirado, (2014). *Los años sesenta – Una revolución en la cultura*. Colombia: Debate.

de existir um sentimento de nostalgia do passado, associado a uma necessidade de reviver uma infância perdida. Estas dificuldades manifestavam-se através de problemas de comportamento, tais como, inadaptação social e tendência a desenvolver dependências, como a adicção a substâncias<sup>96</sup>. Note-se, também, que a geração que fundou este “movimento” é fruto de um pós-guerra<sup>97</sup>, tendo experienciado todas as dificuldades humanas daí decorrentes. Portanto, é sobre este fundo biográfico que emerge o “movimento hippie”, apelando à “paz” e opondo-se à “guerra” e rejeitando toda a expressão capitalista da época. Esta foi assim uma geração que, fixando-se num passado pautado por privação existencial, procurou alienar-se do presente ao perceber-se com um “sentimento de falta de sentido” para a vida. Receando que o “mundo desabasse sobre as suas cabeças”, assumiu uma atitude fatalista na projecção do futuro.

Nesta geração e nas seguintes, entre as décadas de 60 e 80, Frankl foi fortemente chamado a aplicar a sua inovadora proposta terapêutica, a qual, sendo uma abordagem ao nível do sentido, viria a dar resposta ao problema psico-social diagnosticado naquela época. O reconhecimento da aplicabilidade da “logoterapia e análise existencial” foi notório não apenas nos E.U.A., como na Europa e em outras partes do mundo. Por esta razão, Frankl foi convidado a participar em inúmeras palestras, das quais resultou grande parte da publicação científica sobre este tema. À época dos factos, afirmou Frankl,

“[...] face à manifesta ausência de sentido e ante um abissal sentimento de falta de sentido, hoje tão comum, aparentemente há uma única saída possível: o mergulho na pura subjectividade de meras *sensações* de felicidade, conforme são transmitidas pelos tóxicos.”<sup>98</sup>.

Portanto, a “logoterapia e análise existencial” procura dar resposta aos frutos de um niilismo europeu moderno, que nasceu com a ideia nietzschiana da “morte de Deus”, resultando numa consciência habitada pela ausência de sentido, pela indigência do conceito de totalidade, pela visão do devir-nada, enfim, pela descrença no mundo

---

<sup>96</sup> Cf. Smiley, Charles, (1977). “The Flower Children of Sudbury”. *The Family Coordinator*, Vol. 26, N. 1 (Jan.), pp. 65-68.

<sup>97</sup> Cf. Risch, William, (2005). “Soviet 'Flower Children'. Hippies and the Youth Counter-Culture in 1970s L'viv”. *Journal of Contemporary History*, Vol. 40, N. 3 (Jul.), pp. 565-584.

<sup>98</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 17.

metafísico. Curiosamente, já no início do século XX, o chefe aborígene samoano de Tiavéa, da ilha de Upolu<sup>99</sup>, havia observado que:

“[...] nunca da boca do homem branco saiu mentira maior do que esta que ele diz: ‘As coisas do Grande Espírito não servem para nada; só as coisas do homem são úteis, muito úteis, as mais úteis!’ ”.

Como alude a já citada obra de Camus - *O Estrangeiro* -, partindo da premissa da inexistência de Deus, tudo é permitido ao homem ao tornar-se este um homem-deus. É aqui que não mais é possível pensar teleologicamente, com a perspectiva de um fim, com a noção de unidade, com a pretensão de uma verdade, prevalecendo a vontade de nada, a negação da vida e o desespero.

“O homem absurdo afirma-se na revolta. Fixa a morte com a atenção apaixonada e esta fascinação liberta-o: conhece a ‘divina disponibilidade’ do condenado à morte. Tudo é permitido, visto que Deus não existe e visto que se morre.”<sup>100</sup>.

É este mesmo niilismo (do latim *nihil*, nada) que constitui a expressão máxima do “reducionismo” humano, ao compreender o ser humano na sua funcionalidade, comparando-o a uma máquina capaz de receber estímulos e de lhes obedecer. Neste ponto, é perceptível a influência do “pensamento das Luzes” que, na sua essência, teve por objectivo a reforma do homem e da humanidade, pautando-se por uma doutrina materialista mecanicista, considerando as leis da mecânica como base para compreender a natureza e as relações sociais. Tal doutrina é, ainda, retratada na obra - *O Homem-Máquina* de La Mettrie (1865)<sup>101</sup>, segundo a qual existe uma base fisiológica para o pensar, sendo possível estabelecer um paralelismo entre o corpo-máquina e a máquina do tempo.

Foi assente neste *modus operandi* que o ser humano foi instrumentalizado, passando a gerir a sua própria vida e subjugando-se ao ter, o que se traduziu no surgimento

---

<sup>99</sup> Cf. Scheurmann, Erich, (1920). *O Papalagi*. (Trad. Luiza Neto Jorge). Lisboa: Antígona, (2003), p. 32.

<sup>100</sup> Camus, Albert, (1942). *O Estrangeiro*. (Trad. António Quadros). Lisboa: Editores Associados, (1965), p. 13.

<sup>101</sup> La Mettrie, (1865). *O Homem-Máquina*. (Trad. António Carvalho). Lisboa: Estampa (1982).



de patologias de cariz existencial, as quais se caracterizam pela incapacidade de o homem compreender os seus próprios anseios, tomando, muitas vezes, decisões sem significado. Esta perspectiva reducionista, circunscreve a consciência do homem a uma representação da própria condicionalidade humana, desconsiderando as diferenças entre o homem e o animal, caracterizando aquele como um conjunto de dimensões (i.e., sociais, culturais, biológicas e psicológicas) e determinado por condicionalismos da natureza e da sua limitada condição perante a realidade. Deste modo, é-lhe negada a liberdade, a possibilidade de escolha e o poder de decisão.

Pelas palavras de Frankl, o niilismo, que “[...] consiste numa atitude perante a vida, de afirmação que o Ser, e especialmente que a sua própria consciência, é desprovido de significado”<sup>102</sup>, vai corresponder “[...] a uma antropologia que vê o ser humano como resultante de um paralelograma de inclinações [...] num conjunto de condições biológicas, psicológicas ou sociológicas”<sup>103</sup>. É precisamente em resposta a uma inconclusa antropologia que Frankl apresenta a sua proposta logoterapêutica “[...] numa era dominada pelo determinismo, reducionismo, subjectivismo e monadologia, os quais fervorosamente combateu”<sup>104</sup>.

## **2. Psicologismo epocal: entre a psicanálise de Freud e a psicologia individual de Adler**

A “logoterapia e análise existencial” emergiu em resposta às escolas vienenses de psicoterapia que vigoravam na época, a saber a “Primeira Escola Vienense de Psicoterapia”, também conhecida por “psicanálise” e a “Segunda Escola Vienense de Psicoterapia”, designada por “psicologia individual”, por considerar que tais abordagens se suportavam em antropologias reducionistas. Para Frankl, este reducionismo era notório, expressando-se através de uma interpretação unidimensional do homem,

---

<sup>102</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 236: “consiste à affirmer que l’Être, et surtout que sa propre conscience sont dépourvus de signification.”

<sup>103</sup> *Ibid.*, p. 97: “j’entends designer toute caractéristique d’une anthropologie implicite qui ne voit rien d’autre en être humain que le résultant d’un parallélogramme d’inclinations [...] à un ensemble de conditions biologiques, psychologiques ou sociologiques.”

<sup>104</sup> Längle, Alfred, (2011). “The Existential Fundamental Motivations Structuring the Motivational Process”. In Leontiev DA (Ed.) *Motivation, Consciousness and Self-Regulation*, (Chapter 2). Nova Science Publishers, Inc., p. 30: “in an era that was dominated by determinism, reductionism, subjectivism and monadology, all of which he fervently combated.”

deformando-o e tornando-o um “homúnculo”, interpretando os fenómenos humanos em função do próprio homem. As três grandes formas de reducionismo identificadas pelo nosso autor são o *biologismo*, o *psicologismo* e o *sociologismo*<sup>105</sup>, por compreenderem, respectivamente, o homem como um autómato de reflexos em resposta a instintos [*Instinkte*], como um mecanismo psíquico ou, ainda, como um simples produto de forças de produção.

Do mesmo modo que a “logoterapia e análise existencial” surgiu em resposta à “psicanálise” e à “psicologia individual”, também estas duas escolas de psicoterapia emergiram na procura de uma resposta à psicopatologia da sua época, sucedendo-se entre si. Se, por um lado, a psicanálise, cuja origem remonta ao ano de 1882, procurou compreender a causa das doenças nervosas funcionais (i.e., neurose e histeria), por considerar ineficaz a intervenção clínica da época, que se cingia a factores de ordem físico-química, ignorando o factor psíquico na compreensão da manifestação da doença como um todo; por outro, a psicologia individual, fundada no ano de 1913, vem opor-se às premissas psicanalíticas, não aceitando a relevância atribuída à “libido”<sup>106</sup> e ao “recalcamento” no funcionamento psíquico, partindo, antes, do princípio nietzschiano de “vontade de poder” e do “sentimento de comunidade”<sup>107</sup> [*Gemeinschaftsgefühl*]. Não obstante, apesar de se verificarem dissonâncias entre elas, quanto à compreensão do funcionamento psíquico e, conseqüentemente, no que respeita ao surgimento de neuroses e respectivo tratamento, a psicanálise e a psicologia individual prestaram, à época, um valioso contributo.

A Freud deve-se uma compreensão da psicopatologia como resultante de desejos reprimidos, essencialmente de cariz sexual, tendo sido através do método de “associação livre”<sup>108</sup> que chegou a tais inferências. O seu interesse pela memória, enquanto estrutura

---

<sup>105</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 40.

<sup>106</sup> Abbagnano, Nicolai, (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, p. 614: “Termo que, em Freud e nos psicanalistas, serviu para designar a tendência sexual em sua forma mais geral e indeterminada.”.

<sup>107</sup> Adler, Alfred, (1933). *Journal Articles: 1927- 1931*. (Trad. Gerald L. Liebenau). U.S.A: Henry T. Stein, (2004), p. 91.

<sup>108</sup> Método que consistia em conduzir o paciente a um estado de relaxamento, daí estar deitado num divã e sem contacto com o terapeuta que assume uma atitude de total neutralidade, deixando-o verbalizar tudo o que lhe viesse à mente durante a sessão de psicoterapia. Neste contexto, o terapeuta valoriza os desejos, angústias, sonhos e fantasias partilhados pelo paciente. Cf. Larousse, *Paris*, (2005). *Dicionário Enciclopédico de Psicologia*. (Trad. Hélder Viçoso), Lisboa: Edições Texto & Grafia, (2008).

psíquica, é transversal à sua obra e no delinear da sua teoria<sup>109</sup>, abordando o mecanismo psíquico explicativo do esquecimento e da lembrança em *Psicopatologia da Vida Quotidiana*<sup>110</sup>, retomando-o mais tarde num texto intitulado *Recordar, repetir e elaborar*<sup>111</sup>. Freud distingue ideias pré-conscientes de ideias inconscientes, transitando as primeiras sem dificuldade para o âmbito da consciência, sendo assim realçada a importância atribuída ao inconsciente como instância fulcral do psiquismo humano<sup>112</sup>.

Por conseguinte, a Adler reconhece-se o especial relevo atribuído à “teoria da personalidade”, sob a qual se postula o empenho do ser humano em aumentar a sua auto-estima através da superação do seu “sentimento de inferioridade”<sup>113</sup> (de origem orgânica e/ou psíquica), que vem a concretizar por intermédio de uma procura compensatória de poder, domínio e superioridade granjeado por meio da participação social. Segundo o argumento adleriano, aquele “sentimento de inferioridade” acomete o ser humano desde a sua infância, resultando de uma comparação feita pela criança em relação ao adulto, visando superá-lo e aí residindo a sua motivação primeira. Por conseguinte, a neurose resultaria de mecanismos de compensação não adaptativos, em resposta ao sentimento de inferioridade, vivendo o ser humano “como se”<sup>114</sup> e imprimindo ao seu quotidiano uma grande dose de ficção. A “psicologia individual” assenta, também, em pressupostos teleológicos, postulando que “somos orientados para um fim”<sup>115</sup>, mobilizando-nos ao longo da vida com uma “intencionalidade”<sup>116</sup> na tentativa de realizar metas que nos cativam.

Tendo em comum um interesse pela compreensão do funcionamento psíquico e pelo tratamento das neuroses, Freud e Adler demonstraram, igualmente, o seu interesse pelos temas do “sofrimento e do sentido da vida”, espelhando-o, respectivamente, nas

---

<sup>109</sup> Descreve dois tipos de memória: a memória simbólica (rememorações) passível de sofrer acção do esquecimento, concernente à história de agrupamento e sucessão de acontecimentos e a memória propriamente dita que está no campo do inconsciente.

<sup>110</sup> Freud, Sigmund, (1901). “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. 6. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Imago, (1996).

<sup>111</sup> Freud, Sigmund, (1914). “Recordar, repetir e elaborar”. (Trad. Durval Marcondes/J. Barbosa Corrêa). In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, (1996).

<sup>112</sup> Freud, Sigmund, (1912). “Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise”. In Freud, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 1. (Trad. Luiz Alberto Hanns). Rio de Janeiro: Imago, (2004).

<sup>113</sup> Adler, Alfred, (1933). *Journal Articles: 1927- 1931*. (Trad. Gerald L. Liebenau). U.S.A: Henry T. Stein, (2004), p. 12.

<sup>114</sup> Cf. Brett, Colin, (2014). “Introducción”. In Alfred Adler (1927). *Comprender la Vida*. (Trad. Pilar Paterna). Barcelona: Paidós, (2014), p. 19.

<sup>115</sup> Cf. *Ibid.*, p. 14.

<sup>116</sup> Cf. *Ibid.*, p. 14.

obras - *O Mal-estar da Civilização*<sup>117</sup> e *O Sentido da vida para ti*<sup>118</sup>. A primeira obra, escrita nas vésperas do “colapso da Bolsa de Valores de Nova Iorque”<sup>119</sup>, debruça-se sobre as origens da infelicidade, sobre o conflito entre o ser humano e a sociedade que habita e as diferentes composições da vida civilizacional. Na perspectiva freudiana, a repressão e a sublimação da libido, bem como da agressividade e a sua canalização para o mundo do trabalho, constituem as causas primordiais das doenças psíquicas da época.

“Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. [...] O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades reprimidas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica.”<sup>120</sup>.

Já a segunda obra, apresenta a perspectiva adleriana sobre o modo como o ser humano responde à questão acerca do “sentido da vida”, argumentando que cada homem tem a capacidade criadora de configurar o seu próprio estilo de vida, reportando-se ao influxo da vida inconsciente, pulsional e fictícia, sendo o sentimento de inferioridade promotor de insegurança e mobilizador de toda a conduta humana. De acordo com Adler, o ser humano confronta-se com três níveis de problemas na vida – ocupacional, social e sexual, aos quais se propõe dar resposta delineando um sentido para a vida. Ou seja, não são as situações a ditar o sentido, é antes o próprio homem que se autodetermina pelo sentido que atribui a tais situações.

“Se perguntarmos a um homem: ‘Qual é o significado da vida?’, talvez ele não seja capaz de responder. [...] É através das suas acções que todos os

---

<sup>117</sup> Freud, Sigmund, (1930). *O Mal-estar na Civilização*. Edição Eletrónica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, (2000).

<sup>118</sup> Adler, Alfred, (1932). *What Life should Mean to You*. London: Georg Allan & Unwin Ltd, (1952).

<sup>119</sup> Também conhecida como a “Grande Depressão”, teve consequências mundiais por afectar de forma generalizada os mercados. Verificou-se uma acentuada vaga de desemprego, à qual se procurou reagir com alterações ao nível do consumo de certos bens alimentares, mas mantendo alguns hábitos de lazer, que com o passar do tempo se verificaram insuficientes para suportar a crise com positivismo, e que se traduziram num maior isolamento social. A escassez de bens alimentares de primeira necessidade conduziu ao aumento da mortalidade e, nas crianças, em particular, ao raquitismo. Cf. Gazier, Bernard, (2009). *A Crise de 1929*. (Trad. Júlia Simões). Porto Alegre: L&PM Pocket.

<sup>120</sup> Freud, Sigmund, (1930). *O Mal-estar na Civilização*. Edição Eletrónica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, (2000), p. 9.

homens, inevitavelmente, colocam esta questão e procuram uma resposta. Se fecharmos os nossos ouvidos às suas palavras e observarmos as suas acções, descobriremos que o homem tem o seu próprio ‘significado da vida’ individual e que todas as suas posturas, atitudes, movimentos, expressões, maneirismos, ambições, hábitos e traços de carácter corroboram esse significado.”<sup>121</sup>

Face ao exposto, é partindo da “psicanálise” de Freud e da “psicologia individual” de Adler, e suportando-se na “análise existencial” [*Existenzanalyse*]<sup>122</sup>, que Frankl propõe uma nova teoria, comumente identificada como a “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia” – “logoterapia e análise existencial”, que uma prática clínica original e inovadora vem secundar e confirmar. Trata-se de uma abordagem de base empírica, centrada na noção de “sentido” e norteadada pelo princípio, elemento inevitavelmente fundacional, de que a procura de um sentido para a vida é a força dinamizadora primária do espírito humano.

Questionando o “princípio do prazer” freudiano e a “vontade de poder” adleriana, a “logoterapia e análise existencial” desenhada por Frankl, frequentemente definida como “psicologia existencial”<sup>123</sup>, substitui-lhes o princípio da “vontade de sentido”, concentrando-se menos na retrospecção e na introspecção do que nos aspectos futuros da

---

<sup>121</sup> Adler, Alfred, (1932). *What Life should Mean to You*. London: Georg Allan & Unwin Ltd, (1952), pp. 3-4: “If we asked a man, ‘What is the meaning of life?’, he would perhaps be unable to answer. [...] It is in his actions that every man inevitably puts the question and answers it. If we close our ears to his words and observe his actions, we shall find that he has his own individual ‘meaning of life’ and that all his postures, attitudes, movements, expressions, mannerisms, ambitions, habits and character traits accord with this meaning.”

<sup>122</sup> Frankl distingue a análise existencial [*Existenzanalyse*] e análise da existência [*Daseinsanalyse*] de Binswanger, afirmando não serem idênticas entre si. Apesar de ambas intentarem esclarecer a existência, enquanto a segunda coloca a sua ênfase no esclarecimento da existência no sentido do esclarecimento do ser, a primeira vem acrescentar algo ao avançar para o esclarecimento do sentido. Ou seja, a ênfase desloca-se do esclarecimento de realidades do ser em direcção a um esclarecimento de possibilidades de sentido. Cf. Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papirus, (1991), p. 61.

<sup>123</sup> Brennan, James, (1994). *Historia y Sistemas de la Psicología*. (Trad. José Francisco J. D. Martínez). (5ª ed.). México: Pearson Educación, (1999), p. 289: “A psicologia existencial aplica o existencialismo às questões psicológicas. Por vezes, falamos sobre psicologia fenomenológica para indicar modos peculiares de estudar eventos psicológicos sem recorrer a reducionismos. Por último, a psicologia humanista resulta do trabalho de um grupo de psicólogos, especialmente teóricos americanos, que concebem o indivíduo como estando em busca do desenvolvimento total das suas habilidades ou possibilidades, pelo que rejeitam qualquer explicação mecanicista ou materialista dos processos psicológicos.”. [“La psicología existencial indica las aplicaciones del existencialismo a las cuestiones psicológicas. A veces se habla de psicología fenomenológica para señalar formas peculiares de estudiar los sucesos psicológicos sin acudir a reducionismos. Por último, a psicología humanista es la de un grupo de psicólogos, sobre todo teóricos estadounidenses, que ven al individuo en busca del desarrollo total de sus capacidades o posibilidades y que rechazan cualquier explicación mecanicista o materialista de los procesos psicológicos.”].

vida do paciente, especificamente no sentido que ele visa realizar ou preencher. Ela é assim, nisso contrariando directamente a concepção freudiana da “psicologia das profundezas” [*Tiefenpsychologie*], uma “psicologia das alturas” [*Höhenpsychologie*] que, longe de insistir nos processos naturais e inconscientes, promove a ideia de que o ser humano pode transcender esses mesmos processos naturais. De acordo com Frankl,

“[...] na realidade, o prazer não constitui, em geral, a meta das nossas aspirações, sendo, simplesmente, uma consequência da sua realização. Já Kant alertou sobre isto. Referindo-se à ética hedonista, o eudemonismo, disse Scheler que não é o prazer o que se apresenta como meta perante uma acção moral, mas antes que esta classe de acções carrega consigo o prazer, por assim dizer.”<sup>124</sup>.

Na tentativa de destringir entre elas a “logoterapia” e a “análise existencial”, Frankl afirma que a primeira consiste numa “psicoterapia feita a partir do espírito”, tratando-se a segunda de uma psicoterapia “dirigida ao espírito”<sup>125</sup>. Dito por outras palavras, à “logoterapia” cabe a introdução do “logos” na psicoterapia, e à “análise existencial” compete trazer a “existência” à psicoterapia, devendo neste contexto abordar a análise do sofrimento nas suas possibilidades de sentido. Ambas constituem as duas faces de uma mesma teoria, sendo a primeira um método de tratamento psicoterapêutico e a segunda uma orientação antropológica de investigação, demonstrando que o sofrimento tem um sentido, mas também que a necessidade, o “destino” [*fatum*] e a morte fazem parte da vida humana. Assim sendo, passaremos a uma tramitação do vocábulo “logoterapia e análise existencial” para a expressão “logoterapia analítico-existencial”<sup>126</sup>, justamente porque entre si os vocábulos “logoterapia” e “análise existencial” constituem uma unidade.

---

<sup>124</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 49: “En realidad, el placer no constituye, en general, la meta de nuestras aspiraciones, sino que es, simplemente, la consecuencia de su realización. Ya Kant hubo de llamar la atención sobre esto. Refiriéndose a la ética hedonista, el eudemonismo, dice Scheler que no es nunca el placer lo que se presenta como meta ante una acción moral, sino que esta clase de acciones lleva el placer a la espalda, por así decirlo.”

<sup>125</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 14.

<sup>126</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 291.

Frankl designou a sua teoria de “logoterapia” por se centrar na noção de “sentido” e ser norteadada pelo princípio de que a procura de um sentido para a vida é a força dinamizadora do espírito humano. O vocábulo “logos”<sup>127</sup> é uma palavra grega (λόγος) que remete para “sentido” e que, para Frankl, “significa antes de todos os sentidos”<sup>128</sup>. A proposta frankliana vem introduzir a “dimensão humana” na psicoterapia, também designada de “dimensão noológica”<sup>129</sup> (do grego *nous*, que significa espírito ou mente). Esta abordagem advoga ser aquela a dimensão em que “o homem se revela como um ente em busca de sentido”<sup>130</sup>, o qual, realizando-se sem um fundamento existencial e, portanto, em vão, origina muitas formas de psicopatologia. A “análise existencial”, detendo uma metodologia própria, direciona-se para a compreensão descritiva da dinâmica existencial, ou seja, da questão entre *ser e não-ser*, do primado originário do *vir-a-ser* e da necessidade de encontrar formas de determinação própria desse *vir-a-ser*.

Assente numa crítica ao psicologismo dinâmico e com vista a esclarecer do que trata a “logoterapia”, Frankl descreve que “[...] concebida especificamente como análise da Existência, a logoterapia encoraja, especialmente, a que o homem tome consciência da sua responsabilidade, vendo nesta última o fundamento essencial da Existência humana [...] Assim, se a logoterapia é a psicoterapia ‘que parte do espiritual’, a análise da Existência pode ser definida como a psicoterapia ‘que parte do espírito da consciência de responsabilidade.’ ”<sup>131</sup>.

É justamente assente nesta premissa que, através da análise da existência, como uma análise do *ser-homem* (i.e., *ser-no-mundo*) enquanto *ser-responsável*, se pode conduzir o homem a que por si próprio e diante de si, pela consciência da sua própria responsabilidade, seja capaz de penetrar na compreensão dos seus deveres peculiares e exclusivos e assim descobrir o sentido genuíno da sua vida. É precisamente neste cunho que “logoterapia” e “psicanálise” se bifurcam, na medida em que esta última subestima o

---

<sup>127</sup> A palavra grega “logos” tem significado amplo e foi utilizada, ao longo da história da filosofia, de diversas maneiras. Pode ser considerada tanto um primeiro conceito filosófico para a razão quanto um princípio de ordem e beleza universal, de acordo com o período e filósofo que a empregou. Cf. Abbagnano, N. (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, p. 630.

<sup>128</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 89: “En fait, Logos signifie avant tout le sens”.

<sup>129</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 21.

<sup>130</sup> Cf. *Ibid.*, p. 16.

<sup>131</sup> *Ibid.*, p. 38: “concebida especificamente como análisis de la Existencia, se esfuerza, especialmente, por hacer que el hombre cobre conciencia de su responsabilidad, viendo en ella el fundamento esencial de la Existencia humana [...] Así, pues, si la logoterapia es la psicoterapia ‘que parte de lo espiritual’, el análisis de la Existencia podrá definirse como la psicoterapia ‘que arranca del espíritu de la conciencia de responsabilidad.’ ”.

“mundo”<sup>132</sup> [Welt], enquanto campo existencial de sentido e detentor da primazia em relação a todo e qualquer processo interior, bem como a “existência”<sup>133</sup> [Existenz] como fonte inesgotável de sentido. Note-se que, ao ignorar o carácter essencialmente intencional de toda a actividade psíquica, a teoria freudiana conduz a “um nivelamento de todas as possíveis finalidades humanas”<sup>134</sup>, de cuja realização resulta invariavelmente o mesmo prazer, tanto nos casos de uma boa conduta moral, como nos casos de um comportamento moralmente reprovável.

“O próprio princípio do prazer, de sua parte, encontra-se ao serviço de um princípio primordial, o princípio da homeostase, o qual se ordena no sentido da realização, na medida do possível, do equilíbrio interior e da ausência de tensões [...] O mundo em seu redor já não se configura como algo a atingir com a transcendência de si mesmo [...] Ao contrário, as coisas, ou então os homens no mundo, simplesmente se reduzem a meios para um fim de maior ou menor utilidade”<sup>135</sup>.

Resultante do período epocal [Zeitgeist] em que vigorou, século XIX, e, na tentativa de dar uma resposta adequada às psicopatologias emergentes nessa era, a “psicanálise” tornou-se cativa da transposição das leis e princípios de pesquisa das ciências naturais para o campo dos fenómenos. O determinismo de Freud constituiu “a sua herança naturalista”<sup>136</sup> e, o seu moralismo, a sua “herança idealista”<sup>137</sup>, representando, ambas, a atitude de base da sociedade industrial do seu século.

“Freud encontrava-se preso ao espírito da chamada cultura de veludo vitoriana – pudica de um lado, lasciva, de outro [...] as suas concepções

---

<sup>132</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 121: “El mundo no es, como señalaba el gran filósofo existencial Karl Jaspers, un manuscrito escrito en una clave que hemos de descifrar; no, el mundo es más bien una crónica personal que hemos de dictar. Y esta crónica es dramática, ya que día a día la vida nos plantea preguntas, somos interrogados por la vida y hemos de responder.”

<sup>133</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 104.

<sup>134</sup> Cf. *Ibid.*, p. 50.

<sup>135</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 15.

<sup>136</sup> Cf. Tillich, Paul, (1962). “Existencialismo y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaboradores]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós, (1965), p.31.

<sup>137</sup> Cf. *Ibid.*, p.31.



tinham como base um modelo mecânico que não era de nenhum modo o mais eficaz só porque se chamava (eufemisticamente) ‘dinâmico’ ”<sup>138</sup>.

Tal limitação já havia sido abordada por Wilhelm Dilthey (1831-1911)<sup>139</sup>, que explanou a sua oposição à influência mecanicista sobre a psicologia que interpretava a vida humana assente em pressupostos instrumentais e naturalistas. Pelas suas próprias palavras, afirma Dilthey:

“[...] o conteúdo poderoso da realidade da vida anímica excede esta psicologia. Nas obras dos poetas, nas reflexões sobre a vida expressas por grandes escritores como Sêneca, Marco Aurélio, S. Agostinho, Maquiavel, Montaigne, Pascal, encerra-se uma compreensão do homem em toda a sua realidade, longe e aquém da qual se encontra qualquer psicologia explicativa.”<sup>140</sup>.

É com veemência que Frankl censura o reducionismo freudiano e adleriano sob os quais “[...] todas as criações espirituais são apresentadas como ‘meras’ sublimações da libido, como condensação pura de sentimentos de inferioridade ou, ainda, como um meio de subsistência. Os grandes criadores espirituais são postos de lado também, como se fossem neuróticos ou psicopatas.”<sup>141</sup>. Porém, as coisas têm sempre algo a revelar-nos, sendo os poetas e os pintores fenomenologistas natos que observam e que nos devolvem essa observação por meio da sua criação<sup>142</sup>.

Apesar de reconhecer a Freud o ensino sobre como “desmascarar o neurótico”<sup>143</sup>, ao procurar revelar as motivações ocultas, inconscientes e subjacentes do comportamento

---

<sup>138</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 34.

<sup>139</sup> Filósofo alemão que desenvolveu o seu trabalho em hermenêutica, procurando fundamentar as “ciências do espírito” como forma de conhecimento humano, por oposição às “ciências da razão”.

<sup>140</sup> Dilthey, Wilhelm, (1894). *Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica*. (Trad. Artur Morão). Covilhã: Lusofonia, (2008), p. 25.

<sup>141</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 33: “Todas las creaciones espirituales se presentan, dentro de este horizonte, como «meras» sublimaciones de la libido, o como puras condensaciones de sentimientos de inferioridade o como médios de una tendencia de aseguramiento. Los grandes creadores espirituales son dados de lado, así, como neuróticos o psicopatas.”

<sup>142</sup> Cf. Berg, Van Den, (1964). *O Paciente Psiquiátrico – esboço de uma psicopatologia fenomenológica*. (Trad. Elísia Alves dos Santos Rodrigues). São Paulo: Livro Pleno, (2000), p. 67.

<sup>143</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 12.

neurótico, Frankl censura o psicanalista por não se deter perante o que é autêntico no ser humano, ou seja, o espiritual, procurando reiteradamente desmascará-lo ao procurar o conteúdo latente subjacente ao conteúdo manifesto. Nesta medida, classifica a “psicanálise” como “uma psicoterapia essencialmente ‘desmascaradora’ ”<sup>144</sup>.

Torna-se, assim, evidente a visão desaprimorada que o psicologismo (psicanalítico e da psicologia individual) detinha sobre o ser humano, não lhe reconhecendo espontaneidade, autenticidade e originalidade, mas antes, observando o fenómeno humano como, essencialmente, um meio para atingir um fim, atribuindo-lhe uma função generalista e inalterável. Frankl não tem dúvidas que “[...] o psicanalista tão logo indique ao paciente para estender-se no divã e associe livremente, já lhe apresenta igualmente uma determinada concepção de ser humano, uma concepção que deixa de lado a personalidade do paciente, que evita um encontro pessoal do homem com o homem”<sup>145</sup>, apresentando o psicanalista “uma atitude cínica, niilista.”<sup>146</sup> na relação com o paciente.

É sediado em tais críticas que Frankl propõe a “logoterapia analítico-existencial”, visando superar as limitações decorrentes da “psicanálise” e da “psicologia individual”. Com esta nova abordagem, Frankl intenciona complementar a psicoterapia que vinha sendo praticada, por considerar ser insuficiente a resposta dada ao problema das neuroses. Esta insuficiência decorre do facto de aquelas abordagens psicoterapêuticas radicarem numa incorrecta antropologia, que o próprio Frankl se propõe reformular. Com este propósito, parte dos conhecimentos que detinha da “psicanálise” e da “psicologia individual” e, projectando-se numa outra dimensão humana – a espiritual, almeja uma visão do homem e do mundo mais aproximada da realidade existencial humana. Nesta medida, a antropologia frankliana vem defender que o homem é uma “totalidade corpóreo-anímico-espiritual”<sup>147</sup>.

“Até agora, a psicoterapia não conseguiu ver a realidade espiritual do homem adequadamente. É conhecida, por exemplo, a antítese entre a psicanálise e a psicologia individual: enquanto a primeira contempla a

---

<sup>144</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 115: “es esencialmente una psicoterapia ‘desenmascaradora’ ”.

<sup>145</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 92.

<sup>146</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 115: “una actitud cínica, nihilista.”.

<sup>147</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 26: “totalidade corpóreo-anímico-espiritual.”.

realidade psíquica sob a categoria da causalidade; o horizonte da psicologia individual é dominado pela categoria da finalidade. [...] é possível afirmar que a psicologia individual oferece, por comparação com a psicanálise, um desenvolvimento superior da psicoterapia”<sup>148</sup>.

Na perspectiva frankliana, a “psicanálise” e a “psicologia individual” centralizam a intervenção numa abordagem antropológica baseada em circunstâncias ontológicas<sup>149</sup>. Daqui decorre a proposta de Frankl de uma metodologia psicoterapêutica que se move para além do “complexo de Édipo” e do “complexo de inferioridade”, ou seja, “para além de toda a dinâmica emotiva”<sup>150</sup>. Por ser uma terapia que se centra na procura humana pelo sentido da vida, a “logoterapia analítico-existencial” permite à pessoa o retorno à sua dimensão espiritual originária, sendo nesta medida que Frankl acalenta a expectativa “[...] que o sonho de meio século chegou ao fim, [...] o sonho da possibilidade de se explicar a vida psíquica com base em mecanismos e de um tratamento dos sofrimentos anímicos com ajuda de tecnicismos.”<sup>151</sup>.

Em oposição à psicoterapia comum, que se apraz com o facto de o homem se sentir “livre de” uma dificuldade, de uma desordem psíquica e/ou física, a “logoterapia analítico-existencial” visa conduzir o homem a outro tipo de liberdade, mais amplo e ambicioso e que consiste em que o homem se perceba “livre para” se descobrir a si mesmo<sup>152</sup>. Reportando-se ao “período epocal” no qual se insere e que caracteriza como pautado por “carência de sentido, despersonalização e desumanização”<sup>153</sup>, e reconhecendo a existência de “uma patologia do espírito da época”<sup>154</sup> - cada época tem

---

<sup>148</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), pp. 17-18: “Hasta ahora la psicoterapia no nos há dejado ver debidamente la realidad espiritual del hombre. Es conocida, por ejemplo, otra antítesis entre el psicoanálisis y la psicología individual: mientras que el primero contempla la realidad anímica bajo la categoría de la causalidad, el horizonte de la psicología individual se halla dominado por la categoría de la finalidad. [...] cabe afirmar que la psicología individual ofrece, con respecto al psicoanálisis, un desarrollo superior de la psicoterapia”.

<sup>149</sup> Cf. *Ibid.*, p. 14.

<sup>150</sup> *Ibid.*, p. 21: “más allá de toda dinámica emotiva.”

<sup>151</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 42.

<sup>152</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 278.

<sup>153</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 13.

<sup>154</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 23.

as suas neuroses, Frankl afirma que “[...] somente a psicoterapia reumanizada pode compreender os sintomas da época – e reagir às necessidades do nosso tempo.”<sup>155</sup>.

### 3. Contributos da filosofia e psicologia existencial: genealogia conceptual

O tema do “sentido da vida” tem as suas origens no que se designa de “problema do homem” e da sua “existência”. É um tema que se vincula à felicidade, à origem da vida e ao seu fim, remontando aos filósofos gregos que esquadriharam o que respeita ao “destino” e à busca da “felicidade”. A procura pelo sentido da vida em resposta ao sofrimento tem sido uma questão premente no “existir humano”<sup>156</sup>, sendo manifesto o entrecruzamento conceptual entre “sofrimento” e “sentido da vida” pelo cariz subsidiário que os une, o que se espelha tanto no campo da Literatura, como da Filosofia e mais recentemente no campo da Psicologia. Na senda filosófica, indagações deste cunho assentam numa análise da relação subjectividade-objectividade, destacando-se Heidegger e Sartre pelos seus contributos alusivos à quotidianidade e às suas implicações no sentido da vida do homem.

De tais indagações derivaram concepções distintas no que concerne à existência, ou inexistência, de um sentido para a vida e à sua tangibilidade, destrinchando-se aquelas concepções, quanto ao “sentido”, entre existencialistas (i.e., existe um *sentido*) e niilistas (i.e., não existe *sentido*, por não existir significado para o ser criado), podendo as primeiras segmentar-se entre ateístas (i.e., o *sentido* deve ser construído) e monoteístas (i.e., o *sentido* deve ser encontrado). Afirmações como: “[...] o ‘eu’ é uma relação que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas apenas consigo mesma.”<sup>157</sup>; “[...] a ‘essência’ do Dasein reside na sua existência.”<sup>158</sup> e, “[...] alguma coisa só existe

---

<sup>155</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>156</sup> Abbagnano, Nicolai, (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, p. 413: “Existir significa relacionar-se com o mundo, ou seja, com as coisas e com os outros homens, e como se tratam de relações não-necessárias em suas várias modalidades, as situações em que elas se configuram só podem ser analisadas em termos de possibilidades.”

<sup>157</sup> Kierkegaard, Søren, (1849). *O Desespero Humano*. (Trad. Fransmar Costa Lima). São Paulo: Martin Claret, (2011), p. 19.

<sup>158</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 9, p. 139.

enquanto se revela”<sup>159</sup> são fundacionais da “filosofia existencial”<sup>160</sup>, sob a qual a existência humana é o lugar do acontecer de todas as nossas determinações ontológicas.

A “psicologia existencial”, na qual se insere a “logoterapia analítico-existencial” de Frankl, opondo-se ao determinismo e reducionismo de outras escolas de psicoterapia, vem defender que o ser humano tem em si mesmo uma “necessidade de auto-realização”<sup>161</sup> que o conduz no seu processo de desenvolvimento pessoal, conceptualizando-o como um processo em transformação com liberdade e poder de decisão sobre si próprio. Nesta perspectiva, a psicopatologia no ser humano resulta da não prossecução de tal realização, o que ocorre quando o seu contexto social o força a abandonar o desenvolvimento do seu ser único e irrepetível, para aceitar papéis sociais inadequados e convencionismos alienantes.

Esta abordagem apela à responsabilidade do homem sobre a condução da própria vida e incita-o ao abandono da passividade com vista ao alcance da sua liberdade, justamente porque “[...] existencialismo envolve a centralização na pessoa existente e enfatiza o ser humano como emergente, em evolução.”<sup>162</sup>. A este respeito, esclarece Frankl que “[...] devemos reconhecer o mérito à filosofia existencial de ter enfatizado a *Existência* como uma forma de ser *sui generis*.”<sup>163</sup>, podendo também ser designada como uma filosofia que apela o ser humano a realizar as suas possibilidades únicas e irrepetíveis<sup>164</sup>. Por conseguinte, um psicoterapeuta de linhagem existencial não considera o ser humano como um conjunto de pulsões, fantasmas e mecanismos de defesa, mas, antes, como um ser que procura um significado para a sua existência, sendo dotado de capacidade de escolha e decisão, perante as possibilidades que a vida lhe oferece.

---

<sup>159</sup> Sartre, Jean-Paul, (1943). *O Ser e o Nada- Ensaio de ontologia fenomenológica*. (Trad. Paulo Perdígão). (24ª Ed.). Petrópolis: Vozes, (2015), p. 20.

<sup>160</sup> Abbagnano, Nicolai, (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, p. 413: “Este termo é usado, aproximadamente desde 1930, e refere-se a um conjunto de correntes filosóficas cuja marca comum não são os pressupostos e as conclusões (que são diferentes), mas antes o instrumento de que se valem: a análise da existência. Essas correntes entendem a palavra existência como o modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo, em determinada situação, analisável em termos de possibilidade. A análise existencial é, portanto, a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se, sendo que, em tais situações, o homem nunca é e nunca encerra em si mesmo a totalidade infinita, o mundo, o ser ou a natureza.”.

<sup>161</sup> Cf. Maslow, Abraham, (1962). *Introdução à Psicologia do Ser*. (Trad. Álvaro Cabral). (2ª ed.). Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, (1968), p. 185: “equivale à realização de potencialidades da pessoa, quer dizer, à conversão da pessoa à sua plenitude humana, tudo aquilo que ela pode vir a ser.”.

<sup>162</sup> May, Rollo, (1960). *Psicologia Existencial*. (Trad. Ernani Pereira Xavier). (4ª ed.). Rio de Janeiro: Globo, (1986), p. 13.

<sup>163</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 35: “Hay que reconocer a la filosofía existencialista el mérito de haber destacado la Existencia como una forma de ser *sui generis*.”.

<sup>164</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 74.

O pensamento de Frankl, de cariz existencial<sup>165</sup>, assenta numa matriz filosófica e psicológica, sabendo-se a influência, como já o dissemos atrás, de filósofos como Scheler<sup>166</sup>, Jaspers<sup>167</sup>, Heidegger<sup>168</sup> e Buber<sup>169</sup>, mas também do psiquiatra Binswanger<sup>170</sup>, pioneiro da “psicologia existencial fenomenológica”. Do diálogo que Frankl estabeleceu com estes filósofos resultou um pensamento filosófico, antropológico e psicológico original, na medida em que o nosso autor não se limitou a reproduzir e aplicar ideias pré-concebidas à psicoterapia. Assim sendo, se a Scheler, no seu *Formalismo na Ética e Ética Material dos Valores*<sup>171</sup>, Frankl vai buscar a concepção da recusa de que a força dinamizadora do homem é o prazer<sup>172</sup>, a Jaspers deve a ideia do homem como “um ser ‘que decide’, que não ‘é’ pura e simplesmente, mas que, além disso, decide em cada situação ‘o que é’ ”<sup>173</sup>, superando as adversidades ao transcender-se. É em Buber que Frankl encontra a perspectiva dialógica da “relação Eu-Tu”<sup>174</sup>, a partir da qual “O Eu se realiza na relação com o Tu”<sup>175</sup>, por ser a essência do homem “[...] ‘apontar’ para além de si próprio, na direcção de alguma causa a que serve ou de alguma pessoa a quem ama”<sup>176</sup>.

Ainda, na “ontologia fundamental” de Heidegger, Frankl colhe “o sentido-do-ser”<sup>177</sup> numa concepção teleológica, sob a qual o homem é um ser em projecto diante de um horizonte de possibilidades de realização. E, por último, a Binswanger, conhecido como fundador da psiquiatria daseinsanalítica, também conhecida por “antropoanálise”,

<sup>165</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 104: “O termo ‘existencial’ pode ser usado de três formas: a existência em si mesma, isto é, o modo especificamente humano de ser; o sentido da existência; o esforço para descobrir um sentido concreto na existência pessoal, ou seja, a vontade de sentido.”

<sup>166</sup> Cf. Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 152.

<sup>167</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 160.

<sup>168</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 36-51.

<sup>169</sup> Cf. *Ibid.*, p. 167.

<sup>170</sup> Cf. *Ibid.*, p. 117.

<sup>171</sup> Cf. Scheler, Max, (1921). *Formalism in Ethics and Non-formal Ethics of Values: A New Attempt Toward the Foundation of an Ethical Personalism*. (Trad. Manfred S. Frings/Roger L. Funk). (2ª ed.). USA: Northwestern University Press, (1985).

<sup>172</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 49.

<sup>173</sup> *Ibid.*, p. 35: “un ser ‘que decide’, que no ‘es’ pura y simplemente, sino que, además, decide en cada caso ‘lo que es’.”

<sup>174</sup> Cf. Buber, Martin, (1923). *Eu e Tu*. (Trad. Newton Aquiles Von Zuber). São Paulo: Centauro, (1974), p. 15.

<sup>175</sup> Cf. *Ibid.*, p. 19.

<sup>176</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1974). *Sede de Sentido*. (Trad. Henrique Elfes). São Paulo: Quadrantes, (1989), p. 20.

<sup>177</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 2, p. 39.

Frankl reconhece o mérito de repor a doença mental no universo do ser, em detrimento do universo do ter<sup>178</sup>, visando uma compreensão do *ser-no-mundo* como totalidade<sup>179</sup>, ou seja, “[...] abarca o mundo próprio de cada indivíduo e as relações simultâneas e coextensivas com e através de outros seres humanos e coisas.”<sup>180</sup>. Aliás, o pensamento existencialista tem o mérito de coadunar a experiência original de cada um na relação com os outros no mundo de cada um – o concreto é visto como a existência do homem – o seu *ser-no-mundo*<sup>181</sup>.

Esta premissa, já presente na ontologia de Heidegger, aponta para uma análise da existência humana, sem objectivar em termos bio-psico-sociais a essência do homem, mas descrevendo-o como um ser em projecto, pois que, o homem se define a si mesmo através das suas atitudes estruturadas a partir de um “horizonte hermenêutico fáctico”<sup>182</sup> responsável pela abertura das suas possibilidades existenciais. É, neste âmbito, que podem emergir desordens psíquicas, uma vez que o *Dasein* [*ser-aí*] não tem, desde o princípio, o seu ser dado, mas necessita determinar-se naquilo que é, através dos seus modos efectivos de ser.

Binswanger procurou ressaltar as bases filosóficas da psiquiatria, tendo sido sob a influência da “fenomenologia” de Edmund Husserl (1859-1938)<sup>183</sup> e da “ontologia fundamental” de Heidegger<sup>184</sup> que intentou uma compreensão das experiências psicopatológicas, ao percebê-las mergulhadas de sofrimento e de falta de sentido para o paciente psicótico. É neste âmbito que se estabelecem as ligações entre o pensamento binswangeriano e o pensamento frankliano, embora o primeiro se dedique à compreensão das psicoses e, o segundo invista na compreensão e tratamento das neuroses.

A abordagem psicoterapêutica proposta por Binswanger - “antropoanálise” ou *Daseinanalyse* [*análise da existência*]<sup>185</sup> -, enquanto “análise da existência” é formulada

---

<sup>178</sup> Cf. Binswanger, Ludwig, (1947). *Introduction à l'Analyse Existentielle*. (Trad. Jacqueline Verdeaux et Roland Kuhn). Paris: Minuit, (1971), p. 116.

<sup>179</sup> Cf. *Ibid.*, p. 152.

<sup>180</sup> Binswanger, Ludwig, (1962). “Análisis Existencial Y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaboradores]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós, (1965), p. 38.

<sup>181</sup> Cf. Laing, Ronald, (1960). *O Eu Dividido – estudo existencial da sanidade e da loucura*. (Trad. Áurea Brito Weissenberg). (3ª ed.). Petrópolis: Vozes, (1978), p. 18.

<sup>182</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 7, p. 127.

<sup>183</sup> Filósofo alemão, fundador da “fenomenologia”, não se limitou ao empirismo da sua época, mas defendeu que nem só a experiência é a fonte de todo o conhecimento.

<sup>184</sup> Cf. Binswanger, Ludwig, (1947). *Introduction à l'Analyse Existentielle*. (Trad. Jacqueline Verdeaux et Roland Kuhn). Paris: Minuit, (1971), p. 155.

<sup>185</sup> A *Daseinanalyse* introduzida por Binswanger foi, posteriormente, continuada pelo seu discípulo Merard Boss (1903-1990) como “análise psicopatológica” (i.e., empírico-fenomenológica) dos modos e formas da existência perturbada, tomando como ponto de partida as categorias diagnósticas da “psicopatologia”. Binswanger e Boss assumiram um papel resolutivo no desenvolvimento de uma psicoterapia de bases

num momento de insatisfação por parte de alguns psicanalistas quanto aos resultados obtidos por meio da psicanálise freudiana. Binswanger<sup>186</sup> foi um desses psicanalistas que se confrontou com o reducionismo psicanalítico por desconsiderar elementos fundamentais na constituição do *ser-homem*, a saber: 1. O papel do sentido na estruturação do existir; 2. O lugar da negatividade na experiência existencial e, 3. A relação do existir humano com o mundo enquanto horizonte originário de determinação dos seus comportamentos em geral. Estes aspectos foram, inclusivamente, abordados por Heidegger no seu ensaio intitulado *Carta sobre o Humanismo*<sup>187</sup>.

Portanto, Binswanger distanciou-se da antropologia psicanalítica ao compreender o homem a partir da sua existência na própria história de vida, ou seja, “[...] à questão do *homo natura* de Freud, Binswanger contrapõe o *homo existentia*, o qual está originalmente presente no mundo, imerso no mundo e num contexto de significado”<sup>188</sup>. Desta forma, supera a dicotomia sujeito-objecto. Para Binswanger, pertence ao próprio homem ser o intérprete do seu sofrimento. Como o próprio Binswanger esclarece:

“[...] o fenomenólogo, analisando a experiência psicopatológica [...] procura familiarizar-se com os significados que a expressão verbal do doente desperta nele, para se perceber no fenómeno psíquico anormal indicado pela linguagem.”<sup>189</sup>.

Na sua “análise da existência” do *ser-homem*, Binswanger avança na desconstrução do psicologismo, retomando o conceito de “consciência” [*Gewissen*] em

---

fenomenológico-existenciais. Após a II Guerra Mundial, foi fundada por Boss, em Zurich, uma nova escola de *Daseinsanalyse*, a qual tinha por objectivo central aplicar a “ontologia fundamental” de Heidegger à prática terapêutica no campo das neuroses. Boss e Heidegger tiveram a oportunidade de, durante dez anos (de 1959 a 1969), organizar os conhecidos *Seminários de Zollikon*, nos quais participaram sessenta médicos e psiquiatras, de onde resultou a publicação de uma obra - Heidegger, Martin, (1987). *Séminaires de Zurich*. (Edités par Medard Boss). (Trad. Caroline Gross). Paris: Gallimard, (2010).

<sup>186</sup> Cf. Binswanger, Ludwig, (1962). “Análisis Existencial Y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaboradores]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós, p. 37.

<sup>187</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1949). *Carta sobre o Humanismo*. (Trad. Rubens Eduardo Frias) (2ªed.). São Paulo: Centauro, (2005).

<sup>188</sup> Pulito, Marialuisa, (2003). “La *Daseinsanalyse* di Ludwig Binswanger”. *Revista Portuguesa de Filosofia. Filosofia e Psicanálise: Perspectivas de Diálogo*. Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, Fasc.2, Vol. 59 (Abril-Junho), p.475: “A quest’*homo natura* di Freud, Binswanger contrappone l’*homo existentia*, ossia l’uomo originariamente presente al-mondo, immerso in-un-mondo e in un contesto di significato.”

<sup>189</sup> Binswanger, Ludwig, (1947). *Introduction à l’Analyse Existentielle*. (Trad. Jacqueline Verdeaux et Roland Kuhn). Paris: Minuit, (1971), p. 116: “Le phénoménologue, analysant l’expérience vécue psychopathologique, [...] il cherche à se familiariser avec les significations que l’expression verbale du malade éveille en lui, à se voir lui-même dans le phénomène psychique anormal indiqué par la langage.”



termos de “intencionalidade” [*Absichtlichkeit*] e de “sentido”, presentes na obra *Investigações Lógicas*<sup>190</sup> de Husserl. Tal intencionalidade condiz à capacidade consciente de olhar para o ser na sua essência – o ser assim como é em si mesmo, não redutível a outra realidade. Por se tratar a fenomenologia husserliana de uma ciência dos fenómenos da consciência e das essências<sup>191</sup>, Binswanger transitou de uma compreensão naturalística da psicose, para uma compreensão antropológica.

Ao pretender ampliar o conceito husserliano de “intencionalidade”, Binswanger avança para a “ontologia fundamental” de Heidegger, elaborada em *Ser e Tempo* (1927) [*Sein und Zeit*]<sup>192</sup>. Nesta ontologia, a “analítica existencial”<sup>193</sup> apresenta as estruturas ontológicas da existência humana, sendo com base no conceito de *Dasein* [“ser-aí”] que Binswanger vem a aprofundar a descrição do paciente psicótico a partir da sua existência no mundo- enquanto *ser-no-mundo* [*In-der-Welt-sein*]<sup>194</sup>, reportando-se à sua “facticidade” [*já-ser-em-um-no-mundo*]<sup>195</sup>.

Por sua vez, note-se que Heidegger, na sua “ontologia”, na tentativa de compreensão do *sentido-do-ser*, reporta-se a Dilthey, definindo a existência de uma estrutura hermenêutica desta compreensão, que enquanto estrutura articulada de sentido, se move num círculo que pressupõe uma pré-compreensão. Em Dilthey, ao encontrar uma oposição à ciência da razão, Heidegger testemunha que o mundo histórico-social e cultural do ser humano pode ser compreendido a partir do interior do homem, isto é, da sua própria experiência psicológica. Por conseguinte, o princípio hermenêutico realiza-se

---

<sup>190</sup> Husserl, Edmund, (1901). *Investigações Lógicas- investigações para a fenomenologia e teoria do conhecimento*. (Trad. Pedro M.S. Alves/Carlos A. Morujão). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, (2007).

<sup>191</sup> *Ibid.*, p. 404: “À relação intencional - compreendida de modo puramente descritivo, enquanto peculiaridade de certas vivências - concebemo-la nós como determinação de essência dos ‘fenómenos psíquicos’ ou ‘actos’, de maneira que vemos na definição de *Brentano*, segundo a qual eles seriam ‘esses fenómenos que contêm intencionalmente em si um objecto’, uma definição essencial, cuja ‘realidade’ (no sentido antigo da palavra) está naturalmente assegurada através dos exemplos.”

<sup>192</sup> Nesta obra, Heidegger pretende trazer novos fundamentos para a ontologia, distinguindo-a da ontologia grega, explica no prefácio da obra que a interpretação do tempo pode ser um horizonte possível de toda a compreensão do ser. Com base neste pressuposto, o filósofo inicia as suas reflexões sobre o *sentido-do-ser*. Afirma que a análise do *ser* [*Sein*] (i.e., o *transcendens*) deve primeiramente focalizar-se no ser do homem, na medida em que esse *ente* [*Ens*] (i.e., nós mesmos) tem, entre outras possibilidades de ser, a possibilidade de perguntar pelo próprio ser, sendo por isso, quem melhor pode responder a esta questão.

<sup>193</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012). A “analítica do *Dasein*” é apresentada como a procura da origem do fenómeno, a sua unidade ontológica originária e os seus existenciários: *temporalidade, espacialidade, corporeidade, cuidado, angústia, disposição e ser-para-o-morte*.

<sup>194</sup> *Ibid.*, § 1- § 4.

<sup>195</sup> Em *Ser e Tempo* Heidegger explica a totalidade da estrutura ontológica do *Dasein*, enfatizando que as características ontológicas fundamentais são: *existencialidade* ou *ser-à-frente-de-si-mesmo*, *facticidade* ou *já-ser-em-um-no-mundo* e *decadência* ou *ser-junto-a*, reforçando que essas características estão interligadas num nexos estrutural, não podendo ser apreendidas como partes separadas.

através de uma interpretação individual assente no pressuposto de que a vida anímica (i.e., inteligência, vida instintivo-sentimental e acções volitivas) é uma totalidade<sup>196</sup>.

“O processo individual é sustentado na vivência pela totalidade integral da vida anímica, e a conexão em que se encontra em si e com a totalidade da vida anímica pertence à experiência imediata. Isto determina já a natureza da compreensão de nós mesmos e dos outros. [...] E na compreensão partimos da textura do todo, que se nos oferece de um modo vivo, tornando-nos assim apreensível o singular.”<sup>197</sup>.

O que caracteriza o pensamento hermenêutico<sup>198</sup> não é a afirmação de que tudo é interpretação, mas antes que toda a interpretação acontece num horizonte compreensivo mais originário. Ou seja, condiz ao que Gadamer (1900-2002)<sup>199</sup> alude, em *Verdade e Método*<sup>200</sup>, referindo-se a um projecto total de sentido que orienta desde o princípio todo o processo interpretativo. Portanto, a compreensão é sempre mais originária do que a interpretação, uma vez que toda a interpretação pressupõe a abertura prévia de um horizonte de sentido para a possibilidade mesma da sua realização, daí derivando que: “[...] o ser que pode ser compreendido é linguagem.”<sup>201</sup>.

Pensar o ser humano em termos fenomenológico-existenciais implica pensá-lo em termos da essência intencional do seu ser, suprimindo todas as inclinações objectivantes que possam transformar o ser humano num “ente” [*Ens*] entre entes. A “psicologia

---

<sup>196</sup> Em *Ser e Tempo*, Heidegger distingue o método fenomenológico ontológico, do método fenomenológico ôntico, sugerindo que se deve considerar a dimensão hermenêutica da analítica. Considera que a hermenêutica acentua que a analítica ôntica dos fenómenos humanos deve focar uma experiência concreta situada em contextos de significados e de sentido relativos à totalidade da existência. Para o filósofo, a *fenomenologia hermenêutica* caracteriza-se pelo facto de perceber o homem num modo distinto de estar no mundo, diferente dos outros entes, na medida em que o ser humano é o único ente que se confronta e convive com o seu “ser-para-a-morte”, sendo livre para decidir viver ou morrer, sendo a noção de finitude essencial para a compreensão da existência do *Dasein*. No final do § 7 de *Ser e Tempo*<sup>196</sup>, o filósofo descreve que “A ontologia só é possível como fenomenologia”<sup>196</sup>, tratando-se esta de uma forma de “fazer ver a partir dele mesmo [fenómeno] o que se mostra tal como ele por si mesmo se mostra”.

<sup>197</sup> Dilthey, Wilhelm, (1894). *Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica*. (Trad. Artur Morão). Covilhã: Lusofonia, (2008), pp. 48-49.

<sup>198</sup> Blanc, Mafalda, (2015). “Desconstrução e Retomação- Heidegger e a demanda do originário”. In *Philosophica*, 45, Lisboa, p. 58: “o seu fito é produzir um efeito de ruptura e de diferença, em relação ao sentido óbvio do texto, um suplemento de leitura e de escrita que seja capaz de evidenciar a sua estrutura significativa, ou seja, esse fundo de ilegibilidade e de alteridade reprimida e excluída que subjaz à sua funcionalidade, abrindo-o a uma textualidade heterogénea e a uma polissemia universal.”.

<sup>199</sup> Filósofo alemão considerado um dos maiores expoentes da hermenêutica filosófica.

<sup>200</sup> Gadamer, Hans-Georg, (1960). *Verdade e Método*. (Trad. Flávio Paulo Meurer). (3ª ed.). Petrópolis: Vozes, (1999).

<sup>201</sup> *Ibid.*, p. 687.

existencial fenomenológica” vai assim reger-se sob quatro princípios fundamentais<sup>202</sup>, a saber: 1. O homem é conceptualizado como um *ser-no-mundo*, sendo a sua existência única e reflexo das suas percepções, atitudes e valores pessoais; 2. O homem é considerado como resultado do seu desenvolvimento pessoal, sendo a sua experiência psicológica individual, a chave para a compreensão da sua existência; 3. O homem move-se numa trajetória vital na qual luta contra a despersonalização da sua existência que pode ser intentada pela sociedade, ao procurar conduzi-lo à alienação e à solidão, ou seja, o “ser” está sempre em *situação-no-mundo*, o que limita as suas possíveis respostas e implica uma liberdade circunscrita, bem como escolhas em *situação* e, por último, 4. O método fenomenológico é aquele que conhece a experiência individual.

Portanto, contrariamente à “psicanálise”, cuja intervenção é expressamente terapêutica<sup>203</sup>, a “antropoanálise” binswangeriana procura compreender a psicopatologia, considerando parco o fundamento epistemológico psicanalítico. Enquanto a “psicanálise” se debruçava sobre a “estabilidade da articulação da história de vida com a estrutura psíquica”<sup>204</sup>; a “análise existencial” atribui importância à “[...] consistência da estrutura transcendental que precede ou está subjacente, *a priori*, a todas as estruturas psíquicas como a própria condição desta possibilidade”<sup>205</sup>. Binswanger vai, assim, sugerir que tal análise não se situa apenas ao nível “ôntico” do comportamento individual concreto, correspondendo, antes, a uma explicação da sua estrutura ontológica, distinguindo e analisando as modalidades de ser fundamentais do *Dasein*, ou seja, os “existenciários”<sup>206</sup> heideggerianos.

Binswanger, ao conceber a “análise existencial” como uma ciência empírica da compreensão antropológica do homem, tem em vista compreender e descrever a experiência humana, procurando as manifestações de inautenticidade (ou alterações de cariz psicótico) dessa experiência. Ao expôr os fenómenos existenciais do *Dasein* socio-histórico e individual, configura uma antropologia existencial que interpreta tais fenómenos a partir da “analítica existencial do *Dasein*”<sup>207</sup>. Resultou da sua investigação

---

<sup>202</sup> Cf. Brennan, James, (1994). *Historia y Sistemas de la Psicología*. (Trad. José Francisco J. D. Martínez). (5ª ed.). México: Pearson Educación, (1999), p. 298.

<sup>203</sup> A própria psicanálise surgiu por oposição à psiquiatria vigente, a qual considerava que as desordens psíquicas resultavam da desintegração da estrutura psíquica, recorrendo a processos fisiológicos no córtex cerebral como forma de tratamento.

<sup>204</sup> Cf. Binswanger, Ludwig, (1962). “Análisis Existencial Y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaboradores]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós, p. 38.

<sup>205</sup> Cf. *Ibid.*, p. 38.

<sup>206</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 9.

<sup>207</sup> Heidegger, Martin, (1987). *Séminaires de Zurich*. (Edités par Medard Boss). (Trad. Caroline Gross). Paris: Gallimard, (2010). Nesta obra, Heidegger esclarece que a “analítica” consiste na articulação da

que as psicoses e as neuroses derivavam de “desvios específicos da estrutura *a priori*, ou transcendental, da humanidade do homem”<sup>208</sup>. Por outras palavras, as desordens psíquicas manifestavam um afastamento da estrutura apriorística do ser humano (i.e., dos existenciais heideggerianos, tais como a temporalidade e a espacialidade), configurando-se uma estrutura existencial modificada.

Na verdade, a “antropoanálise binswangeriana” representou um enlace entre a filosofia existencial de Heidegger e a metodologia psicanalítica de Freud, tomando como ponto de partida as categorias diagnósticas da psicopatologia. A proposta binswangeriana vem, assim, substituir a “antropologia tradicional” -, suportada na interpretação do homem como “animal racional”, ao orientar-se para a existência histórica concreta do homem na sua época.

É, portanto, com base no reconhecido contributo de Binswanger, acerca da compreensão do modo de ser do sujeito psicótico, que Frankl pretende, através da “logoterapia analítico-existencial”, não apenas delinear uma compreensão do funcionamento do sujeito neurótico, mas propô-la como uma metodologia terapêutica para o tratamento das neuroses<sup>209</sup>. Frankl estabelece uma diferença com Binswanger, afirmando que este acentua a unidade e não tanto a diversidade. Ou seja, Binswanger vê o *ser-homem* como unitário, ao passo que Frankl enfatiza a primazia da diversidade dentro da unidade- corpo, alma e espírito<sup>210</sup>. Com vista a clarificar do que trata a sua teoria, distinguindo-a da psicanálise freudiana e da antropoanálise binswangeriana<sup>211</sup>, Frankl, descreve as seguintes diferenças:

“[...] a psicanálise autocompreende-se e descreve-se como psicologia dinâmica [...] Para a logoterapia, um facto biológico como a psicose está longe de ser, apesar de tudo, um facto biográfico; pois enquanto a *Daseinanalyse* se orienta pela unidade da pluralidade do ‘corpo-alma-

---

unidade de um conjunto estrutural e não numa decomposição de elementos. A expressão “análise do Dasein” ou “Dasein-análise” integra a “analítica do Dasein” e consequentemente uma “ontologia”.

<sup>208</sup> Cf. Binswanger, Ludwig, (1965). “Análisis Existencial Y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaboradores]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós, p. 38.

<sup>209</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 79.

<sup>210</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 180.

<sup>211</sup> Também designada *Daseinanalyse*.

espírito'; a logoterapia orienta-se, ao contrário, pela pluralidade dentro da existência humana”<sup>212</sup>.

E acrescenta, ainda, que a “logoterapia analítico-existencial” se encontra “para além da *Daseinsanalyse* por não considerar apenas o ser, mas também se reportar ao logos ou ao significado.”<sup>213</sup>. A proposta frankliana foi, inclusivamente, reconhecida como “[...] a única escola de psicoterapia que desenvolveu uma técnica específica.”<sup>214</sup>. Note-se, porém, que apesar das diferenças elencadas entre a “logoterapia analítico-existencial” e a *Daseinsanalyse*<sup>215</sup>, ambas procuram evidenciar a “iluminação da existência” pois, se por um lado, a primeira compreende a iluminação da existência enquanto iluminação de “sentido”; a segunda tem como foco a iluminação da existência enquanto uma iluminação do “ser”.

A “logoterapia analítico-existencial” visa complementar as teorias existentes, procurando superar-lhes os reveses com vista a fazer emergir a verdadeira imagem do ser humano na sua totalidade, ou seja, “o ‘ser humano’ como *existente*, essencialmente espiritual.”<sup>216</sup>. Nesta medida, propõe três “existenciais” que não apenas caracterizam, mas constituem a existência humana: “espiritualidade, liberdade e responsabilidade.”<sup>217</sup>.

“O carácter distinto da análise existencial é, portanto, estar ela relacionada com a ontologia, a ciência do ser, e com o *Dasein*, a existência desse ser em particular sentado à frente do psicoterapeuta.”<sup>218</sup>.

A “logoterapia analítico-existencial” vem assim contrapor-se a toda a tentativa de reconduzir o homem a uma dimensão objectivável e passível de investigação através do método empírico das ciências naturais, defendendo, antes, o carácter existencial que

---

<sup>212</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), pp. 79-80.

<sup>213</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 134: “va au-delà de la *Daseinsanalyse* en ce qu’elle ne se préoccupe pas seulement de l’*ontos* ou de l’être, mais aussi du *logos* ou de la signification.”.

<sup>214</sup> *Ibid.*, p. 132 : “comme la seule école qui réussit à développer ce qu’il est justifié d’appeler une technique.”.

<sup>215</sup> Cf. *Ibid.*, p. 89.

<sup>216</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 205: “ ‘être humain’ comme *existant*, essentiellement spirituel. ”.

<sup>217</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 77.

<sup>218</sup> May, Rollo, (1983). *A descoberta do ser- estudos sobre psicologia existencial*. (Trad. Claudia G. Somogyi). Rio de Janeiro: Rocco, (2000), p. 99.

constitui fundamentalmente o modo de ser próprio do ente humano. Dedicando-se a analisar a estrutura da existência humana e não a estrutura do psiquismo humano próprio da “psicanálise”, aquela abordagem tem o propósito de compreender a realidade existencial do homem no seu horizonte de possibilidades, incluindo a vivência da sua angústia originária. Como descreve Binswanger, uma psicoterapia de bases analítico-existenciais “investiga a história de vida” da pessoa em questão e “[...] compreende essa história de vida como modificações da estrutura total do ser-no-mundo”<sup>219</sup>, visando evidenciar em que momento dessa história “[...] foi impossível realizar com plenitude a sua humanidade”<sup>220</sup>. É nesta medida que, compete ao psicoterapeuta promover a abertura de novas possibilidades estruturais nos processos existenciais alterados e incitar o paciente a afirmar-se perante a sua vida, intentando realizar em plenitude as suas possibilidades humanas.

À semelhança de Binswanger, Frankl descreve que a “logoterapia analítico-existencial” tem por objectivo “[...] apontar o que existe de pessoal na psicose e deixar isso em evidência”<sup>221</sup>, de modo a “[...] transcender a imagem da doença para uma imagem do homem”<sup>222</sup>, uma vez que esta imagem está distorcida. É, justamente, neste ponto que é trazido à luz o precioso contributo da proposta frankliana, ao tornar possível descobrir “[...] uma humanidade intacta e imune a deteriorações”<sup>223</sup>. Esta abordagem psicoterapêutica visa encontrar o *ser-homem* latente às manifestações neuróticas e psicóticas, ao “convocar o poder de obstinação do espírito”<sup>224</sup>, separando, assim, o espiritual do psicofísico. Sobre o “poder de obstinação do espírito” Frankl explica tratar-se da

“[...] capacidade fundamental da pessoa (dentro dos limites do humanamente possível) de fazer frente às condições e circunstâncias mais adversas, tanto circunstâncias exteriores como estados interiores, quer dizer, de mostrar-se mais forte que tudo isso”<sup>225</sup>.

---

<sup>219</sup> Cf. Binswanger, Ludwig, (1965). “Análisis Existencial Y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaboradores]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós, p. 39.

<sup>220</sup> Cf. *Ibid.*, p. 39.

<sup>221</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 75.

<sup>222</sup> Cf. *Ibid.*, p. 75.

<sup>223</sup> Cf. *Ibid.*, p. 75.

<sup>224</sup> Cf. *Ibid.*, p. 79.

<sup>225</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 87.

O “logoterapeuta e analista existencial” procura, assim, aceder à realidade experiencial descrita pelo paciente, colocando-se também no campo psicoterapêutico, promovendo a abertura às suas próprias vivências e a uma relação fenomenológica com a sua própria existência singular, precisamente porque “[...] o que menos importa no âmbito da psicoterapia é o método e a técnica empregues. O que conta muito mais é a relação humana entre médico e paciente.”<sup>226</sup>. Ou seja, o modo como o psicoterapeuta discerne o paciente, antevendo-lhe possibilidades, é o mote para que este se conduza ao lugar da sua realização<sup>227</sup>. Como afirma Binswanger, referenciando-se a Buber, o paciente vê no terapeuta:

“[...] um companheiro existencial [...] não como um mero eu mas também como um ser-junto um com o outro: relação e amor [...] pois encontro significa ser-com-os-outros em presença genuína, quer dizer, o presente é completamente contínuo com o passado e leva em si as possibilidades de um futuro”<sup>228</sup>.

É com base na “análise existencial” que Frankl avança para uma “ontologia dimensional”, pretendendo explicar não apenas a “existência ôntica”, mas também explanar ontologicamente a “existência”. É, justamente, com este intento que a “análise existencial” pode ser comparada a uma “antropologia psicoterapêutica”<sup>229</sup>. Ou seja, uma antropologia que antecede a psicoterapia e constitui o seu fundamento intelectual, não se cingindo, apenas, a ser o seu complemento. Para Frankl, toda a forma de psicoterapia tem uma antropologia subjacente, com uma concepção do homem e uma visão do mundo específicas, ainda que possa não o assumir formalmente. Em seu entender, é fundamental que a psicoterapia tenha uma concepção do homem na sua totalidade, pois o contrário traduzirá uma visão redutora, tornando o homem um “*homunculus*”<sup>230</sup> - um ser

---

<sup>226</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), pp. 41-42.

<sup>227</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 18.

<sup>228</sup> Binswanger, Ludwig, (1962). “Análisis Existencial Y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaborados]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós, (1965), p. 40: “un compañero existencial. [...] no como mero yo sino también como un ser-junto el uno com el outro: relación y amor. [...] pues encuentro significa ser-com-los-otros en *presencia genuína*, es decir en el presente que es por completo continuo com el pasado y lleva en sí las posibilidades de un futuro.”.

<sup>229</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 63.

<sup>230</sup> Cf. *Ibid.*, p. 65.

automatizado que reage a estímulos e que é condicionado pela hereditariedade e pelo meio ambiente. Esta antropologia e “ontologia dimensional” desenvolvida por Frankl, constituem parte do capítulo seguinte desta Dissertação.



## Capítulo II: Princípios Fundacionais da “Logoterapia e Análise Existencial”

### 1. Conceito de homem: entre a antropologia e a ontologia

Frankl, suportando-se na “análise existencial” como orientação antropológica de investigação da existência pessoal<sup>231</sup>, não procura “[...] apenas uma análise da pessoa concreta, isto é, uma análise no sentido ôntico, mas também uma análise no sentido ontológico [...] um desdobramento da essência da existência pessoal”<sup>232</sup>. Note-se, neste ponto, o legado de Heidegger no pensamento de Frankl.

A antropologia frankliana apresenta o homem como uma totalidade corpóreo-anímico-espiritual<sup>233</sup>. Ou seja, “[...] o homem ‘tem’ corpo e alma, mas ele ‘é’ espírito”<sup>234</sup>, sendo a “pessoa espiritual”<sup>235</sup> a fundar a “unidade” e “totalidade” do “ente” humano, dando visibilidade<sup>236</sup> a essa tridimensionalidade. Observe-se que o conceito de espírito na obra de Frankl resulta das contribuições de Scheler, o qual na sua obra *A Situação do Homem no Cosmos*<sup>237</sup> conceptualiza o homem como um ser espiritual – este facto antropológico destaca-o dos demais seres da natureza. Através do “espírito” o homem tem a possibilidade de transformar tudo num alvo de acção para si mesmo, incluindo a sua própria natureza anímica. Para Scheler, o “espírito” é “actualidade pura”<sup>238</sup>, possuindo existência na realização livre dos seus actos; ou como afirmou Buber, o espírito manifesta-se ao realizar-se no “aqui-e-agora”<sup>239</sup>. Acresce, também, a importância da qualidade dialógica do espírito humano, na medida em que este se dá, exclusivamente,

---

<sup>231</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 62.

<sup>232</sup> Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papirus, (1991), p. 62.

<sup>233</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 26: “la persona espiritual viene a fundar la unidad y totalidad del ente humano. Y la funda como totalidad corpóreo-anímico-espiritual.”

<sup>234</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 109.

<sup>235</sup> *Ibid.*, p. 168: “é, no homem, aquela que se pode opor sempre e em qualquer tempo – opor-se contra cada posição [...] é aquela que se designa como disposição!”

<sup>236</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 70.

<sup>237</sup> Scheler, Max. (1928). *A Situação do Homem no Cosmos*. (Trad. Artur Morão). Lisboa: Texto&Grafia, (2008).

<sup>238</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>239</sup> Buber, M. (1923). *Eu e Tu*. (Trad. Newton Aquiles Von Zuber). São Paulo: Centauro, (1974), p. 58.

em relação – nesse “estar-junto-a”, a qual constitui a sua possibilidade mais própria<sup>240</sup>. Ou seja, o espírito, por ser palavra, está entre o “eu” e o “tu”.

Relativamente à relação estabelecida entre o “somático” e o “psíquico”, Frankl esclarece que estes são irreduzíveis e indedutíveis, “[...] não se reduzindo um ao outro e, não derivando um do outro”<sup>241</sup>. Estas duas dimensões formam uma unidade específica -, a “unidade psicossomática do ser humano”<sup>242</sup>, mantendo um funcionamento interdependente. Apesar de se encontrarem interligados, o “somático” e o “psíquico” constituem duas formas de ser essenciais do ser humano, tendo em comum pertencerem a um mesmo e único ser. O “psíquico” e o “espiritual” (Frankl usa a palavra grega *nous* – noético, que significa mente, pretendendo evitar uma conotação religiosa da palavra alemã *geist*) apenas podem ser separados num sentido heurístico, por se encontrarem inseparavelmente entrelaçados na unidade real da existência humana<sup>243</sup>. A “indivisibilidade”<sup>244</sup> desta unidade deve-se ao facto de existir uma relação de interdependência entre as três dimensões que a compõem, pois o físico (como possibilidade) necessita do psíquico (como sua realização) e, finalmente, do espiritual (como sua plenitude). Trata-se de um princípio condicional e causal, ou seja, se algo é “possível” corporalmente, “realiza-se” psiquicamente por ser uma “necessidade” espiritual<sup>245</sup>. Em suma, as relações ontológicas entre as camadas ônticas expressam-se do seguinte modo: “o corporal torna possível a realização psíquica de uma exigência espiritual.”<sup>246</sup>.

“É certo que o ‘ser’ espiritual é ‘ser’ individualizado, a existência é pessoal; todavia a pessoa existencial é, em essência, unidade e totalidade, e,

---

<sup>240</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 80.

<sup>241</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 28.

<sup>242</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 61.

<sup>243</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 32: “lo anímico y lo espiritual del hombre, sólo pueden separarse entre sí en un sentido heurístico, ya que en la unidade real de la existência humana considerada como una totalidad se hallan inseparablemente entrelazados.”

<sup>244</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 68.

<sup>245</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 108.

<sup>246</sup> *Ibid.*, p. 108.

isto significa que ela não é, essencialmente, nem divisível nem adicionável.”<sup>247</sup>.

Frankl esclarece que apesar de o “psíquico” e o “somático” formarem uma unidade no homem, tal não significa que “unidade seja o mesmo que identidade”<sup>248</sup>, inclusivamente porque falta, a esta unidade psicossomática, o “espiritual”. É, justamente, o “espiritual” que integra o “psíquico” e o “somático”. Por esta razão, a “dimensão espiritual” detém um carácter constitutivo, ao ter uma função integrativa das três dimensões, daí resultando a totalidade do homem. Ao representar a “dimensão autêntica da sua existência.”<sup>249</sup>, o “espiritual” no homem deve ser “[...] considerado fenomenologicamente como a sua personalidade ou, de maneira antropológica, como a sua existencialidade.”<sup>250</sup>.

Nesta medida, é o organismo psicofísico que funciona como campo de expressão da “pessoa espiritual” - “a parte livre do homem.”<sup>251</sup>, ou seja, sob a qual ele toma as suas decisões de forma incondicionada pelos factores internos e externos. Porém, por depender do organismo psicofísico, cuja dupla função é expressiva e instrumental, a “pessoa espiritual” pode não se conseguir manifestar plenamente, caso aquele organismo se apresente obscuro e inerte no desempenho de tais funções. Daqui, decorrem dois modos de existência, a saber, a “existência psicofísica” que “[...] é sempre existência no espaço e no tempo”<sup>252</sup> e a “existência espiritual” que “[...] é ‘completada’ pelo corpo e pela alma na unidade e totalidade do ser ‘homem’ ”<sup>253</sup>. Há uma relação de interdependência entre estes dois modos de existência, a qual é condição para a manifestação plena da existência humana.

“A relação entre a pessoa espiritual e o organismo somático é instrumental; o espírito instrumenta o psicofísico – a pessoa espiritual

---

<sup>247</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 118.

<sup>248</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 101.

<sup>249</sup> *Ibid.*, p. 101.

<sup>250</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 69: “se considere lo espiritual en el hombre de manera fenomenológica como su personalidad o de manera antropológica como su existencialidad.”

<sup>251</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 168.

<sup>252</sup> *Ibid.*, p. 146.

<sup>253</sup> *Ibid.*, p. 148.

organiza o organismo psicofísico – sim, ela forma-o para ‘si’ na medida em que o faz utensílio, órgão, instrumento.”<sup>254</sup>.

Apesar da diversidade ontológica do “somático”, do “psíquico” e do “espiritual”, é possível transpor o abismo entre o “psíquico” e o “somático” e “[...] preservar a unidade e totalidade antropológicas da existência do homem, ao passarmos da análise existencial para a ontologia dimensional”<sup>255</sup>. Com efeito, é necessário contrariar as propostas de Hartmann que aludiu aos “estratos do ser” [*Stufen*]<sup>256</sup> e de Scheler que concebeu a existência de “camadas” [*Schichten*]<sup>257</sup> no eixo espiritual da pessoa. Ambos defenderam que a unidade do homem seria constituída por uma “estrutura em degraus ou camadas”<sup>258</sup>. Frankl alerta para o facto de que, desta forma, incorre-se no “perigo de o ser humano ser dividido, por assim dizer, num ser corporal e num ser anímico - como se esse ser, como se o homem, fosse ‘composto’ de corpo e alma (e espírito).”<sup>259</sup>. Contrariamente a esta posição, na concepção frankliana “o homem não é um ‘ser’ aditivo, mas integral”<sup>260</sup>, sendo o espírito que “constitui e garante este ‘um’ ”. Para Frankl a “estrutura humana de camadas” assenta no pressuposto de que “[...] o homem, como espírito, coloca-se sempre perante si com o corpo e alma [...] O que ele ‘tem’ perante si próprio é corpo e alma; o que ‘está’ perante o corpo e a alma, é espírito.”<sup>261</sup>.

“O corporal e o anímico não podem ser tomados por degraus ou camadas existentes por si mesmos, mas como dimensões do ser humano unitário e total. [...] Somente, então, é possível entender a compatibilidade

---

<sup>254</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 97.

<sup>255</sup> Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papirus, (1991), p. 62.

<sup>256</sup> Hartmann, Nicolai, (1934). *Ontologia – fundamentos*. (Trad. José Gaos). México: Fondo de Cultura Económica, (1954), p. 84.

<sup>257</sup> Scheler, Max, (1921). *Formalism in Ethics and Non-formal Ethics of Values: A New Attempt Toward the Foundation of an Ethical Personalism*. (Trad. Manfred S. Frings/Roger L. Funk). (2ª ed.). USA: Northwestern University Press, (1985), p. 342.

<sup>258</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 61.

<sup>259</sup> *Ibid.*, p. 61.

<sup>260</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 118.

<sup>261</sup> *Ibid.*, p. 109.

do incomensurável, a unidade do ser humano apesar da diversidade das dimensões que o constituem.”<sup>262</sup>.

Assente nesta antropologia tridimensional, Frankl explica que o homem é um ser facultativamente condicionado, na medida em que sendo condicionado no seu organismo psicofísico -, ao ter corpo e alma, é simultaneamente incondicionado por ser espírito, ou seja, “[...] um homem é somente determinado naquilo que ele ‘tem’, mas não naquilo que ele ‘é’ ”<sup>263</sup>. É o carácter espiritual que, caracterizando o ser humano como possibilidade, o distingue de tudo o que o determina, ressaltando a sua capacidade de transcender todos os condicionalismos. A “essência da existência humana”<sup>264</sup> apresenta, assim, como primordial particularidade, o facto de o homem “[...] não se tratar de um ser de facto, mas de um ser facultativo”<sup>265</sup>. Ou seja, não se reduzindo a condicionalismos de ordem interna ou externa, o homem pode escolher o que quer ser. Como descreve Frankl,

“[...] o espírito revela-se-nos justamente como não completamente condicionado pelo corporal; o que se manifesta não é o seu completo condicionalismo mas uma liberdade residual do espírito: a independência relativa do espírito – ou, se quisermos exprimir com as palavras de Nicolai Hartmann: ‘autonomia apesar de dependência’. [...] é sempre possível descobri-la pela análise existencial – para se poder chamar por ela, para se lhe poder fazer um apelo logoterapêutico”<sup>266</sup>.

Esta “independência do espírito” vem contrariar o foco exclusivo na dependência e nas necessidades do homem, tal como é apresentado pela ciência natural e pela psicologia que dela decorre. Contrariamente, Frankl afirma que o homem está sempre já para além das suas necessidades, transcendendo-as, ou seja, “[...] ele ‘é’ com certeza somente em

---

<sup>262</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 62.

<sup>263</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 116.

<sup>264</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 153.

<sup>265</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 65.

<sup>266</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 104.

relação às necessidades, mas numa relação livre quanto a elas.”<sup>267</sup>. Por esta razão, em seu entender, “liberdade” e “necessidade” situam-se em diferentes planos, construindo-se a primeira sobre a segunda<sup>268</sup>. É através da “força de obstinação do espírito”<sup>269</sup> [*Trotzmacht des Geistes*], que o homem pode fazer frente e superar as condições e circunstâncias que a vida lhe oferece, incluindo as mais adversas. Portanto, esta “potência” traduz a “liberdade espiritual” do homem. Por outras palavras, o “espaço livre” de actuação da “pessoa espiritual” com vista à tomada de decisão perante tais condicionalismos, apesar da aparente impotência que estes podem suscitar.

É, justamente, neste ponto que Frankl vem defender a ideia da “inespacialidade do espírito” humano, por não ocupar um lugar concreto, precisamente porque o espírito “‘é’, evidentemente, de facto ‘em’ tudo o que ele, eventualmente, pensa, o que ele ‘toca’”<sup>270</sup>. O âmago de actuação da “logoterapia analítico-existencial” acontece nesta dimensão, procurando apelar à “força de obstinação do espírito” com vista ao tratamento de patologias como a neurose. Ou seja, ao defender que o homem, enquanto “pessoa espiritual”, se pode sobrepor à sua doença psicofísica, dando lugar ao acontecer da existência humana na sua totalidade, apelando ao poder do espírito humano, esse espaço de manifestação de “liberdade”.

Concomitantemente, a “dimensão física” é uma simples possibilidade, estando aberta para ser preenchida pelo psíquico e, este, por sua vez, está aberto ao espiritual<sup>271</sup>. Portanto, estas três dimensões – física, psíquica e espiritual não se encontram num mesmo “degrau do ser”<sup>272</sup>, podendo o psico-espiritual ser “[...] influenciado pelo corpóreo, tanto favoravelmente, como desfavoravelmente”<sup>273</sup>. Portanto, o homem é condicionado pelo psicofísico a partir “debaixo”, mas accionado e determinado pelo espírito a partir “de cima”<sup>274</sup>.

---

<sup>267</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclinicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 163.

<sup>268</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 94.

<sup>269</sup> Também designada por “potência teimosa do espírito”. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclinicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 106.

<sup>270</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclinicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 52.

<sup>271</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 106-107.

<sup>272</sup> *Ibid.*, p. 98.

<sup>273</sup> *Ibid.*, p. 96.

<sup>274</sup> Cf. *Ibid.*, p. 160.

Frankl esclarece que, contrariamente ao somático, que é herdado geneticamente e ao psíquico, que é herdado não só geneticamente, mas também, orientado pela educação<sup>275</sup>, o espírito “[...] não provém, de modo nenhum, dos cromossomas”<sup>276</sup>, precisamente porque “[...] a pessoa espiritual é indivisível e infundível e nunca pode, como tal, derivar do divisível e fundível.”. Por conseguinte, a “espiritualidade” humana é um epifenómeno, pois podendo ser condicionada, não pode ser causada<sup>277</sup>.

“O que é transmissível é somente o espaço de acção psicofísico – mas não a liberdade espiritual contida dentro das suas fronteiras – o que é transmissível são as fronteiras psicofísicas, mas não o que as enche, o que elas contêm dentro de si. O que é transmissível são as pedras de construção – mas não o mestre-de-obras.”<sup>278</sup>.

Note-se, com efeito, que o espiritual no homem não pode ser educado, mas antes tem de ser realizado, precisamente, porque “[...] o espiritual ‘é’ principalmente só na auto-realização”<sup>279</sup>. Ou seja, a manifestação da “dimensão espiritual”, também designada noética<sup>280</sup>, é uma possibilidade que está diante do homem, cabendo-lhe a si próprio a sua realização. É por este motivo que, enquanto possibilidade, o espírito pode permanecer oculto durante uma vida inteira, permanecendo desconhecida a verdadeira identidade espiritual desse ser humano.

“O espiritual deve, portanto, entrar, primeiro, de algum modo no sistema corpo-alma, mas [...] este espiritual é oculto [...] até que se possa manifestar, possa quebrar o seu silêncio, de modo que ele irrompe através dos ‘invólucros’ do psicofísico que o circundam”<sup>281</sup>.

---

<sup>275</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 125.

<sup>276</sup> *Ibid.*, p. 124.

<sup>277</sup> Cf. Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 227: “peut très bien être conditionnée par quelque chose, sans pour autant être causée par celle-ci.”.

<sup>278</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 116.

<sup>279</sup> *Ibid.*, p. 125.

<sup>280</sup> Com a finalidade de distinguir o termo “espiritual” de uma conotação religiosa, Frankl opta por se referir a uma dimensão noética.

<sup>281</sup> *Ibid.*, p. 122.

Frankl fala-nos de uma encarnação do espírito humano na “dimensão psico-física” como condição *sine qua non* de realização da existência humana na sua totalidade, pois “[...] ‘Ex-sistir’ quer dizer sair de si mesmo e pôr-se em frente a si mesmo”<sup>282</sup>. É, por isso, necessário que o homem se proponha atravessar os níveis psico-físicos e passe pelo espiritual para se encontrar a si próprio, no seu verdadeiro, singular e único *modo-de-ser*. Por outras palavras, a “existência” realiza-se quando o ser humano excede o seu ambiente e se dirige para um mundo superior<sup>283</sup>. É neste ponto que o homem exerce o seu próprio ser em vista de um “dever-ser”, sobrepondo-se aos níveis somático e psíquico e entra na “dimensão dos fenómenos especificamente humanos”<sup>284</sup> - na “dimensão espiritual”<sup>285</sup>. Em suma, a existência “[...] não se define pela auto-realização, mas sim quando o ser humano se coloca além de si próprio - se auto-transcende”<sup>286</sup>.

Frankl refere-se ao *modo-de-ser-espiritual* no homem como a “existência humana” propriamente dita, estando nela incluídas as dimensões somática e psíquica, ou seja, a totalidade do homem. Assim, a existência humana é de três modos: “[...] como uma a existência é indivisível – como total a existência é infundível – e como nova a existência é intransmissível.”<sup>287</sup>. Enquanto fenómeno antropológico, a “existência humana” é descrita como:

“[...] inefável, não podendo ser reduzida a uma mera descrição, exceptuando a afirmação: ‘Eu sou’. Este ‘Eu sou’ foi, inicialmente, interpretado em termos de ‘Eu devo’, enquanto que numa segunda fase, o ‘Eu sou’ foi compreendido em termos de ‘Eu posso’ ”<sup>288</sup>.

---

<sup>282</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 65: “ ‘Ex-sistir’ quiere decir salir de sí mismo y ponerse frente a sí mismo”.

<sup>283</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metacáticas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 160: “A existência é ‘oferecida’ a alguém, e é-o pela ‘transcendência’, como diz Jaspers.”.

<sup>284</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 87.

<sup>285</sup> Designada por Hartmann como “característica especificamente humana”, ou como “eixo pessoal” de acordo com a antropologia de Scheler. Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 152.

<sup>286</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 153: “ne se caractérise pas par l’accomplissement de soi, mais par le dépassement de soi- l’auto-transcendance- elle tend au-delà d’elle-même.”.

<sup>287</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metacáticas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 121.

<sup>288</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 197: “cependant est ineffable et ne peut pas être ramené à une simple description, excepté à l’énoncé: ‘Je suis’. Ce ‘Je suis’ a d’abord été interprété en termes de ‘Je dois’ (c’est-à-dire, je suis contraint



Para Frankl, o homem é uma “unidade apesar da diversidade”, ou seja, existe “[...] uma unidade antropológica, apesar das diferenças ontológicas, apesar das diferenças entre os vários modos de existência”<sup>289</sup>. É, precisamente, neste ponto que reside a especificidade da existência humana, a qual consiste numa “[...] coexistência entre a unidade antropológica e as diferenças ontológicas, entre o modo de ser humano, que é um, e os vários modos de existência dos quais ele participa”<sup>290</sup>. Ou seja, do ponto de vista existencial o fenómeno fisiológico, mental e espiritual, com as devidas diferenças, encontra-se profundamente ligado<sup>291</sup>.

Frankl, em resposta ao “problema psicofísico” abordado por anteriores correntes filosóficas, vem alavancar um novo problema - o “problema da existência espiritual em face à facticidade psicofísica”<sup>292</sup>, atribuindo-lhe uma maior relevância ontológica, mas também terapêutica. Em seu entender, numa psicoterapia deve-se a todo o momento mobilizar a existência espiritual da pessoa, justamente no sentido de despertar nela a consciência da sua “liberdade e responsabilidade” diante da sua existência, contrapondo-a a toda a condicionalidade. Contudo, alerta para o facto de que, nos casos de psicose, a “pessoa espiritual”, no lugar de confrontar a doença, deve procurar a “reconciliação”<sup>293</sup>, tendo em conta a “facticidade psicofísica”<sup>294</sup> que lhe está associada.

Portanto, a “logoterapia analítico-existencial” vem fundamentar o facto de que “ao paralelismo psicofísico opõe-se o antagonismo psiconoético”<sup>295</sup>, o qual, também, assume um carácter facultativo, na medida em que “[...] a força de obstinação do espírito é uma

---

par certaines conditions et déterminations, tendances et pulsions, facteurs héréditaires et conséquences environnementales) ‘, tandis que dans une seconde période, le ‘Je suis’ a été compris en termes de ‘Je peux’ (c’est-à-dire, je suis en mesure d’accomplir tel ou tel aspect de moi-même).”.

<sup>289</sup> Frankl, Viktor, (1959). *La Psychotherapie et Son Image de L’Homme*. (Trad. Joseph Feisthauer). Paris: Resma, (1970), p. 134: “Il y a en effet une unité anthropologique malgré les différences ontologiques, malgré les différences entre les diverses modalités d’existence.”.

<sup>290</sup> *Ibid.*, p. 134: “La spécificité de l’existence humaine est de réaliser la coexistence entre l’unité anthropologique et les différences ontologiques, entre la manière d’être humaine, qui est une, et les diverses modalités d’existence auxquelles elle participe.”.

<sup>291</sup> Cf. Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 152: “le phénomène physiologique, mental et spirituel, avec leurs différents aspects, sont profondément liés du point de vue existentiel.”.

<sup>292</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 25.

<sup>293</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 67.

<sup>294</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 25.

<sup>295</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 67: “fuerza de obstinación del espíritu. Así vemos que al paralelismo psicofísico se opone un antagonismo psiconoético.”.

simples possibilidade e não uma necessidade”<sup>296</sup>. Nesta medida, nem sempre o homem deve fazer uso desta “obstinação”, não devendo contender com os seus instintos, com a sua hereditariedade e com o seu meio ambiente, pois também necessita deles para se afirmar como homem.

“Somente quando o homem se confronta a si mesmo, o espiritual e o corporal-psíquico se separam. Mas isso não significa que o homem seja composto de corpo, alma e espírito. No entanto, a unidade antropológica do homem só pode ser entendida, apesar da diversidade ontológica do corpóreo, do psíquico e do espiritual, no sentido de uma ontologia dimensional.”<sup>297</sup>.

Frankl propõe-se esboçar uma imagem do homem com base em analogias geométricas, delineando uma “ontologia dimensional” sediada em duas leis<sup>298</sup>. A “primeira lei” afirma que “[...] um único objeto, projectado a partir do seu próprio espaço, em diferentes espaços, com menos dimensões, gera imagens que se contradizem.”<sup>299</sup>. Portanto, a projecção de uma forma geométrica cilíndrica, que consiste num espaço tridimensional, nos planos bidimensionais horizontal e vertical, projecta um círculo no plano horizontal e um rectângulo no plano vertical. Mas, para além disso, estas duas imagens também se opõem ao objecto inicial, desde que sejam figuras fechadas, enquanto que a forma geométrica se mantém como um recipiente aberto.

---

<sup>296</sup> *Ibid.*, p. 67: “la fuerza de obstinación del espíritu es una simple posibilidad y no una necesidad.”.

<sup>297</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 67: “Sólo cuando el hombre se confronta consigo mismo, lo espiritual y lo corporal-psíquico se separan. Pero no es que el hombre se componga de cuerpo, alma y espíritu. Sin embargo, la unidad antropológica del hombre sólo se puede comprender, a pesar de la diversidad ontológica de lo corporal, de lo psíquico y de lo espiritual, en el sentido de una ontología dimensional.”.

<sup>298</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1959). *La Psychotherapie et Son Image de L'Homme*. (Trad. Joseph Feisthauer). Paris: Resma, (1970), p. 135.

<sup>299</sup> *Ibid.*, p. 135: “Un seul et même objet, projeté, à partir de son espace propre, dans différents espaces, comportant moins de dimensions, engendre des images qui se contredisent.”.

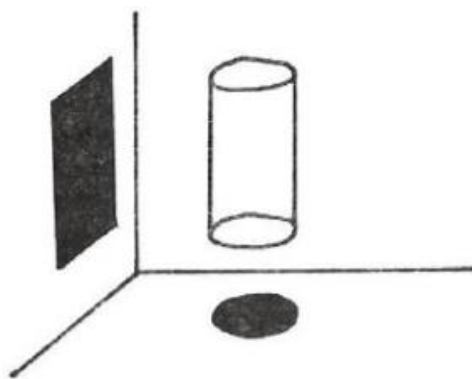


Figura 1

Frankl, Viktor, (1959). *La Psychotherapie et Son Image de L'Homme*. (Trad. Joseph Feisthauer). Paris: Resma, (1970), p. 135.

A “segunda lei” afirma que “[...] objetos diferentes, projectados a partir do seu próprio espaço (não em espaços diferentes, mas) num único espaço, com menos dimensões, geram imagens que (não se contradizem, mas) são susceptíveis de várias interpretações.”<sup>300</sup>. Portanto, ao projectar um cilindro, um cone ou uma esfera, a partir do seu espaço tridimensional, sobre o plano horizontal, em duas dimensões, obtém-se, em todos os casos, um círculo. Supondo que as sombras sejam susceptíveis de interpretações divergentes, por serem iguais para objectos diferentes, não é possível concluir qual a forma geométrica que origina essas sombras. Em suma, “[...] coisas diferentes representam-se da mesma forma numa única projecção”, mas uma mesma coisa representa-se de forma diferente em diferentes projecções<sup>301</sup>.

<sup>300</sup> Frankl, Viktor, (1959). *La Psychotherapie et Son Image de L'Homme*. (Trad. Joseph Feisthauer). Paris: Resma, (1970), p. 136 : “Différents objets, projetés, à partir de leur espace propre (non pas dans des espaces différents mais) dans un seul et même espace, comportant moins de dimensions, engendrent des images qui (ne se contredisent pas mais) sont susceptibles d’interprétations diverses.”.

<sup>301</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 71.

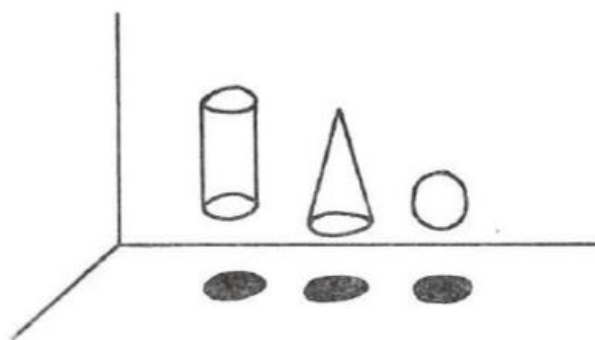


Figura 2

Frankl, Viktor, (1959). *La Psychotherapie et Son Image de L'Homme*. (Trad. Joseph Feisthauer). Paris: Resma, (1970), p. 136.

Esta “ontologia dimensional” não produz contradições, pelo contrário, vem resolver a insolubilidade do “problema psicofísico” no homem. Veja-se que se retirarmos ao homem a “dimensão espiritual” - a “dimensão imediatamente superior, a dimensão do especificamente humano”<sup>302</sup>, e o projectarmos sobre o plano da biologia ou da psicologia, daí resultarão imagens distintas. Pois, a projecção sobre o plano biológico, fará aparecer os fenómenos somáticos e a projecção sobre o plano psicológico fará aparecer os fenómenos psíquicos. Porém, à luz desta ontologia, esta antítese não contradiz a unidade do homem, do mesmo modo que a antítese entre o círculo e o rectângulo não contradizem a projecção de um único cilindro. Antes, tal antítese, vem relevar a função primordial da “dimensão espiritual”, que sendo fundadora da unidade do homem, permite a coexistência de tais antíteses.

O espiritual é não só “um modo de ser próprio do homem”, do ponto de vista ontológico, como constitui “uma forma de ser específica”, do ponto de vista antropológico. Como “constitutiva do espaço do humano”<sup>303</sup>, esta “dimensão noética” é aquela que pode estar aberta e disposta a receber algo, justamente, porque faz parte da natureza do homem “estar aberto ao mundo”<sup>304</sup>. Como explica Frankl, “[...] o ser é, exactamente, assim, um vaso aberto pronto para receber o sensível. [...] está sempre

<sup>302</sup> Frankl, Viktor, (1959). *La Psychotherapie et Son Image de L'Homme*. (Trad. Joseph Feisthauer). Paris: Resma, (1970), p. 137.

<sup>303</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 74.

<sup>304</sup> Frankl, Viktor, (1959). *La Psychotherapie et Son Image de L'Homme*. (Trad. Joseph Feisthauer). Paris: Resma, (1970), p. 137.

pronto para receber, em si um sentido mais profundo.”<sup>305</sup>. Talvez se possa estabelecer um paralelismo entre esta asserção e o que Heidegger expôs em *Ser e Tempo*<sup>306</sup>, explicando ser através de uma experiência de nadificação que o *Dasein* pode alcançar a sua verdade, ao ter a experiência autêntica de *poder-ser* tudo.

Note-se, porém, que a “dimensão noética”, não sendo uma entre as três dimensões humanas, é aquela que distingue o homem do animal. Porquanto, “[...] o ser humano constitui-se como tal apenas por meio de tais actos (espirituais), nos quais ele se eleva da dimensão somático-psíquica e alcança a espiritual.”<sup>307</sup>. Frankl alerta para o facto de, sendo o “espírito” humano invisível, tem de se crer no “espírito”<sup>308</sup>. Esclarece não ser suficiente a invisibilidade das coisas para torná-las irreais. Pelo contrário, é precisamente por se saber da existência do espírito, através das suas manifestações, que procuramos demonstrá-lo. Do mesmo modo, podemos acreditar na “boa vontade” dos homens através das suas obras.

“A pessoa espiritual não é efectiva em nenhuma circunstância por meio do organismo psicofísico, e pela mesma razão ela também não é visível através do organismo psicofísico em quaisquer circunstâncias [...] Apenas um corpo transfigurado seria representativo da pessoa espiritual; o corpo do homem ‘caído’ (corruptível) apresenta um espelho quebrado e, por essa razão, deformador.”<sup>309</sup>.

A propósito da “invisibilidade do espírito”, mas de o saber existente, Frankl reporta-se às manifestações espirituais através da criação artística e da experiência religiosa, afirmando que tais fenómenos “não obedecem a conteúdos sexuais reprimidos, como os psicanalistas afirmam frequentemente”<sup>310</sup>, mas representam manifestações autênticas do ser humano, contrariamente ao que afirmam autores do campo da psicologia individual,

---

<sup>305</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 134.

<sup>306</sup> Heidegger, M. (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 64.

<sup>307</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 66.

<sup>308</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 33.

<sup>309</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 104.

<sup>310</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 16 “obedezcan a contenidos sexuales reprimidos, como lo afirman con frecuencia los psicoanalistas”.

para os quais tais manifestações “[...] são, simplesmente, um meio para alcançar um fim, para sair da realidade, para fugir da vida ou estão ao serviço de qualquer outra tendência negativa”<sup>311</sup>.

Concluindo, a “antropologia” e “ontologia dimensional” de Frankl, visando superar uma concepção reducionista do homem, apresenta-o como uma “unidade” e “totalidade”, resultando da coexistência e interdependência de três dimensões – física, psíquica e espiritual. É, porém, esta última que, distinguindo o homem do animal, lhe permite superar os condicionalismos (internos – físico e/ou psíquico e externos) que a vida lhe oferece. Com efeito, *ser-homem* significa confrontar-se permanentemente com situações de “apelo”<sup>312</sup> que o convocam a tomar uma posição a respeito das mesmas. Tais situações são concomitantemente “dom e tarefa”<sup>313</sup>, consistindo a “tarefa” na realização do sentido que lhe está subjacente e, o “dom” no facto de nos possibilitar a realização de nós mesmos através do desempenho de tal tarefa.

## **2. Premissas fenomenológicas: liberdade, vontade e sentido**

A concepção de homem na “logoterapia analítico-existencial” assenta em três premissas: 1. A liberdade; 2. A vontade de sentido; 3. O sentido da vida<sup>314</sup>. Se, por um lado, esta “liberdade” [*Freiheit*] do homem reside em que o mesmo possa decidir o que quer ser, perante determinadas circunstâncias, incluindo as mais adversas; por outro lado, o espírito do homem é movido por uma “vontade de sentido” e não pela “vontade de prazer” freudiana ou pela “vontade de poder” adleriana. É, igualmente, verdade que o ser humano se realiza através da concretização de um sentido para a sua vida. A manifestação destas premissas funda-se na “dimensão noética”, que como já se explicou é a dimensão especificamente humana, encontrando-se acima das dimensões física e psíquica.

---

<sup>311</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p.17: “que son, simplemente, un medio para la consecución de un fin, para huir de la realidad, para evadirse de la vida o al servicio de otra tendencia negativa cualquiera.”

<sup>312</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 43.

<sup>313</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 108.

<sup>314</sup> Cf. Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 78.

“As acções que praticamos, as obras que realizamos, as pessoas queridas que amamos, aquilo que com coragem e dignidade suportamos [...] perfaz o valor de um homem, o valor que ultrapassa toda a utilidade presente, um valor que procede do passado e por isso mesmo é indestrutível. [...] não existe apenas um sentido incondicional da vida, mas também um valor incondicional do homem. É ele quem perfaz a dignidade humana, a qual independe de todo o valor utilitário.”<sup>315</sup>.

### 1ª Premissa da “logoterapia analítico-existencial” - Liberdade

A “liberdade humana” de que nos fala Frankl é uma liberdade que supera todos os vínculos - biológicos, psicológicos e sociológicos, ou seja, é a liberdade do espírito humano diante da natureza que determina a natureza humana<sup>316</sup>. Não obstante, esta liberdade pode degenerar em arbitrariedade se não for vivida com responsabilidade<sup>317</sup>. É, portanto, sob esta premissa que o ser humano, na perspectiva frankliana, é concebido como um ser autónomo, capaz de activamente moldar a sua vida, não sendo apenas um organismo reactivo a estímulos (i.e., internos e externos). Por conseguinte, o facto de o homem ser concomitantemente livre e responsável, não significa que possa fazer tudo o que quer<sup>318</sup>; justamente, porque tal liberdade não é sinónimo de onipotência e, muito menos, de arbitrariedade. Em suma, o homem é facultativamente livre, inclusivamente nas situações em que decide não o ser, abdicando, nessas ocasiões, da sua liberdade.

“A liberdade constitui uma parte da história e uma parte da verdade. Ser livre é um aspecto negativo do fenómeno total, sendo a responsabilidade um

---

<sup>315</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 28.

<sup>316</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 34: “es una libertad frente a todas estas vinculaciones (biológicas, psicológicas e sociológicas), en la libertad del espíritu frente a la naturaleza, que es, en realidad, la que determina la naturaleza humana.”

<sup>317</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 110.

<sup>318</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 104: “el hombre no puede hacer todo lo que quiere hacer”.

aspecto positivo. A liberdade pode degenerar-se numa simples abstracção, a não ser que seja transformada em responsabilidade.”<sup>319</sup>.

Em vista disso, a liberdade do homem é uma “[...] liberdade perante alguma coisa: ‘liberdade de’ alguma coisa – e ‘liberdade para’ alguma coisa”<sup>320</sup>, manifestando-se perante três formas de condicionalismo, a saber: os instintos, a hereditariedade e o meio ambiente<sup>321</sup>, sendo livre para tomar posição face a quaisquer umas destas formas de condicionamento<sup>322</sup>. Por outras palavras, o que Frankl vem defender é que “[...] o homem é condicionado facticamente, mas incondicionado facultativamente.”<sup>323</sup>. Ou seja, apesar de possuir “instintos”, estes não o possuem, podendo o homem sobrepor-se aos mesmos mediante uma tomada de posição, de base espiritual. Este é, pois, um aspecto que em absoluto distingue o homem do animal, pois o primeiro tem instintos e o segundo ‘é’ o seu próprio instinto. Não obstante, está estabelecida uma relação de interdependência entre instintividade e liberdade, por ser verdade que tanto não há instinto sem liberdade, como não há liberdade sem instinto<sup>324</sup>. Pode assim afirmar-se que a própria liberdade necessita da instintividade. Ou seja, Frankl refere-se à existência de um “antagonismo noopsíquico facultativo”<sup>325</sup>.

No que diz respeito à liberdade humana perante a “hereditariedade” (ou disposição genética), Frankl, baseando-se na comparação entre gémeos, alude às diferenças significativas que entre si podem apresentar no *modo-de-ser*, apesar de geneticamente serem idênticos. Por fim, a liberdade do homem face ao “meio ambiente” manifesta-se na atitude que o homem pode escolher assumir perante tais condições. A este respeito, a experiência vivida por Frankl nos campos de concentração nazi é um excelente exemplo para elucidar acerca da liberdade que o homem tem para se sobrepor às condições de

---

<sup>319</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 174: “La liberté constitue une moitié de l’histoire, et une moitié de la vérité. Etre libre est l’aspect négatif du phénomène complet, la responsabilité en est l’aspect positif. La liberté est susceptible de dégénérer en une simple abstraction, à moins qu’elle ne soit changée en responsabilité.”

<sup>320</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 166.

<sup>321</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 94.

<sup>322</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 98.

<sup>323</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 105.

<sup>324</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 95.

<sup>325</sup> *Ibid.*, p. 96.



maior adversidade que a vida lhe possa oferecer. Em suma, o homem é tanto livre “de ser conduzido”, como livre “para ser responsável”<sup>326</sup>.

“De facto, o homem não é, por vezes, efectivamente livre; mas facultativamente ele é, e permanece livre. [...] Ele pode muito bem, portanto, entregar-se aos instintos; mas esta entrega, ela mesma, é da sua responsabilidade. O homem tem, por conseguinte, a liberdade em qualquer caso; mas ele não a tem só para ser livre mas também, no mesmo grau, para não ser livre. [...] A sua não liberdade está também na sua liberdade e também a sua fraqueza na sua força.”<sup>327</sup>.

Analogamente, a responsabilidade do homem visa o “de quê”<sup>328</sup> e “diante de quê”<sup>329</sup> dessa responsabilidade. Note-se, porém que, o conceito “responsabilidade” [*Verantwortlichkeit*] é definido por Frankl de forma eticamente neutra, não implicando uma classe de determinações concretas, por não indicar “diante de quem” ou do “porquê” dessa mesma responsabilidade. Tal como o próprio esclarece:

“[...] responsabilidade significa sempre responsabilidade perante um dever. No entanto, os deveres de um homem só podem ser interpretados a partir de um ‘sentido’, ou seja, a partir do sentido concreto de uma vida humana.”<sup>330</sup>.

Relativamente ao “de quê” da responsabilidade, o mesmo refere-se à auto-realização do homem através da “realização de sentido e de valores”<sup>331</sup>, sendo para tal necessário que o mesmo se entregue e se sacrifique pelo mundo que o rodeia, não

---

<sup>326</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 57.

<sup>327</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 167.

<sup>328</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 107.

<sup>329</sup> *Ibid.*, p. 115.

<sup>330</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 38: “responsabilidad significa siempre responsabilidad ante un deber. Ahora bien, los deberes de un hombre sólo pueden ser interpretados partiendo de un ‘sentido’, del sentido concreto de una vida humana.”

<sup>331</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 105.

priorizando a satisfação das necessidades mais básicas. Só desta forma o homem pode alcançar o seu “eu” -, o seu si mesmo, precisamente porque o seu caminho passa pelo mundo<sup>332</sup>. Portanto, a existência humana direciona-se para o “logos” através da “transcendência”<sup>333</sup> – essa capacidade de questionar e tentar encontrar respostas para além de si mesma. Na “logoterapia analítico-existencial”, se a “intencionalidade” integra a essência da existência humana, a “transcendência” condiz à essência de sentido e de valores<sup>334</sup>. A “logoterapia analítico-existencial” vem, assim, propor que o homem conquiste a sua autenticidade ao orientar-se para os objectos que estão no mundo e não ao procurar o equilíbrio homeostático dos seus estados intrapsíquicos, como defende o psicologismo psicanalítico.

Ao longo da sua vida, um homem livre “é arrastado pelo que tem valor”<sup>335</sup> e não empurrado pelos seus instintos. Num contexto de liberdade e de responsabilidade, o ser humano decide pela realização de “valores”<sup>336</sup>, determinando-se por essa realização ao abrir-se ao mundo dos valores. Estes “valores”, estando sujeitos a uma lei geral, são descritos como “valores eternos” ou universais abstractos<sup>337</sup> e não dependem da disposição do próprio homem para os captar.

Note-se, porém, que tais valores se distinguem dos designados “valores de situação”<sup>338</sup> [*Situationswerte*] descritos por Scheler, os quais se definem pela sua transitoriedade e reportam ao “dever ser” individual não universal, ou seja, não sujeito a nenhuma lei em geral. Estes “valores de situação” condizem a uma situação específica e estão vinculados a uma determinada pessoa, tendo sido retomados por Frankl que, consubstanciando-se na fenomenologia, esclarece que:

---

<sup>332</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 110: “Si el hombre quiere llegar a su yo, a sus í mismo, el camino pasa por el mundo.”

<sup>333</sup> Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papirus, (1991), p. 62: “Uma característica da existência humana é a sua transcendência. E o homem transcende não só o meio ambiente em direcção a um mundo, ao mundo, mas também o seu ser em direcção a um dever.”

<sup>334</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 110: “la intencionalidad forma parte de la esencia de la existencia humana, y la trascendentalidad forma parte de la esencia de algo así como el sentido y los valores.”

<sup>335</sup> *Ibid.*, p. 112: “es arrastrado por lo que tiene valor.”

<sup>336</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 186: “conjunto de significados universais que se cristalizam em situações sociais típicas, que a humanidade tem de enfrentar”

<sup>337</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 105.

<sup>338</sup> Scheler, Max, (1921). *Formalism in Ethics and Non-formal Ethics of Values: A New Attempt Toward the Foundation of an Ethical Personalism*. (Trad. Manfred S. Frings/Roger L. Funk). (2ª ed.). USA: Northwestern University Press, (1985), p. 133.

“[...] o valor é algo necessariamente transcendente em face do acto cognitivo que aponta para ele. Transcende o acto valorado que a ele se dirige, de modo análogo ao objeto relativo a um acto do conhecimento, o qual se situe, também, à margem deste acto (cognitivo no sentido estrito da palavra). [...] quando captamos um valor, entendemos implicitamente que esse valor existe por si só, como valor absoluto, ou seja, independentemente de pensarmos ou não nele.”<sup>339</sup>.

Ainda, sobre a responsabilidade humana, Frankl afirma que esta não está sujeita a anulação por acção humana, referindo-se ao suicídio, que descreve como a “evasão da responsabilidade da vida”<sup>340</sup>. Este acto, nem sempre é motivado por um sentimento de falta de sentido para a vida, podendo existir factores de ordem psíquica, espiritual, mas também somática e social como motivações suicidas, razão pela qual esta decisão individual não deve ser ajuizada, por outrem, com leviandade. Compreende-se, por isso, que quem escolhe pôr um fim à própria vida, apesar de estar em posse da sua liberdade individual, não vislumbra uma verdadeira solução para o problema com que se defronta, optando por se evadir de responder à vida, decidindo por-lhe um fim.

Tal como já se referiu, a responsabilidade humana, para além de visar o “de quê”, também visa o “diante de quê”, ou seja, “inclui sempre em si mesmo, o correspondente ‘do que é responsável a pessoa’ ”<sup>341</sup>. Pois bem, o ser humano é responsável diante da sua própria “consciência” [*Gewissen*]<sup>342</sup>, a qual é “projectada a partir da dimensão noológica na dimensão psicológica”<sup>343</sup>. O homem coloca-se perante a própria consciência, justamente porque o “eu” não pode ser o seu único legislador ético. Ao dialogar com a

---

<sup>339</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 56: “el valor es algo necessariamente transcendente frente al acto cognoscitivo que apunta hacia él. Trasciende al acto valorador que a él se endereza, de modo análogo al objeto de un acto de conocimiento, el cual se halla también situado al margen de este acto (cognoscitivo en el estricto sentido de la palabra). [...] como captamos un valor, captamos implicitamente que este valor existe de por sí, como valor absoluto, es decir, con independencia de que pensemos en él o no.”.

<sup>340</sup> *Ibid.*, p. 70: “de las evasiones de las responsabilidades de su vida”.

<sup>341</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 115: “siempre incluye en sí el correspondiente ‘de qué es responsable la persona’ ”.

<sup>342</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 150: Há uma distinção entre “auto-consciência” e “consciência imediata” [*Gewusstsein*]. A primeira diz respeito ao que se designa, de um modo geral, consciência, consiste na “consciência retrospectiva, reflexiva sobre si mesma, esta consciência do próprio saber, este saber sobre si mesmo”. A segunda corresponde ao que se designa de ‘prima intentio’ ”.

<sup>343</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 115: “Proyectada desde la dimensión noológica en la psicológica.”.

sua consciência, o homem distingue-a de si mesmo, colocando-a acima de si como um fenómeno que o transcende<sup>344</sup>. Ou seja, a consciência é algo mais do que o próprio “eu”, sendo antes um porta-voz de algo distinto do “eu” - é “a voz da transcendência”<sup>345</sup>. Para Frankl, “consciência e responsabilidade são precisamente os dois eixos fundamentais da existência humana. [...] *ser-homem é equivalente a ser-consciente-e-responsável*. [...] os dois aspectos combinados conjuntamente traduzem a imagem total e verdadeira do homem”<sup>346</sup>, o que se compreende sob a ontologia dimensional frankliana.

Se, por um lado, a “consciência” pressupõe a coexistência do sujeito e do objeto, ou seja, um *ser-outro* na dimensão espacial; por outro lado, a “responsabilidade” tem como clara a sucessão de estados diferentes, ou seja, um *ser-outro* na dimensão temporal. Aqui incide a totalidade do ser, pois “todo o ser é sempre, substancialmente, um ser-outro”<sup>347</sup>, sendo a existência do *outro* que permite a diferenciação do “eu”, porquanto “todo o ser é um ser-em relação.”<sup>348</sup>. Como esclarece Frankl:

“[...] a copertença ontológica deste conjunto de conceitos ‘ser consciente’ e ‘ser responsável’ tem, portanto, a sua raiz no primeiro desdobramento de ser como um ser-outro nas dimensões possíveis da coexistência e da sucessão”<sup>349</sup>.

A “responsabilidade”, tal como a “espiritualidade” e a “liberdade”, é um fenómeno originário<sup>350</sup> no homem. É através da consciência que este é remetido para algo que o transcende. Ontologicamente, o dever antecede o querer<sup>351</sup>, do mesmo modo que o “diante de quê” de qualquer responsabilidade antecede essa mesma responsabilidade. É, precisamente, ao ver-se confrontado com uma pluralidade de valores contraditórios

---

<sup>344</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 58.

<sup>345</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>346</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 13: “la conciencia y la responsabilidad constituyen precisamente los dos hechos fundamentales de la existencia humana. [...] *ser-hombre equivale a ser-consciente-y-responsable*. [...] son los dos aspectos juntos combinados los que ofrecen la imagen total y verdadera del hombre.”

<sup>347</sup> *Ibid.*, p. 13: “todo ser es siempre, substancialmente, un ser-outro.”

<sup>348</sup> *Ibid.*, p. 14: “*todo ser es un ser-en relación*.”

<sup>349</sup> *Ibid.*, p. 14: “La copertenencia ontológica de la pareja de conceptos ‘ser consciente’ y ‘ser responsable’ tiene, por tanto, su raíz en el primer desdoblamiento del ser como un ser-outro en las dimensiones posibles de la coexistencia y de la sucesión.”

<sup>350</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Editora Herder, (2011), p. 116.

<sup>351</sup> Cf. *Ibid.*, p. 116.

dentre os quais tem de escolher, que o homem é remetido à própria consciência moral, “[...] a qual permite que o homem tome a sua decisão com liberdade, não arbitrariamente, mas responsavelmente”<sup>352</sup>. A consciência é, por isso, o meio sob o qual o homem se relaciona com o mundo à sua volta e lhe atribui um sentido.

Aliás, ao perceber-se o homem como responsável perante a sua própria consciência, coloca-se a questão se esta será a última instância diante da qual se manifesta tal responsabilidade. De acordo com Frankl, uma análise fenomenológica detalhada sobre este “diante de quê” da responsabilidade, remete para algo que pode ser revelado e esclarecido, isto é, “[...] este algo converte-se em alguém, uma instância de estrutura absolutamente pessoal [...] tal como a humanidade ao fim ao cabo tem chamado: Deus.”<sup>353</sup>. Por seu turno, Deus é assumido pelo homem, não como uma coisa, mas como um “tu”; sendo nesta condição que se pode estabelecer a relação entre um “eu” e um “tu”, porque o homem só pode dizer “tu” dirigindo-se a uma pessoa espiritual<sup>354</sup>. Portanto, ontologicamente, Deus<sup>355</sup> encontra-se acima da consciência do homem. Como descreve Frankl:

“[...] para explicar a liberdade humana é suficiente a existencialidade, porém, para explicar a responsabilidade humana tenho que recorrer à transcendentalidade da consciência.”<sup>356</sup>.

A relação entre o homem e Deus estabelece-se a partir da necessidade simbólica daquele, sendo “[...] através do conteúdo imanente do símbolo, que se pode sempre retornar ao objeto transcendente. [...] Somente se for impregnado pelo acto intencional,

---

<sup>352</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 105: “que hace que el hombre tome su decisión con libertad, pero no arbitrariamente sino responsablemente.”.

<sup>353</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 118: “se revela como algo que se puede esclarecer y el algo se convierte en alguien, una instancia de estructura absolutamente personal [...] como la humanidad al fin y al cabo lo ha llamado: Dios.”.

<sup>354</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 140.

<sup>355</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 66: “Dios es el prototipo de toda ‘paternidad’. El padre sólo es el primero ontogenética, biológica y biográficamente; pero Dios es el primero ontologicamente.”.

<sup>356</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 117: “Para explicar la libertad humana es suficiente la existencialidad, sin embargo, para explicar la responsabilidad humana tengo que recurrir a la trascendentalidad de la conciencia.”.

o transcendente resplandece nele.”<sup>357</sup>. Com vista a esclarecer este assunto, Frankl alude aos conceitos gestálticos figura-fundo, explicando que a figura se torna visível sobre um fundo invisível, assim como as nuvens visíveis são o símbolo do céu invisível<sup>358</sup>.

Segundo Frankl, o homem é muito mais religioso do que supõe ser, afirmando existir uma “religiosidade inconsciente”<sup>359</sup> (ou seja, um estado inconsciente de relação com Deus) que está reprimida, tendo o homem moderno vergonha de assumi-la e conjugá-la com a antropologia naturalista que defende. Esta religiosidade inconsciente surge como uma relação ao transcendental inerente ao próprio homem, ainda que de forma latente, permitindo que “[...] se faça visível por detrás do eu imanente, o tu transcendente”<sup>360</sup>. É, portanto, a partir desta espiritualidade inconsciente, que se descobre o “inconsciente espiritual”<sup>361</sup> como algo também transcendente.

Este “inconsciente espiritual”<sup>362</sup> é também designado “inconsciente mental”, correspondendo ao “logos”<sup>363</sup> anteriormente descrito. Para a “logoterapia analítico-existencial”, “mental” não é sinónimo de “intelectual” ou “racional”. Nesta perspectiva, o homem é também dotado de um “inconsciente instintivo”, correspondente ao inconsciente psicanalítico. Com efeito, pode afirmar-se que, a “logoterapia” tem as suas raízes num inconsciente, não exclusivamente impulsivo, mas espiritual; sendo, por isso, uma psicoterapia com génese no espírito, onde se encontram alojadas as designadas “forças criadoras do inconsciente”<sup>364</sup>. A associação que Frankl estabelece entre “espiritual” e “inconsciente” deve-se ao facto de que este último “[...] se ‘absorve’ na execução irreflectida de actos espirituais”<sup>365</sup>. É, portanto, sob esta premissa que Frankl vem afirmar que, apesar de requerer intencionalidade, existe uma relação inconsciente do

---

<sup>357</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 119: “a través del contenido inmanente del símbolo siempre se puede volver a tender hacia el objeto trascendente. [...] Sólo si está impregnado por el acto intencional, resplandece entonces en él lo trascendente.”.

<sup>358</sup> Cf. *Ibid.*, p. 119.

<sup>359</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 67.

<sup>360</sup> *Ibid.*, p. 68: “se hace visible todavía detrás del yo inmanente el tú trascendente.”.

<sup>361</sup> *Ibid.*, p. 68.

<sup>362</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>363</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 62.

<sup>364</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 22.

<sup>365</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 149.

homem em direcção a Deus, ou seja, existe no homem uma “presença ignorada de Deus”<sup>366</sup>.

“O homem agindo no palco da vida, mas ofuscado pela vida quotidiana superficial, vislumbra, apesar disso e sempre - da sabedoria do seu coração - a presença da testemunha, do grande espectador, ainda que invisível, diante de quem ele é responsável pela realização necessária, de um sentido de vida concreto e pessoal.”<sup>367</sup>.

A religiosidade pertence ao âmbito das decisões mais pessoais e próprias do homem, as quais não sendo colectivas podem ser inconscientes. Por outras palavras, a religiosidade inconsciente apresenta um “carácter espiritual existencial”<sup>368</sup> e não uma facticidade psicofísica. O homem irreligioso é aquele que ao ignorar a transcendência da consciência, não se questiona sobre o “diante de quê” da sua responsabilidade e nem pelo “de onde” da consciência, aceitando-a, apenas, na sua “facticidade psicológica”<sup>369</sup>. É o medo do desconhecido que faz com que o homem irreligioso se detenha na busca por um sentido para a sua vida, não questionando o que está para além de si mesmo. Esta atitude é igualmente reveladora da liberdade que foi concedida ao homem ao ter “sido feito livre pelo seu Criador”<sup>370</sup>. Não obstante, o homem pode negá-lo, havendo que respeitar esta atitude. Face ao exposto, o facto de a consciência se originar na transcendência e a esta retornar, torna-a onticamente irreductível, podendo, apenas, ser compreendida ontologicamente.

“A religiosidade implica, pelo menos na mesma medida que o amor, uma verdadeira intimidade; é ‘íntimo’ para o homem num duplo sentido: está

---

<sup>366</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 69.

<sup>367</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 120: “el hombre actuando en el escenario de la vida, pero deslumbrado por la cotidianidad superficial, vislumbra, apesar de ello y desde siempre - desde la sabiduría de su corazón - la presencia del testigo, del gran espectador, aunque invisible, ante el que es responsable de la realización, que se le exige, de un sentido concreto y personal de la vida.”

<sup>368</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 74.

<sup>369</sup> *Ibid.*, p. 61.

<sup>370</sup> *Ibid.*, p. 62.

‘na sua parte mais profunda’ e, como o amor, também está sob a protecção do pudor. Até a religiosidade autêntica se esconde de toda a publicidade”<sup>371</sup>.

Em suma, a “logoterapia analítico-existencial” vem afirmar que o homem é livre para não se submeter aos condicionalismos – biológicos, psicológicos e sociológicos, sendo o “espírito” humano o agente dessa liberdade. Aliás, o homem distinguindo-se do animal, manifesta-se como “pessoa”, precisamente ao comportar-se como livre<sup>372</sup>. Note-se, porém, que apesar de ser essencialmente um *ser-espiritual*, o homem “[...] não deixa de ser uma criatura finita”<sup>373</sup>. Portanto, embora sendo perturbado por aqueles condicionalismos, tal não significa que o homem seja destruído; justamente porque a “pessoa espiritual” se pode impor através das camadas psicofísicas<sup>374</sup>.

## 2ª Premissa da “logoterapia analítico- existencial”- Vontade de Sentido

Para Frankl, a “vontade de sentido”<sup>375</sup> [*Wille zum Sinn*] é um conceito motivacional teórico e constitui a “motivação primária do homem”<sup>376</sup>, sob a qual este se detém num “[...] esforço pelo melhor cumprimento possível do sentido da sua existência.”<sup>377</sup>, visando realizar o maior número de coisas com significado, alcançando assim a maior parte dos “valores” possíveis durante a sua vida<sup>378</sup>. Numa perspectiva existencial, a motivação como processo de contínua interacção entre o indivíduo e o seu meio envolvente, supõe que esta interacção assente numa estrutura dialógica, estabelecendo-se uma conexão entre sujeito e objecto.

---

<sup>371</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 52: “la religiosidad implica, por lo menos en la misma medida que el amor, una verdadera intimidad; es 'íntima' al hombre en un doble sentido: está 'en lo más hondo' de él y, como el amor, se halla también bajo la protección del pudor. Aun la religiosidad auténtica se esconde de toda publicidad”.

<sup>372</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 168.

<sup>373</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 82.

<sup>374</sup> Cf. *Ibid.*, p. 82.

<sup>375</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 103.

<sup>376</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 15.

<sup>377</sup> *Ibid.*, p. 65.

<sup>378</sup> Cf. Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 91: “pour accomplir autant de choses sensées que possible, tout au long de l’existence, et pour réaliser autant de valeur que possible au cours de sa vie.”.



Frankl vem, assim, contrariar as teorias da motivação da “psicanálise” e da “psicologia individual”, na medida em que a primeira defende que o comportamento humano é governado pelo “princípio do prazer” e, a segunda alega que o ser humano é dominado pela “vontade de poder”. Como esclarece Frankl:

“[...] a vontade de prazer e também essa vontade de poder só se formam quando é frustrada a vontade de sentido. Em outras palavras, o princípio do prazer como a tendência a fazer-se valer é uma motivação neurótica”<sup>379</sup>.

Tal “vontade de sentido”, decorrendo da destinação do homem para encontrar um sentido para a sua vida e realizá-lo, assume um carácter de “profecia auto-realizável”<sup>380</sup> na medida em que visa a concretização de algo que se sabe existir. Com efeito, se o homem apresenta esta necessidade de encontrar um sentido para a sua vida, logo deve existir uma resposta a esta necessidade. Com o intuito de melhor esclarecer esta premissa, Frankl fala-nos da existência de uma “autocompreensão ontológica pré-reflexiva”<sup>381</sup>, que se traduz no seguinte: 1. “autocompreensão” significa a opinião que o homem tem de si mesmo como pessoa, ou seja, o que significa *ser-homem*; 2. “ontológica” quer dizer que se refere à existência humana; 3. “pré-reflexiva” significa que, antes de ter uma ideia sobre o que é a filosofia, a psicologia e a psiquiatria, o próprio homem sabe de antemão o que é a vida<sup>382</sup>. É, portanto, através da existência da “autocompreensão ontológica pré-reflexiva do homem” que o homem é incitado “[...] a procurar, através de todos os meios que estejam ao seu alcance, o sentido da sua vida e a encontrá-lo.”<sup>383</sup>, o qual está aberto e disponível a todas as pessoas. Frankl reporta-se ao elevado “valor de sobrevivência”<sup>384</sup> que a “vontade de sentido” em si encerra, aludindo a tal valor a partir das suas vivências nos campos de concentração nazi, nos quais observou que,

“[...] os que se mostraram mais aptos a sobreviver, ainda mais em tais situações limite, foram aqueles que, reafirmo, estavam orientados para o

---

<sup>379</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 67.

<sup>380</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>381</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 108.

<sup>382</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. Barcelona: Paidós, (2014), p. 43.

<sup>383</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 111.

<sup>384</sup> Frankl, Viktor, (1974). *Sede de Sentido*. (Trad. Henrique Elfes). São Paulo: Quadrantes, (1989), p. 19.

futuro, para uma tarefa que os esperava mais adiante, para um sentido que desejavam realizar.”<sup>385</sup>.

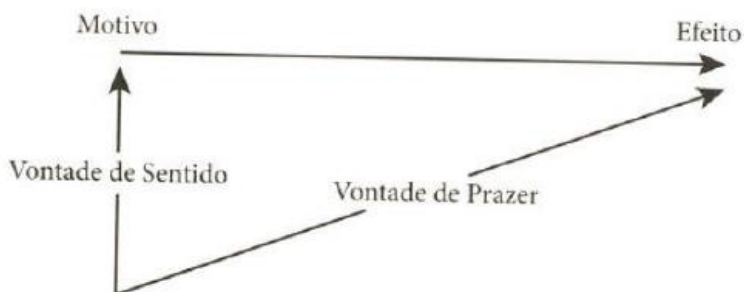


Figura 3

Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Editora Realizações, (2015), p. 66.

Do incumprimento desta demanda do espírito humano, em encontrar um sentido para a sua vida, decorre uma experiência de vazio, desolação, desespero e “frustração existencial” - “um sentimento de ausência de sentido da própria existência.”<sup>386</sup>. Por outras palavras, percebendo-se o homem numa existência sem objectivo e sem conteúdo, experiencia sentimentos de inferioridade e de angústia, os quais potenciam a tendência suicidária, mas também facilitam o surgimento de doenças psicossomáticas e de desordens neuróticas. Note-se, porém, que o sofrimento, associado a uma vida sem sentido, “[...] em si mesmo não configura doença psíquica, e sim expressão de maturidade espiritual.”<sup>387</sup>. Com efeito, encontrar esse sentido e realizá-lo não é exclusivamente terapêutico, mas antes apresenta um valor preventivo ao nível da saúde mental.

A “frustração existencial”, não sendo condição *sine qua non* de patologia, pode tornar-se patogénica e raiar uma neurose<sup>388</sup>. É, justamente, ao ser concebida como algo originário e autêntico no homem, que a “vontade de sentido” deve ser tida em linha de

<sup>385</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 23.

<sup>386</sup> *Ibid.*, p. 69.

<sup>387</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 19.

<sup>388</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 80.

conta numa psicoterapia. Como afirma Frankl: “[...] o anseio humano a uma existência plena (até ao limite possível) de sentido é tão pouco patológica em si mesmo que pode – e deve – ser mobilizado terapeuticamente.”<sup>389</sup>.

De acordo com a “logoterapia analítico-existencial” as principais causas de “frustração existencial” estão associadas a dois factores: 1. À crescente perda no homem do instinto animal básico “que lhe diga o que *tem de ser*”<sup>390</sup> e que, por isso, é promotor de segurança no homem; 2. Verifica-se que, contrariamente ao homem do passado, o homem contemporâneo não conta com “uma tradição que lhe diga o que *deve ser*”<sup>391</sup> para balizar o seu comportamento. Consequentemente, o homem tem vindo, cada vez mais, a aparentar desconhecer o que *quer-ser*, o que se manifesta num fenómeno que Frankl designou de “vácuo existencial”<sup>392</sup> e que “[...] consiste numa falta de conteúdo interior, exprimindo-se através de um sentimento de perda de sentido da própria existência e do conteúdo específico da vida, difundindo-se e infiltrando-se por toda a existência”<sup>393</sup>.

Este fenómeno, que se alargou ao século XXI, manifesta-se, essencialmente, por um estado de aborrecimento que promove a agressividade no homem, ou, pelo menos, é o seu alicerce<sup>394</sup>. Com efeito, é esta perda de “tradições” e de “valores” -, fundo do niilismo contemporâneo, que conduz o homem contemporâneo ao conformismo, vulnerabilizando-se a doutrinas totalitaristas, ou seja, dispõe-se a “[...] querer fazer o mesmo que outros fazem, ou a querer fazer, o que lhe for dito que deve fazer”<sup>395</sup>, não sabendo mais o que, verdadeiramente, quer. Para além da submissão a tais doutrinas, a manifestação de uma “neurose noogénica”<sup>396</sup> (como se descreverá mais adiante no parágrafo 5 deste capítulo) representa, igualmente, um sinal sintomático deste “vácuo existencial”.

---

<sup>389</sup> *Ibid.*, p. 72.

<sup>390</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>391</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>392</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 108.

<sup>393</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 93: “c’est-à-dire le vide intérieur, et le manque de contenu, qui s’exprime par le sentiment d’avoir perdu le sens de son existence et le contenu même de sa vie; ce sentiment se diffuse et infiltre toute l’existence.”

<sup>394</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 18.

<sup>395</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 136: “il désirera simplement faire ce que les autres gens veulent faire, ou il désirera seulement faire ce que d’autres lui diront de faire.”

<sup>396</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 11.

“Quando a consciência se reprime sistemática e metodicamente, acabamos por ir parar ao conformismo ocidental e ao totalitarismo oriental, segundo os quais os ‘valores’ exageradamente generalizados são respectivamente oferecidos ou impostos a cada um na sociedade”<sup>397</sup>.

### 3ª Premissa da “logoterapia analítico- existencial” - Sentido da Vida

Frankl vem descrever o “sentido da vida” como uma realidade ontológica, sendo “[...] a característica mais primária [...] um constitutivo da existência humana.”<sup>398</sup>, irrompendo o questionamento do homem a este respeito em momentos de precariedade existencial, nos quais o desespero humano ganha maior expressão. Disto é testemunho a vivência dos sobreviventes dos campos de concentração nazi, dos quais temos em Frankl um testemunho narrado na primeira pessoa. Este sentido existe por si só e “[...] não pode ser elaborado, há que descobri-lo”<sup>399</sup>, cabendo a cada ser humano responder a tal indagação com independência e autonomia.

A indagação do homem sobre o sentido da sua vida deve ser interpretada como “[...] um acto humano mais do que um sofrimento neurótico”<sup>400</sup>, não se traduzindo como sinónimo de sintoma, complexo psíquico ou fraqueza. Antes, retrata uma verdadeira expressão do homem que o distingue do animal. Bem sabemos que nenhum animal é afectado por esta inquietação existencial. O problema do sentido da vida, seja ele colocado de um modo expresso ou de forma silenciosa, deve ser considerado como um problema exclusivamente humano, por estar reservado ao homem “[...] experimentar todo o carácter questionável do ser.”<sup>401</sup>.

---

<sup>397</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 105: “Cuando la conciencia se reprime y ahora sistemática y metodicamente, acabamos entonces por ir a parar ya al conformismo ocidental, ya al totalitarismo oriental, según que unos ‘valores’ exageradamente generalizados sean respectivamente ofrecidos o impuestos a uno por la sociedad.”

<sup>398</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 96.

<sup>399</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 101: “El sentido de la vida no puede idearse, hay que descubrirlo.”

<sup>400</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 18.

<sup>401</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 39: “el experimentar todo el carácter cuestionable del ser”.

Com vista ao cumprimento deste sentido, Frankl refere-se à necessidade de que o ser humano viva sob um determinado grau de tensão - “[...] uma tensão que se estabelece dentro de um campo de polaridade, encontrando-se num pólo o próprio ser humano e, no outro pólo, um sentido que ele procura alcançar, o qual espera por si, para ser cumprido”<sup>402</sup>. Ou seja, esta “tensão existencial”<sup>403</sup> é gerada na distância entre o “ser” [*Sein*] e o “dever” [*Sollen*], decorrendo da consciência do próprio homem o facto de que o seu *ser* deve algo ao seu *dever-ser*.

“A fé do homem no sentido é, em termos kantianos, uma categoria transcendental. Do mesmo modo que, como sabemos desde Kant, é um contrassenso perguntarmo-nos por categorias como espaço e tempo, pelo simples facto de que não podemos pensar e, portanto, não podemos perguntar sem pressupor de antemão o espaço e o tempo, do mesmo modo o ser humano é, de antemão, um ser voltado para o sentido, mesmo que não conheça: existe de qualquer modo, algo assim como um conhecimento prévio do sentido.”<sup>404</sup>.

O “sentido da vida” apresenta como elementos constitutivos ser único e irrepetível<sup>405</sup>, precisamente porque, também, cada pessoa é única e as situações, com as quais se depara ao longo da vida, são igualmente singulares e irrepetíveis. Tal facto reporta a que “[...] cada homem só pode ter um único dever em cada momento, mas esta unicidade é precisamente o que atribui a este dever o seu carácter absoluto”<sup>406</sup>. Portanto, este “sentido” - único e irrepetível, remete para um sentido concreto, latente em cada situação e que requer do homem o “cumprimento de um significado” [*Sinnerfüllung*] que só por si pode ser realizado de um modo singular, de forma livre e responsável. Por outras

---

<sup>402</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 154: “ Je suis cependant convaincu que ce dont l’être humain a besoin, ce n’est pas vivre sans tension, mais plutôt de vivre avec un certain degré de tension. Une tension s’établit généralement à l’intérieur d’un champ de polarités, dans lequel, à un pôle se trouve un être humain, en quête d’une signification à accomplir, et, à l’autre pôle, la signification de celui-ci cherche à atteindre- laquelle, de son côté, attend d’être accomplie par lui, et uniquement par lui.”.

<sup>403</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 69.

<sup>404</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 88.

<sup>405</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 83.

<sup>406</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 57: “Esto hace que cada hombre sólo pueda tener un deber único en cada momento; pero esta unicidad es precisamente lo que presta a este deber su carácter absoluto.”.

palavras, o sentido é universal no seu valor, mas individual no seu conteúdo, apresentando uma índole “omnipresente”<sup>407</sup>; justamente porque em todas as situações com as quais o homem se depara, a vida não cessa de lhe oferecer uma possibilidade de sentido.

Na verdade, Frankl esclarece que a indagação sobre o “sentido da vida” não parte do homem, mas antes é a própria vida que o confronta continuamente com questões às quais tem de responder através de acções responsáveis, ou seja, “[...] o homem é o interrogado e qualquer situação que a vida lhe proporciona é uma pergunta”<sup>408</sup>. Aliás, a vida é comparável a um período de perguntas e respostas desde o nascimento, até à morte. Nesta medida, compete ao homem responder à vida com a própria vida, responsabilizando-se pelo modo como a conduz<sup>409</sup>.

Com efeito, falamos aqui de um “sentido” em potencial e transformativo, que aguarda pela sua realização e actualização “[...] pela pessoa à qual ‘diz respeito’, que ele ‘ocupa’ e que ouve o ‘apelo’ dele proveniente.”<sup>410</sup>. As possibilidades de sentido, ainda que objectivas na sua natureza, ao estarem em conexão com a especificidade do indivíduo e com as situações específicas que vida lhe proporciona, modificam-se continuamente. Ou seja, tal sentido pode alterar-se de dia para dia e de pessoa para pessoa. Não é, portanto, um sentido geral que se oferece à vida, mas antes uma disposição de abertura e flexibilidade que permite ao homem viver um quotidiano com significado.

Tão logo se conclui que, tal sentido não pode ser transmitido de geração em geração através das tradições humanas, exactamente por se tratar de “um sentido tanto *ad situationem* como *ad personam*”<sup>411</sup>. Não obstante, o facto de tais tradições tenderem a desaparecer, não implica que tal “[...] afecte o significado original inerente a cada situação única que possa surgir ao longo da nossa existência”<sup>412</sup>. Sobre a relevância das tradições da existência humana, Frankl esclarece que a decadência destas constitui um

---

<sup>407</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 26.

<sup>408</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. Barcelona: Paidós, (2014), p. 57: “el hombre es el interrogado y cualquier situación de la vida es una pregunta”.

<sup>409</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 122.

<sup>410</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 22.

<sup>411</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 104 : “Es un sentido tanto *ad situationem* como *ad personam*.”.

<sup>412</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 150: “mais cela ne peut pas affecter les significations uniques inhérentes aux situations uniques auxquelles se nouent nos existences.”.

dos principais factores responsáveis pelo “vácuo existencial”<sup>413</sup>, o que “[...] torna o homem contemporâneo tão existencialmente inseguro.”<sup>414</sup>.

“O ser humano é caracterizado pela sua busca pelo sentido e por um propósito na vida, não descansando o seu coração, para dizê-lo nas palavras de Santo Agostinho, enquanto não tiver encontrado e nem cumprido o significado e a razão da sua própria vida.”<sup>415</sup>.

É quando o “sentido” deixa o anonimato para se converter em algo único e irrepetível que o homem pode ser capaz de dar uma resposta concreta e criadora a este problema existencial. Em certas circunstâncias, o homem pode não compreender o sentido da sua vida mediante situações que a vida lhe proporciona, podendo apenas interpretá-lo, mas não arbitrariamente. Importa que o homem descubra o seu sentido na textura evenemencial da sua própria história de vida, por ser este sentido absolutamente singular e próprio de cada um, nada tendo a ver com o plano universal da moral ou dos valores. Frankl socorre-se do exemplo do bumerangue, que volta para o caçador que o arremessou quando falha o alvo, para afirmar que “[...] o homem só é capaz de realizar-se à medida que cumpre um sentido”<sup>416</sup>.

“Com efeito, a cada pergunta corresponde uma só resposta, a correcta, e a cada problema apenas uma solução, a que vale; assim também a cada situação corresponde um único sentido, que é o único verdadeiro”<sup>417</sup>.

É por se perceber enquanto ser finito que o ser humano se propõe superar essa mesma condição, ganhando assim sentido a existência humana. Em face desta finitude, o homem depara-se com a necessidade de valorizar o tempo da vida, podendo intentar não

---

<sup>413</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 25.

<sup>414</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 18.

<sup>415</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 185: “l’être humain se caractérise par sa recherche de sens, et d’un but dans la vie. Et son cœur ne connaît pas le repos, pour le dire dans les mots de Saint Augustin, tant qu’il n’a pas trouvé, ni accompli la signification et la raison d’être de sa vie.”.

<sup>416</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 66.

<sup>417</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 101: “En efecto, a cada pregunta corresponde sólo una respuesta, la correcta, y a cada problema sólo una solución, la que vale; así también a cada situación corresponde un solo sentido, que es el único verdadero.”.

deixar passar as ocasiões irrepitíveis que a vida lhe oferece, cuja soma finita perfaz uma vida inteira<sup>418</sup>. Esta vida que, como esclarece Frankl, “[...] significa um contínuo morrer, uma vez que cada instante singular da nossa existência se esvai e perece. [...] É exactamente uma chamada para a responsabilidade”<sup>419</sup>. Concomitantemente, esta finitude é sinónima de “temporalidade” – “factor constitutivo do sentido da vida”<sup>420</sup>. É, precisamente, porque este sentido tem um carácter irreversível que “[...] só podemos compreender a responsabilidade da vida de um homem sempre que a entendemos como uma responsabilidade tendo em conta o carácter temporal da vida, que só se vive uma vez”<sup>421</sup>.

A temporalidade que transporta o homem entre o passado, o presente e o futuro, distingue-o como um *ser-histórico*<sup>422</sup>, também neste aspecto distinto do animal, pois ele não “é”, mas antes “vem a ser”, completando-se o seu “todo” quando a sua vida terminar e aí se consumir o seu “mundo”<sup>423</sup>. Como afirmou Heidegger em *Ser e Tempo*<sup>424</sup>, o homem é um *ser-lançado* [*Geworfenheit*] na “existência”, que se cumpre no acontecer da sua vida, à medida que lhe responde em liberdade e responsabilidade – por ser através do que damos à vida que encontramos um sentido, e não o contrário. A especificidade ontológica do homem revela-se no seu *ser-histórico*, sendo através do tempo que o homem se entrega às possibilidades de “realização de si mesmo” [*Selbsterfüllung*], desvelando-se e vindo a existir. O homem não é, apenas, individual, único e irrepitível, mas à sua imagem e semelhança, também, o seu próprio mundo é dotado dessa singularidade, só a si lhe pertencendo.

---

<sup>418</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 83.

<sup>419</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 28.

<sup>420</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 83: “factor constitutivo del sentido mismo de la vida.”

<sup>421</sup> *Ibid.*, p. 83: “sólo podremos comprender la responsabilidad de vida de un hombre sempre que la entendamos como una responsabilidad com vistas al carácter temporal de la vida, que sólo se vive una vez.”

<sup>422</sup> Cf. *Ibid.*, p. 40.

<sup>423</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 157.

<sup>424</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012).



“Como ser histórico o homem nunca ‘é’ já mas ‘será’ sempre ‘depois’. ‘Total’ será ele só (depois) quando a sua vida terminar; só (depois) então é completado o seu ‘mundo’ ”<sup>425</sup>.

Este âmbito histórico de que nos fala Frankl refere-se ao facto de que o homem não pode ser concebido fora do seu sistema de relações, que o orienta para um sentido, mesmo quando não é percebido, admitido ou manifesto. A vida humana pode ganhar sentido independentemente da identidade sexual, da idade, do quociente intelectual, do grau de formação, da estrutura do carácter, do meio ambiente, de se ser ou não se ser religioso e, sendo-o, da confissão que se integra<sup>426</sup>. Por outras palavras, é crucial que o homem realize o seu “dever” perante a vida, sem atribuir primazia nem ao seu *status* social e nem à magnitude do seu raio de acção.

O ser humano que não encontra um sentido para a sua vida tenderá a procurar uma forma de preencher o seu sentimento de “vácuo existencial” que daí decorre, ancorando-se no absurdo ou num “sentido construído”. Este último, muitas vezes, originado tanto nos paraísos artificiais dos estupefacientes, como no entretenimento e no consumismo, tão comuns na sociedade contemporânea. É deste modo que o ser humano cria no seu interior uma sensação de sentido meramente subjectiva, subestimando o cumprimento das respostas que a vida de si espera.

É, precisamente, nesta tentativa de se anestesiar do próprio vazio interior, que o ser humano pode desenvolver diferentes patologias, não apenas de adicção, mas também de mesquinha curiosidade pela vida alheia, tal como já descreveu Heidegger em *Ser e Tempo*<sup>427</sup>, o que designou – “falatório”<sup>428</sup>. Esta tendência explica que, na actualidade, não só a “imprensa cor-de-rosa”, mas também os livros autobiográficos, redes sociais e os *reality show*, promotores da devassa da privacidade, angariem tantos adeptos, promovendo o *voyeurismo* social. Tais preferências retractam uma tentativa desenfreada do ser humano de fuga de si mesmo, como esclarece Frankl:

---

<sup>425</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 157.

<sup>426</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 24.

<sup>427</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012).

<sup>428</sup> *Ibid.*, § 35, p. 471.

“[...] ao entregar-se a uma forma de configuração do seu tempo livre, que chamo de centrífuga e à qual gostaria de opor uma outra, que tende a dar ao homem não só uma oportunidade de dispersão, mas também de recolhimento interior”<sup>429</sup>.

Para além do “sentido da vida” aqui descrito, tal não condiz ao sentido total do universo que Frankl designou por “supra-sentido”<sup>430</sup>, o qual, em seu entender, sendo infinito “é de todo inabarcável para um ser finito”<sup>431</sup>, como é o homem. Este sentido deve ser aceite como existindo por detrás do sentido primeiro que se procura encontrar, tornando este racional e compreensível. Frankl esclarece que este “supra-sentido” não se reporta a uma dimensão metafísica, mas antes define-se desse modo na medida em que tal se encontra para além da capacidade do homem para o apreender de forma puramente racional. Ou seja, trata-se de um “factor transracional”<sup>432</sup>, por não ser cientificamente apreensível, o que não significa que possamos negar a sua existência. A compreensão deste supra-sentido “[...] não pode ser estabelecida por uma ‘ciência da natureza’, mas sempre por uma crença numa sobrenatureza, no sentido lato da palavra.”<sup>433</sup>.

Por conseguinte, Frankl reitera não se poder afirmar a existência apenas do plano biológico - horizontal, propondo considerar-se a existência de um plano perpendicular a este - vertical. Da interconexão destes dois planos, resulta uma “curva senoide”<sup>434</sup>, como se pode ver na figura abaixo. É no plano biológico que se reflectem os pontos de intersecção, dos dois planos, através dos quais a curva senoide corta o plano principal. Com base nesta premissa, Frankl considera não se poder afirmar a inexistência de outros planos de projecção, mas antes devemos considerar a possibilidade de que possam existir outros cortes transversais que atravessem a realidade.

---

<sup>429</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 71.

<sup>430</sup> *Ibid.*, p. 89. Na obra *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 119 - é usado o termo “ultra-significado”.

<sup>431</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 108: “es del todo inabarcable par un ser finito.”

<sup>432</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 53.

<sup>433</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 131.

<sup>434</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 54.

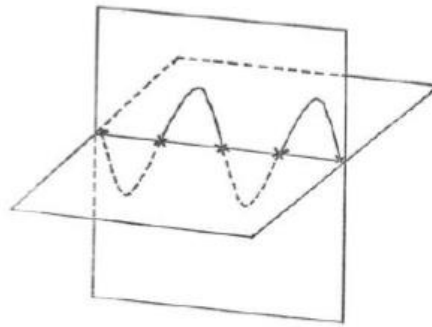


Figura 4

Frankl, Viktor, (1959). *La Psychotherapie et Son Image de L'Homme*. (Trad. Joseph Feisthauer). Paris: Resma, (1970), 154.

Segundo Frankl, o homem pode, mesmo desconhecendo o propósito de certas circunstâncias na sua vida, acreditar na existência de uma vontade superior a si próprio – a “Providência divina”. Inclusivamente, pode manifestar a sua confiança dirigindo-se àquela num passo de “fé”<sup>435</sup>. A crença num supra-sentido é uma interrogação que a “existência” nos coloca e cuja resposta requer uma decisão de cariz existencial e não intelectual. Por outras palavras, esta resposta não se funda no saber, mas na crença, a qual “[...] não é um pensar diminuído da realidade do pensado, mas sim um pensar acrescentado da existencialidade do pensador.”<sup>436</sup>. A este respeito, Frankl alude às ideias de Paul Watzlawick (1921-2007)<sup>437</sup>, o qual renunciando à busca de um sentido absoluto e palpável, bem como à resignação ao mundo como um fenómeno de equívocos complexos<sup>438</sup>, afirma que a ciência não tem a última palavra sobre o que é real ou irreal<sup>439</sup>.

“A ciência natural conduz, sempre, somente, até, uma tomada de conhecimento; não é da sua competência, perguntar pelo sentido, dar sentido

<sup>435</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 86.

<sup>436</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 138.

<sup>437</sup> Reconhecido terapeuta familiar, sendo um dos fundadores da *Mental Research Institute* de Palo Alto na Califórnia. Foi, também, um notável teórico da “teoria da comunicação”, segundo a qual é impossível não comunicar, apresentando a comunicação componentes relacionais, digitais, analógicos, de simetria e de complementaridade entre emissor e receptor.

<sup>438</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 59.

<sup>439</sup> Cf. *Ibid.*, p. 56.

ao acontecimento natural. Isto não é assunto da tomada de conhecimento, mas de uma tomada de posição. Dar sentido é tomada de posição.”<sup>440</sup>.

Mais uma vez, a “fé religiosa”<sup>441</sup> não reporta apenas à crença na existência de um “sentido da vida”, como anteriormente se explicou, mas traduz igualmente “uma confiança no supra-sentido”<sup>442</sup>, ou “sentido superior”<sup>443</sup>. Na “logoterapia analítico-existencial” a “fé”<sup>444</sup>, de cariz bíblico, como “[...] conceito limite ou interpretada religiosamente como Providência”<sup>445</sup>, detém em si mesma uma extraordinária importância psicoterapêutica e psico-higiênica, ao permitir que o homem não se circunscreva a si próprio e aos seus condicionalismos. Precisamente, porque “[...] a paixão favorita do espírito humano é sempre crer na possibilidade do impossível.”<sup>446</sup>.

“Esta é uma fé criadora. Torna o homem mais forte, como autêntica fé que é nascida de uma força interior. Para quem se fortalece nesta fé, nada está destituído de sentido.”<sup>447</sup>.

Com efeito, é crucial que o homem reconheça que “[...] o sentido do todo não é captável”<sup>448</sup>. Frankl recorre à “proporção áurea” para elucidar acerca da relação que se pode estabelecer entre a dimensão humana e a dimensão divina - supra-humana. Daquela “proporção” resulta que “[...] a parte menor se relaciona com a parte maior, assim como a parte maior com o todo.”<sup>449</sup>. De igual modo, assim como o mundo animal se relaciona

---

<sup>440</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), pp. 136-137.

<sup>441</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 89.

<sup>442</sup> *Ibid.*, p. 89.

<sup>443</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 48.

<sup>444</sup> *Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. (Trad. Ferreira de Almeida). (9ª ed.). São Paulo: Vida, (2005), p. 138: “Ora, a fé é a certeza das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se vêem”.

<sup>445</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 48: “como concepto limite o lo interpretemos religiosamente como Providencia”.

<sup>446</sup> Zweig, Stefan, (1931). *A Cura pelo Espírito*. (Trad. Alice Ogando). (3ª ed.). Porto: Editora Livraria Civilização, (1949), p. 191.

<sup>447</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 48: “Es ésta una fe creadora. Hace al hombre más fuerte, como autêntica fe que es, nascida de una fortaleza interior. Para quien se hace fuerte en esta fe no existe, en última instancia, nada carente de sentido.”.

<sup>448</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 46: “el sentido del todo no es captable”.

<sup>449</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 86.

com o mundo humano, também este último se relaciona com o mundo sobrenatural - a totalidade.

“Assim como um animal não pode, transcendendo os seus meios, chegar a entender o mundo dos homens que está sobre si, também o homem não pode entender o que está acima do seu mundo próprio. No máximo, pode vir a vislumbrá-lo através da fé, ou entrar em contacto com ele, se este mundo superior invadir o mundo próprio do homem por meio de uma revelação.”<sup>450</sup>.

Portanto, este “supra-sentido”, nada tendo a ver com um sentido supra-sensorial, trata-se de “[...] um sentido que ultrapassa, essencialmente, a capacidade humana de compreensão.”<sup>451</sup>. Por outras palavras, condiz ao “[...] sentido de uma supervida, isto é, um *modus* da vida, de que nós não fazemos ideia, que nós não podemos apreender”<sup>452</sup>. De acordo com a “logoterapia analítico-existencial” existe uma finalidade oculta e superior ao próprio homem no que condiz à sua liberdade. Ou seja, apesar do que a “Providência divina” se proponha fazer do homem, este pode ser considerado como um ser livre com base na sua vontade, do mesmo modo que o animal doméstico vive conforme os seus instintos, apesar de servir ao homem<sup>453</sup>. Esta liberdade humana resulta, precisamente, do facto de que “[...] o ‘eu’ tem, desde o princípio, e em todos os casos, o poder de decisão.”<sup>454</sup>, como já Scheler havia afirmado<sup>455</sup>. Portanto, o homem pode ser, apenas, portador de um sentido sobrenatural, sem que este se imponha à sua vontade

---

<sup>450</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 46: “Exactamente del mismo modo que un animal no puede, trascendiendo de su medio, llegar a comprender nunca el mundo de los hombres que está por encima de él, el hombre no puede llegar nunca a comprender qué es lo que está encima de su mundo próprio; puede, a lo sumo, llegar a vislumbrarlo – por medio de la fe –, o bien entrar en contacto con él, si esse mundo superior irrumpe en el mundo próprio del hombre por medio de una revelación.”

<sup>451</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 134.

<sup>452</sup> *Ibid.*, p. 148.

<sup>453</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 47: “peses a lo que la Providencia se proponga hacer de él, pueda ser considerado como un ser libre en cuanto a su voluntad, del mismo modo que el animal domesticado vive con arreglo a sus instintos, apesar de servir al hombre”.

<sup>454</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 167.

<sup>455</sup> Cf. Scheler, Max, (1929). *A Conceção Filosófica do Mundo*. (Trad. João Tiago Proença). Porto: Elementos Sudoeste, (2003), p. 35.

porque, como afirma Frankl, “[...] o supersentido é discreto: ele não importuna ninguém e pode, do mesmo modo, também ficar despercebido.”<sup>456</sup>.

### **3. Logoterapia como intervenção pelo sentido: o poder da auto-transcendência**

Como já se explicou no primeiro parágrafo do capítulo I, a “logoterapia analítico-existencial” não parte da premissa de que a primeira preocupação do ser humano consiste em orientar-se para o seu bem-estar psíquico, mas sim que o ser humano tende a orientar-se para o mundo, para além de si mesmo “[...] em direcção ao mundo dos significados e dos seus valores em potencial, que estão diante de si para serem alcançados e realizados”<sup>457</sup>. Consequentemente, se o homem for bem-sucedido nessa busca pelo sentido da sua vida, encontrará a felicidade, pois “é o sentido o motivo para o ser-feliz!”<sup>458</sup>.

Esta abordagem psicoterapêutica é amoral na sua prática, não competindo ao psicoterapeuta dar um sentido à vida do paciente, mas antes é necessário que seja o próprio paciente a encontrar, por si próprio, um sentido para a sua vida. Porém, o psicoterapeuta, embora sem poder prescrever esse sentido, pode auxiliar o paciente nesta jornada, estando unicamente ao seu alcance afirmar que a vida tem sentido e que este se conserva, sob quaisquer condições e circunstâncias, graças à possibilidade de encontrar um sentido também no sofrimento<sup>459</sup>. Contudo, tal premissa não pressupõe ser necessário sofrimento<sup>460</sup> para que o homem encontre um sentido para a sua vida. Aliás, perante o sofrimento, a primeira acção a ter-se consiste em afastar a causa desse sofrimento e só na impossibilidade da sua remoção, o sofrimento pode constituir uma possibilidade de sentido.

---

<sup>456</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), pp. 135-136.

<sup>457</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 101: “vers le monde des significations et des valeurs potentielles, qui, pour ainsi dire, attendent d’être réalisées et accomplies par lui”.

<sup>458</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 16.

<sup>459</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 27.

<sup>460</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 115.

Um aspecto determinante e inovador na abordagem logoterapêutica é o facto de incitar a que o paciente abandone o seu estado passivo de “doente” para se posicionar como um “agente” de realização de um sentido para a sua vida. É deste modo que para além de se perceber enquanto *ser-responsável* diante da possibilidade de realização de “valores” e de “sentido”, o paciente percebe que depende de si o cumprimento de uma missão na sua vida – insubstituível e irrepetível<sup>461</sup>, pela qual é responsável.

É, justamente, ao ser orientado para encontrar um sentido na vida e realizá-lo, que o homem aspira à realização de “valores” (já citados no segundo parágrafo deste capítulo). Aliás, Frankl chega a afirmar que somos os nossos valores<sup>462</sup>, os quais se constituem como fontes irrefutáveis de sentido<sup>463</sup>. Enquanto possibilidades de sentido, tais valores são categorizados do seguinte modo: 1. “valores de atitude”<sup>464</sup> [*Einstellung*], ou seja, a possibilidade de escolher a atitude a ter face a cada situação, incluindo as mais adversas; 2. “valores criadores” [*Arbeiten*], ou seja, a possibilidade de construir algo como uma obra e, por último; 3. “valores vivenciais” [*Hingabe*], ou seja, a possibilidade de experienciar algo – a natureza, a arte ou o amor, este último que consiste na “única forma de experienciar alguém em profundidade, até o âmago do seu ser único e singular”<sup>465</sup>. Estes valores não são apenas objectivos de acordo com Frankl, mas são igualmente “valores de situação” (já descritos na página 18) por serem orientados para situações concretas de forma única e irrepetível.

Portanto, é sob esta “tríade de possibilidades de sentido”, que o homem é confrontado com a realidade de que a vida pode ter sempre um sentido, até ao último suspiro<sup>466</sup>, incluindo “[...] um sentido numa situação desesperadora com a qual, desamparado, se defronta.”<sup>467</sup>. Tais “possibilidades de sentido” são-no em potencial, podendo tornar-se uma realidade “para-sempre” ao se realizarem, sendo salvaguardadas

---

<sup>461</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 73.

<sup>462</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 57.

<sup>463</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 104.

<sup>464</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 131.

<sup>465</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 23.

<sup>466</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 45.

<sup>467</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 27.

no passado “[...] em que nada se perde inexoravelmente, mas tudo fica guardado, definitivamente guardado, onde permanece protegido da transitoriedade”<sup>468</sup>. Em suma, cumprido este sentido, “[...] então se cumprirá de uma vez por todas.”<sup>469</sup>.

“Nós não actuamos nunca sobre o futuro – ao contrário: nós actuamos sempre sobre o passado. Nós salvamos dentro do passado, a possibilidade, na medida em que a realizamos, na medida em que realizamos valores. Quer realizemos o que chamámos ‘valores criadores’, quer realizemos o que designámos como ‘valores vivenciais’, salvamos sempre alguma coisa dentro do passado”<sup>470</sup>.

A realização destes valores decorre da “transcendência” que o ser humano procura e de que é capaz, precisamente porque “a auto-superação constitui a essência da existência”<sup>471</sup>. Frankl toma como exemplo o “homem comum”, que não tendo sido exposto a anos de doutrinação, tal como um estudante ou um paciente sujeito a anos de psicanálise, “[...] sempre soube qual o caminho para encontrar o sentido, como preencher a vida com sentido.”<sup>472</sup>. É, portanto, na “transcendência” -, ao conduzir-se para além de si próprio, dirigindo-se para uma causa a que serve ou para uma pessoa a quem ama, que o homem se auto-transcende e nessa medida se realiza enquanto ser humano.

O homem orienta-se para além dos seus próprios limites, transcendendo-se a sua vida “[...] em profundidade, na medida em que aponta para valores e em largura por apontar para a comunidade”<sup>473</sup>. Esta comunidade é comparável a uma manta de retalhos, representando o estado de sociabilidade do homem, o qual estabelece com aquela uma relação de interdependência na busca por um sentido para a sua vida. É, justamente, na comunidade que o homem pode realizar a tríade de valores acima descrita, porque esta

---

<sup>468</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 28.

<sup>469</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 24.

<sup>470</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 153.

<sup>471</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 215: “L’auto-dépassement constitue l’essence de l’existence.”

<sup>472</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 24.

<sup>473</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 88: “en profundidad en quanto apunta a valores o en anchura en la comunidade.”



“comunidade” não é sinónimo da “massa”, essa “alma colectiva”<sup>474</sup> de sentimentos comuns que “não tolera no seu seio a individualidade”<sup>475</sup> por ver perturbado o seu sentido. Como expôs Heidegger, em *Ser e Tempo*<sup>476</sup>, o sentido individual dissipa-se na massa – no “a gente”<sup>477</sup> que o absorve, por ter a função de nivelar todas as *possibilidades-de-ser*. Para Frankl,

“[...] neste momento, podemos claramente colocar a questão de saber se a intenção primária do ser humano, a sua *destinação última* poderia ser ou não descrita em termos de auto-realização. Parece-me suficientemente evidente que a auto-realização não pode em caso algum ser o objecto da intenção. O facto é que a verdade antropológica fundamental consiste na auto-transcendência [...] É, precisamente, quando o ser humano se descentraliza de si próprio, apartando-se dos seus interesses egoístas, que pode alcançar uma existência autêntica.”<sup>478</sup>.

A “auto-transcendência” detém “um carácter ‘intencional’ do fenómeno humano, tal como o caracterizaram Franz Brentano e Edmund Husserl”<sup>479</sup>, pois, como já se afirmou, o homem dirige-se sempre para além de si próprio, seja em direcção a alguma causa, seja na direcção de uma pessoa a quem ama”<sup>480</sup>. É aqui que reside o “sentido da sua vida” ao qual se dirige e que pretende cumprir. Para ilustrar este fenómeno, Frankl explica que “[...] devo perder-me de vista exactamente como o olho”<sup>481</sup>, o qual não se vendo a si próprio, vê, antes, o mundo exterior a si. De modo semelhante, também, o

---

<sup>474</sup> Jaspers, Karl, (1913). *Psicopatología general*. México: Fondo de Cultura Económica, (1993), p. 840.

<sup>475</sup> *Ibid.*, p. 90: “no tolera en su seno individualidad”.

<sup>476</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012).

<sup>477</sup> *Ibid.*, § 27, p. 365.

<sup>478</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), pp. 106-107: “À ce stade, nous pouvons franchement poser la question de savoir si l’intention primaire de l’être humain, voire sa *destination ultime* pourrait être décrite, ou pas, en termes d’auto-actualisation’. Il me paraît assez évident que l’auto-actualisation ne peut en aucun cas être l’objet de l’intention. Le fait est que la vérité anthropologique fondamentale consiste dans l’auto-transcendence [...] C’est uniquement à condition de s’éloigner de lui-même, dans le sens où il se décentrerait de ses intérêts égoïstes que l’être humain peut parvenir à un mode d’existence authentique.”.

<sup>479</sup> *Ibid.*, p. 172: “tient à la qualité ‘intentionnelle’ du phénomène humain, comme l’ont qualifié Franz Brentano et Edmund Husserl.”.

<sup>480</sup> Frankl, Viktor, (1974). *Sede de Sentido*. (Trad. Henrique Elfes). São Paulo: Quadrantes, (1989), p. 20.

<sup>481</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 16.

homem “[...] só se pode realizar a si mesmo à medida que se esquece de si mesmo, que não repara em si mesmo”<sup>482</sup>.

“A existência, na medida em que se realiza, ultrapassa-se sempre. [...] Esta transcendência da existência nunca é no tempo, mas, pelo contrário, para além do tempo – no sobretemporal. Transcendendo-se no tempo – mesmo no tempo infinito – a existência nunca podia realizar-se. Quem vive somente para filhos e filhos de filhos não se realiza no infinito, mas prolonga somente a realização para além do infinito.”<sup>483</sup>.

Como já se referiu no segundo parágrafo deste capítulo, o ser humano realiza-se sob a designada “tensão existencial” frankliana, a qual retoma o contributo de Heidegger para o qual o termo “existência” está associado precisamente ao facto de o existir humano implicar que o homem não se possa fixar num modo de ser específico. Ao invés disso, importa que o homem se confronte com a necessidade de se realizar nas tensões originadas entre os diversos *modos-de-ser* e na dinâmica de temporalização que lhes está associada. O existir humano nunca é um objecto simplesmente dado em algum lugar, muito menos encapsulado em si mesmo. Como esclarece Heidegger:

“[...] existir enquanto ser-o-aí significa manter-aberto (*Offenhalten*) um domínio graças ao poder de apreender as significatividades dos dados que a ele se dirigem no seu ser-esclarecido.”<sup>484</sup>.

Para Frankl, o homem toma posição em cada momento da sua existência<sup>485</sup>, tanto perante os condicionalismos externos (i.e., o ambiente natural e social), como perante os condicionalismos internos (i.e., dimensão psicofísica). Nesta medida, o autor descreve que “[...] a existência não se transcende no sentido horizontal mas no vertical – não,

---

<sup>482</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 15.

<sup>483</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 117.

<sup>484</sup> Heidegger, Martin, (1987). *Séminaires de Zurich*. (Edités par Medard Boss). (Trad. Caroline Gross). Paris: Gallimard, (2010), p. 31: “Exister en tant qu’être-le-là signifie bien plutôt tenir-ouvert (*Offenhalten*) un domaine grâce au pouvoir d’appréhender les significativités des données qui s’adressent à lui en son être-éclairci.”

<sup>485</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 165.

exactamente, no tempo, [...] mas para além do tempo, no sobretemporal”<sup>486</sup>, descrevendo como constitutivos da existência humana - “a espiritualidade, a liberdade e a responsabilidade”<sup>487</sup>.

A “logoterapia analítico-existencial” retoma os conceitos de “adaptação”<sup>488</sup> e “conformação”<sup>489</sup>, da “psicanálise” e da “psicologia individual”, respectivamente e, por oposição a estes, apresenta uma nova categoria que designa de “consumação”. Esta apresenta uma magnitude vectorial porque “[...] tem uma direcção e um sentido, ou seja, diz respeito à possibilidade de valor reservada a cada indivíduo humano e cuja realização transforma a sua vida”<sup>490</sup>. Por exemplo, uma pessoa que renuncie a uma carreira brilhante e com isso abdique de bens materiais e do prazer que lhe está associado, para seguir a sua vocação, encontra o sentido da sua vida, bem como a “consumação interior” do cumprimento do que só ela pode realizar, de forma única e exclusiva.

Com efeito, encontrar o sentido da própria vida, traduz-se numa consumação dessa mesma vida, nada mais havendo que se lhe possa acrescentar. A “logoterapia analítico-existencial” vem, assim, ontologizar a moral pois os conceitos de “bem” e de “mal” não se definem como algo que deve ou não ser feito, mas antes, o bem consiste em algo que ajuda na realização do sentido reclamado e, o mal consiste naquilo que impede essa mesma realização<sup>491</sup>.

Ao orientar-se pela própria consciência<sup>492</sup> o homem propõe-se “[...] realizar um projecto sensato e dar consistência a um valor”<sup>493</sup>, modo pelo qual o ser humano se auto-

---

<sup>486</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 117.

<sup>487</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 77.

<sup>488</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 19: “Esforça-se para adaptar o indivíduo e os seus instintos ao mundo exterior, para reconciliá-los com a realidade, que afirma não raramente - de acordo com o ‘princípio da realidade’ - a renúncia implacável do instinto.” [Se esfuerza por adaptar al individuo y sus instintos al mundo exterior, por reconciliarlos con la realidad, la cual reclama no pocas veces – conforme a un ‘principio de realidad’ - la renuncia implacable a lo instinto.”.]

<sup>489</sup> *Ibid.*, p. 19: “Exige dos doentes, para além de uma simples adaptação, uma conformação à realidade; perante o ‘tem que ser’ imposto, afirma e enfatiza o ‘querer’ por parte do Eu”. [“Exige del enfermo, por encima de la simple adaptación, una animosa conformación de la realidad; frente al ‘tiene que ser’ impuesto por el ‘ello’, afirma y destaca el ‘querer’ por parte del yo.”.]

<sup>490</sup> *Ibid.*, p. 19: “tiene dirección o sentido, se endereza a la posibilidad de valor reservada a cada individuo humano y en torno a cuya realización gira la vida.”.

<sup>491</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 100: “nos parecerá bueno lo que ayude a la realización del sentido reclamado y exigido por una existencia, y malo lo que estorbe dicha realización.”.

<sup>492</sup> Cf. *Ibid.*, p. 104.

<sup>493</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 91: “mais de réaliser un projet sensé et de concrétiser une valeur.”.

realiza. Frankl explica a “consciência” como “[...] um dos fenómenos mais especificamente humanos; [...] de tal maneira que participa na *condition humaine*, e, portanto, é marcada pela sua finitude.”<sup>494</sup>. O autor explica que esta “consciência” tem a sua origem no inconsciente, sendo este a consubstanciar as grandes e autênticas decisões do ser humano como ser “existente”. Ou seja, “o instinto moral é a consciência”<sup>495</sup>. Assente nesta premissa pode-se qualificar a consciência como irracional, alógica e prelógica<sup>496</sup>, tornando-se racional numa fase posterior.

O carácter irracional da consciência pode ser compreendido ao conceptualizar-se a existência de dois modos de consciência, a saber: 1. A “consciência ontológica” [*Bewußtsein*] e, 2. A “consciência ética” [*Gewissen*]. A primeira reside “num ser que é” [*Seiendes*] e a segunda encontra-se “num ser que deve ser” [*Seinsollendes*]<sup>497</sup> – que não sendo real é possível. Por conseguinte, compete à consciência descobrir quais as possibilidades que o homem pode vir a realizar, precisamente, por deter uma função essencialmente intuitiva. Por outras palavras, a consciência é comissionada a descobrir “[...] a possibilidade única e exclusiva de uma pessoa concreta numa situação concreta”<sup>498</sup>, apresentando-se, assim, como “um órgão-de-sentido”<sup>499</sup> [*Sinnorgan*] - “[...] capacidade intuitiva de descobrir o rasto do sentido – único e singular – escondido em cada situação”<sup>500</sup>. É, portanto, guiando-se pela própria consciência que o homem é responsável pela realização dos já referidos “valores de situação”. Como afirma Frankl:

“[...] uma vida a partir da consciência é sempre uma vida absolutamente pessoal orientada a uma situação absolutamente concreta, ao que pode importar à nossa existência (*Dasein*) singular e peculiar: a consciência inclui sempre o ‘aqui’ (*Da*) concreto do meu ‘ser’ (*Sein*) pessoal.”<sup>501</sup>.

---

<sup>494</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 25.

<sup>495</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 81: “Este instinto moral es la conciencia.”

<sup>496</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 34.

<sup>497</sup> *Ibid.*, p. 34.

<sup>498</sup> *Ibid.*, p. 35: “única y exclusiva posibilidad de una persona concreta en su situación concreta”.

<sup>499</sup> *Ibid.*, p. 103.

<sup>500</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 25.

<sup>501</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 84: “una vida a partir de la conciencia es siempre una vida absolutamente personal orientada a una situación absolutamente concreta, a lo que puede importar en

Frankl compara a consciência “[...] a um ponto, que sugere a direcção em que devemos mover-nos, a direcção em que devemos avançar para termos acesso à possibilidade de um sentido”<sup>502</sup>. Ou seja, o homem estabelece um diálogo consigo mesmo, com a sua consciência, a qual lhe “fala sempre em forma de resposta”<sup>503</sup>. O desempenho da consciência, após encontrar esse sentido único, termina com a apreensão de uma “forma” [*Gestalt*], não segundo a percepção gestáltica, mas de acordo com a “percepção de sentido”<sup>504</sup>. De acordo com esta última, que consiste na descoberta de uma possibilidade de sentido no fundo da realidade, o que está em causa é a possibilidade de transformar essa realidade, quando for necessário e possível.

Não obstante, ao orientar-se pela própria consciência, o homem pode questionar-se sobre a possibilidade de incorrer numa “ilusão de sentido”<sup>505</sup> provocada pela sua consciência, que assim o possa ter desviado da verdade. Tal não significa que não existe verdade, antes que “[...] só pode haver uma verdade, mas ninguém pode saber se é o próprio ou o outro a possuí-la.”<sup>506</sup>. Por esta razão, o homem pode permanecer questionando-se sobre se efectivamente cumpriu o sentido da sua vida ou simplesmente acreditou tê-lo cumprido até se concluírem os seus dias de vida.

Em suma, a “logoterapia analítico-existencial” como abordagem ao nível do “sentido”, propõe-se apelar ao espírito humano para a busca desse sentido para a vida. Este que, sendo particular e único a cada um e em cada situação, deve ser encontrado, não podendo ser dado. É por via desse apelo que é activada a “vontade de sentido” (já descrita no segundo parágrafo do presente capítulo), meio pelo qual é possível encontrar formas de sentido não apenas no real, mas no possível. Com efeito, cabe ao próprio homem, diante da sua “consciência” e enquanto *ser-responsável*, decidir em “liberdade” sobre o sentido a dar à sua vida, perante cada situação concreta.

---

nuestra existência (*Dasein*) singular y peculiar: la conciencia incluye siempre el ‘aquí’ (*Da*) concreto de mi ‘ser’ (*Sein*) personal.”.

<sup>502</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 23.

<sup>503</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 81: “habla siempre en forma de respuesta.”.

<sup>504</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 49.

<sup>505</sup> Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 104.

<sup>506</sup> *Ibid.*, p. 104: “Sólo puede haber una verdad, pero nadie puede saber si es él mismo o es el otro quien la posee.”.

A “auto-transcendência” é a capacidade de que o homem é dotado no seu espírito para realizar esse mesmo sentido, esquecendo-se o homem de si e colocando-se para além de si mesmo -, abraçando uma causa que o conduz à escolha, à criação e ao amor. Reportemo-nos novamente a Heidegger, que em *Ser e Tempo*<sup>507</sup> afirmou que a compreensão do *ser-no-mundo* [*In-der-Welt-sein*], que na sua essência é cura - “cuidado” [*Sorge*] está presente em todas as atitudes e situações. Na *Carta sobre o Humanismo*, o mesmo autor, não se referindo a uma atitude isolada do “eu” consigo mesmo e nem significando uma atitude especial para com o próprio, tal cuidado reconduz o homem novamente para a sua essência<sup>508</sup>.

#### **4. O sentido face à provação do sofrimento: o dom da linguagem**

Em toda a sua obra, Frankl deixa claro que a vida tem valor e tem sentido, nada existindo que se lhe sobreponha, sendo de cunho essencial encontrar esse sentido. Como já havia afirmado Heidegger, em *Ser e Tempo*<sup>509</sup>, o homem é um ser apto a vivenciar e a desvelar sentidos ao longo do seu percurso existencial, por apresentar, para além de uma dimensão ôntica, uma dimensão ontológica. Por conseguinte, de acordo com o pensamento frankliano o sentido que o homem pode encontrar “[...] conserva-se sob quaisquer condições e circunstâncias, graças à possibilidade de encontrar um sentido também no sofrimento.”<sup>510</sup>. Não obstante, tal não significa, uma vez mais o dizemos, ser necessário sofrimento para que o homem encontre um sentido para a sua vida.

Bem sabemos que o sofrimento humano é uma inevitabilidade. Aliás, prova disso é o facto de a própria natureza nos ter dotado de lágrimas como de um modo para obter alívio de uma dor que nos fere, alívio que se acentua com o decorrer de conversas amigáveis<sup>511</sup>. Já Freud havia afirmado que o homem é acometido pelo sofrimento a partir de três fontes, a saber: 1. Do nosso corpo, sujeito à decadência e à dissolução, sem possibilidade de dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; 2. Do

---

<sup>507</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012).

<sup>508</sup> Heidegger, Martin, (1949). *Carta sobre o Humanismo*. (Trad. Rubens Eduardo Frias) (2ªed.). São Paulo: Centauro, (2005), p. 7.

<sup>509</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012).

<sup>510</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 27.

<sup>511</sup> Cf. Hegel, Georg Wilhelm, (1817-1818). *Estética- a ideia e o ideal*. (Trad. Orlando Vitorino). Lisboa: Guimarães & C, a. Editores, (1952), p. 67.

mundo externo, que se pode voltar contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, 3. Dos nossos relacionamentos com os outros homens<sup>512</sup>.

Sobre a condição do homem sofredor, Frankl traz a boa nova de descrever sofrimento, culpa e morte -, que designou de “tríade trágica”<sup>513</sup> - como dimensão de sentido. Tais condições humanas foram por Jaspers designadas de “situações limite” [*Grenzsituationen*] (às quais acrescentou, também, o destino e a desconfiança face ao mundo)<sup>514</sup>. Frankl procurou trazer uma resposta à angústia humana daí resultante, numa intervenção psicoterapêutica não redundante, mas dinamizada pelo espírito humano, através da análise das possibilidades de sentido associadas ao sofrimento. Sobre esta tríade indaga Frankl: “[...] como se pode dizer sim à vida, *apesar de* todos esses aspectos trágicos da existência humana?”<sup>515</sup>. A esta indagação, o nosso autor responde ser possível retirar das situações trágicas da vida um sentido, transformando-as em algo benéfico, ou seja, “[...] o sofrimento, em desempenho; a culpa, em mudança; a morte, em estímulo para uma prática responsável.”<sup>516</sup>. Deste modo, o homem pode, através do que designou de “optimismo trágico”<sup>517</sup>, decidir retirar de cada situação o que de melhor esta lhe pode oferecer; precisamente porque, “[...] o que importa não é tanto que a vida de um ser humano seja dolorosa ou prazerosa, mas que seja carregada de sentido.”<sup>518</sup>. Aliás, Frankl apresenta uma “tríade salvadora” como veículo para que o homem possa irromper numa dimensão de sentido, quer seja através do trabalho, da relação ou da oblação<sup>519</sup>.

Como sabemos, é com legitimidade que Frankl pode fazer tais afirmações tendo em conta o seu “grande experimentum crucis”<sup>520</sup>, sob o qual como homem sofredor - *Homo Patiens*<sup>521</sup>, pôde defender que tais aspectos negativos da existência humana “[...] podem

---

<sup>512</sup> Cf. Freud, Sigmund, (1930). *O Mal-Estar na Civilização*. Edição Eletrónica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Versão 2.0.). Rio de Janeiro: Imago, (2000), pp. 9-10.

<sup>513</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 13.

<sup>514</sup> Jaspers, Karl, (1950). *Way to Wisdom – an introduction to philosophy*. (Trad. Ralph Manheim). (7ª ed.) London: Yale University Press, (1964), p. 22.

<sup>515</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 13.

<sup>516</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>517</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>518</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 83.

<sup>519</sup> Cf. Almeida, Nuno, (2017). *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã*. Minho: Empresa do Diário do Minho, p. 20.

<sup>520</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 128.

<sup>521</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 74.

plasmar-se em algo positivo, numa realização. [...] mediante uma atitude e firmeza adequadas”<sup>522</sup>. Aliás, a aceitação do sofrimento com uma atitude digna é “a mais elevada acção e a mais elevada realização permitida a um homem”<sup>523</sup>, justamente porque “[...] o sentido do sofrimento não está no simples facto de sofrer, mas em como se sofre”<sup>524</sup>, ou seja, na atitude que se escolhe ter face a tal circunstância.

É assente nesta premissa, de que é possível encontrar um sentido no sofrimento, que Frankl reitera que “o sentido potencial da vida é incondicional.”<sup>525</sup>, pois “[...] uma pessoa que encontrou o sentido que procurava, está preparada a sofrer, a oferecer sacrifícios e, inclusivé, se for preciso, a dar a sua vida”<sup>526</sup>. Podemos nesta perspectiva compreender que um homem possa conduzir a sua vida de forma sacrificial, ao ponto de sofrer martírios e entregar a sua vida por amor a uma causa maior. Ou seja, é possível compreender a cosmovisão de um mártir [em grego: μάρτυς, mártys, “testemunha”], que testifica que a vida pode ter um sentido, incluindo a de entrega de si mesmo pelo bem dessa causa. Os textos bíblicos disso testificam, fazendo do sentido do sofrimento uma parábola viva.

É nos momentos de maior adversidade da vida, em que o ser humano é golpeado pelo destino<sup>527</sup>, que é fundamental que o homem tenha uma “concepção do mundo” que afirme incondicionalmente que a vida tem sentido. O contrário acometerá o homem de desolação e desespero ao perceber-se sem recursos internos para responder de forma adaptativa a tais fatalidades. Inclusivamente, é ao experienciar situações de adversidade extrema e ao confrontar-se com a sua própria finitude que o homem pode levar-se a usufruir tanto da liberdade interior, quanto da sua maturidade. Como explica Frankl:

---

<sup>522</sup> *Ibid.*, p. 28.

<sup>523</sup> *Ibid.*, p. 74.

<sup>524</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 105.

<sup>525</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 23.

<sup>526</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 18: “una persona há hallado el sentido que buscaba, está preparada a sufrir, a ofrecer sacrificios e, incluso, si ello es preciso, a dar su vida.”

<sup>527</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 99: “Chamamos destino, na verdade, ao que é essencialmente subtraído da liberdade do homem, o que não está sob o seu poder e nem é responsável por ele. [...] toda a liberdade humana implica sempre um destino”. [llamamos destino, en efecto, a lo que se sustrae esencialmente a la libertad del hombre, lo que no se halla en su poder ni es de ello responsable. [...] toda libertad humana implica siempre un destino].



“[...] se cumprirmos o sentido do sofrimento, realizamos então o que de mais humano o homem tem; amadurecemos, crescemos – crescemos para além de nós mesmos. Precisamente aí, onde nos encontramos desamparados e desesperados, quando enfrentamos situações que não podem mudar, precisamente aí é que somos chamados, e nos é exigido, a mudar a nós mesmos.”<sup>528</sup>.

Perante um contexto de “sofrimento”, o homem é impulsionado a procurar um sentido para a sua vida, na tentativa de o dirimir. Recusar esta possibilidade conduz o homem a uma situação de indolência existencial, optando por um modo de vida sem propósito e sem sentido e de entrega ao “absurdo”. Em situações de extrema adversidade existencial, Frankl vem afirmar que “[...] a possibilidade de realizar valores, através da atitude que se decide adoptar em face do sofrimento, existe até ao último momento”<sup>529</sup>. É a partir daqui que ressalta o que de exclusivo tem o homem e que o distingue dos animais, a saber, o facto de poder enfrentar as fatalidades do destino, transformando a dor ou o sofrimento em realização positiva<sup>530</sup>, transformando a tragédia pessoal num triunfo humano<sup>531</sup>.

Frankl fala-nos da realização dos “valores de atitude”<sup>532</sup> (já referidos no terceiro parágrafo deste capítulo) como aptidão para suportar o sofrimento, descrevendo-os como mais elevados ao compará-los aos “valores criadores” e aos “valores vivenciais”; justamente, porque o sentido do sofrimento é superior ao sentido do trabalho e ao sentido do amor. Não obstante, apenas quando não é possível realizar um “valor criador” para moldar o destino, o ser humano deve propor-se a cumprir um “valor de atitude” que visa a “consumação” do irremediável.

“O *Homo Sapiens* articula-se no *Homo Faber*, que cumpre o seu sentido existencial ao criar; no *Homo Amans*, que enriquece o sentido da sua vida ao

---

<sup>528</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 30.

<sup>529</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 223: “La possibilité de réaliser des valeurs, par l’attitude que l’on décide d’adopter face à la souffrance, cette possibilité-là existe jusqu’au dernier moment.”

<sup>530</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988), p. 109.

<sup>531</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 45.

<sup>532</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 131.

experimental, ao encontrar o outro e ao amar e no *Homo Patiens*, o homem que sofre e rende serviço ao sofrimento.”<sup>533</sup>.

O sofrimento cria no homem uma tensão fecunda, resultante do “ser” e do “dever ser”, impulsionando-o a uma acção através da realização daqueles “valores de atitude”. Aliás, Frankl esclarece que a dor experimentada não significa uma vida vazia, mas pelo contrário “o homem amadurece e cresce”<sup>534</sup> com as experiências penosas que a vida traz. Inclusivamente, o sofrimento salvaguarda o homem dos estados de passividade e de apatia que fecundam o incumprimento de sentido na vida. Perante um destino que não se pode alterar e que tem de se suportar, “[...] padecer representa um ‘fazer’ [...] apenas este sofrer inevitável é um sofrer pleno de sentido”<sup>535</sup>, sendo o homem desafiado a mudar quem é. À vista disso, o “[...] sofrimento tem, por si só, um sentido imanente”<sup>536</sup>, sendo a possibilidade de o homem se debater com o que o destino coloca diante de si “[...] a missão mais elevada e a verdadeira finalidade do sofrimento.”<sup>537</sup>.

“Dores têm-se, porém sofredor ‘é-se’. Sofrer significa, por conseguinte, sempre tanto como tomar alguma posição perante as suas dores, e isto significa sempre também: estar de algum modo ‘sobre’ as dores”<sup>538</sup>.

Ainda a respeito da referida “tríade trágica” como dimensão de sentido, Frankl retoma as categorias de “liberdade e responsabilidade”, às quais faz corresponder uma unidade dialéctica entre “medo” [*Furcht*] e “culpa” [*Schuld*], respectivamente, explicando que “[...] apenas um ser livre pode ter medo”<sup>539</sup> e que “[...] somente um ser que é responsável pode ser culpado”<sup>540</sup>. Ou seja, se o “medo” justifica que o ser humano não cumpra o seu dever por desconhecer o que deve fazer, a “culpa” resulta da não

---

<sup>533</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 74.

<sup>534</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 132.

<sup>535</sup> *Ibid.*, p. 139: “padecer representa ya un ‘hacer’ [...] unicamente este padecer inevitable es un padecer pleno de sentido.”

<sup>536</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 133: “el sufrimiento tiene, de por sí, un sentido immanente.”

<sup>537</sup> *Ibid.*, p. 133: “la misión más alta y la verdadera finalidad del sufrimiento.”

<sup>538</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 182.

<sup>539</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 159.

<sup>540</sup> *Ibid.*, p. 159.

realização de um “sentido”. Como esclareceu Medard Boss (1903-1990)<sup>541</sup>, o sentimento de culpa reporta a um sentido de “dever”, apontando a existência de uma carência ou de uma falta<sup>542</sup>. Analogamente, Heidegger descreve a “culpa” como um fenómeno, que questiona o homem sobre o seu *ser-culpado*, ressaltando a nulidade do seu projecto existencial como fonte originária desse sentimento, percebendo-se o homem abandonado em si próprio<sup>543</sup>.

Portanto, ao perceber-se culpado, o homem pode, enquanto *ser-livre* e *ser-responsável*, procurar dirimir essa culpabilidade, mobilizando-se para a realização do seu “apelo” existencial, podendo com dignidade tomar as rédeas do seu destino de modo a transformar-se e a superar-se<sup>544</sup>, não se escudando nas circunstâncias que a vida lhe oferece. Ou seja, se o homem é livre para pecar, é igualmente responsável para se superar a si mesmo e ir além do seu estado de culpabilidade. Uma atitude contrária, de negação desta capacidade autoformativa e auto-transformativa, traduz o “derrotismo moral” tácito do *ser-culpado*. A psicoterapia pode constituir-se como um contexto de excelência para romper com o círculo vicioso de culpa e vitimização, esta última como expressão de fuga do homem do seu *ser-responsável*. Pode acontecer que o paciente se liberte para o seu verdadeiro e próprio *ser-culpado*, e que experimente essa condição como uma possibilidade de responder ao seu “apelo existencial” – ao propósito da sua vida<sup>545</sup>.

Também Scheler, reportando-se ao sentimento de culpa, explicou que esta pode ser superada através do arrependimento<sup>546</sup>, dando lugar a um renascimento moral. Ou seja, o homem pode, por intermédio de um acto interior - no plano moral e espiritual -, dirimir um acto exterior, “corrigindo” o passado. Uma atitude contrária, de evitamento do sofrimento e rejeição da expressão das emoções negativas que lhe estão associadas, justificando que “[...] nada mais se pode fazer para alterar a situação” é uma tentativa de

---

<sup>541</sup> Medard Boss, psiquiatra e psicoterapeuta suíço, discípulo de Binswanger, tendo por isso dado continuidade ao desenvolvimento da *Daseinanalyse* como abordagem de psicoterapêutica de base fenomenológico-existencial. Conjuntamente com Heidegger, Boss organizou os conhecidos “Seminários de Zollikon”, nos quais participaram sessenta médicos e psiquiatras, daí resultando a publicação de uma obra - Heidegger, M. (1987). *Séminaires de Zurich*. (Trad. Caroline Gross). Edités par Medard Boss. Éditions Gallimard, (2010).

<sup>542</sup> Cf. Boss, Merad, (1975). *Angústia, culpa e libertação*. São Paulo: Duas Cidades, p. 31.

<sup>543</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 58, p. 781.

<sup>544</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 94.

<sup>545</sup> Cf. Boss, Merard, (1971). *Angústia, culpa e libertação*. (Trad. Barbara Spanoudis). (3ª ed.). São Paulo: Duas Cidades, (1981), p. 46.

<sup>546</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 135.

refúgio e rejeição da possibilidade auto-transformativa que o sentimento de culpa transporta. O esforço do ser humano para constantemente reprimir as suas emoções plenas de sentido e para evitar a dor, traduz-se num embotamento da sua vida afectiva. Por esta razão, a “logoterapia analítico-existencial” propõe-se “[...] colocar o homem em condições de poder sofrer, enquanto a psicanálise, por exemplo, apenas pretende torná-lo capaz de desfrutar ou executar.”<sup>547</sup>.

Por sua vez, a “morte” – elemento constitutivo da referida tríade trágica –, constitui o fundo sobre o qual o ser humano é um ser responsável. Precisamente porque “[...] a vida do homem tem sempre em vista a morte”<sup>548</sup>, este é questionado, face ao limite temporal da sua existência, acerca do modo como geriu a vida que lhe foi dada gratuitamente. Como explicou Heidegger, em *Ser e Tempo*<sup>549</sup>, o próprio futuro, ao remeter o homem para o seu *ser-para-a-morte* – enquanto possibilidade essencial à existência –, assinala a sua condição de finitude e de limitação. Por conseguinte, finitude e temporalidade não são apenas uma característica essencial da vida humana, como também são um factor constitutivo do sentido dessa mesma vida. Inclusivamente, para retirarmos o maior proveito da vida, devemos ter sempre presente a morte, justamente porque não é a transitoriedade da existência que a destitui de sentido, mas antes o facto de o homem se abster da responsabilidade de assumir a sua capacidade de realização das possibilidades transitórias que a vida lhe oferece<sup>550</sup>.

“O homem que se converte si mesmo em realidade, aquele que se ‘cria’ a si mesmo. [...] não se torna uma realidade no nascimento, mas sim na morte; [...] O seu ‘eu’ não é algo que ‘é’, mas está a tornar-se e, portanto, só chega à sua plenitude quando a vida for completada pela morte.”<sup>551</sup>.

Note-se que apenas se pode compreender a responsabilidade de um homem perante a sua própria vida sempre que a entendemos como uma responsabilidade com vista ao

---

<sup>547</sup> *Ibid.*, p. 140: “a poner al hombre en condiciones de poder sufrir, mientras que el psicoanálisis, por ejemplo, sólo se propone hacer de él un ser capaz de gozar o de ejecutar.”

<sup>548</sup> *Ibid.*, p. 52: “la vida del hombre se halla siempre a la vista de la muerte”.

<sup>549</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012).

<sup>550</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 121.

<sup>551</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 124: “el hombre el que se convierte a sí mismo en realidad, el que se ‘crea’ a sí mismo. [...] no se convierte en una realidad al nacer, sino más bien en la muerte; [...] Su ‘sí mismo’ no es algo que ‘es’, sino que está deviniendo y, por lo tanto, llega tan sólo a su plenitude cuando la vida ha sido completada por la muerte.”

carácter temporal dessa mesma vida<sup>552</sup>, ou seja, que o sentido da vida encerra em si mesmo um carácter irreversível. Existe, portanto, uma relação entre temporalidade e responsabilidade, não sendo o significado desta última negado pela natureza transitória da existência humana. O ser humano é responsabilizado pelo “modo como utiliza o seu tempo, incluindo os momentos de lazer”<sup>553</sup>. O homem tem tendência a ignorar o seu passado, lugar de recolhimento dos seus actos, alegrias e sofrimentos, mas nada pode ser banido da sua história, eternizando-se para sempre. Como afirma Frankl “[...] ter sido é a mais segura forma do ser.”<sup>554</sup>, introduzindo a este propósito um conceito inovador da “logoterapia analítico-existencial” - “optimismo do passado”, por contraposição ao que designou de “pessimismo do presente” do existencialismo<sup>555</sup>.

“A responsabilidade, que é a base de uma vida sensata, repousa sobre o fluxo de tempo, a partir do futuro que contém possibilidades no estado puro, e que são fixadas no passado, ao serem cumpridas. A responsabilidade humana baseia-se no ‘activismo do futuro’, escolhendo entre as possibilidades que o futuro nos oferece, e o ‘optimismo do passado’, o que significa que essas possibilidades se transformam em realidades, sendo assim preservadas para sempre, no paraíso do tempo passado.”<sup>556</sup>.

Torna-se, deste modo, irrelevante a duração da vida humana, por não ser a longevidade a atribuir-lhe sentido<sup>557</sup>, mas antes que próprio homem cumpra o sentido da sua vida. Vida e morte co-pertencem-se. É precisamente pelo facto de o homem viver em presença da morte<sup>558</sup> que não deve adiar a realização das possibilidades irrepitíveis que

---

<sup>552</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 83.

<sup>553</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 94: “L’être humain est ainsi confronté à la question de savoir comment utiliser son temps, aussi bien pendant le loisir, qu’au moment de la vieillesse.”

<sup>554</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 121.

<sup>555</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 115.

<sup>556</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 184: “la responsabilité, qui est le fondement d’une vie sensée, repose sur le flux du temps, à partir du futur qui recèle des possibilités à l’état pur, et qui se fixent dans le passé une fois accomplies. La responsabilité humaine repose sur l’activisme du futur”, le fait de choisir parmi les possibilités que nous offre le futur, et sur l’optimisme du passé”, qui fait que ces possibilités se muent en réalités, et qu’elles sont à jamais préservées, dans le paradis du temps révolu.”

<sup>557</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 85.

<sup>558</sup> Cf. *Ibid.*, p. 82.

a vida lhe oferece. Importa que o homem, ao longo da sua vida e independentemente da amplitude da sua biografia, finalize um propósito. Quando o homem se depara com a morte, o que importa verdadeiramente é que exista algo que possa deixar depois de si no mundo, que constitua a realização do seu sentido e de si mesmo antes que chegue o dia em que o seu tempo se tenha consumado. Em uníssono, sofrimento e morte pertencem à vida. Como afirma Frankl:

“[...] a vida é verdadeiramente uma riqueza infinita, tendo em conta as possibilidades de lhe conferir sentido – contrariamente a um sentimento absurdo que pode sussurrar aos nossos ouvidos – a vida tem um sentido incondicional, incluindo a sua parte de miséria e tragédia”<sup>559</sup>.

Suportando-se na distinção entre “o ser” e “o nada” de Sartre, Frankl extraiu desta cosmovisão existencialista “[...] não a ideia de que o ser humano não é nada [...] e de que o ser humano é uma coisa entre coisas”<sup>560</sup>, mas antes, que “o ser humano se determina a si próprio. Ao contrário das coisas, o próprio decide se deve ou não determinar-se pelas suas inclinações e pulsões, ou se pelas razões e significados que o impulsionam”<sup>561</sup>. Ou seja, não transferindo o fatalismo do pessimismo existencialista, vem defender que o ser humano é um ser em mudança e transformação. Com base na ontologia dimensional por si desenhada, esclarece ser, justamente, na “dimensão noética” que o homem não fica reduzido ao limite dos seus estados físico e psicológico, cabendo-lhe a decisão de se elevar acima do sofrimento, transcendendo-se e não se deixando configurar pelas condições que em determinado momento a vida lhe oferece. Portanto, o ser humano pode, como “homem incondicionado”<sup>562</sup>, permanecer homem em todas as condições, incluindo as mais desfavoráveis e indignas, não abdicando do seu ser, mas agarrando-se a ele incondicionalmente, não se esgotando na sua condicionalidade, pois que nenhuma condição (interna e externa) pode determiná-lo e defini-lo plenamente.

---

<sup>559</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 218: “La vie est vraiment d’une richesse infinie, en regard des possibilités de lui donner un sens – contrairement à ce que le sentiment de l’absurde murmure à nos oreilles – la vie possède même un sens inconditionnel, y compris avec sa part de misère et de tragédie.”

<sup>560</sup> *Ibid.*, p. 174: “ce n’est pas l’idée que l’être humain n’est rien... un être humain n’est pas une chose parmi d’autres choses”.

<sup>561</sup> *Ibid.*, p. 174: “l’être humain se détermine lui-même. Au contraire des choses, il décide ou pas de se déterminer lui-même, que ce soit par ses inclinations et ses pulsions qui le poussent, ou par les raisons et les significations qui le tirent en avant, et le portent.”

<sup>562</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 9.

Esta incondicionalidade humana reporta a uma definição normativa, mas também a uma definição existencial e ontológica, na medida em que o homem não se esgota na sua condicionalidade, ou seja, “[...] ao condicionalismo fáctico do homem opõe-se o seu incondicionalismo facultativo”<sup>563</sup>. Por conseguinte, independentemente do grau desse sofrimento, jamais o absurdo e o desespero deverão ser considerados respostas legítimas. Por outras palavras, é perante a adversidade que o homem se vê factualmente condicionado, mas facultativamente incondicionado, sendo livre para decidir o que quer ser em cada situação.

“ ‘O homem incondicionado’, é, em primeiro lugar, o homem que é homem sob todas as condições mais desfavoráveis e miseráveis – o homem que não nega a sua humanidade em quaisquer condições, mas, pelo contrário, ‘está com ela’ incondicionalmente.”<sup>564</sup>.

É, precisamente, quando o homem é confrontado com as contingências naturais que a vida lhe oferece, que o mesmo se pode comportar como ser livre e responsável, não se submetendo ao império do biológico (raça), do sociológico (classe) e do psicológico (tipo caracterológico)<sup>565</sup>. É sob esta condição que se torna possível o julgamento moral do homem, precisamente no momento em que este pode decidir livremente e com responsabilidade. De igual modo, a possibilidade de julgamento moral termina quando deixam de se verificar tais condições.

É, igualmente, verdade que o homem é facultativamente livre, inclusivé nas situações em que decide não ser livre, abdicando da sua liberdade. É sob esta proposição que reside a “[...] essência da neurose: a renúncia do ‘eu’ em favor de um isso, a renúncia da personalidade e existencialidade em favor da facticidade, a *epokhe* do acto existencial!”<sup>566</sup>. Nesta condição, o neurótico não é livre no sentido de ser responsável pela sua neurose, mas antes, é responsável pela atitude relativa à sua neurose. Ou seja, o neurótico detém, ainda, um determinado grau de liberdade. Segundo a “logoterapia

---

<sup>563</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>564</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 9.

<sup>565</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 35.

<sup>566</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 104: “la esencia de la neuroses: la abdicación del yo en favor de un ello, la renuncia a la personalidad y existencialidad en favor de la facticidad, la *epokhe* del acto existencial!”.

analítico-existencial” o facto de se pressupor que o ser humano, no seu espírito, é capaz de decidir livremente, remete a responsabilidade para o centro da existência humana<sup>567</sup>.

Portanto, o sentido face à provação do sofrimento pode ser encontrado pelo próprio homem quando este não abdica da sua liberdade e não impugna a sua responsabilidade face às condições que a vida lhe oferece. É, justamente, perante um destino irremediável, porque não é possível liberdade sem destino<sup>568</sup>, que o homem se pode perceber como um ser em transformação, um *ser-em-um-mundo* de possibilidades a serem realizadas e cuja realização aponta para um sentido. Para tal, é necessário que o próprio homem conceba uma finalidade para o seu sofrimento, pois o contrário acometê-lo-á de um sentimento de desespero e desgraça. Ao perceber o seu destino com fatalismo, o homem tenderá a abdicar da sua liberdade como dom, procurando alienar-se do seu sofrimento, submetendo-se a toda a espécie de trivialidade num movimento de fuga existencial.

“Ali onde nos tornamos vítima de uma situação sem esperança, de uma situação que não podemos alterar, na qual apenas nos é facultado o nosso próprio posicionamento frente a ela e a nós mesmos, de modo tal que, sob o aspecto humano, possamos amadurecer, crescer, ultrapassar-nos e, desta maneira, dar testemunho da mais humana de todas as capacidades humanas, que é a capacidade de transmutar uma tragédia pessoal em triunfo.”<sup>569</sup>.

Sobre a possibilidade de encontrar um sentido no sofrimento, releva a importância da linguagem, precisamente porque não suportando temos necessidade de o verbalizar e partilhar<sup>570</sup>. Porque o pensamento antecede o falar e “não existe pensamento sem algo pensado, sem algo a que se referir, em síntese, sem um objecto”<sup>571</sup>, a linguagem torna-se o veículo de trazer à luz esse sentido que se procura e que se pretende comunicar. O mesmo princípio se aplica à escrita. Para Frankl, a linguagem “distingue-se pela auto-

---

<sup>567</sup> Cf. Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 179: “Présuppose qu’en vertu de son esprit, l’être humain est capable de choisir librement. Ceci met la responsabilité au centre de l’existence.”

<sup>568</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 96.

<sup>569</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 23.

<sup>570</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 133.

<sup>571</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 106.



transcendência”<sup>572</sup>, por ser e permanecer em referência a um objecto, apontando para algo para além de si. É a linguagem que permite ao homem libertar-se do seu sofrimento ao dar-lhe uma forma – codificando-o. Como explica Heidegger, no ensaio *Carta sobre o Humanismo*<sup>573</sup>, é, portanto, “[...] ‘tarefa do pensar’ [Aufgabe des Denkens] trazer à linguagem, sempre novamente, este advento do ser que permanece e em seu permanecer espera pelo homem”.

Já Binswanger, havia afirmado ser por meio das palavras que podemos expressar as nossas experiências vividas, reportando-se a experiências de sofrimento associadas à perda<sup>574</sup> -, uma quebra na harmonia entre o nosso mundo e o mundo do *outro*. É através da linguagem que se pode aceder aos fenómenos psíquicos, cabendo ao psicoterapeuta familiarizar-se com os significados que a expressão verbal desperta no paciente<sup>575</sup>. Como afirmava já Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)<sup>576</sup> no *Ensaio sobre a origem das línguas*<sup>577</sup>, a linguagem “[...] tem a ver com a língua dos poetas. [...] Não se começa por raciocinar, mas por sentir.”<sup>578</sup>. A linguagem permite ao homem superar as circunstâncias do seu meio envolvente, elevando-o à amplitude do seu “mundo” e libertando-o da escravidão de uma determinada situação<sup>579</sup>.

Analogamente, Heidegger vem esclarecer que o *sentido-do-ser* se exprime como palavra, como “logos”. Ou seja, é o logos da linguagem natural que constitui a nossa grande riqueza, razão pela qual acredita ser necessário retomar este logos<sup>580</sup> para encontrar o *sentido-do-ser*. No pensamento heideggeriano, a primazia está na linguagem,

---

<sup>572</sup> *Ibid.*, p. 107.

<sup>573</sup> Heidegger, Martin, (1949). *Carta sobre o Humanismo*. (Trad. Rubens Eduardo Frias) (2ªed.). São Paulo: Centauro, (2005), p. 84.

<sup>574</sup> Cf. Binswanger, Ludwig, (1930). *Le Rêve et l'Existence*. Paris: Minuit, (1970), p. 35.

<sup>575</sup> Cf. Binswanger, Ludwig, (1947). *Introduction à l'Analyse Existentielle*. (Trad. Jacqueline Verdeaux et Roland Kuhn). Paris: Minuit, (1971), p. 116.

<sup>576</sup> Reconhecido filósofo suíço, considerado um dos principais filósofos do iluminismo e precursor do romantismo.

<sup>577</sup> Rousseau, Jean-Jacques, (1781). *Ensaio sobre a origem das línguas*. (Trad. Fernando Guerreiro). Lisboa: Estampa, (1981).

<sup>578</sup> *Ibid.*, p. 47.

<sup>579</sup> Cf. Tillich, Paul, (1962). “Existencialismo y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaboradores]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós, (1965), p. 35.

<sup>580</sup> Blanc, Mafalda, (2015). “Desconstrução e Retomada- Heidegger e a demanda do originário”. In *Philosophica*, 45, Lisboa, p. 64: O “logos” [...] é o que Heidegger pretende *reformular*, entenda-se bem – e não derrubar ou subverter! – reinterpretando-o e ampliando-o à luz do modelo dialógico bíblico. É que o ser, que essência ou presentifica a nossa realidade, não constitui uma presença fixa diante do intelecto – uma “parousia” como em grego se diria, susceptível de ser apreendida numa intuição adequada e sem resto; antes se dá como uma presença ausente, um apelo que interpela como sentido e a que o homem é chamado a corresponder enquanto nele reconhece a sua essência e determinação. Pois o espírito, que antes de todo o conhecimento sempre já se encontra implicado num diálogo com a realidade, interpreta o ser desta como Verbo, anúncio portador de uma mensagem que requer interpretação e a palavra humana para se poder expressar e concretar em todas as suas virtualidades.”.

no simbólico, no social, sendo este o lugar onde reside o mistério do homem - a sua essência. A linguagem é a habitação da “ek-sistência”<sup>581</sup> - da essência e da verdade do ser, permitindo um movimento de actualização do ser, que vindo ao presente se realiza e temporaliza. Pensamento e linguagem constituem entre si uma unidade de compreensão e interpretação do próprio ser humano. Distinto do “logos grego”, a palavra é um puro acontecer, é a “pátria espiritual que a todos nós pertence”<sup>582</sup>.

“A linguagem é a casa do ser. Nesta habitação do ser mora o homem, sendo os pensadores e os poetas os guardas desta habitação. A guarda que exercem é o acto de consumir a manifestação do ser, na medida em que a levam à linguagem e nela a conservam”<sup>583</sup>.

A linguagem surge do desejo e da necessidade inata do ser humano entrar em contacto com outro ser humano e de lhe comunicar os seus sentimentos e pensamentos, “[...] pois as paixões reaproximam os homens”<sup>584</sup>. Contrariamente ao que se possa pensar, não são as necessidades que aproximam os homens entre si. Antes, ao longo da história da humanidade, tais necessidades revelaram-se fonte de disputa e conflitualidade. De modo semelhante, Johann Herder (1744-1803)<sup>585</sup> descreve a linguagem como:

“[...] o verdadeiro carácter distintivo exterior da nossa espécie, tal como a razão constitui o interior [...] A língua torna-se assim um órgão natural do entendimento, um sentido da alma humana [...] este novo sentido do espírito, produzido por ele mesmo, seja mais uma vez, logo na sua origem, um meio para a ligação.”<sup>586</sup>.

---

<sup>581</sup> Heidegger, Martin, (1949). *Carta sobre o Humanismo*. (Trad. Rubens Eduardo Frias) (2ªed.). São Paulo: Centauro, (2005), p. 28: “não coincide nem quanto ao conteúdo, nem quanto à forma com a *existência* [...] significa estar exposto na verdade do ser”.

<sup>582</sup> Binswanger, Ludwig, (1930). *Le Rêve et l’Existence*. Paris: Minuit, (1970), p. 35.

<sup>583</sup> Heidegger, Martin, (1949). *Carta sobre o Humanismo*. (Trad. Rubens Eduardo Frias) (2ªed.). São Paulo: Centauro, (2005), p. 8.

<sup>584</sup> Rousseau, Jean-Jacques, (1781). *Ensaio sobre a origem das línguas*. (Trad. Fernando Guerreiro). Lisboa: Estampa, (1981), p. 48.

<sup>585</sup> Filósofo e escritor alemão com relevo na história da literatura alemã.

<sup>586</sup> Herder, Johann, (1772). *Ensaio sobre a origem da linguagem*. (Trad. José M. Justo). Lisboa: Antígona (1987), pp. 68-69.

Wilhelm von Humboldt (1767-1835)<sup>587</sup>, no seu ensaio *Sobre Pensamento e Linguagem*<sup>588</sup> refere-se à linguagem humana como um sistema governado por regras, e não simplesmente como um conjunto de palavras com significado. Em seu entender, “[...] a linguagem começa, por isso, imediata e simultaneamente ao primeiro acto da reflexão, e, assim que o homem acorda para a consciência-de-si a partir das profundezas do impulso”<sup>589</sup>. Descobrimos a linguagem como acepção do mundo, Humboldt reconhece a sua essência, como a realização viva do falar, a *energeia* linguística, rompendo assim com o dogmatismo dos gramáticos<sup>590</sup>. É, portanto, a linguagem que nos permite ver o mundo que nos rodeia e nos relacionarmos com ele, o qual primeiramente nos é revelado, mobilizando-nos para pensar o nosso sentir.

“É, pois, no homem e para ele, que a Criação se propõe como mensagem, canto silencioso, anúncio, poema inacabado. Ela vai ao seu encontro sub-repticiamente, pela linguagem imediata do sentimento, sitiando o seu coração, mobilizando a sua alma para a acção poética e redentora do pensar.”<sup>591</sup>.

Através do “discurso” [*die Rede*]<sup>592</sup> “[...] trazem-se também à linguagem novos modos de estar-no-mundo, de aí viver e de nele projectar as nossas possibilidades mais íntimas.”<sup>593</sup>. Precisamente porque o “discurso”, enquanto fundamento ontológico-existencial da linguagem, é o mediador entre o sentir e a compreensão, dele derivando o “sentido” - o “sobre-quê”<sup>594</sup> do discurso. A linguagem é o meio de abertura à existência, vem “dar forma à vida”<sup>595</sup>. É por meio dela que as “coisas” vêm a existir. Por conseguinte, o homem é código revelado pela linguagem. Através da linguagem -,

---

<sup>587</sup> Sábio alemão reconhecido, entre outras coisas, pelo seu trabalho em linguística.

<sup>588</sup> Humboldt, Wilhelm von, (1795). “Sobre Pensamento e Linguagem”. (Trad. Antonio Ianni Segatto). *Trans/Form/Ação*. São Paulo. 32(1): 193-198, 2009.

<sup>589</sup> *Ibid.*, p. 197.

<sup>590</sup> Cf. Gadamer, Hans-Georg, (1960). *Verdade e Método*. (Trad. Flávio Paulo Meurer). (3ª ed.). Petrópolis: Vozes, (1999), p. 642.

<sup>591</sup> Blanc, Mafalda, (1998). “Existência e Participação”. In *Estudos Sobre o Ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 114.

<sup>592</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 34.

<sup>593</sup> Ricoeur, Paul, (1976). *Teoria da Interpretação – o discurso e o excesso de significação*. (Trad. Artur Morão). Lisboa: Edições 70, (1987), p. 72.

<sup>594</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 34, p. 457.

<sup>595</sup> *Ibid.*, § 34, p. 459.

manifestação da força do espírito humano, como diria Humboldt<sup>596</sup>, o homem pode representar e expor a sua dor, dando-lhe uma forma. É por meio dela que é possível transportar a experiência privada para o domínio público, possibilitando a transcendência de uma impressão para uma expressão<sup>597</sup>.

É quando o homem exterioriza a sua dor, partilhando-a com *outro* que se dá o fenómeno da “comunicação” [*Mitteilung*] – estabelecendo-se uma ponte entre dois seres humanos – ponto de encontro e lugar de *ser-um-com-o-outro*. Como afirma Ricoeur, “[...] a solidão da vida é aí iluminada por um momento pela luz comum do discurso.”<sup>598</sup>; embora seja o “amor”, esse acto intencional<sup>599</sup>, a possibilitar “[...] compreender outro ser humano no fulcro mais íntimo da sua personalidade”<sup>600</sup>. O amor é o fundo sobre o qual se torna possível discernir a identidade existencial de um ser humano, condição essencial para que este possa efectivar as suas possibilidades de realização e, assim, cumprir o sentido do seu sofrimento. Como afirma Gadamer (1900-2002)<sup>601</sup>, “[...] o poema desperta uma vida secreta em palavras que pareciam desgastadas e consumidas, e nos esclarece assim sobre nós mesmos.”<sup>602</sup>.

## 5. A logoterapia no tratamento das neuroses: originalidade metodológica

A “logoterapia”, enquanto método psicoterapêutico, pretende destacar o futuro do paciente, com vista a encontrar os “significados a serem preenchidos”<sup>603</sup> pelo próprio. Com este objectivo, o paciente é orientando na demanda pelo “sentido da vida” - linha mestra desta abordagem psicoterapêutica. Portanto, não sendo igualmente retrospectiva e introspectiva como a “psicanálise”, a proposta frankliana propõe-se como uma metodologia complementar à psicoterapia que vinha sendo praticada à época, por lhe

---

<sup>596</sup> Cf. Gadamer Hans-Georg, (1960). *Verdade e Método*. (Trad. Flávio Paulo Meurer). (3ª ed.). Petrópolis: Vozes, (1999), p. 638.

<sup>597</sup> Cf. Ricoeur, Paul, (1976). *Teoria da Interpretação – o discurso e o excesso de significação*. (Trad. Artur Morão). Lisboa: Edições 70, (1987), p. 30.

<sup>598</sup> *Ibid.*, p. 31.

<sup>599</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 142.

<sup>600</sup> Frankl, Viktor, (1946). *O Homem em busca de um Sentido*. (Trad. Francisco Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Editora Lua de Papel, (2016), p. 113.

<sup>601</sup> Filósofo alemão reconhecido pelo seu valioso contributo para a hermenêutica filosófica.

<sup>602</sup> Gadamer Hans-Georg, (1960). *Verdade e Método*. (Trad. Flávio Paulo Meurer). (3ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes, (1999), p. 652.

<sup>603</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 102.

identificar uma incompleta antropologia, como já foi explicado no segundo parágrafo do capítulo I desta Dissertação. Nesta medida, destaca-se o facto de a “logoterapia analítico-existencial” intencionar projectar-se numa terceira dimensão humana - a “dimensão espiritual” ou “dimensão noológica” – “aquela que *faz* o ser humano”<sup>604</sup> e, que o psicologismo da época ignorou, ao posicionar-se exclusivamente nas dimensões somática e mental. Ao apresentar a sua proposta, Frankl questiona:

“[...] se não chegou o momento de que a existência humana seja focada também no campo da psicoterapia, em todas e cada uma das suas camadas, não somente em profundidade, mas também em altura, indo além, deliberadamente, não somente do nível físico, mas também do nível psíquico e abrangendo, por princípio, o campo espiritual”<sup>605</sup>.

Por conseguinte, ao defender a unidade do ser humano, Frankl afirma que “[...] o psíquico e o espiritual no homem, só podem ser separados entre si num sentido heurístico, uma vez que na unidade real da existência humana considerada como uma totalidade se encontram inseparavelmente entrelaçados.”<sup>606</sup>. Esclarece, no entanto, que nem toda a doença neurótica é de origem noogénica<sup>607</sup>, sendo necessário ter em conta não apenas o “perigo do noologismo”, segundo o qual todas as neuroses se alicerçam no desespero, como também o “perigo do patologismo”, que defende que toda a expressão de desespero conduz a uma neurose<sup>608</sup>. Com vista a fundamentar a realidade da “dimensão noológica” Frankl afirma que:

“[...] nunca se deve perder de vista que tudo o que é espiritual é regido por leis próprias. É ilícito, a partir do ponto de vista da teoria do

---

<sup>604</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 220: “c’est elle qui fait l’être humain.”.

<sup>605</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 17: “si no habrá llegado la hora de que la existencia humana sea enfocada también dentro del campo de la psicoterapia, en todas y cada una de sus capas, no sólo en profundidad, sino también en altura, rebasando así, deliberadamente, no sólo el nivel de lo físico, sino también de lo psíquico y englobando, por principio, el campo de lo espiritual.”.

<sup>606</sup> *Ibid.*, p. 32: “lo anímico y lo espiritual del hombre, sólo pueden separarse entre sí en un sentido heurístico, ya que en la unidad real de la existencia humana considerada como una totalidade se hallan inseparablemente entrelazados.”.

<sup>607</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 81.

<sup>608</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 105.

conhecimento, e constitui também um diletantismo filosófico, negar ou questionar, por exemplo, a existência de um ser divino, pelo (suposto) facto de que a ideia de Deus deve a sua origem ao medo do homem primitivo perante os poderes da natureza superiores à sua vontade<sup>609</sup>.

Ao entrar na dimensão especificamente humana - a espiritual, a “logoterapia analítico-existencial” introduz duas características antropológicas fundamentais da existência humana: 1. A “auto-transcendência” e, 2. A capacidade de “auto-distanciamento”<sup>610</sup>. A “auto-transcendência” traduz um facto antropológico fundamental da existência humana e que consiste em que esta “[...] sempre aponta para algo que não é ela própria - aponta para algo ou alguém, ou para um sentido que deve ser preenchido, ou para a existência de outro ser humano que encontra”<sup>611</sup>.

Frankl vem, assim, defender que o ser humano só se torna plenamente humano ao se consagrar a uma tarefa, ou a um serviço ou ao amor a uma pessoa, descentralizando-se e esquecendo-se de si próprio em prol desse propósito – sinónimo de “sentido”. De modo a melhor clarificar tal fenómeno, Frankl, já o dissemos, tomando o olho como exemplo, explica que este só cumpre a sua função e realiza a sua tarefa quando observa o que lhe é exterior, vendo-se a si próprio, apenas, quando está doente (e.g., catarata). Só sob esta condição tem consciência da sua própria agrura. De igual modo, assim sucede com o homem, para o qual “[...] só o esquecimento de si conduz à sensibilidade e só a entrega de si amplia a criatividade.”<sup>612</sup>.

Igualmente relevante é a capacidade de “auto-distanciamento”, a qual resulta do facto de o ser humano se distanciar e objectivar o mundo e a si mesmo<sup>613</sup>, manifestando-se esta capacidade através do humor<sup>614</sup>. Na sua qualidade antropológica, esta capacidade

---

<sup>609</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 27: “No debe perderse de vista nunca que todo lo espiritual se rige por leyes propias. Es ilícito, desde el punto de vista de la teoría del conocimiento, y constituye además un diletantismo filosófico, el negar o poner en duda, por ejemplo, la existencia de un ser divino, por el (supuesto) hecho de que la idea de Dios deba su origen al miedo del hombre primitivo a los poderes de la naturaleza superiores a su voluntad”.

<sup>610</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 17.

<sup>611</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>612</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 107.

<sup>613</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 98.

<sup>614</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 28.

é activada por orientação e encorajamento do paciente a materializar a doença que o acometeu, distanciando-se dela e aceitando-a como algo imposto pelo destino. Por conseguinte, este mecanismo permite ao paciente “[...] que o antagonismo facultativo psicoonético se torne um facto, actualizando-o, de maneira que o evento primário da doença se desnude de todas as reacções psicogénicas neuróticas e superestruturas e superposições secundárias, reduzindo-se ao seu núcleo verdadeiramente fatídico.”<sup>615</sup>.

“Uma teoria do ser humano, apropriada e adequada, deve contemplar a dimensão que caracteriza especificamente o fenómeno humano, ou seja, a dimensão noológica. Mas esta teoria seria fragmentada se não reconhecesse como essencial a abertura da existência humana numa dimensão superior. É verdade que o ser humano é um ser finito. No entanto, na medida em que compreende a sua finitude, ele torna-se capaz de superá-la”<sup>616</sup>.

A “logoterapia analítico-existencial” - uma psicoterapia que “começa a partir do espiritual”<sup>617</sup>, detem-se sobre “o sofrimento causado pela problemática humana”<sup>618</sup>, não o preterindo como um simples sintoma. É por reconhecer o combate espiritual por detrás das doenças psíquicas do homem neurótico<sup>619</sup> que Frankl, na sua proposta, coadunou a “logoterapia” e a “análise existencial”, afirmando-as como duas faces de uma mesma moeda.

Frankl reconhece que o facto de a sua abordagem psicoterapêutica se direccionar à questão do sentido e do propósito da vida, a coloca numa posição criticável “[...] sob o pretexto de exigir muito do paciente”<sup>620</sup>. Por este motivo admite que a sua abordagem psicoterapêutica não seja totalmente aceite nos círculos científicos<sup>621</sup>. Tal facto resulta da

---

<sup>615</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), pp. 80-81.

<sup>616</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 48: “Une théorie de l’être humain, appropriée et adéquate, doit permettre de le suivre sur la dimension qui caractérise de façon spécifique le phénomène humain, c’est-à-dire sur la dimension noologique. Mais cette théorie serait fragmentaire si elle ne reconnaissait pas l’ouverture essentielle de l’existence humaine sur une dimension plus haute. Il est vrai qu’un être humain est un être fini. Toutefois, dans la mesure où il comprend sa finitude, il est aussi capable de la surmonter.”

<sup>617</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 21.

<sup>618</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>619</sup> Cf. *Ibid.*, p. 21.

<sup>620</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 46: “Une psychothérapie qui propose à l’être humain d’aborder la question du sens et du but de la vie est susceptible d’être critiquée, sous prétexte de trop exiger du patient.”

<sup>621</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papyrus, (1991), p. 260.

disparidade de pressupostos motivacionais entre a “logoterapia analítico-existencial” e as teorias motivacionais vigentes na época; pois se a primeira defende que a demanda pelo sentido é a motivação primária no homem, as segundas apostam no “princípio da homeostase”, sob o qual o homem procura, antes de tudo, a satisfação das suas pulsões e instintos com a finalidade de manter o seu equilíbrio interior. Não obstante, Frankl não negando os instintos do homem no plano ôntico, mas sim a sua “instintividade”<sup>622</sup>, afirma que, apesar de o homem ter instintos, este não é movido por eles, mas pelo contrário, “[...] antes de um querer, existe um dever que se tornou consciente”<sup>623</sup>.

“Importa para afirmar os instintos não negar a liberdade perante os instintos. Importa afirmar os instintos mas não afirmá-los à custa da liberdade, mas sempre no quadro, e em nome da liberdade. Importa afirmar os instintos sem nos entregarmos ou abandonarmo-nos a eles.”<sup>624</sup>.

A “logoterapia analítico-existencial” lança-se para “uma análise do ser do homem baseado no ser-responsável”<sup>625</sup>, trazendo a si a tarefa de “tornar esse homem consciente desse seu ‘ser responsável’ ”<sup>626</sup>. Este princípio é, igualmente, aplicado ao próprio logoterapeuta que deve saber-se a si mesmo também como livre e responsável e detentor de um “espírito independente”<sup>627</sup>, potenciador de inovação e criatividade. Aliás, acerca dessa responsabilidade humana, Frankl esclarece-a segundo um imperativo categórico: “[...] vive de modo tal como viverias se pela segunda vez vivesses e tivesses feito na primeira vez tudo tão errado como intentas fazê-lo”<sup>628</sup>. É deste ditame que se depreende um intuito regenerador e salvífico nesta abordagem, ao capacitar e convidar o homem a

---

<sup>622</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 164.

<sup>623</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 112: “antes del querer existe un deber que se ha hecho consciente”.

<sup>624</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 165.

<sup>625</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 37: “como un análisis del ser hombre a base del ser-responsable.”

<sup>626</sup> Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papirus, (1991), p. 256.

<sup>627</sup> *Ibid.*, p. 256.

<sup>628</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 28.



contemplar as possibilidades que a “vida”<sup>629</sup> lhe oferece, sendo possível o recomeço por meio dessa responsabilidade assumida e revestida de igual valor de liberdade.

“Ser-homem precisamente significa decidir o que deverei fazer de mim mesmo. E isto, por sua vez, significa assumir a responsabilidade pelo que tenho feito de mim mesmo.”<sup>630</sup>.

A “logoterapia analítico-existencial” sendo orientada para o “logos”, em determinados casos, poderá não apenas ter de “[...] mobilizar a vontade de sentido, mas também de despertá-la ali onde se encontra soterrada, onde permanece inconsciente, onde se encontra reprimida.”<sup>631</sup>, apelando, portanto, à “força de obstinação do espírito”<sup>632</sup>. Por outras palavras, esta abordagem pretende trazer à consciência do paciente “[...] não apenas a pulsão inconsciente, mas também a espiritualidade inconsciente”<sup>633</sup> e, concomitantemente, despertá-lo para a sua responsabilidade em responder a indagações que a sua própria vida lhe coloca. Importa, porém, que o paciente assuma o seu papel activo, pertencendo-lhe “[...] a decisão de como interpretar o seu ser-responsável; como ser-responsável diante da sociedade, diante da humanidade, diante da consciência ou diante não de algo, mas diante de alguém, diante do divino.”<sup>634</sup>. Esta “vontade de sentido”<sup>635</sup>, premissa descrita no segundo parágrafo do capítulo I, não se circunscreve, apenas, ao nível humano, mas reporta a um nível superior, porque o homem se debate também com uma “vontade de um sentido último, com um supra-sentido”<sup>636</sup>. Como ressalta Frankl:

---

<sup>629</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 122: “La vida es un período de preguntas y respuestas que dura hasta la muerte. Por lo que se refiere a las respuestas, no me canso de decir que tan sólo podemos responder a la vida respondiendo por nuestras vidas. Responder a la vida significa ser responsable de nuestra vida.”.

<sup>630</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 27.

<sup>631</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 72.

<sup>632</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 78.

<sup>633</sup> *Ibid.*, p. 157.

<sup>634</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 87.

<sup>635</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 103.

<sup>636</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 89.

“[...] aquilo que é pedido aos seres humanos não é, como ensinam alguns filósofos existencialistas, que suportem uma vida sem sentido, mas antes que encarem a incapacidade de entender a sua incondicional significação em termos racionais. O *logos* é mais profundo que a lógica.”<sup>637</sup>

Bem sabemos que a não realização daquela “vontade de sentido” se traduz num sentimento de “frustração existencial”<sup>638</sup>, que não sendo patológica, mas apenas patogénica, apresenta-se como facultativa<sup>639</sup>. Não obstante, ao tornar-se patogénica, esta frustração manifesta-se sob a forma de doença, surgindo o que em “logoterapia analítico-existencial” se designa por “neurose noogénica”<sup>640</sup>. Nestes casos, o homem percebe-se numa existência quotidiana sem objectivo e sem conteúdo, daí experienciando sentimentos de inferioridade. Tais sentimentos, para além de poderem originar desordens neuróticas, potenciam a angústia e a tendência suicidária e, também, facilitam o surgimento de doenças psicossomáticas.

Como método, a “logoterapia” ( $\varphi$ ) “não é uma panaceia!”<sup>641</sup>, podendo definir-se de acordo com a seguinte equação: “ $\varphi = \alpha + \gamma = \Lambda$ ”<sup>642</sup>; na qual  $\alpha$  representa o carácter único e individual da personalidade do paciente;  $\gamma$  representa a personalidade igualmente única e individual do terapeuta e; por último,  $\Lambda$  representa o resultado final que difere de caso para caso, traduzindo a eficácia ou ineficácia da intervenção logoterapêutica. Releva, ainda, a fulcralidade de um posicionamento neutro por parte do psicoterapeuta no que condiz à sua “concepção do mundo” [*Weltanschauung*]. Ou seja, apesar desta abordagem incorporar a espiritualidade no tratamento, o mesmo é aplicável tanto a quem tem um espírito religioso como irreligioso, por se tratarem de “fenómenos coexistentes”<sup>643</sup>, sendo a espiritualidade humana uma evidência independente da crença de cada um. O logoterapeuta não podendo afirmar que detém as respostas que o paciente procura, deve antes incitá-lo a encontrar as suas próprias respostas com vista a encontrar um sentido.

---

<sup>637</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 119.

<sup>638</sup> *Ibid.*, p. 104.

<sup>639</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 126.

<sup>640</sup> *Ibid.*, p. 126.

<sup>641</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>642</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>643</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 85.

Enquanto metodologia, a “logoterapia analítico-existencial”, baseando-se no método fenomenológico, tem os seguintes pressupostos: 1. A redução fenomenológica; 2. A intencionalidade da consciência; 3. A descrição fenomenológica. No tratamento das neuroses, procura descentralizar as formações em círculo vicioso e os mecanismos de *feedback* que potenciam o desenvolvimento das neuroses<sup>644</sup>. Nesta abordagem, é fundamental “[...] garantir que os debates entre o humano na doença e o doentio no homem aconteçam.”<sup>645</sup>. Longe de se deter em movimentos introspectivos, a “logoterapia analítico-existencial” intenta auxiliar o paciente a restaurar tanto a sua capacidade de iniciativa para a vida – trabalho e relações interpessoais, como a sua capacidade para se mobilizar em busca de um motivo para ser feliz e, também, a sua capacidade para lidar com o sofrimento<sup>646</sup>. Aliás, o desenvolvimento da capacidade para fazer face ao sofrimento é um dos grandes trunfos desta abordagem psicoterapêutica, ao afirmar que o homem pode encontrar um sentido para a sua vida, incluindo, nas situações de adversidade e sofrimento. Sobre este aspecto, afirma Frankl que:

“[...] o que interessa é a atitude adequada, o sofrimento sincero de um destino autêntico. [...] o que importa é como se suporta o destino logo que nos escapa das mãos. Em outras palavras: quando não é mais possível moldar o destino, então faz-se necessário ir ao encontro desse destino com a atitude certa.”<sup>647</sup>.

À medida que construiu a sua teoria, Frankl esboçou uma “tipologia das neuroses”<sup>648</sup> que identificou na sua época. Com este objectivo, considerando que toda a doença psicogénica pode ser designada de neurótica<sup>649</sup>, assumiu como princípios de classificação nosológica, 1. A sintomatologia ou fenomenologia e, 2. A etiologia da doença em questão. Esta tipologia estabelece uma diferença entre as doenças de acordo

---

<sup>644</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 102.

<sup>645</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 81.

<sup>646</sup> Cf. Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 225 : “d’aider son patient à rétablir sa capacité d’initiative (ou de travail), sa capacité de vivre heureux et de faire face à la souffrance.”

<sup>647</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 74.

<sup>648</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016).

<sup>649</sup> Cf. *Ibid.*, p. 63.

com a sintomatologia<sup>650</sup> apresentada pelo paciente e, de acordo com a etiologia, ou seja, com base no modo como surgem. Segundo tais critérios, as doenças podem designar-se por fenopsíquicas, fenossomáticas, somatogénicas ou psicogénicas. Na concepção de Frankl, “[...] não só o psíquico pode ser patogénico, mas também o somático e o noético.”<sup>651</sup>.

“As neuroses não se enraízam apenas nas camadas do espírito, mas também nas camadas psicofísicas. [...] no sentido estrito da palavra, podem ser definidas não como uma doença noogénica, mas, antes, psicogénica.”<sup>652</sup>

Etiologia	Sintomatologia	
	Fenopsíquica	Fenossomática
	Somatogénica	Doença no sentido comum
	Psicogénica	Neurose orgânica

Figura 5

Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Editora Realizações, (2016), p. 60

De acordo com o pensamento frankliano, o sentido de uma doença não reside “[...] no ‘que’ do estar doente, antes no ‘como’ do sofrimento”<sup>653</sup>. Ou seja, há um sentido que se deve atribuir à doença, o que acontece sempre que o homem que sofre - o *Homo Patiens*, cumpre no sofrimento autêntico o sentido possível de um sofrimento necessário e inevitável<sup>654</sup>. Nesta ocasião, não compete ao psicoterapeuta atribuir um sentido psicossomático à doença, mas antes deve ser o paciente quem “[...] deve dar o sentido à sua doença”<sup>655</sup>, procurando-o dentro de si. É igualmente verdadeiro que “[...] o ‘que’ do estar doente também possui um sentido para além da compreensão humana, isto é, um “supra-sentido”<sup>656</sup>, existindo doenças de ordem somática e psíquica às quais o homem doente pode não ser capaz de atribuir um sentido.

<sup>650</sup> Também designada por manifestações patológicas (i.e., sintomas ou fenómenos).

<sup>651</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Editora Realizações, (2015), p. 47.

<sup>652</sup> *Ibid.*, p. 81.

<sup>653</sup> *Ibid.*, p. 82.

<sup>654</sup> Cf. *Ibid.*, p. 82.

<sup>655</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 77.

<sup>656</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 82.

Todas as doenças podem apresentar componentes tanto de ordem psicogénica, como componentes de ordem somatogénica, sendo por isso relevante conhecer “a causa primária: se é psicogénica ou somatogénica.”<sup>657</sup>, de modo a definir o tratamento adequado. Verifica-se uma relação de interdependência entre os componentes causais psíquicos e somáticos, os quais, entre si se interligam num círculo causal. Frankl distingue “neurose” de “psicose” (endógena), tratando-se esta última de uma doença que gera manifestações psíquicas (fenopsíquicas), mas que surge por causas somáticas (somatogénicas)<sup>658</sup>. Pode, ainda, sob certas circunstâncias, ser “[...] desencadeada pelo psíquico, apesar da somatogénese principal.”<sup>659</sup>.

Não devendo ser observada apenas num ângulo somatogénico, a psicose<sup>660</sup> detém, também, uma componente hereditária<sup>661</sup>, sendo por isso necessário dimensionar os factores de ordem individual<sup>662</sup>. Os traumas e a dificuldade em gerir conflitos internos integram a sintomatologia da psicose mas não constituem a sua etiologia<sup>663</sup>. Nos casos em que não seja possível reconhecer a “pessoa espiritual”, porque existe uma barreira criada pela psicose<sup>664</sup>, o logoterapeuta terá dificuldade em se aproximar do paciente, razão pela qual a logoterapia não é aplicável em todas as situações, mas antes em “psicoses leves”<sup>665</sup>.

“Na realidade, a existência psicótica também se caracteriza por um grau de liberdade - liberdade em relação à dominação pela psicose - e um último resto de responsabilidade. Responsabilidade essa pelo domínio da psicose - pela conformação do destino, chamado de psicose, pois esse destino continua podendo ser plasmado e está para ser plasmado.”<sup>666</sup>.

---

<sup>657</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 63.

<sup>658</sup> Cf. *Ibid.*, p. 60.

<sup>659</sup> *Ibid.*, p. 64.

<sup>660</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 102: “A psicose é uma somatose, pois que ela é uma doença fenopsíquica mas somatogénica. Como tal, ela é uma doença do organismo psicofísico, mas não da pessoa espiritual. [...] a pessoa sofre, simplesmente, da impotência a que está condenada pela psicose”.

<sup>661</sup> Também designada heredogénese.

<sup>662</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 68.

<sup>663</sup> Cf. *Ibid.*, p. 69.

<sup>664</sup> Cf. *Ibid.*, p. 77.

<sup>665</sup> *Ibid.*, p. 77.

<sup>666</sup> *Ibid.*, p. 77.

Na perspectiva frankliana, a “pessoa espiritual”, ainda que perturbável e condicionada, não é destruída pela doença psicofísica<sup>667</sup>. Ou seja, uma doença pode desorganizar, apenas, o organismo psicofísico<sup>668</sup>. Não obstante, é também verdade que um organismo psicofísico de bom funcionamento é condição para que a espiritualidade humana se desenvolva plenamente, não podendo o psicofísico no homem criar tal espiritualidade<sup>669</sup>. Considerando-se que a “pessoa espiritual” permanece íntegra, mesmo em caso de psicose, encontrando-se num plano recuado, pode em alguns momentos irromper o “espírito” através das camadas psicofísicas que o isolam e abrir-se ao encontro com o *outro*<sup>670</sup>. É neste ponto que a “logoterapia analítico-existencial” é aplicável a estas situações. Como afirma Frankl, “a pessoa não ‘é’ doente mas ‘tem’ uma doença.”<sup>671</sup>, mantendo a sua dignidade intacta apesar da desorganização psicofísica<sup>672</sup>. Ou seja, fala-se aqui de uma “dignidade incondicionada” por ser o seu sentido infinito<sup>673</sup> -, condição essencial à intervenção clínica<sup>674</sup>.

Frankl percorre uma senda na categorização das neuroses, com base na etiologia e na sintomatologia apresentada pelo paciente. Se, por um lado, define a neurose como uma doença psicogénica, no sentido literal da palavra; por outro lado, descreve as suas variantes num sentido mais amplo, mas também assentes numa base clínica. Assim sendo, propõe a seguinte classificação: 1. Neurose orgânica (i.e., doença psicossomática); 2. Pseudoneurose somatogénica (i.e., doença funcional); 3. Neurose reactiva (i.e., padrão de reacção de angústia neurótica; padrão de reacção neurótico-obsessiva e padrão de reacção neurótico-sexual); 4. Neurose iatrogénica; 5. Neurose psicogénica; 6. Neurose noogénica; 7. Neurose colectiva (ou de massa).

---

<sup>667</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 76.

<sup>668</sup> Cf. *Ibid.*, p. 103.

<sup>669</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 76.

<sup>670</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 100.

<sup>671</sup> *Ibid.*, p. 101.

<sup>672</sup> Cf. *Ibid.*, p. 103.

<sup>673</sup> Cf. Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 212.

<sup>674</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 104.

### 1. Neurose Orgânica (i.e., doença psicossomática)

É descrita como uma doença psicogénica fenossomática, tratando-se do efeito do psíquico no campo somático<sup>675</sup>, ou seja, não é causada pelo psíquico, mas antes por este desencadeada, opondo-se na sua etiologia à doença psicogénica que é causada pelo anímico<sup>676</sup>.

### 2. Pseudoneurose somatogénica (i.e., doença funcional)

Neste tipo de neurose a sintomatologia é micropsíquica, assim como a etiologia é microsomática<sup>677</sup>, não existindo alterações estruturais de órgãos e sistemas orgânicos, mas sim simples distúrbios de funções. A avaliação diagnóstica para exclusão da existência de pseudoneurose somatogénica é um procedimento que apenas compete a um médico<sup>678</sup>. Esta aferição é condição necessária para diagnosticar a presença de uma neurose autêntica ou psicogénica, como se descreverá no ponto 5.

### 3. Neurose Reactiva (i.e., padrão de reacção de angústia neurótica; padrão de reacção neurótico-obsessiva e padrão de reacção neurótico-sexual)

A “neurose reactiva” é também designada de “pseudoneurose somatogénica”, apresentando efeitos psíquicos e causas somáticas<sup>679</sup>. Este tipo de neurose pode assumir três padrões, a saber: 1. Reacção de angústia neurótica; 2. Reacção neurótico-obsessiva; 3. Reacção neurótico-sexual. Qualquer um destes tipos de reacção tem o mesmo denominador comum - “ansiedade antecipatória”<sup>680</sup>, cujo mecanismo de funcionamento se descreve na figura abaixo. Por se tratar de reacções de ordem psíquica, as doenças que lhes estão associadas são psicogénicas.

---

<sup>675</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 64.

<sup>676</sup> Cf. *Ibid.*, p. 94.

<sup>677</sup> Cf. *Ibid.*, p.108.

<sup>678</sup> Cf. *Ibid.*, p.118.

<sup>679</sup> Cf. *Ibid.*, p. 120.

<sup>680</sup> *Ibid.*, p. 120.

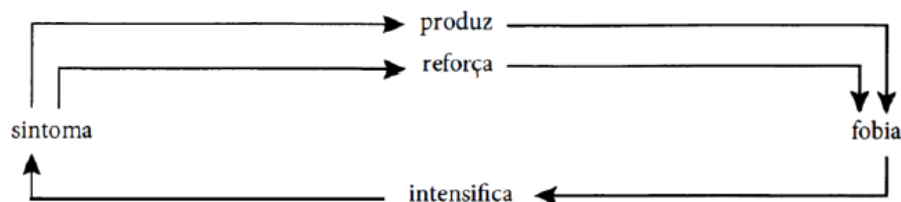


Figura 6

Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Editora Realizações, (2016), p. 121.

A “ansiedade antecipatória”, também designada de “medo do medo”, caracteriza-se por um círculo vicioso resultante da manifestação de um sintoma que produz uma fobia correspondente. Esta intensifica o sintoma que, por sua vez, ao ser potencializado, reforça o medo do paciente de uma outra manifestação sintomática. Em suma, o medo vai concretizar o que teme<sup>681</sup>. Segundo Frankl,

“[...] se o desejo é o verdadeiro pai do pensamento, o temor é a mãe do evento, ou seja, do processo da doença. Muitas vezes a neurose aparece apenas quando a ansiedade antecipatória se apodera do processo patológico.”<sup>682</sup>.

Dos padrões de reacção neurótica acima descritos, resultam três formas de neurose: 1. A “neurose de angústia”; 2. A “neurose obsessiva”; 3. A “neurose sexual”. O primeiro tipo de neurose tem como paradigma a “agorafobia”, que consiste no facto de o paciente reagir a um sintoma com receio da sua reincidência, existindo um aumento da referida ansiedade antecipatória. Tal receio conduz à reincidência do sintoma, reforçando-se, assim, o medo do paciente. Nestes casos, o paciente pode temer o próprio medo, ou seja, pode sentir “medo do medo” tal como se descreve na figura abaixo.

<sup>681</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 122.

<sup>682</sup> *Ibid.*, p. 122.



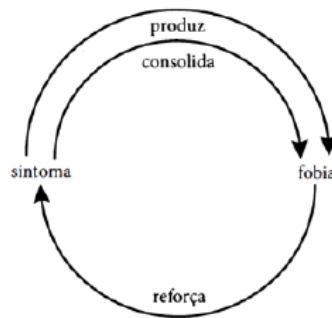


Figura 7

Frankl, V. (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Editora Realizações, (2016), p. 29.

Por exemplo, se o paciente anteriormente sofreu um ataque de pânico, conseqüentemente vai apresentar angústia de expectativa relativa ao retorno de um novo ataque<sup>683</sup>, manifestando este medo ao temer a colapsofobia (i.e., medo de desmaiar), a infartofobia (i.e., medo de sofrer um ataque cardíaco) ou a insultofobia (i.e., medo de sofrer um derrame cerebral)<sup>684</sup>. O paciente não teme a angústia em si, mas antes que as excitações causadas pela angústia possam ser nefastas à sua saúde. A reacção típica do “medo do medo” é a fuga, o que conduz ao isolamento do paciente que evita sair de casa. Como explica Frankl, “[...] a fuga do medo ao evitar a situação que desencadeia o medo é decisiva para a perpetuação do padrão de reacção da neurose de angústia”<sup>685</sup>.

O segundo tipo de reacção patogénica - a “neurose obsessiva”, caracteriza-se pelo facto de o paciente estar sob pressão, devido aos pensamentos obsessivos que tem, procurando reprimi-los através de uma pressão oposta. Por sua vez, é esta pressão oposta que vai potenciar a pressão original, ocorrendo um fechamento do círculo, ao qual o paciente fica circunscrito. O paciente luta contra os seus pensamentos obsessivos, receando que estes possam retratar mais do que uma neurose, vindo a manifestar uma psicose. Nestes casos, o paciente tem medo de si próprio por recear vir a pôr em prática os seus pensamentos, indo contra alguém ou contra si mesmo. Este círculo é perceptível na figura abaixo.

<sup>683</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 122.

<sup>684</sup> Cf. *Ibid.*, p. 123.

<sup>685</sup> *Ibid.*, p. 29.



Figura 8

Frankl, V. (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Editora Realizações, (2016), p. 30.

Por comparação, e em contraste ao primeiro padrão de reacção descrito – “reacção de angústia”, Frankl esclarece que “[...] enquanto o neurótico de angústia foge da angústia, o neurótico obsessivo luta contra a obsessão.”<sup>686</sup>. Uma das características do neurótico obsessivo consiste em apresentar “uma aversão a tudo o que é provisório.”<sup>687</sup>, razão pela qual procura que tudo, incluindo a própria existência e a realidade do mundo, seja definido e definitivo. Por esta razão, em contexto psicoterapêutico um paciente que apresente este tipo de “reacção” deve “[...] ser conduzido à auto-cessação do racionalismo, segundo o lema: O mais razoável é não querer ser razoável demais.”<sup>688</sup>.

Por último, o terceiro padrão de reacção patológica - “neurose sexual” - manifesta-se através de dificuldades ao nível da potência e do orgasmo. Nestes casos, o neurótico sexual “[...] intenciona forçar o prazer sexual ou intenciona reflectir ao extremo o acto sexual”<sup>689</sup>. Nenhuma destas atitudes é uma solução para o problema, mas pelo contrário potencia-o. Como descreve Frankl:

“[...] a luta pelo prazer, a luta pela potência e pelo orgasmo, a vontade de prazer, a hiper-intenção forçada ao gozo conduzem não ao prazer, mas a uma hiper-reflexão forçada sobre si mesmo: inicia-se, durante o acto, a

<sup>686</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 132.

<sup>687</sup> *Ibid.*, p. 136.

<sup>688</sup> *Ibid.*, p. 137.

<sup>689</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 50.

observar a si mesmo e, se é possível, a também espiar o parceiro. É o fim para a espontaneidade.”<sup>690</sup>.

De acordo com o pensamento frankliano, o prazer acontece quando vivenciamos a “auto-transcendência”, ou seja, sempre que nos entregamos ao amor, passando o prazer e a auto-realização pela entrega de si mesmo e pelo “esquecimento de si” [*Selbstverleugnung*]<sup>691</sup>. Portanto, na neurose sexual o paciente tem por aspiração primária realizar a sua “vontade de poder”, pelo que o prazer se torna o conteúdo e o objecto exclusivos da sua atenção. Por esta razão, o prazer como efeito já não pode ser alcançado<sup>692</sup>. Neste tipo de neurose, a ansiedade antecipatória é o mecanismo “que fixa a disfunção da potência”<sup>693</sup>.

Nos “distúrbios de potência”, a hiper-intenção sucede em virtude de o paciente encarar o acto sexual como uma expressão do seu desempenho, sentindo-se obrigado a cumprir o acto sexual<sup>694</sup>. Esta compulsão pode ser originada no próprio ou causada por uma situação externa, como por exemplo, uma parceira que seja sexualmente exigente. Nestes casos, existe o risco de que o encontro sexual se transforme numa técnica<sup>695</sup>, configurando-se a sexualidade num meio para atingir um fim – o prazer, desvirtuando-a da sua qualidade expressiva, subtraindo-a da vida amorosa. Como explica Frankl, no neurótico sexual pode encontrar-se uma frustração da “vontade de sentido”, na medida em que “só no vazio existencial prolifera a libido sexual”<sup>696</sup>, na tentativa de compensar tal frustração existencial.

---

<sup>690</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 59.

<sup>691</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 50.

<sup>692</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 66.

<sup>693</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 138.

<sup>694</sup> Cf. *Ibid.*, p. 51.

<sup>695</sup> Cf. *Ibid.*, p. 144.

<sup>696</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 69.



Figura 9

Frankl, V. (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Editora Realizações, (2016), p. 50.

#### 4. Neuroses Iatrogénicas

Frankl descreve, ainda, um quarto tipo de neurose - a “neurose iatrogénica” que constitui um subgrupo das neuroses reactivas<sup>697</sup>. Nestes casos, é o clínico que avalia o paciente e que pode constituir o factor patogénico ao fazer uma afirmação irreflectida sobre a sintomatologia apresentada, potenciando, assim, o mecanismo de “ansiedade antecipatória” que vai fixar o sintoma. A prevenção deste tipo de neurose começa com a anamnese, que permite que “[...] o paciente objective o sintoma e, ao mesmo tempo, se distancie dele”<sup>698</sup>, descentralizando a sua atenção. É fundamental não desvalorizar as queixas do paciente, inclusivamente quando se verifica a inexistência de causas orgânicas. Uma atitude de banalização do sintoma conduz, muitas vezes, a que o paciente proteste contra o diagnóstico, concentrando-se iatrogenicamente nele, o que constitui o primeiro factor patogénico<sup>699</sup>.

“Tão prejudicial quanto falar demais pode ser também o silêncio; é quando o médico se torna muito misterioso e, ainda que com boas intenções,

<sup>697</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 65.

<sup>698</sup> *Ibid.*, p. 147.

<sup>699</sup> Cf. *Ibid.*, p. 147.

oculta totalmente um achado desfavorável. O doente não sabe qual é a sua situação e tende a suspeitar de algo mais grave.”<sup>700</sup>.

A intervenção psicoterapêutica, nestes casos, deve centrar-se em transmitir ao paciente que a “ansiedade antecipatória” e a “auto-observação forçada” têm um papel e um significado no sintoma iatrogénico apresentado, o qual não deve ser encarado como patológico. O objetivo desta intervenção consiste em que o paciente deixe de se sentir estigmatizado e que a queixa apresentada deixe de ter fundamento.

## 5. Neurose Psicogénica

Frankl descreve a “neurose psicogénica” (ou neurose autêntica) como resultante de vivências traumáticas, embora considere que, na etiologia destas doenças, releva a carga hereditária em detrimento da carga anímica<sup>701</sup>. Nesta perspectiva, Frankl contraria a tendência para se apontarem as experiências traumáticas ou conflitos psíquicos como a causa das neuroses, tal como sucede no psicologismo da sua época, que fervorosamente combateu. Os efeitos dos traumas anímicos dependem da estrutura psicológica da própria pessoa. É, portanto, esta estrutura que vai determinar o modo como tais traumas vão ser elaborados e integrados na história de vida da pessoa.

Desta forma, compreende-se que pessoas diferentes possam vivenciar o mesmo contexto, mas relatar experiências distintas, as quais se revelam de carácter individual, único e irrepetível. Por esta razão, não se deve tentar dirimir todo o tipo de trauma ou conflito interno com a finalidade de prevenir o surgimento de neuroses. Inclusivamente, como esclareceu Frankl, sabe-se que “[...] situações de extrema necessidade e crise, via de regra, são acompanhadas por uma diminuição de doenças neuróticas [...] uma carga no sentido de uma exigência chega a melhorar a saúde mental.”<sup>702</sup>. O contrário também se aplica, na medida em que “[...] situações de alívio - ou seja, de liberação de uma carga psicológica longa e intensa - são perigosas do ponto de vista da higiene mental.”<sup>703</sup>, tendendo o ser humano a extravasar essa sensação de alívio de variadas formas, incluindo

---

<sup>700</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 148.

<sup>701</sup> Cf. *Ibid.*, p. 154.

<sup>702</sup> *Ibid.*, p. 153.

<sup>703</sup> *Ibid.*, p. 153.

as menos responsáveis. Em suma, as “neuroses psicogénicas” podem retratar-se do seguinte modo:

“[...] se imaginarmos o campo de uma fenomenologia das neuroses psicogénicas circunscrito numa elipse, medo e obsessão representariam ao mesmo tempo os dois focos dessa elipse. [...] O medo e a obsessão correspondem às duas possibilidades básicas da existência humana, o ‘medo’ e a ‘culpa’. As condições ontológicas para essas duas possibilidades [...] são a liberdade e a responsabilidade do ser humano.”<sup>704</sup>.

## 6. Neurose Noogénica

De acordo com o pensamento frankliano, a “neurose noogénica” pode ter a sua origem num problema espiritual, um conflito de consciência ou uma crise existencial<sup>705</sup>, o que conduz o paciente a experienciar “uma frustração da vontade de sentido”<sup>706</sup> e, concomitantemente, a apresentar sintomas neuróticos. É fundamental destrinçar a origem da sintomatologia, pois, por vezes, a procura de apoio clínico pode estar associada a problemas humanos e não, necessariamente, a sintomas psíquicos. É, também, verdade que “[...] nem todos os conflitos são necessariamente neuróticos”<sup>707</sup>, sendo saudável uma certa medida de conflito interior, como já se explicou. Com a finalidade de esclarecer sobre este tipo de neuroses, Frankl reporta-se ao psicologismo da sua época, segundo o qual as neuroses estavam sediadas em conflitos internos e complexos. Fez, por isso, a seguinte afirmação:

“ [...] a neurose noogénica não se reporta a complexos e conflitos no sentido clássico, mas deriva de conflitos de consciência, de colisão de valores e, *last but not least*, de uma frustração existencial, a qual, uma vez ou outra,

---

<sup>704</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 159.

<sup>705</sup> Cf. *Ibid.*, p. 65.

<sup>706</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 104.

<sup>707</sup> *Ibid.*, p. 105.

pode expressar-se e manifestar-se sob a forma de uma sintomatologia neurótica”<sup>708</sup>.

Aliás, o facto de a “escola de psicoterapia” determinar a compreensão da neurose, determina a intervenção psicoterapêutica a seguir. Se para a “psicanálise”, “[...] a repressão é a causa da neurose e a transferência o seu meio de cura”<sup>709</sup>, para a “psicologia individual” “[...] o sentimento de inferioridade exige por sua vez a compensação; seja no âmbito da comunidade [...] seja na condução a uma compensação ou a uma supercompensação desse sentimento para além da comunidade”<sup>710</sup>. É assente nestes pressupostos que, no tratamento da “neurose noogénica”, a “logoterapia” é a terapia apropriada, por ser aquela que intervém na “dimensão especificamente humana” - a espiritual. Nesta medida, esta abordagem recusa reduzir os fenómenos especificamente humanos a fenómenos sub-humanos ou a deduzi-los destes<sup>711</sup>.

“A neurose, para a psicanálise, representa em última instância uma limitação do eu enquanto consciência, e, para a psicologia individual, uma limitação do eu enquanto responsabilidade. Ambas as teorias incorrem numa limitação concêntrica do seu horizonte científico: num caso, é limitado à *consciência do homem*, no outro, à sua *responsabilidade*”<sup>712</sup>.

Portanto, na perspectiva frankliana, os sintomas neuróticos não resultam apenas de conteúdos sexuais, como defende a psicanálise e nem são meios para atingir um fim, segundo defende a psicologia individual, mas apresentam-se como uma expressão das mais diversas tendências psíquicas<sup>713</sup>. A questão que muitos colocam em contexto psicoterapêutico: Que sentido tem a minha vida? condiz a um problema de cariz “meta-

---

<sup>708</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 11.

<sup>709</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 138: “la répression comme cause de la nevrose, et le transfert comme moyen de sa cure.”

<sup>710</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 37.

<sup>711</sup> Cf. *Ibid.*, p. 87.

<sup>712</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 12: “la neurose, para el psicoanálisis, representa en última instancia una limitación del yo en cuanto conciencia, y, para psicología individual, una limitación del yo en cuanto responsabilidad. Ambas teorias incurren en una *limitación concéntrica* de su *horizonte científico*: en un caso, se limita a la *conciencia del hombre*, en el outro, a su *responsabilidad*.”

<sup>713</sup> *Ibid.*, p. 16.

clínico”<sup>714</sup>, porque uma psicoterapia que não considere a dimensão noológica não tem a devida resposta. Esta indagação, como sabemos, é superior a questões de ordem psíquica ou somática. Na sua época, Frankl observou que o ser humano começou a procurar apoio clínico, e não aconselhamento espiritual, quando confrontado com a sua necessidade de encontrar um sentido para a sua vida. Esta realidade resultou de um mundo secularizado. Como afirma, no século XX, o que aumentou foi “[...] a necessidade das massas -, em meio às suas crises espirituais - de procurar um psiquiatra.”<sup>715</sup>.

## 7. Neurose Colectiva

Relativamente à “neurose colectiva” ou “neurose de massas”, cuja designação indica tratar-se de uma manifestação de grupo, Frankl explicou que tal neurose consiste numa expressão epocal, como resultado de um contexto sócio histórico e cultural específico. Por esta razão, também, se utiliza a designação de “doença da época”<sup>716</sup>, daí derivando o que Frankl defendeu: “[...] cada época necessita da sua própria psicoterapia para lidar com ela.”<sup>717</sup>. Cingindo-se ao seu contexto epocal, Frankl identifica o “vazio existencial” da sociedade de massas como uma forma de “neurose colectiva” emergente. Explicou que este vazio “[...] pode ser descrito como uma forma privada e pessoal de niilismo, pois o niilismo pode ser definido como a ideia de que existir não tem sentido.”<sup>718</sup>.

Com base em tais proposições, as neuroses de massas, não sendo neuroses num sentido clínico mas “neuroses num sentido figurado”<sup>719</sup>, caracterizam-se pela presença de quatro sintomas: 1. “atitude existencial provisória”, sob a qual o indivíduo vive o quotidiano não considerando necessário agir sobre o próprio destino; 2. “atitude fatalista” perante a vida, segundo a qual o homem se sente produto ou resultado das circunstâncias externas ou de condições internas; 3. “pensamento colectivista”, de acordo com o qual o indivíduo anula a própria personalidade e procura diluir-se na massa, sendo, na realidade,

---

<sup>714</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 117.

<sup>715</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 164.

<sup>716</sup> *Ibid.*, p. 165.

<sup>717</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 128.

<sup>718</sup> *Ibid.*, p. 128.

<sup>719</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 168.



afogado dentro da massa; abdicando do seu ser livre e responsável; 4. “fanatismo” que se traduz no facto de o indivíduo ignorar aqueles que pensam de forma diferente, não aceitando as diferenças e fazendo valer apenas a sua própria opinião<sup>720</sup>.

Estes quatro sintomas podem ser condensados na tendência que o homem tem de evadir-se da sua liberdade e do medo que tem de assumir a sua responsabilidade perante a vida e de responder às questões que esta lhe coloca. É nesta medida que uma psicoterapia que negue a liberdade do homem para decidir qual a atitude a ter perante determinadas condições (externas e internas), vai reforçar o “fatalismo neurótico”<sup>721</sup>.

“Ora a responsabilidade e a liberdade são a base da identidade espiritual do homem. Mas, o homem contemporâneo – e isto caracteriza-o – sofre de fadiga espiritual, e esta fadiga é talvez a essência do niilismo”<sup>722</sup>.

É esta atitude niilista do homem contemporâneo, que o acomete de um sentimento de vazio existencial, que se manifesta socialmente num fenómeno de massas. Esta “neurose colectiva” consubstancia uma tríade de comportamentos sintomáticos, a saber: 1. Depressão; 2. Agressão; 3. Adicção<sup>723</sup>, existindo “[...] prova empírica de que a predisposição para o suicídio, para o comportamento violento e para a dependência de droga, se devem à perda de sentido”<sup>724</sup>. A este respeito, Frankl acrescenta uma nuance ao comportamento suicida, ao afirmar que “[...] o suicida também crê num sentido, ainda que não de vida, de continuação da vida, mas ao menos no sentido da morte”<sup>725</sup>, caso contrário não teria sequer forças para pôr termo à vida.

---

<sup>720</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 122.

<sup>721</sup> Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco J. Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016), p. 129.

<sup>722</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 227: “Or la responsabilité et la liberté fondent l’identité spirituelle de l’homme. Mais, l’homme contemporain – et c’est caractéristique – est atteint de fatigue spirituelle, et cette fatigue est peut-être l’essence même du nihilisme”.

<sup>723</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 26.

<sup>724</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 215: “Nous avons aujourd’hui la preuve empirique que la prédisposition au suicide, le comportement violent, et la dépendance à la drogue, sont en fait, dus au manque, ou à la perte de sens.”.

<sup>725</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 88.

Consoante o tipo de neurose apresentada pelo paciente, a “logoterapia” pode apresentar-se como uma “terapia específica ou não específica”<sup>726</sup>. Assim, tanto nas neuroses psicogénicas, como nas pseudoneuroses somatogénicas, a abordagem logoterapêutica é eficaz como terapia não-específica, por não se focar no sintoma, mas antes na atitude do paciente relativamente ao sintoma; uma vez que a patogenia, em muitas situações, advém da atitude negativa do próprio. É ao procurar conduzir o paciente a uma mudança de atitude que a “logoterapia” pode ser qualificada como uma “terapia de reorientação”<sup>727</sup>.

No que diz respeito à metodologia e técnica logoterapêuticas, Frankl reforça que a “logoterapia” se destaca por ser a “escola de psicoterapia” que desenvolveu técnicas psicoterapêuticas propriamente ditas<sup>728</sup>, a saber: 1. A “intenção paradoxal” e 2. A “derreflexão”. Estas são veículos da “capacidade auto-distanciamento”<sup>729</sup> que a logoterapia visa promover no paciente, face ao seu sofrimento.

A “intenção paradoxal”, usada desde 1929<sup>730</sup>, mas formalmente aplicada em 1939<sup>731</sup>, é muito semelhante aos métodos de tratamento da “terapia comportamental” que surgiram mais tarde. Esta técnica baseia-se em mecanismos de enfrentamento disponíveis no ser humano<sup>732</sup> e tem por objectivo desenlaçar os mecanismos circulares identificados na “neurose de angústia” e na “neurose obsessiva”. Por sua vez, este desenlace concretiza-se à medida que os receios dos pacientes se vão minimizando através do confronto directo que estes fazem aos seus próprios receios.

Tanto na “neurose de angústia” como na “neurose obsessiva”, a “intenção paradoxal” aplica-se através de uma “hiperintenção”<sup>733</sup>. Ou seja, “[...] o paciente é orientado a desejar (neurose de angústia) ou a fazer (neurose obsessiva) aquilo que tanto

---

<sup>726</sup> Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papirus, (1991), p. 71.

<sup>727</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>728</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 127.

<sup>729</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 43.

<sup>730</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 57.

<sup>731</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 127.

<sup>732</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 48.

<sup>733</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 60.

teme.”<sup>734</sup>. Deste procedimento resulta uma inversão da intenção inicial que caracteriza os dois padrões patológicos de reacção, isto é, o evitamento do medo através da fuga e a luta contra os pensamentos obsessivos. A aplicabilidade desta técnica foi comprovada no tratamento de “neuroses obsessivo-compulsivas e de fobias”<sup>735</sup> e, também, em casos de “vaginismo”<sup>736</sup>. A este respeito Frankl esclarece que:

“[...] do mesmo modo que a intenção forçada patogénica deve ser substituída na terapia pela intenção paradoxal, de maneira análoga a hiperreflexão patogénica precisa, como correctivo, de uma derreflexão”<sup>737</sup>.

A “derreflexão” visa a dissolução da atenção localizada no sintoma e baseia-se na “capacidade de auto-transcendência”<sup>738</sup> – fenómeno antropológico fundamental já descrito. Promover esta capacidade em contexto psicoterapêutico é fundamental para inverter a “hiperreflexão”, precisamente porque o homem que está centrado em si próprio perde de vista o sentido que possa tornar a sua vida digna de ser vivida. Esta técnica apresenta grandes resultados quando aplicada no tratamento da “neurose sexual”<sup>739</sup>. Nestes casos, ao verificar-se uma hiperintenção patogénica, sob a qual o paciente luta não contra algo, mas para obter prazer sexual, é fundamental prescrever a proibição do acto sexual, apenas com permissão para pequenas aproximações ao acto. Nas palavras de Frankl: “[...] do mesmo modo que a derreflexão reage contra a hiperreflexão, a proibição ao acto sexual acaba com a hiperintenção.”<sup>740</sup>.

“Uma psicoterapia humana, humanizada e reumanizada coloca como pré-requisito que mantenhamos o olhar na auto-transcendência e saibamos usar o auto-distanciamento. Mas ambos não são possíveis se enxergamos no

---

<sup>734</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 31.

<sup>735</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 127.

<sup>736</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 63.

<sup>737</sup> *Ibid.*, p. 60.

<sup>738</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 28.

<sup>739</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 169.

<sup>740</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 62.

homem um animal. Nenhum animal se preocupa com o sentido da vida e nenhum animal sabe rir.”<sup>741</sup>.

A “logoterapia analítico-existencial”, sendo uma “psicoterapia personalista”<sup>742</sup>, não se centra nos sintomas, mas antes antecipa as possibilidades mais valiosas do homem<sup>743</sup>. Sob esta orientação, o logoterapeuta esforça-se por conduzir o paciente a uma mudança de atitude perante a sintomatologia que apresenta; bem como, promover “[...] a ampliação do espaço dessa liberdade a partir do momento em que se cria uma distância entre o humano no doente e o doente no homem.”<sup>744</sup>. Não obstante, apesar de Frankl ter desenvolvido as suas próprias técnicas logoterapêuticas, é o próprio a afirmar que “[...] a psicoterapia é bem mais vantajosa do que a técnica, é uma arte que vai para além da ciência, é, por isso, uma expressão de sabedoria.”<sup>745</sup>.

Por tudo o que até aqui se elencou, torna-se plausível afirmar o carácter inovador da “logoterapia analítico-existencial”, por ser esta a “escola de psicoterapia” que, surgindo em oposição ao psicologismo da “psicanálise” e da “psicologia individual”, vem salientar que a procura de um sentido para a vida detém um valor existencial, afirmando-a como a força dinamizadora do espírito humano. Ao descrever o sofrimento, a culpa e a morte como dimensões de sentido, esta intervenção psicoterapêutica procura, através da análise das possibilidades de sentido que lhes estão associadas, encontrar uma resposta à angústia humana daí derivante. Pelas palavras de Frankl,

“[...] só a logoterapia tem uma metodologia legítima para [...] se envolver numa discussão imanente dos problemas da concepção do mundo, entrando em debates objetivos e intrínsecos em torno da angústia espiritual do homem que sofre psiquicamente”<sup>746</sup>.

---

<sup>741</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 28.

<sup>742</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 49.

<sup>743</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 181: “anticipar las posibilidades más valiosas del hombre.”.

<sup>744</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 49.

<sup>745</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 134: “La psychothérapie est bien avantage qu’une technique, c’est un art, elle va bien au-delà de la science, en cela elle est aussi une sagesse.”.

<sup>746</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 31: “Sólo la logoterapia tiene títulos

### Capítulo III: Implicações Antropológico-Filosóficas e Ético-Sociais da “logoterapia e análise existencial”

#### 1. O homem técnico: o retorno à comunidade

A sociedade contemporânea -, expressão máxima da “Terceira Revolução Industrial”, também conhecida como “Revolução Digital” ou “Era do Conhecimento”, caracteriza-se por uma racionalização exacerbada sem possibilidade de respiração. O homem contemporâneo está imerso no conhecimento técnico adquirido através da inovação tecnológica. Esta inovação acarretou significativas alterações na relação do homem com a natureza, por se ter isentado o “ser” da experiência da vida<sup>747</sup>. Ou seja, desenraizou-se o homem do terreno originário da semântica do ser. Este é o maior impacto que a tecnologia teve sobre a humanidade, acarretando grandes transformações económicas e sociais. A tecnologia – sob a forma da biotecnologia e tecnologia de informação, é o projecto da ciência moderna. Neste trilho, criou-se um “mundo técnico” sem respiração e de calculabilidade, que conduziu o ser humano a uma crise de sentido.

“De modo que a crise de sentido começou por manifestar-se a nível epistémico, com a naturalização dos princípios da razão, a sua interpretação como modos de ser subjectivos ou inter-subjectivos para daí se alastrar depois a outras esferas da cultura e da vida social.”<sup>748</sup>.

A “Revolução Industrial” extinguiu o sentido de vida que o homem encontrava na comunidade – matriz da sociedade agrícola, desenraizando-o dos métodos de produção artesanal para o inserir nos métodos de produção industrial. O ser humano concentrou-se na produtividade e passou a viver em prol do trabalho, relegando para segundo plano a vida comunitária. Aliás, a família foi a primeira célula de expressão comunitária a reflectir estas alterações, sendo evidentes mudanças significativas nas relações familiares. Foi,

---

metodológicos de legitimidade para [...] volverse hacia la discusión inmanente de los problemas de concepción del mundo, entrando en debates objetivos e intrínsecos en torno a la angustia espiritual del hombre que sufre psiquicamente.”.

<sup>747</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1954). “A Questão da Técnica”. In *Ensaio e Conferências*. (Trad. Emmanuel Carneiro Leão/Gilvan Fogel/Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Vozes, (2002), p. 19.

<sup>748</sup> Blanc, Mafalda, (2011). “Crise do Sentido e Tarefa do Pensar”, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, p.22.

também, esta sociedade industrializada, instigadora de sede de prosperidade, que conduziu a movimentos migratórios. Destes resultou um desenraizamento dos povos com consequente perda de valores e de tradições, engendrando-se um mundo no qual o ser humano é consumido pela pressão do tempo. É, também, esta “recusa de tradições”<sup>749</sup> que se vem a constituir como um dos principais factores responsáveis pelo “sentimento de vazio existencial” no colectivo, ao se ter perdido o sentido de vida comunitária. Como afirma Frankl, “[...] a comunidade pode ser a meta para a qual se direciona a existência. Principalmente, a comunidade dos seres, a comunidade íntima de um eu com um tu.”<sup>750</sup>.

A sociedade capitalista, fundada pelo mecanicismo<sup>751</sup>, ao divinizar a produtividade e o crescimento económico, estabeleceu uma ditadura de trabalho. Já no Livro de Eclesiastes (2:11) é feita referência a esta ditadura como “ vaidade e aflição de espírito”<sup>752</sup>. É sob estas inclinações mecânicas que o homem se esqueceu dos fins e idolatrou os meios<sup>753</sup>. Ou seja, o homem contemporâneo, detentor de um saber técnico é, para o trabalho e pelo trabalho, em troca do usufruto de prazer de consumo – sinónimo de felicidade. Para o homem técnico, um homem direccionado para o “progresso” e para o “êxito”, o sentido da sua vida assenta nestas duas categorias. Neste *modus vivendi* não há lugar para o desespero experienciado pelo *Homo Patiens*- homem sofredor, que pode aí encontrar um sentido para a sua vida, como já se explicou no quinto parágrafo do capítulo II. Aliás, “[...] aos olhos do *Homo Faber* o triunfo do *Homo Patiens* é loucura e escândalo.”<sup>754</sup>, porque para este último o sofrimento é compreendido como uma possibilidade de realização e não de sucesso. Nesta medida, existe uma diferença dimensional entre o *Homo Faber* e o *Homo Patiens*, da qual resulta uma superioridade deste último, precisamente porque a essência do homem consiste em ser uma pessoa que sofre. Como descreve Frankl:

---

<sup>749</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 25.

<sup>750</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 159.

<sup>751</sup> Abbagnano, Nicolai, (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Martins Fontes, p. 653: “Entende-se por explicação mecanicista a que utiliza exclusivamente o movimento dos corpos, entendido no sentido restrito de movimento espacial. Nesse sentido, é mecanicista a teoria da natureza que não admite outra explicação possível para os fatos naturais, seja qual for o domínio a que eles pertençam, além daquela que os interpreta como movimentos ou combinações de movimentos de corpos no espaço.”

<sup>752</sup> *Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. (Trad. Ferreira de Almeida). (9ª ed.). São Paulo: Vida, (2005), p. 363.

<sup>753</sup> Cf. Scheler, Max, (1912-1913). *Da Reviravolta dos Valores*. (Trad. Marco Casanova). Petrópolis: Vozes, (1994), p. 184.

<sup>754</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 75.

“[...] o *Homo Faber* é aquele que podemos com razão chamar de um homem de êxito; conhece somente duas categorias, e só nelas pensa: o sucesso e o fracasso. A sua vida agita-se então entre esses dois extremos, na linha de uma ética do êxito, ao contrário do *Homo Patiens*: as categorias deste não são o sucesso ou o fracasso, mas a realização e o desespero.”<sup>755</sup>.

Portanto, existe compatibilidade entre realização pessoal e insucesso, o mesmo se verificando entre o êxito e o desespero. Precisamente, porque, um homem profissionalmente mal-sucedido pode sentir-se realizado em outro domínio da sua vida, no qual encontrou um sentido e; um homem bem-sucedido profissionalmente pode conviver com um profundo sentimento de falta de sentido para a sua vida. Neste caso, com vista a superar esse sentimento, é fundamental que o homem vivencie o seu trabalho como uma missão, entregando-se a ele e percebendo-se como único e insubstituível no desempenho desta função.

Não é a falta de êxito que destitui a vida de sentido<sup>756</sup>, mas antes o próprio fracasso, as experiências mais dolorosas da vida podem traduzir-se em sentido. Não é uma vida com sofrimento e dor que significa uma vida vazia, mas sim não encontrar um sentido em cada um destes contextos. Uma especificidade do humano é não apenas sofrer, mas experienciar a dor como auto-transformativa, a qual, como “experiência pura de vivência”, nos dá a dimensão do sentido. Como já descrevemos no terceiro parágrafo do capítulo II, é mediante a realização de “valores de atitude” face à experiência de dor associada a contextos penosos, que o homem pode alcançar maturidade e desenvolver-se espiritualmente. É assente nesta premissa, que “[...] o lugar na escala de valor do *Homo Patiens* é mais alto do que o do *Homo Faber*.”<sup>757</sup>.

O homem técnico - *Homo Technologicus* [*Der technologische Mensch*], movido por uma “vontade de poder” nietzschiana, estabelece com a natureza uma relação de domínio, tendo por objectivo a produção de riqueza e a acumulação de capital. Como afirmou Scheler, “[...] com a expansão da civilização moderna, as coisas – do homem, a

---

<sup>755</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 74.

<sup>756</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 132.

<sup>757</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 83.

máquina da vida, a natureza, que o homem quer dominar e que busca, por isso, reconduzir à ordem mecânica – tornaram-se senhoras e mestras dele mesmo”<sup>758</sup>. Esta é uma forma de “niilismo activo”, afirmando-se a vida como expressão de poder, extravasando o homem os seus próprios limites e fronteiras. Exemplo disso é o “transumanismo”<sup>759</sup>, hoje o expoente máximo dos avanços tecnológicos aplicados à ciência. O homem contemporâneo almeja sobrepor-se à própria morte, projectando tornar-se um “super-homem”, como predisse Nietzsche<sup>760</sup>. Este é, aliás, um dos actuais objectivos da humanidade – a “divindade”<sup>761</sup>. No entanto, esta não é uma vontade exclusiva do homem contemporâneo. Bem sabemos que foi esta a intenção do homem quando decidiu comer do fruto da “árvore do conhecimento do bem e do mal”, após ter-lhe sido dito que “no dia em que comerdes desse fruto, os vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.” (Livro de Génesis 3: 5)<sup>762</sup>.

O desenvolvimento de uma “cultura técnica”<sup>763</sup> a partir do século XIX, caracterizada por uma acentuada ausência de meditação contemplativa, trouxe consequências ônticas civilizacionais, pois conduziu o homem a uma profunda racionalização relativa à compreensão da existência e do seu “ser existente”. O conhecimento tornou-se objectivo como raiz ontológica, configurando-se uma civilização do objecto e não do humano. Esta é uma das formas de expressão de niilismo contemporâneo. Na verdade, a raiz do problema não está na técnica em si, mas no modo como nos relacionamos com o saber técnico. Para o homem este conhecimento científico é sinónimo de poder, disponibilizando-lhe certezas, das quais lhe advém um sentimento de segurança. Longe de avançar para o desconhecido, para o abismo onde pairam as possibilidades - fontes originárias de angústia, o homem contemporâneo rumo para as certezas – fontes originárias de segurança.

---

<sup>758</sup> Scheler, Max, (1912-1913). *Da Reviravolta dos Valores*. (Trad. Marco Casanova). Petrópolis: Vozes, (1994), p. 182.

<sup>759</sup> Movimento intelectual que visa transformar a condição humana através do desenvolvimento de tecnologias amplamente disponíveis para exponenciar as capacidades intelectuais, físicas e psicológicas humanas. Tem por objectivo erradicar qualquer forma de sofrimento humano causado por doenças, pelo envelhecimento ou mesmo pela morte. A tese mais comum é a de que os seres humanos serão capazes de se transformar em diferentes seres com habilidades tão grandemente expandidas a partir da condição natural, de modo a merecer o rótulo de pós-humano, relegando para segundo plano a evolução biológica.

<sup>760</sup> Cf. Nietzsche, Friedrich, (1883). *Assim falou Zaratustra- um livro para todos e para ninguém*. (Trad. Carlos Duarte/Anna Duarte). (4ª ed.). São Paulo: Martin Claret, (2017).

<sup>761</sup> Cf. Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 31.

<sup>762</sup> *Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. (Trad. Ferreira de Almeida). (9ª ed.). São Paulo: Vida, (2005), p. 2.

<sup>763</sup> Jaspers, Karl, (1913). *Psicopatología general*. México: Fondo de Cultura Económica, (1993), p. 846.



Com este propósito de segurança, a biotecnologia tem avançado numa luta desenfreada contra o envelhecimento, como se este resultasse de uma falha do sistema – do corpo. Por outras palavras, “[...] o principal objectivo da ciência moderna é o de derrotar a morte e conceder aos seres humanos a eterna juventude.”<sup>764</sup>. Mas o que sucederá ao homem quando deixar de se confrontar com a sua finitude - com o seu *ser-para-a-morte*? Onde encontrará o “sentido” da sua vida? O que fará o homem com o seu *ser-livre* e com o seu *ser-responsável*? Através do saber técnico o homem pretende ter poder sobre o ciclo do tempo, procurando dominar a realidade; por ser a voracidade do tempo que o angustia, estando o presente constantemente a fugir e a reportá-lo à possibilidade de poder findar-se a qualquer momento.

É da responsabilidade do homem a sua escolha por um modo de vida sediado na tecnologia, e o seu consequente desenraizamento da natureza. Nesta escolha, o homem aparta-se do seu *modo-de-ser* mais autêntico, deixando de *ser-no-mundo* para *ter-no-mundo* alguma coisa. Ao estar deslumbrado com o que a sociedade capitalista lhe oferece, o ser humano torna-se insensível aos alertas da sua própria consciência<sup>765</sup>. A sociedade tecnológica, ao impor determinadas condições laborais com vista à produtividade, desviou o homem de ter no desempenho do seu trabalho um campo que permita a auto-realização e cumprimento de um sentido. Não é difícil compreender que ao perceber-se como parte integrante de uma linha de montagem de produção industrial, o homem contemporâneo se perceba sem um sentido para a sua vida. Precisamente, porque neste tipo de organização social, um indivíduo é só mais um entre tantos outros; o que inviabiliza vislumbrar o cumprimento único e insubstituível do seu desempenho laboral.

Note-se, porém, que há uma troca de interesses, pois se, por um lado, a indústria precisa do homem para a produtividade; por outro lado, o próprio homem sente-se mais seguro ao desempenhar o seu trabalho desta forma, cingindo-se a executar o que é imposto. Por conseguinte, o trabalho confina-se a um meio para alcançar um fim – uma remuneração mensal que proporcione boas condições de vida. Mais uma vez, compete ao homem decidir o que quer ser e como quer fazê-lo, justamente porque consciência, responsabilidade e liberdade assistem-no em todas as situações da sua vida.

---

<sup>764</sup> Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 35.

<sup>765</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 159.

O século XXI, ao postular um modelo cibernético aplicado à humanidade, portanto assente num paradigma mecanicista, vem instrumentalizar a realidade. Neste modelo, se a natureza é concebida como um conjunto de corpos inertes, o homem é concebido como uma máquina, cujo funcionamento cerebral se assemelha a um computador. Com base no saber científico, o homem contemporâneo defende que a vida pode ser gerida tecnicamente. Ou seja, nega-se o valor da vida, por ser o conhecimento científico a deter poder. Neste tipo de sociedade, a doença humana é compreendida como uma expressão de inadaptação, razão pela qual deve ser tratada com fármacos. Ao rejeitar-se toda a compreensão ontológica do fenómeno humano, tem-se procurado um controlo bioquímico do homem<sup>766</sup>. Com efeito, desumaniza-se o que há de especificamente humano no homem, ao retirar-lhe a experiência ontológica, sob a qual o homem *pode-ser*. A cibernética vem, assim, pôr em causa o ideal moderno que centralizou o homem como uma super-potência, ao apresentar um novo ideal- o *Homo-deus* descrito por Yuval Harari<sup>767</sup>. Segundo o historiador, a transformação dos seres humanos em deuses pode seguir três caminhos, a saber: a manipulação biológica, a manipulação cibernética e a manipulação de seres não-orgânicos.

Uma sociedade capitalista, ao valorizar a máquina em detrimento do humano, vai promover o desemprego. Gradativamente, temos assistido à permuta do homem pela máquina. Exemplo disso é a substituição da mão-de-obra humana por mão-de-obra robótica, presente nas portagens das autoestradas e nos hipermercados. O desemprego, “uma forma de ócio involuntário”<sup>768</sup>, pode originar uma forma de neurose específica, que Frankl designou de “neurose de desemprego”<sup>769</sup>. Este tipo de neurose emerge de uma depressão grave e assenta num profundo sentimento de inutilidade, porque “[...] o desocupado é propenso a dizer de si mesmo: ‘Estou sem trabalho; portanto, sou inútil e, conseqüentemente, a minha vida não tem sentido’ ”<sup>770</sup>. Nestes casos, a vida é vivida de modo provisório e desresponsabilizado, pois tudo se deve a um destino incondicional.

---

<sup>766</sup> Cf. Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 53.

<sup>767</sup> Cf. *Ibid.*, p. 55.

<sup>768</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 23.

<sup>769</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 148.

<sup>770</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 18.

Aliás, parece-nos ser neste ponto que se revelam insuficientes os subsídios sociais como resolução do sentimento de falta de sentido que o homem continua a sentir na sua condição de desempregado. Não basta, exclusivamente, favorecer-lhe as condições para a sua subsistência primária. Já diz a sabedoria popular: “Não dê o peixe, antes ensine a pescar”. Com efeito, parece-nos ser necessário desmistificar a concepção de “sentido” que o desempregado tem, pois para este o trabalho profissional é a única ocupação que pode dar um sentido à sua vida. Na perspectiva frankliana, a capacidade de trabalho de um homem não constitui razão suficiente e necessária para trazer um sentido à sua vida. Se é verdade que um homem pode ter capacidade de trabalho e ter uma vida carente de sentido, o inverso também se verifica<sup>771</sup>.

O mesmo pensamento é comum nos aposentados, os quais, sem projecto futuro, se confrontam com o seu próprio processo de envelhecimento. Neste âmbito, é notório que um processo de envelhecimento projectado, vivido com uma ocupação traduz-se em realização pessoal. Sabemos que, aqueles que planeiam a ocupação do seu tempo pós reforma, integrando actividades de voluntariado, não padecem de falta sentido para a sua vida. Isto porque o trabalho, mesmo sem remuneração, pode representar o espaço de ligação entre o indivíduo e a comunidade<sup>772</sup>, permitindo-lhe a manifestação da totalidade da sua pessoa, do seu *ser-homem*, enquanto – *ser-em-situação-no-mundo-e-com-os-outros*. Como afirmou Frankl: “[...] o tédio tornou-se a causa de primeira ordem da doença mental”<sup>773</sup>, por ser a falta de sentido para a vida um mote para desajustes no funcionamento do psiquismo humano.

Sobre o envelhecimento e a sua vivência, a sociedade contemporânea abarca dificuldades acrescidas, ao olhar para o idoso com desprimor e divinizar o jovem, considerando ser este o portador do saber exímio que pode decifrar o futuro. Aliás, prova disso é a luta contra o envelhecimento travada pela biotecnologia<sup>774</sup>. É deste modo que a sociedade actual revela um desprezo pelo passado e prestígio pelo futuro, ainda que desconhecido. Perante esta empobrecida situação humana emerge a questão: O que farão tais pessoas com todo o seu tempo livre? Como se ocuparão? Que sentido atribuirão à sua existência? Será esta falta de sentido fonte originária dos quadros demenciais no idoso?

---

<sup>771</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 154,

<sup>772</sup> Cf. *Ibid.*, p. 144.

<sup>773</sup> Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 167.

<sup>774</sup> Cf. Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 31.

À visto disso, parece-nos não restarem dúvidas de que a “era da tecnologia” tem-se traduzido por sérias consequências ao nível da saúde mental do ser humano. Se o idoso é remetido a um estado depressivo como expoente máximo da desvalorização que sobre si recai; o jovem é lançado a um estado maníaco, por ter o futuro nas suas mãos, acalentando ideias grandiosas. Nestas situações, não são raros os casos do recurso ao consumo de anfetaminas com o objectivo de aumentar os níveis de energia e potenciar a criatividade.

“Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão”<sup>775</sup>.

O modelo hedonista dos contemporâneos, descrito por Harari, assenta na procura da felicidade através do prazer e na fuga ao sofrimento<sup>776</sup>. Com este propósito, promove-se uma dessensibilização do humano, cujo perigo é a indiferença aos outros. A tecnologia tem o condão de desmobilizar o homem da relação com o *outro*, por destituir de sentido as relações interpessoais. Na sociedade actual, as relações sociais pautam-se por um modo de *estar-com-os-outros* individual e solitário. O ser humano convenceu-se que as suas escolhas e decisões só a si dizem respeito, bem como as consequências daí derivantes. Por conseguinte, o homem nega algo que lhe é constitutivo, *ser-com-os-outros*.

Por ser constitutivamente um ser social, os homens têm a necessidade de estabelecerem, entre si, um sistema, uma rede interligada de conexões interdependentes, co-responsabilizando-se uns pelos outros e por tudo o que concirna ao bem-comum. Ao isentar-se desta responsabilidade, o homem deixa de estar aberto ao mundo e circunscreve-se a si próprio, almejando a realização das suas vontades particulares. Este *modus vivendi* não só fomenta a disputa pelo poder, como potencia a conflitualidade. Este aspecto é curiosamente relevado no Livro de Génesis (4:9), num diálogo entre Deus e Caim, quando este é questionado sobre o paradeiro do irmão que matou, tendo este respondido com isenção e desresponsabilização sobre a vida do *outro*: “Acaso sou eu guardador do meu irmão?”<sup>777</sup>. O homem contemporâneo convenceu-se que se basta a si

---

<sup>775</sup> Santos, Milton, (2007). *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, p. 49.

<sup>776</sup> Cf. Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 53.

<sup>777</sup> *Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. (Trad. Ferreira de Almeida). (9ª ed.). São Paulo: Vida, (2005), p. 2.

próprio e que a sua auto-suficiência económica lhe permite uma subsistência plena de prazer, ainda que solitária. Não obstante, é inevitável o confronto com a impossibilidade de se comprar um sentido para a vida, por maior que seja o poder de compra; porque esse sentido não pode ser adquirido como um bem.

Na história *O Príncipezinho*<sup>778</sup>, de Antoine de Saint-Exupéry, a personagem “homem de negócios” retrata um homem que, estando sobrecarregado com os “negócios desta vida”, visando acumular riqueza, não repara na presença do *outro*, que descreve como *incómoda*<sup>779</sup>. No diálogo entre o “homem de negócios” e o “príncipezinho”, este explica que não importa ter-se alguma coisa ou alguém se não se estiver disposto a cuidar, dizendo ao “homem de negócios” que: “[...] é útil para os meus vulcões e é útil para a minha flor que eu os tenha. Mas tu não és útil para as estrelas!”<sup>780</sup>. Ou seja, o homem que procura unicamente usufruir dos bens materiais, estabelece com estes uma relação de posse, abdicando de um dos seus *modos-de-ser* específicos e autênticos – o cuidado [*Sorge*]. É, precisamente, este um dos aspectos que Frankl ressalta na sua teoria ao referir-se à “auto-transcendência”, sob a qual o ser humano tem uma tendência natural para se dirigir para outro ser humano.

“Enquanto os indivíduos, segundo o seu carácter, as suas condições de vida e as suas ocupações, se estabelecem em pontos diferentes, produz-se uma separação em seitas e partidos, uma maneira de tratar todos os problemas do ponto de vista partidário, um desaparecimento de toda a comunidade interior, o perigo de um isolamento psíquico em meio à multidão de contactos exteriores. [...] hoje nós vivemos interiormente em mundos diferentes, e estes mundos separam-se, restringem-se cada vez mais, até ao dia em que cada homem viverá finalmente em seu mundo particular.”<sup>781</sup>.

A sociedade contemporânea - descendente do capitalismo, ao direccionar o homem para a produtividade e, conseqüentemente, para o lucro financeiro, colocou-o sob o jugo do tempo, como já tinha afirmado, proverbialmente, Benjamin Franklin (1706-1790)<sup>782</sup>:

---

<sup>778</sup> Saint-Exupéry, Antoine, (1946). *O Príncipezinho*. (Trad. Joana Morais Varela). (30ª ed.). Barcarena: Presença, (2008).

<sup>779</sup> Cf. *Ibid.*, p. 45.

<sup>780</sup> *Ibid.*, p. 49.

<sup>781</sup> Eucken, Rudolf, (1846). *O Sentido e o Valor da Vida*. (Trad. João Távoa). Rio de Janeiro: Delta, (1962), pp. 107-108.

<sup>782</sup> Conhecido como cientista, jornalista, editor, autor, filantropo, político norte-americano.

“tempo é dinheiro”. Por isso, disseminado este ditame, as relações humanas tornaram-se cronometradas. O tempo é contabilizado ao segundo e aquilo que não produz um resultado imediato pode ser remetido para segundo plano. Pois bem, nos afectos a ampulheta não funciona. É necessário tempo e tempo de qualidade para que se possam colher os frutos do verão, mas impõem-se a vivência anterior do outono, do inverno e da primavera. Como disse a “raposa” ao “príncipezinho”:

“[...] só conhecemos o que cativamos [...] Os homens deixaram de ter tempo para conhecer o que quer que seja. Compram as coisas já feitas aos vendedores. Mas como não há vendedores de amigos, os homens deixaram de ter amigos. Se queres um amigo, cativa-me!”<sup>783</sup>.

É, justamente, quando o homem se predispõe a ler o mundo e a relacionar-se com os demais que pode ver o todo, e localizar-se na sua singular existência. Está diante de si a possibilidade de alcançar o seu *ser-mais-próprio*. É na quotidiana interpretação-de-si, expressa no *dizer-eu*<sup>784</sup>, que se traduz o homem na sua condição de *ser-no-mundo* [*In-der-Welt-sein*], isto é, “eu-sou-em-um-mundo”. A afirmação “eu sou” reporta ao verbo, à palavra, à acção. Esta acção configura a “auto-transcendência” frankliana originada quando o homem aponta para algo para além de si mesmo, escolhendo o que vai fazer e o que vai ser num mundo de “sentido” e de “valores”. O contrário, centrando-se o homem em si próprio, adoece-o, perdendo de vista o sentido da sua vida. Como afirma Van Den Berg (1914-2012)<sup>785</sup>, “[...] a solidão é o factor essencial da psiquiatria.”<sup>786</sup>.

Este foi, também, o resultado do *Século das Luzes* – da modernidade, que com as suas ideias iluministas, centralizou o homem, divinizando-o. Esta foi uma era na qual se apostou na liberdade individual como expressão máxima da autonomização do homem. Numa oposição à tradição e aos costumes, abdicou-se do sentido e dos valores em troca de liberdade individual, acreditando-se ser este o caminho para construir um futuro melhor.

---

<sup>783</sup> Saint-Exupéry, Antoine, (1946). *O Príncipezinho*. (Trad. Joana Morais Varela). (30ª ed.). Barcarena: Presença, (2008), p. 69.

<sup>784</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 64, p. 867.

<sup>785</sup> Psiquiatra holandês reconhecido pelo seu contributo para a psicoterapia fenomenológica.

<sup>786</sup> Berg, Van Den, (1964). *O Paciente Psiquiátrico – esboço de uma psicopatologia fenomenológica*. (Trad. Elísia Alves dos Santos Rodrigues). São Paulo: Livro Pleno, (2000), p. 90.

Este pensamento sobrepujou-se para a contemporaneidade. Como constatou Frankl, na sua época, a “[...] auto-deificação é uma das formas de niilismo que a Europa conheceu”<sup>787</sup>, motivando-se o ser humano na sua própria ascensão social, vangloriando-se pelos mais variados motivos. Foi deste modo que o homem negligenciou a relação que estabeleceu com o mundo que o rodeia por “[...] não haver lugar para um encontro real entre um ser humano e outro ser humano, bem como com o mundo dos objectos do *outro*.”<sup>788</sup>. Ou seja, este é um “homem monadológico”<sup>789</sup> para o qual os objectos do mundo já não são vistos na sua essência objectiva, mas antes como instrumentos úteis aos quais recorre com a finalidade se de auto-actualizar e preservar a sua homeostase<sup>790</sup>. Trata-se de um modo de viver sem um propósito e sem uma finalidade, porque o homem tem em si mesmo o seu próprio sentido de vida, vivendo sob o ditame: “[...] comamos e bebamos, porque amanhã morreremos.” (Livro de Isaías 22:13)<sup>791</sup>.

“A ciência efectua esta operação de doutrinação no homem médio actual através dos meios de comunicação, dizendo-lhe que não é mais do que o produto de uma série de processos socioeconómicos e psicodinâmicos, o mero produto da predisposição e do meio ambiente, da herança e da educação.”<sup>792</sup>.

Como se explica que o homem contemporâneo, vivendo por si e para si, no usufruto de uma sociedade de abundância, se perceba com um sentimento de “vazio existencial” profundo que o acomete de ideação suicida? Bem sabemos que se tem verificado um elevado aumento da taxa de suicídio<sup>793</sup> nos países ditos desenvolvidos.

---

<sup>787</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 207: “l’auto déification est sans doute l’une des sources du nihilisme qu’a connu l’Europe”.

<sup>788</sup> *Ibid.*, p. 100: “il n’y a d’un côté aucune place pour une véritable rencontre entre un être humain et un autre être humain, et le monde des objets de l’autre.”

<sup>789</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 111: “A monadologia diz respeito a uma antropologia psicologista que considera que a psique do homem é um sistema fechado, procurando este a restabelecimento dos seus estados intrapsíquicos.”

<sup>790</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), p. 111.

<sup>791</sup> *Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. (Trad. Ferreira de Almeida). (9ª ed.). São Paulo: Vida, (2005), p. 379.

<sup>792</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 89.

<sup>793</sup> Cf. Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 45.

Não são raros os casos em que hoje o homem pode escolher uma profissão que responde às suas capacidades e talentos, mas sem que se perceba com um sentido para a sua vida. É comum ouvir-se: tenho tudo, o emprego que sonhei, a casa, o carro, dinheiro para gastar, mas estou angustiado. A minha vida não tem sentido... Como se explica que alguém tenha visto realizado o seu sonho profissional, exercendo a sua profissão com sucesso, mas se sinta frustrado existencialmente? Na verdade, o que realiza o homem não é tanto o que ele faz, mas sim, o modo como o faz<sup>794</sup>. Falamos aqui dos “valores criadores” que mencionámos no parágrafo 3 do capítulo II, os quais ocupam o primeiro plano de acção na vida de um homem, sendo o desempenho da profissão o campo de realização desses mesmos valores.

Porém, a realização destes valores é direccionada para a comunidade, aí sediando-se a sua fonte originária de sentido, ao assentar numa atitude de entrega pessoal para o bem-comum. Com efeito, na sociedade contemporânea não é este o princípio que rege o organograma social. Aliás, mesmo as profissões direccionadas para a prestação de cuidados de saúde e de apoio social são fonte de muita insatisfação pessoal. Os procedimentos são uniformizados, o tempo é cronometrado e o profissional é cada vez mais um entre muitos outros. Não há lugar para se *poder-ser* original, criativo e único, de modo a que cada um se possa sentir insubstituível na tarefa que está a desempenhar. Não falamos aqui de ser o melhor, mas antes que no exercício da sua profissão o homem possa transcender o que há de profissional, transpondo para o seu trabalho o que há em si de único e de peculiar. É nesta medida que o desempenho de uma profissão se pode tornar uma arte, não se cingindo a um desempenho mecânico<sup>795</sup>. Estão, assim, abertas as possibilidades de realização de “valores”, não só criativos, através do trabalho, como vivenciais, por meio do amor posto em cada obra realizada para o bem-comum – a comunidade. Como afirma Frankl, “[...] o trabalho sem amor é apenas um substituto; o amor sem trabalho, é um ópio.”<sup>796</sup>.

Para além destes valores – criativos e vivenciais, abrem-se também possibilidades para a realização dos “valores de atitude”, quando o homem se confronta com seu sofrimento pessoal, mas também quando sofre com o *outro* - com o seu semelhante. Esta é a expressão máxima de “experiência pura de vivência” de comunidade. Note-se, porém,

---

<sup>794</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 144.

<sup>795</sup> Cf. *Ibid.*, p. 145.

<sup>796</sup> *Ibid.*, p. 155: “El trabajo sin amor es solamente un sustitutivo; el amor sin trabajo, un opio.”.



que um dos grandes embates da tecnologia na sociedade actual foi dirimir o sofrimento no homem, com vista a inibir a “angústia existencial” e, assim, alienar a busca de sentido para a vida. Ao orientar-se o homem para o capitalismo e, portanto, desarraigando-o da comunidade, o homem tornou-se gradativamente apático, primeiramente deixando de empatizar com as suas próprias necessidades (i.e., físicas, anímicas e espirituais) e, conseqüentemente, com as necessidades dos demais, tornando-se indiferente ao *outro*.

Aqui releva a importância dos meios de comunicação social como veículos promotores de tal indiferença. Em “horário nobre” noticiam, com banalização, desastres e mortes, passando a mensagem de que enquanto uns comem, outros morrem nas piores condições. Enfim, o valor da vida humana torna-se “corriqueiro”. Concomitantemente, tanto se noticiam catástrofes mundiais e rumores de guerras, como se anuncia o próximo “Campeonato do Mundo de Futebol” -, a grande potência do entretenimento mundial. É sob esta “existencialidade bipolar” que o ser humano procura sensações para evitar o sentimento de “vácuo existencial”, esquivando-se do confronto com a falta de sentido da sua vida – numa tentativa de “evasão neurótica”<sup>797</sup>.

Talvez a resposta a esta crise de sentido vivenciada pelo *Homo Technologicus* [*Der technologische Mensch*] comece ao despertá-lo para o jugo da escravidão do capitalismo e as suas conseqüências. Com efeito, parece-nos ser necessário desenraizar a “razão” da existência humana e devolver ao homem a experiência da vida por meio da sua relação com a natureza. Deste modo, poder-se-á abrir caminho para que o ser humano retorne à comunidade e retome o seu sentido original. Falamos aqui na ressurreição do *Homo Amans* [*Der liebende Mensch*] como caminho de libertação do homem contemporâneo, cujo saber técnico ludibriando-lhe o entendimento, o alienou da sua necessidade primordial de “busca do sentido”.

## **2. O homem técnico: entre o *dever-ter* e o *dever-ser***

Na sociedade do século XXI, o “consumo” assume um valor cultural, sendo o poder de compra a segregar o cidadão, repartindo-o em grupos de acordo com as suas possibilidades de acesso a bens. Aliás, metamorfoseando o *cogito* de Descartes, podemos

---

<sup>797</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 159.

mesmo dizer: “Compro, logo sou”<sup>798</sup>. É com base nesta cosmovisão, que o homem ocidental busca uma felicidade por meio do usufruto do mundo material, idolatrando a matéria. Como observou o chefe aborígene samoano de Tiavéa da ilha de Upolu, no início do século XX:

“[...] mas nenhum Papalagui quer renunciar ao dinheiro. Nem um só o faz. Quem não gosta dele é alvo de zombarias, é ‘valea’. ‘A riqueza – isto é, ter muito dinheiro – torna uma pessoa feliz’, diz o Papalagui, e também: ‘O país que tiver mais dinheiro será o mais feliz!’ ”<sup>799</sup>.

Por conseguinte, o homem contemporâneo não busca a *felicidade aristotélica*<sup>800</sup>, descrita como um *bem supremo* e resultante da sua acção social, com vista a desenvolver o *hábito da virtude*. Pelo contrário, vive para si mesmo, gravitando na busca de uma felicidade que mais não é do que um somatório de prazeres episódicos. Sobre a felicidade esclarece Frankl que:

“[...] se tivermos motivo para sermos felizes, a felicidade virá a nós de modo espontâneo. E quanto menos nos preocuparmos com ela, tanto mais seguros estaremos da sua presença.”<sup>801</sup>.

Por outras palavras, podemos dizer que a felicidade é um bem que nos é acrescentado à medida que vivemos uma vida com um “sentido” e sob o qual nos realizamos ao cumprirmos o nosso projecto existencial<sup>802</sup>, assumindo o *ser-homem* com verdade e autenticidade. Acerca da prosperidade económica como sinónimo de felicidade, Frankl explicou que durante anos, num pós-guerra de luta pela reconstrução das cidades e reinvenção da vida, acreditou-se que bastava melhorar a condição socio-económica dos povos para que todos se sentissem felizes. Porém, apaziguada a luta pela sobrevivência,

---

<sup>798</sup> Bauman, Zygmunt, (2001). *Vida para Consumo*. (Trad. Carlos Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar, (2007), p. 26.

<sup>799</sup> Scheurmann, Erich, (1920). *O Papalagui*. (Trad. Luiza Neto Jorge). Lisboa: Antígona, (2003), pp. 25-26.

<sup>800</sup> Cf. Aristóteles, (1973). *Ética a Nicómaco*. (Trad. António de Castro Caeiro). São Paulo: Atlas, (2009).

<sup>801</sup> Frankl, Viktor, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990), p. 14.

<sup>802</sup> Cf. Cottingham, John, (2003). *On the Meaning of Life*. London and New York: Routledge, p. 77.

ainda no século XX, surgiu a pergunta: *sobreviver, para quê?*<sup>803</sup>, não obstante de estarem reunidas melhores condições de vida. Contrariamente, os povos dos países subdesenvolvidos apresentam maiores índices de felicidade, confrontando os “países do primeiro mundo” com essa realidade.

Vivemos, hoje, uma sociedade imersa numa cultura do “ter”, em detrimento do “ser”, como resultado da era moderna do capitalismo, iniciada com a “Revolução Industrial” e consequente alargamento da classe média, uma das suas grandes expressões. Os efeitos destas mudanças sociais foram, já no século XIX, identificadas por Marx e Engels<sup>804</sup>, os quais afirmaram que em lugar de todos os sentidos físicos e espirituais, a sociedade capitalista trouxe o *sentido-do-ter*, reportando-se à propriedade privada, ao trabalho e à capitalização como fonte de estupidação do homem. Justamente porque o homem se convenceu que um objecto somente é seu quando o tem, quando existe para si enquanto capital ou quando é imediatamente possuído, comido, bebido, vestido ou habitado.

Ao longo da História tem-se observado que apesar de uma sociedade de abundância poder satisfazer grande parte das necessidades do homem, essa sociedade não pode e nem poderá satisfazer a necessidade de “sentido” para a vida. Aliás, pelo contrário, tem procurado, através dos avanços tecnológicos, calar esse clamor do espírito humano, “dourando a pílula”, ao convencer o ser humano de que todos aqueles avanços lhe trazem uma segurança inabalável. Inclusivamente sob o capitalismo, o homem tem sido conduzido a procurar a imortalidade, a felicidade e a sua própria divindade<sup>805</sup>, encontrado aí um ilusório sentido para a sua existência.

“O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o factor fundamental; antes, é o facto de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las.”<sup>806</sup>.

---

<sup>803</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 19.

<sup>804</sup> Marx, Karl e Engels, Friedrich, (1976). *Textos sobre Educação e Ensino*. (Trad. Rubens Eduardo Frias). São Paulo: Centauro, (2006).

<sup>805</sup> Cf. Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 65.

<sup>806</sup> Arendt, Hannah, (1958). *A Condição Humana*. (Trad. Roberto Raposo). (10ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, (2007), p. 62.

Apesar de termos uma sociedade global que oferece aos seus cidadãos cada vez melhores condições de vida, estes não têm uma razão para viver, sendo este o solo sobre o qual se tem manifestado a depressão como a “doença do século”. É nesta sociedade de abundância que se verificam maiores índices de mortalidade associados a comida em excesso (em vez de fome), a velhice (em vez de doenças infecciosas) e a suicídio (em vez de criminalidade – terrorismo e guerra)<sup>807</sup>. Em tempo algum o homem esteve tão só, tão abandonado em si próprio, socorrendo-se de drogas lícitas e ilícitas para dirimir o seu sentimento de “vácuo existencial”. Como nunca antes a indústria farmacêutica tem no ser humano um produto de consumo exacerbado, desde os mais novos, precocemente rotulados como hiperactivos, aos mais velhos, a quem supostamente convém prevenir futuros estados demenciais. Vemos, assim, o cumprimento das “profecias” de Aldous Huxley<sup>808</sup>, sobre o uso de fármacos.

A sociedade do século XXI, encontrando-se sob o efeito alucinogénio do poder da biotecnologia e da tecnologia de informação, confronta-se com a questão: o que fazer connosco?<sup>809</sup>, perante a possibilidade de superar hoje obstáculos que suplantam as anteriores questões de sobrevivência. Longe dos seus maiores inimigos - fome, epidemias, doenças infecciosas – a sociedade actual rumo para um novo projecto, a saber: transformar os humanos em deuses<sup>810</sup>. Aliás, já aquele chefe da ilha de Upolu o havia observado, num período anterior à Primeira Guerra Mundial, descrevendo a aspiração do europeu a tornar-se Deus:

“E assim, milhares de Brancos passam as noites em difíceis pesquisas, a ver se descobrem como hão-de vencer Deus. Pois é isso na realidade o que está em causa: o Papalagi aspira a tornar-se Deus. Gostaria de destronar o Grande Espírito e apropriar-se de todos os seus poderes.”<sup>811</sup>.

A sociedade contemporânea anda à deriva na tecnologia, cujos avanços são ilimitados. Os avanços tecnológicos, de forma gradual, têm vindo a privar o ser humano

---

<sup>807</sup> Cf. Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 12.

<sup>808</sup> Huxley, Aldous, (1932). *Admirável Mundo Novo*. (Trad. Vidal de Oliveira e Lino Vallandro). (5ª ed.). Porto Alegre: Globo, (1979).

<sup>809</sup> Cf. Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 12.

<sup>810</sup> Cf. *Ibid.*, p. 31.

<sup>811</sup> Scheurmann, Erich, (1920). *O Papalagi*. (Trad. Luiza Neto Jorge). Lisboa: Antígona, (2003), pp. 47-48.

de fazer uso das suas capacidades inatas para a sobrevivência, potenciando uma forma de existir indolente. O homem deixou de se esforçar. Hoje, temos uma geração de jovens que pouco ou quase nada pisou a terra, que não conhece o “sabor” da chuva...gente que vive encapsulada num aparente conforto circunstancial e material que em nada se aproxima da realidade da vida -, o contacto com a “natureza”. Passámos de uma cultura nómada para uma cultura sedentária, em que até o corpo perdeu em grande parte a sua função. O corpo deixou de se esforçar...e o cansaço do ser humano advém dessa indolência existencial. Como esclarece Frankl:

“[...] o progresso da evolução através da supressão dos nossos principais instintos e o progresso da história através da perda de tradição provocaram os maiores problemas da nossa época.”<sup>812</sup>.

Actualmente, o sistema de educação e ensino está orientado para a aquisição de qualificações e habilidades, cuja finalidade é a empregabilidade, incitando o aumento dos níveis de produtividade e consequente crescimento económico. Deste modo, o educador deixa de cumprir a sua função ao inviabilizar que o pedagogo descubra as suas possibilidades de renovação – a força dinâmica do seu ser -, ficando inapto para tomar pelas suas próprias mãos a direcção do seu devir<sup>813</sup>. No mundo actual - sujeito às grandes corporações gestantes do capitalismo, não há lugar para a expressão de grandes diferenças individuais ou mesmo da genialidade. Aliás, não é por mero acaso que as profissões ditas de sucesso o são na área da gestão e do *marketing*.

Esta sociedade assim o é - massificada<sup>814</sup>, sendo grande o deleite no consumo da matéria. O homem científico é puramente racional e direccionado para o quantificável. Inclusivamente, hoje “[...] a fonte de riqueza mais relevante é o conhecimento”<sup>815</sup>. O saber tecnológico não nos pode dar um propósito, mas pode, sim, dar-nos meios para

---

<sup>812</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 72.

<sup>813</sup> Cf. Lepp, Ignace, (1951). *A Existência Autêntica*. (Trad. Aulácio de Almeida/Filomena Cruz). Coimbra: Limitada, (1953), p. 63.

<sup>814</sup> Arendt, Hannah, (1958). *A Condição Humana*. (Trad. Roberto Raposo). (10ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, (2007), p. 62: “A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo, evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer. O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o fator fundamental; antes, é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las.”.

<sup>815</sup> Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018), p. 25.

alcançar esse propósito. Por exemplo, a biotecnologia permite banir vírus e bactérias. Porém, logo de seguida se cria um novo propósito, precisamente porque “[...] a reacção mais comum do espírito humano ao sucesso não é a satisfação, mas procurar mais e melhor.”<sup>816</sup>. Não obstante, o sentimento de falta de sentido, de abrangência mundial, está também presente nos países de Terceiro Mundo, precisamente, porque estes países foram invadidos por tecnologia e ciência, já o afirmou Frankl<sup>817</sup>.

A sociedade em causa foi mestra em gerar no homem novas necessidades, desejos, seduzindo-o ao consumo de múltiplos bens, tornando-o refém do seu próprio poder de compra, tanto na abundância, como na escassez. Esta sociedade de abundância não apenas se reflecte em bens materiais, como em tempo de ócio<sup>818</sup>, grande potenciador de diversas desordens psíquicas, pela falta de sentido que lhe está associada. Por conseguinte, rumo ao ser humano na sua finitude antecipada, da qual se pretende alienar, procurando excluí-la do seu horizonte de possibilidades, visando desresponsabilizar-se pelo seu futuro. Ou seja, o homem evita confrontar-se com o seu *ser-para-o-morte*<sup>819</sup>, como esclarece Heidegger, de modo a dirimir a sua angústia e anular-se como lugar de morte. Nesta tentativa, o homem contemporâneo enche-se de toda a espécie de conteúdo intramundano, atribuindo a primazia ao “ter” em detrimento do “ser”, compreendendo-se a partir do mundo e deixando de se abrir como *ser-possível*.

Não obstante, compete ao próprio homem em liberdade e responsabilidade negar-se à alienação da própria consciência e procurar um sentido para viver. Importa, para isso, que considere os dois pólos em torno dos quais se move a sua existência – as suas origens e o seu destino- de modo a decidir sobre o seu projecto existencial. O ser humano tem de se descobrir neste projecto<sup>820</sup>, de modo a poder conviver com os outros na sua individualidade própria e consciente, ou seja, saber-se naquilo que é – *ser-homem*. Pois, à semelhança de uma rosa, que só se realiza enquanto tal; porque se a rosa se definir como cravo, não será nem rosa e nem cravo, incumprindo-se no seu projecto - *ser-rosa*.

---

<sup>816</sup> *Ibid.*, p. 31.

<sup>817</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 39.

<sup>818</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 23.

<sup>819</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 64, p. 865.

<sup>820</sup> Cf. Blanc, Mafalda, (1998). “A Essência da Força: Leibniz e Heidegger”. In *Estudos Sobre o Ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 300: “O livre objectar-se transcendente do projecto está à partida determinado pela ocorrência contingente do tempo. O projecto é sempre, por isso, projecto lançado.”.

“Cada ser humano é único, tanto na sua essência (*Sosein*) quanto na sua existência (*Dasein*) e, consequentemente, não é um bem de consumo e nem um objecto que possa ser substituído. Por outras palavras, o ser humano é um indivíduo particular, com as suas características pessoais e a sua experiência singular, adquirida num contexto histórico particular e num mundo que comporta oportunidades e obrigações que lhe estão reservadas”<sup>821</sup>.

No seu “dever-ser”, o ser humano é uma existência por ser um “projecto” [*Entwurf*], isto é, uma antecipação do que será, sendo o único ser com capacidade de se projectar temporalmente. O modo de existir humano vai depender da maneira como a consciência apreende esse existir e como lhe atribui sentido. Ao compreender-se como um ser projectado e lançado na vida, o ser humano pode experimentá-la, observá-la, pensá-la e senti-la, podendo assim agir nesta mesma vida, como um actor - uma personagem singular. Falamos aqui da responsabilidade de se reconduzir no seu singular e próprio projecto existencial – a sua vida. É neste *ser-lançado* [*Geworfenheit*], no movimento de vir a ser, que o ser humano pode experienciar o horizonte de possibilidades que a vida lhe oferece, através de mudanças nas maneiras de existir, aproximação de incertezas e a instabilidade no viver. Como afirma Heidegger, o ser humano sob a sua dinâmica intencional é projectado para o mundo como um horizonte hermenêutico<sup>822</sup>. É, precisamente, aqui que se pode concretizar o significado da vida de um homem; quando a vida nos pede algo e lhe respondemos em liberdade e responsabilidade – porque o que dá sentido à vida, é o que lhe damos, e não o contrário.

“Antecipando-se, o homem compreende-se como mortal, acedendo à revelação do seu próprio ser através de uma experiência de auto-afecção

---

<sup>821</sup> Frankl, Viktor, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017), pp. 104-105: “Chaque être humain est unique, à la fois dans son essence (*Sosein*) et dans son existence (*Dasein*) et par conséquent il n’est ni un bien de consommation, ni un objet que l’on peut remplacer. En d’autres termes, il est un individu particulier, avec ses caractéristiques personnelles et son expérience singulière, acquise dans un contexte historique particulier, et dans un monde qui comporte ses occasions et ses obligations, et qui sont réservées à lui seul.”.

<sup>822</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 14-18. Nestes parágrafos Heidegger explica que a “mundanidade” é o horizonte da existência humana como dimensão de sentido, estando o ser humano sempre a agir em função deste horizonte de possibilidades.

como uma possibilidade lançada, que há que assumir e levar a cabo em plena responsabilidade.”<sup>823</sup>.

A autobiografia agustiniana - *Confissões*<sup>824</sup> é um testemunho de relevo na senda existencialista ao reportar-se a uma experiência de vazio existencial ocorrida por meio do apelo da própria consciência (*Conf.* X, 6, 8). Este apelo involuntário permitiu a Sto. Agostinho despertar para o seu estado de perda e de falta de *sentido-do-ser*, sendo esta uma tomada de consciência de responsabilidade individual. Como descreve Heidegger, em *Ser e Tempo*<sup>825</sup>, compete ao próprio homem fazê-lo, por ser este o único que, de entre outras possibilidades, tem a possibilidade de perguntar pelo próprio ser, sendo quem melhor pode responder a esta questão. Perante o sentimento de “angústia” [*Not*] o ser humano deixa de se poder compreender a partir do mundo, projectando-se de volta para a origem da sua angústia, abrindo-se como um ser de possibilidades, por se encontrar livre para se escolher e se possuir. Se assim for, esta angústia, não sendo estéril, é sinal de vitalidade no homem<sup>826</sup>.

É, portanto, através do apelo da própria consciência, conjuntamente com o sentimento de angústia que é possível ao homem escolher-se a si mesmo no seu poder ser mais próprio<sup>827</sup>. Ou seja, incursa na apreensão existencial do *ser-do-si-mesmo*.

“Só a consciência é capaz de harmonizar, por assim dizer, a lei moral ‘eterna’, expressa universalmente, com cada situação concreta de uma pessoa concreta.”<sup>828</sup>.

Através do sentimento de angústia, e, portanto, da sensação de estranheza e de não-pertença, é aberta a possibilidade de o ser humano se retirar de uma condição de

---

<sup>823</sup> Blanc, Mafalda, (1998). “Existência e Participação”. In *Estudos Sobre o Ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 112.

<sup>824</sup> Agostinho, Santo, (397 d.C.-398 d.C.). *Confissões*. (Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina). Coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Editora Abril Cultural, (1973).

<sup>825</sup> Heidegger, Martin (1927). Heidegger, M. (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Editora Vozes, (2012).

<sup>826</sup> Cf. Lepp, Ignace, (1951). *A Existência Autêntica*. (Trad. Aulácio de Almeida/Filomena Cruz). Coimbra: Editora Limitada, (1953), p. 149.

<sup>827</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 40, p. 525.

<sup>828</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 84: “Sólo la conciencia es capaz de armonizar, por así decir, la ley moral ‘eterna’, expressada universalmente, com cada situación concreta de una persona concreta.”.



“decadência” [*Verfallenheit*], sob a qual se compreende a si mesmo a partir do “mundo” [*Welt*] e da “interpretação pública”. Tal como já foi acima descrito, tendendo o homem a procurar dirimir a sua angústia, opta, muitas vezes, por se envolver nas solicitações do mundo, nos seus afazeres e compromissos quotidianos. É por esta via que, sendo absorvido pela ocupação do mundo, fica dissolvido e indiferenciado.

O ser humano permanece, assim, disperso e anónimo, imerso num colectivo, num “a gente”<sup>829</sup> sem lugar para a individualidade, originalidade e genialidade. É, por assim dizer, um modo de fuga do homem, abstendo-se o próprio de buscar e encontrar um sentido para a sua vida. Opta antes por se definir pelo sentido que lhe é dado pela sociedade. Note-se que esta diluição na massa, este “somos todos e não somos ninguém” é percebido pelo homem como uma mais-valia por lhe retirar, aparentemente e no imediato, o sentido de responsabilidade sobre a própria vida e sobre a vida do *outro*. Como descreve Frankl, “[...] a verdadeira comunidade é substancialmente uma comunidade de pessoas responsáveis, a simples massa não é senão a soma de entes despersonalizados”<sup>830</sup>. É, justamente, este modelo social moderno que procura nivelar o ser humano usando a mediania como parâmetro de comparação e configuração. Assim se configura o prelúdio dos regimes totalitaristas que configuram as ditaduras.

“O homem de hoje já não conta com tradições que lhe dizem o que *deve* fazer [...] Em consequência, acaba por empenhar-se em querer fazer o que os outros fazem- e o resultado é o conformismo, a massificação típica da sociedade actual.”<sup>831</sup>.

Portanto, só uma consciência desperta e vigilante pode resistir e não se abandonar ao conformismo e dobrar-se ao totalitarismo. Frankl alerta para o relevante papel da logoterapia na “educação para a responsabilidade”<sup>832</sup>, preparando o ser humano para ser selectivo nos estímulos que recebe, devendo para isso “[...] aprender a distinguir entre o que é essencial e o que não é, entre o que tem sentido e o que não tem, entre o que é

---

<sup>829</sup> Heidegger, Martin, (1927). “Ser e Tempo”. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 27, p. 365.

<sup>830</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 93.

<sup>831</sup> Frankl, Viktor, (1974). *Sede de Sentido*. (Trad. Henrique Elfes). São Paulo: Quadrantes, (1989), p. 12.

<sup>832</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 163.

responsável e o que não é.”<sup>833</sup>. É, portanto, função da educação, não apenas transmitir conhecimento, mas antes apurar a consciência, para que o homem se aperceba dos desafios e especificidades inerentes a cada situação que a vida lhe coloca. Por esta via, o homem não só se imuniza contra as vãs doutrinas, como pode apreender uma vida plena de sentido. Note-se, porém, o relevante contributo dos meios de comunicação social na formação do ser humano, sendo um forte veículo de formação de opinião e, consequentemente, de propagação de determinadas condutas entre os homens<sup>834</sup>, das quais o consumo exacerbado – sinónimo de felicidade. Através dos *media*, a sociedade contemporânea regula a interpretação que o homem faz do mundo e de si próprio. Ao inviabilizar um pensamento próprio - livre de ideias pré-fabricadas, os *media* contribuem para anular a manifestação da singularidade que tão bem retrata o homem.

Esta sociedade, que deu ao homem um sentido para a sua vida, a saber: a produtividade para consumo – sinónimo de prazer e de felicidade, conduziu-o a um estado de letargia. Como sabemos, o “sentido” não pode ser dado, mas tem de ser encontrado individualmente por cada um, ao se perceber lançado na existência. Por conseguinte, um “sentido dado” assente no “ter”, como sucede na sociedade actual, não produz realização pessoal, mas sim “frustração existencial”. Neste tipo de sociedade, o homem não é motivado à transcendência de si. Pelo contrário, vive restritamente para si. Tanto é que o próprio consumo visa uma auto-satisfação imediata, incitando à “vontade de prazer” como motivação dinamizadora do espírito humano. Em termos antropológicos, verifica-se uma reintrodução da “dialéctica mecanicista”, reiterando uma visão do homem como um homúnculo que, apenas, reage a estímulos. Ou seja, retomando o paradigma cartesiano, esta forma de corpo social instrumentaliza a realidade e rompe com a ontologia da natureza- expressão da vida. Sobre este mecanicismo afirmou Scheler tratar-se de um “[...] símbolo intelectual monstruoso da rebelião dos escravos na moral.”<sup>835</sup>.

Aliás, é justamente esta premissa que consubstancia a “escravidão moderna”<sup>836</sup>, pois, ao desumanizar o homem, é viável tratá-lo como um meio para um fim, criando-lhe necessidades de consumo, que o próprio se esforça por satisfazer, a qualquer preço. Este é o ideal capitalista. O ser humano deixa de ser pensado a partir da natureza, para ser

---

<sup>833</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 26.

<sup>834</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 73.

<sup>835</sup> Scheler, Max, (1912-1913). *Da Reviravolta dos Valores*. (Trad. Marco Casanova). Petrópolis: Vozes, (1994), p. 183.

<sup>836</sup> Brient, Jean-François, (2007). *De la servitude moderne*. Paris: l'Épervier, (2016).

pensado através do racionalismo. À sociedade capitalista não convém desenvolver no homem o seu potencial individual, permitindo o desvelamento do seu ser. A valorização da vocação humana não é compatível com uma dimensão económica da vida, pois “[...] se exigirmos do homem o que ele *deve* ser, faremos dele o que ele *pode* ser.”<sup>837</sup> e isso é contra o paradigma ditatorial vigente. Por meio do consumo o homem inebria-se, visando alienar-se da sua angústia - “vazio existencial”, porque quanto mais conquistar e dominar, tanto mais o homem se perceberá vazio<sup>838</sup>. É, portanto, assim que se entrega ao *dever-ter* e renega o *dever-ser*. Em suma, bem-estar material e empobrecimento existencial conjugam-se, desenhando a matriz da sociedade contemporânea. Como afirma Frankl:

“[...] o progresso técnico é público e notório. Mas não acredito num progresso automático e cego relativo à cultura. Em geral, duvido que nos últimos dois mil anos os homens tenham progredido moralmente.”<sup>839</sup>.

O homem contemporâneo, que vive um quotidiano a ritmo alienante, destitui-se da reflexão e contemplação. É esta mesma aceleração da velocidade civilizacional que deixa os homens tão doentes<sup>840</sup>, sendo uma tentativa frustrada de calar o clamor do espírito humano na demanda pelo sentido da vida, pois “[...] corre e trabalha a uma velocidade cada vez mais acelerada, justamente para não se aperceber que não caminha para lugar algum.”<sup>841</sup>. Esta conduta, uma vez mais o dizemos, já havia sido observada pelo referido chefe samoano, quando descreve que os europeus:

“[...] correm desvairados de um lado para o outro como se estivessem possuídos pelo ‘aitu’ e causam terror e desgraça onde quer que cheguem, só porque perderam o seu tempo. Esse estado de frenesi e demência é uma coisa

---

<sup>837</sup> Frankl, Viktor. (1974). *Sede de Sentido*. (Trad. Henrique Elfes). São Paulo: Quadrantes, (1989), p. 14.

<sup>838</sup> Cf. Lepp, Ignace, (1951). *A Existência Autêntica*. (Trad. Aulácio de Almeida/Filomena Cruz). Coimbra: Editora Limitada, (1953), p. 41.

<sup>839</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 73.

<sup>840</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016), p. 165.

<sup>841</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 155: “Corre y se afana com velocidade más y más acelerada, precisamente para no caer en la cuenta de que no marcha a ningún sitio.”.

horrível, uma doença que nenhum homem de medicina pode curar, doença que atinge muitos homens e que os leva à desgraça.”<sup>842</sup>.

Na sociedade actual, os imperativos de consumo são-no não apenas no que condiz à matéria, mas muito significativamente se impõem no modo como os seres humanos se relacionam entre si. Viver uma vida direccionada ao *outro* e ao seu cuidado é tida por absurda. É, hoje, notória uma atitude de consumo nos relacionamentos interpessoais, tão contrário ao imperativo categórico kantiano, sob o qual o ser humano tem valor absoluto e é um fim em si mesmo<sup>843</sup>. O homem contemporâneo, que tem maior propensão para *usar* do que *contemplan*, vive uma época de excelência nesta matéria, pois as redes sociais que configuram as interações entre os humanos, desumanizando-os, apresentam como maior atractivo a possibilidade de conexão e desconexão do *outro*, sem espaço reservado ao estabelecimento de uma relação.

Com a mesma facilidade com que se faz uma conexão, também se procede a uma desconexão, navegando o ser humano num mundo de virtualidade e de instrumentalização das relações interpessoais. Na sociedade vigente, pautada por relações humanas superficiais, o homem posiciona-se como um usuário que “desvaloriza a durabilidade”<sup>844</sup> dos afectos, o que se reflecte no seu modo de estar social. O homem desinteressou-se de conhecer o que de mais íntimo há em *outro* ser humano – a sua singularidade. Traçou-se uma sociedade marcada por uma “roda-viva” de descontinuidades afectivas, tanto nas relações de amizade, como nas relações familiares. Fazem-se e desfazem-se famílias, quase não havendo tempo para a construção de um elo e de um passado comuns.

Sabemos ser no espaço da relação interpessoal que o ser humano se confronta consigo e com o *outro*, ponto de encontro das respectivas singularidades. Convergindo um para o outro, dá-se o encontro entre dois humanos - esse espaço do “eu e tu” buberiano, que se distingue pela sua originalidade e irrepetibilidade. A especificidade do humano existe no simbólico. Aí reside o valor excepcional de cada situação, onde se pode encontrar um sentido. A obra *O Príncipezinho*<sup>845</sup>, é disso exemplo, narrando um encontro

---

<sup>842</sup> Scheurmann, Erich, (1920). *O Papalagi*. (Trad. Luiza Neto Jorge). Lisboa: Antígona, (2003), p. 35.

<sup>843</sup> Kant, Immanuel, (1785). *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, (1986), p. 69: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio.”

<sup>844</sup> Bauman, Zygmunt, (2001). *Vida para Consumo*. (Trad. Carlos Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar, (2007), p. 31.

<sup>845</sup> Saint-Exupéry, Antoine, (1946). *O Príncipezinho*. (Trad. Joana Morais Varela). (30ª ed.). Barcarena: Presença, (2008).

único e irrepetível, que aponta para a importância do cuidado e da responsabilidade individual nos relacionamentos interpessoais. No diálogo entre o “princezinho” e a “raposa” esta explica-lhe que: “[...] se tu me cativares, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E eu também passo a ser única no mundo para ti”<sup>846</sup>.

É este entrelaçar entre dois seres humanos que traduz o “amor”<sup>847</sup> no sentido frankliano. Um amor que é “encanto” para quem ama, que é “graça” para quem é amado e que pode ser “presságio” para a gestação de uma outra vida<sup>848</sup>. O amor que não cega o homem, mas antes abre-lhe os olhos para perceber os “valores” (aos quais nos referimos no terceiro parágrafo do capítulo II) como possibilidades de realização de sentido. Através do amor vivencia-se outro ser humano, em tudo o que em si existe de peculiar e singular. Ou seja, torna-se possível a realização do que está implícito em ambos, tanto naquele que ama como naquele que é amado, pelo carácter único que os caracteriza -, pelo valor da personalidade de cada um. É neste acto de entrega do “eu” ao “tu” que quem ama se enriquece interiormente.

“No amor, o ser amado é concebido como um ser peculiar e singular no seu ser-assim-e-não-de-outro-modo; é concebido como tu e acolhido como tal por outro eu. Como figura humana é insubstituível para quem a ama, sem necessitar de fazer nada para que assim seja.”<sup>849</sup>.

Na concepção frankliana, o amor manifesta-se de acordo com três atitudes, a saber, a “atitude sexual”, a “atitude erótica” e a “atitude do verdadeiro e autêntico amor”<sup>850</sup>. A primeira condiz a uma atitude com base exclusiva na atracção física; a segunda “[...] traduz um estado de enamoramento orientado para o psíquico, para as qualidades anímicas do outro”; a terceira é a atitude que permite alcançar o que há de mais profundo em outro ser humano. Como esclarece Frankl:

---

<sup>846</sup> *Ibid.*, p. 68.

<sup>847</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 161.

<sup>848</sup> Cf. *Ibid.*, p. 160.

<sup>849</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 160.

<sup>850</sup> *Ibid.*, p. 162.

“[...] a relação directa com o espiritual do outro constitui a mais alta forma possível de emparelhamento. Quem ama neste sentido, não se vê minimamente excitado na sua corporalidade, nem movido na sua emotividade, senão afectado no mais fundo do seu espírito, pelo portador espiritual do que no ser amado há de corpóreo e de emocional, no seu núcleo pessoal.”<sup>851</sup>.

O amor é, portanto, esta orientação directa à pessoa espiritual do ser amado, que é percebido como incomparável e insubstituível. Quem ama, ama no ser amado o que ele “é” e não o que ele “tem”, tanto ao nível físico como anímico. Por isso, o verdadeiro amor permanece no tempo, pois enquanto os estados corpóreo e anímico são transitórios, “[...] o acto espiritual com o qual captamos ‘intencionalmente’ – *intentio* - uma pessoa espiritual sobrevive por si mesmo”<sup>852</sup>. Ao captar-se a “essência” do *outro*, esta temporaliza-se, eternizando-se, não se cingindo à sua “existência”, podendo, assim, sobrepujar-se o amor à morte.

Numa sociedade para consumo – como a sociedade contemporânea, o ser humano é instigado a ser atraído por aquilo que o *outro* “tem” e não por aquilo que o *outro* “é” – o que se observa de forma transversal a todo o tipo de relação – desde a família, aos amigos, aos colegas de trabalho e à comunidade mais alargada. Aplicando este princípio às relações “amorosas”, note-se que impera a ditadura da “aparência física” como produto de consumo. Esta atitude consumista, tanto é naquele que consome, como é naquele que se faz consumir. Quando um ser humano se apresenta socialmente como um produto de consumo, sobrevalorizando a sua corporalidade, está a negar a sua espiritualidade, desvalorizando-se na sua singularidade e, conseqüentemente, totalidade. Em paralelo, quem sobrevaloriza a aparência física no *outro* está, também, a comunicar-lhe que não se interessa verdadeiramente por si - pela sua “pessoa espiritual”. Uma relação amorosa assente neste pressuposto, traduz uma rejeição do “[...] vínculo absorvente do amor

---

<sup>851</sup> *Ibid.*, p. 162: “La relación directa com lo espiritual en la otra parte constituye, por tanto, la más alta forma posible de emparejamiento. Quien ama en este sentido no se ve tampoco excitado en su propia corporalidad, ni conmovido en su propia emotividad, sino afectado en lo más hondo de su espíritu por el portador espiritual de lo que en el ser amado hay de corpóreo y de emocional, por su meollo personal.”.

<sup>852</sup> *Ibid.*, p. 165: “el acto espiritual en que captamos ‘intencionalmente’ – *intentio* – a una persona espiritual, se sobrevive en cierto modo a sí mismo”.

autêntico, do sentimento de verdadeira compenetração com a outra parte e da responsabilidade dos laços que se impõem sempre”<sup>853</sup>.

Por conseguinte, convém à sociedade capitalista definir os padrões de beleza, pois desse modo instigará ao consumo na procura desse ideal. Também por esta razão, os ideais de beleza são transitórios e substituíveis -, conforme a época, de modo a movimentar o mercado económico (i.e., da moda, dos cosméticos, da cirúrgica plástica). Neste *modo-de-ser-inautêntico*, o ser humano escolhe ser impessoal, impossibilitando a construção de uma relação particular e íntima. Estabelece relações de posse e de desamor, sem compromisso. O *outro* restringe-se a um objecto sem valor por si mesmo. Na verdade, o ser humano deixou de ambicionar ser incomparável e único, qualidade inseparável a todo o ser humano autêntico<sup>854</sup>.

Ao abdicar da relação genuína e autêntica com o *outro*, o homem abdica, também, da possibilidade do seu *modo-de-ser-autêntico*, justamente porque somos relação e amor -, somos no *outro*, porque cada homem é, simultaneamente, independente dos seus semelhantes e com eles relacionado<sup>855</sup>. Como afirma Buber, é na relação que o “eu” se constitui, ou seja, o homem torna-se um “eu” diante de um “tu” – sob o *estar-junto-a* como condição de existência<sup>856</sup>. É neste movimento de abertura convergente que “os homens podem compreender-se entre si.”<sup>857</sup>. Para tal, importa que o ser humano seja reportado à sua espiritualidade – um dos constitutivos essenciais da existência humana. É aí que o homem renunciará ao seu *dever-ter* e tomará posse do seu *dever-ser* -, lugar de manifestação da sua totalidade, corpórea, anímica e espiritual. Talvez agora seja oportuno metamorfosear o *cogito* de Descartes e apontar um possível caminho para o homem contemporâneo afirmando-se: “Cuido, logo sou”.

---

<sup>853</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 173: “vínculo absorbente el autêntico amor, del sentimiento de verdadera compenetraciõn com la outra parte y de la responsabilidad que los lazos imponen sempre”.

<sup>854</sup> Cf. *Ibid.*, p. 175.

<sup>855</sup> Cf. Laing, Ronald, (1960). *O Eu Dividido – estudo existencial da sanidade e da loucura*. (Trad. Áurea Brito Weissenberg). (3ª ed.). Petrópolis: Vozes, (1978), p. 26.

<sup>856</sup> Cf. Buber, Martin, (1923). *Eu e Tu*. (Trad. Newton Aquiles Von Zuber). São Paulo: Centauro, (1974), p. 59.

<sup>857</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 62.

### 3. O homem técnico: o poder de uma auto-biografia

A história de vida de uma pessoa é como um texto a ser decifrado. É esta história que codifica o ser humano. À medida que se escreve e (re)escreve esta história o “eu” vai sendo consolidado. Este processo de (re)construção acontece até à morte e implica um esvaziamento do “eu” em direcção às suas possibilidades existenciais. É um processo que ocorre perante a abertura ao mundo, dispondo-se o ser humano ao seu próprio “desvelamento” [*Erschlossenheit*]. Para tal é necessário a recusa do fixo e do definitivo que se conhece, para se iniciar uma procura do *sentido-do-ser* a partir da análise do acto de conhecer o seu *si-mesmo* que se configura até à morte<sup>858</sup>. Como afirma Frankl, “[...] a pessoa revela-se na sua biografia, abre-se a si mesma, à sua essência”<sup>859</sup>.

Neste movimento existencial, o homem pode poetizar a vida e permitir que a própria vida faça de si um poema, porque um poema reporta à vida experimentada, sentida e pensada. Com efeito, este processo requer o consentimento humano à própria história, “[...] na medida em que contar, recitar, é refazer a acção segundo o convite do poema.”<sup>860</sup>. Torna-se, assim, possível que o próprio ressignifique o seu mundo na dimensão temporal. Aliás, como afirma Heidegger, “[...] a história nunca é completa, ela sempre está na iminência de vir a ser”<sup>861</sup>, porque o homem é um movimento originante, estando a sua vida sempre a acontecer. São estas as premissas para que o homem inicie uma procura do sentido da sua vida. Nessa qualidade de poeta é possível “[...] que nos tornemos outra coisa ou que permaneçamos os mesmos sem nos transformar.”<sup>862</sup>, aí se manifestando, mais uma vez, a liberdade do homem para decidir o seu *modo-de-ser*.

“Como a liberdade pressupõe possibilidades de escolha, assim uma escolha significativa (com sentido), ou não, pressupõe o conhecimento de algo ‘significativo ou não-significativo’ (com ou sem sentido) e para atingir

---

<sup>858</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 124.

<sup>859</sup> Frankl, Viktor, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011), p. 86: “La persona se revela en su biografía, se abre a sí misma, su esencia”.

<sup>860</sup> Ricoeur, Paul, (1983). *Tempo e Narrativa – tomo I*. (Trad. Constança Marcondes Cesar). São Paulo: Papirus, (1994), p. 124.

<sup>861</sup> Heidegger, Martin, (1949). *Carta sobre o Humanismo*. (Trad. Rubens Eduardo Frias) (2ªed.). São Paulo: Centauro, (2005), p. 9.

<sup>862</sup> Ricoeur, Paul, (1983). *Tempo e Narrativa – tomo I*. (Trad. Constança Marcondes Cesar). São Paulo: Papirus, (1994), p. 64.



este conhecimento há necessidade de um ‘órgão’ especial no organismo humano, a saber, a consciência (moral).”<sup>863</sup>.

Uma autobiografia, sendo construída em torno da própria pessoa, permite-lhe uma percepção de continuidade ao longo da sua história de vida. Tal percepção revela-se essencial no processo de consolidação da identidade pessoal. Através da biografia acontece um desenvolvimento da existência pessoal<sup>864</sup>, apresentando estas funções tanto emocionais, como psicológicas e sociais que se repercutem nos processos de autorregulação, nas interações sociais e no estabelecimento e cumprimento de metas e objectivos de vida<sup>865</sup>. Têm-se realizado estudos científicos dos quais se conclui que a capacidade de construir narrativas de vida coerentes, desde a infância até à idade adulta, promove níveis mais elevados de bem-estar emocional<sup>866</sup>.

É ao tomar consciência de si e da sua individualidade que o ser humano tem necessidade de contar a sua história de vida<sup>867</sup>, assente nas vivências armazenadas na memória e organizadas em função do “eu”. Com efeito, uma autobiografia detém, assim, um carácter egocêntrico, na medida em que o “eu” é simultaneamente autor e protagonista da história<sup>868</sup>. Ao retomar o fio narrativo da sua vida, o homem pode recordar o seu passado e projectar o seu futuro, pois “[...] toda a existência individual é determinada pela história.”<sup>869</sup>.

“O processo que nos faz saber o que somos muda o que somos [...] porque o que descobrimos, à medida que entramos em nós próprios, são reacções e respostas que expressam, escondem e perturbam o meu ser mais íntimo, a minha interioridade.”<sup>870</sup>.

---

<sup>863</sup> Lukas, Elisabeth, (1986). *Logoterapia: ‘A força desafiadora do espírito’*. (Trad. José de Sá Porto). São Paulo: Loyola, (1989), p. 41.

<sup>864</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papirus, (1991), p. 62.

<sup>865</sup> Cf. Beltran-Jaimes, Javier Orlando [e col.], (2012). “Memoria autobiográfica: un sistema funcionalmente definido”. *International Journal of Psychological Research*, 5(2), p. 108- 123.

<sup>866</sup> Cf. McAdams, Dan e Pals, Jennifer, (2006). “A new Big Five: fundamental principles for an integrative science of personality.”. *American Psychologist*, Vol. 61, N.3, 204-217.

<sup>867</sup> Cf. Damásio, António, (1999). *O Sentimento de Si - o Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência* (6ª ed.). Lisboa: Publicações Europa-América, (2000).

<sup>868</sup> Cf. Greenwald, Anthony, (1980). “The Totalitarian Ego”. *Fabrication and Revision of Personal History. American Psychologist*, Vol.35, N.7, 603-618.

<sup>869</sup> Dilthey, Wilhelm, (1910). *El Mundo Historico*. (Trad. Eugenio Imaz). México: Fondo de Cultura Económica, (1944), p. 278: “Toda la existencia individual está determinada por la historia.”.

<sup>870</sup> Ward, Keith, (2003). *Deus e os Filósofos*. (Trad. Pedro Soares). Lisboa: Estrela Polar, (2007), p. 224.

Pelas palavras de Frankl, uma autobiografia é a “[...] explicação temporal de uma pessoa: na vida que aí decorre, na existência que aí se desenrola, desdobra-se a pessoa, desenvolve-se, como um tapete que só assim revela o seu desenho inconfundível.”<sup>871</sup>. Longe de ser uma análise directa, uma narrativa na primeira pessoa permite que o próprio se desvele diante da sua consciência, percebendo-se na sua inconfundível singularidade e irrepetibilidade. Nesta medida, por acarretar uma expressão pessoal, cada dado biográfico tem o seu valor próprio. Com efeito, uma psicoterapia que se desenvolva sob este pressuposto apresenta elevadas potencialidades terapêuticas, ao permitir a reconstrução de uma história com um sentido apaziguador na vida de uma pessoa. Este é um método psicoterapêutico designado “terapia narrativa”, fortemente reconhecido no âmbito da “terapia familiar”, tendo sido inicialmente proposto por Michael White e David Epston<sup>872</sup>.

É, precisamente, pelo valor existencial de uma autobiografia que encetar um processo psicoterapêutico pode viabilizar que o paciente encontre um sentido para a sua vida, para as suas circunstâncias e para o seu sofrimento. Um processo deste tipo pressupõe a reconstrução do percurso de vida, estabelecendo um fio condutor entre o nascimento e a morte, justamente porque, à nascença, o homem é lançado na possibilidade de morrer. Assim, rever a própria história de vida obriga a um encontro consigo mesmo e com a sua “experiência pura de vivência” – a dor associada ao sofrimento, à culpa e à morte. Deste encontro resulta um confronto do homem com as suas “descontinuidades” existenciais, porque não há vida sem dor. É necessário dar um sentido a esta dor, e é isso o que sucede quando a pensamos, a sentimos e a integramos numa parte da história de vida que se pretende (re)escrever. Porém, esta história singular, não sendo exclusiva de um “eu” particular, pressupõe a história do todo - a comunidade (i.e., família, amigos, escola, trabalho, entre outros).

“A dor e a morte, tanto de si como dos outros, interpela-nos a suspender as preocupações quotidianas e interrogar o sentido da vida. Por sua vez, a incapacidade do entendimento humano em alcançar um critério ou critérios

---

<sup>871</sup> Frankl, Viktor, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015), p. 81.

<sup>872</sup> White, Michael e Epston, David, (1993). *Medios Narrativos para fines terapéuticos*. Buenos Aires: Paidós.

da identidade do si, mostra-nos que a questão do nosso ser não se esgota na mera descrição neutra de fenómenos.”<sup>873</sup>.

Portanto, através da “análise da existência”, como uma análise do *ser-homem* enquanto *ser-em-situação-no-mundo-e-com-os-outros*, o homem é conduzido a que por si próprio e diante de si, pela consciência da sua própria responsabilidade, penetre na compreensão dos seus deveres peculiares e exclusivos, descobrindo o sentido genuíno da sua vida; porque o ser humano “[...] permanece entregue à existência pela-qual-responde”<sup>874</sup>. Estamos, assim, perante uma abordagem psicoterapêutica que atravessa a reconfiguração do significado da vida de uma pessoa, a partir da sua história, desde o seu começo em direcção à sua finalidade. Ou seja, na construção da sua autobiografia compete ao próprio decifrar e interpretar hermenêuticamente a sua caminhada existencial. Ao integrar a experiência passada na vivência presente é possível projectar o futuro. Deste modo, é possível ao homem antecipar o que quer ser, sendo exclusivamente sua a capacidade de se projectar temporalmente e, assim, encontrar um sentido para a sua vida. A abordagem hermenêutica na compreensão da vida humana é, talvez, o grande ponto de conexão entre Frankl e Heidegger, pois ambos mencionam a auto-interpretação do ser humano como meio para que este encontre um sentido para a sua vida ao atravessar a sua temporalidade, incluindo os momentos de maior sofrimento pessoal.

Como defendeu Frankl, com veemência, importa perceber o que pode a vida esperar de nós e não o inverso. É com base nesta premissa que se pode encontrar um sentido para a vida, sobreposto às adversidades e ao sofrimento que em determinado momento da vida somos confrontados. Aliás, a vida significa assumir a responsabilidade de responder adequadamente aos problemas e ultrapassar os desafios que frequentemente a mesma coloca a cada um<sup>875</sup>. Por isso mesmo, a vida de um homem é justamente a sua própria obra<sup>876</sup>, pois a sua essência não é de cariz biológico, mas biográfico. Por conseguinte,

---

<sup>873</sup> Correia, Carlos, (2011). *A Religião e o Sentido da Vida- paradigmas culturais*. Editora: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, p. 112.

<sup>874</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 57, p. 757.

<sup>875</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946). *O Homem em busca de um Sentido*. (Trad. Francisco Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Editora Lua de Papel, (2016), p. 86.

<sup>876</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 115.

pode-se afirmar que o homem não “tem” vida, e sim que ele “é” a sua vida<sup>877</sup> - lugar de desvelamento do *ser-homem*.

“A história faz-nos livres para nos elevarmos sobre a condicionalidade de pontos de vista significativos no nosso curso de vida. A reflexão sobre a vida faz-nos profundos.”<sup>878</sup>.

Na procura de compreensão e interpretação do *ser-homem*, o ser humano não pode ser encerrado numa qualquer teoria ou modelo de intervenção psicoterapêutico com pressupostos mecanicistas. Como sabemos, toda a forma de psicoterapia é desenvolvida sob um horizonte apriorístico do ser humano, partindo de uma conceptualização antropológica. Aliás, assente nesta premissa têm-se fundado distintas escolas de psicoterapia, como o próprio Frankl, em parte, demonstrou.

A “logoterapia analítico-existencial”, ao firmar uma psicoterapia de cariz fenomenológico-hermenêutico, vai orientar-se para a compreensão do *ser-homem* e do *sentido-do-ser*. Com este objectivo, esta abordagem configura um espaço privilegiado para suprir a necessidade que o ser humano tem de narrar aos outros a sua história e perspectivar uma finalidade para a sua vida, projectando um futuro com um sentido. Para que tal suceda, importa criar um contexto no qual o paciente sinta abertura e confiança para se dar a conhecer e desvelar os segredos da sua história de vida. Como afirma Buber, ao possibilitar-se um momento dialógico – um acto vivencial -, através de um encontro entre um “eu” e um “tu”, está criado o contexto para que o paciente venha ao presente e se actualize<sup>879</sup>. É deste modo que o próprio se pode ressignificar por meio do desdobramento do sentido que assim encontra.

Semelhantemente, Heidegger fez a sua proposta, descrita em *Seminários de Zollikon*<sup>880</sup>, ao apresentar a “analítica do *Dasein*” como intervenção psicoterapêutica

---

<sup>877</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 124.

<sup>878</sup> Dilthey, Wilhelm, (1910). *El Mundo Historico*. (Trad. Eugenio Imaz). México: Fondo de Cultura Económica, (1944), p. 277.

<sup>879</sup> Cf. Buber, Martin, (1923). *Eu e Tu*. (Trad. Newton Aquiles Von Zuber). São Paulo: Centauro, (1974), p. 39.

<sup>880</sup> Heidegger, Martin, (1987). *Séminaires de Zurich*. (Edités par Medard Boss). (Trad. Caroline Gross). Paris: Gallimard, (2010). Este livro resultou do trabalho de Heidegger com o psiquiatra suíço, Medard Boss, que organizaram os seminários proferidos, durante 10 anos (1959 a 1969), para um grupo de médicos psiquiatras e psicanalistas em Zollikon na Suíça. Nesta obra, foram incluídas cartas e diálogos entre eles, tanto sobre questões filosóficas quanto reflexões sobre a possibilidade de elaborar uma compreensão da

assente numa relação de *Dasein* para *Dasein*<sup>881</sup>. Nesta abordagem, a empatia como fenómeno dialógico “[...] tem a função de lançar uma como que ponte ontológica entre o sujeito próprio, o único de imediato, e um outro sujeito, de imediato totalmente fechado”<sup>882</sup>. Criadas estas condições, compete ao psicoterapeuta saber pronunciar a palavra certa no momento certo. Ou seja, chegar à alma do paciente através da palavra, visando potenciar a construção narrativa e desbloquear todo o tipo de mecanismo que embote a capacidade de compreensão e interpretação do próprio paciente.

“Contamos histórias porque finalmente as vidas humanas têm necessidade e merecem ser contadas. [...] Toda a história do sofrimento clama por vingança e exige narração.”<sup>883</sup>.

Uma intervenção psicoterapêutica centrada na resolução do presente e não numa reorganização do passado, não permite que o paciente se projecte no futuro e tome posse da sua liberdade e responsabilidade face ao acontecer da sua vida. É necessário reportar o ser humano ao seu próprio destino existencial, sendo função do psicoterapeuta auxiliá-lo no seu processo interpretativo, com vista à compreensão das suas possibilidades de realização e, conseqüentemente, ao encontro do *sentido-do-ser*. Não cabendo ao psicoterapeuta facultar esse sentido, pode, porém, afirmá-lo como único e irrepetível na vida do paciente. A “logoterapia analítico-existencial”, contrariamente a abordagens psicoterapêuticas que têm por objectivo que o homem se sinta “livre de” dificuldades psicofísicas, pretende que este se torne “livre para” descobrir-se a si mesmo e responder adequadamente à vida.

“Com efeito, vive o homem, pela inteligência, uma relação de ser ao seu ser, pela qual se reconhece existindo sem estar no fundamento do seu ser, podendo, todavia, assumi-lo como possibilidade e realizá-lo de modo criador pela liberdade.”<sup>884</sup>.

---

experiência saudável e patológica, bem como a psicoterapia e a pesquisa baseada no pensamento heideggeriano.

<sup>881</sup> Cf. *Ibid.*, p. 187.

<sup>882</sup> Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 26, p. 359.

<sup>883</sup> Ricoeur, Paul, (1983). *Tempo e Narrativa – tomo I*. (Trad. Constança Marcondes Cesar). São Paulo: Papirus, (1994), p. 116.

<sup>884</sup> Blanc, Mafalda, (1998). “Analogia e Dialéctica”. In *Estudos Sobre o Ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 117.

Ao narrar a sua história de vida, num gesto confessional diante de si e do psicoterapeuta, o paciente distancia-se do seu sofrimento ao partilhar a sua dor. Este distanciamento pode, em certas ocasiões, ser potenciado através do humor, que permite que o paciente se eleve acima das situações mais penosas visando a auto-preservação<sup>885</sup>. Para Frankl, a história interior de um homem, com toda a dor que possa ter sido experienciada não é vã, pois “[...] a ‘novela’ vivida por alguém é sempre, apesar de tudo, uma realização criadora incomparavelmente maior do que o romance que qualquer narrador possa escrever.”<sup>886</sup>.

No momento da sua “confissão”, o paciente, ao objectivar o seu sintoma, distancia-se dele, aí residindo, em parte, o valor terapêutico deste acto confessional. Daqui decorre um sentimento de alívio e de descarga da própria consciência. A partir da “confissão” o paciente abre caminho para uma compreensão e interpretação de si mesmo, a partir do tempo vivido, justamente porque o seu *ser-no-mundo* é temporal e histórico<sup>887</sup>. Não se confinando a uma reminiscência ou sinopse, a reconstrução de uma narrativa de vida traz à presença -, através do acto de recordar e leva ao futuro - através do acto de projectar. Enquanto *ser-histórico*, o homem está imerso num sistema de relações regido por um sentido, ainda que este não seja percebido e confessado<sup>888</sup>.

Importa referir que o relato autobiográfico não carece de precisão histórica, pois em si detém a sua própria e exclusiva verdade, associada às crenças e às atitudes de cada um, sendo fortemente influenciado por factores socioculturais. Por isso, importa encontrar a coerência do autorrelato para o próprio e não o observar das suas contradições, sendo crucial apenas o sentido pessoal que o paciente lhe atribui. Ou seja, nestes moldes, a “logoterapia analítico-existencial” vem defender a relevância de um fundamento narrativo que permita ao paciente encontrar o *sentido-do-ser* como um processo histórico,

---

<sup>885</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946). *O Homem em busca de um Sentido*. (Trad. Francisco Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Editora Lua de Papel, (2016), p. 55.

<sup>886</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 48: “La ‘novela’ vivida por uno es siempre, a pesar de todo, una realización creadora incomparablemente mayor que la novela que cualquier narrador pueda escribir.”

<sup>887</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 6, p. 83.

<sup>888</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Editora Breviarios, (1957), p. 40.

pautado em três tempos – passado, presente e futuro. Na acepção frankliana, “[...] vamos degenerando biologicamente, mas regeneramo-nos biograficamente.”<sup>889</sup>.

“O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.”<sup>890</sup>.

O Livro X das *Confissões* augustinianas<sup>891</sup> revela este sentido regenerador da autobiografia. Nesta trajectória autobiográfica, Sto. Agostinho vivencia experiências anteriores, às quais estão associados sentimentos de alegria, de tristeza, de medo, de desejo e de sofrimento. O filósofo apercebe-se que as suas experiências do passado não foram esquecidas, mas antes permanecem vivas dentro de si. Aliás, o esquecimento de um acontecimento não implica que determinada realidade deixe de estar presente na nossa vida, podendo ser trazido ao presente através da função de recordar, porque o passado “[...] é presentificado pela memória como aquilo através do qual se pode refazer a experiência”<sup>892</sup>. Ao recordar e narrar a sua história de vida, Sto. Agostinho pôde integrar a experiência passada numa vivência presente e ambas, unindo-se, possibilitaram-lhe a sua projecção no futuro – a eternidade, em seu entender. Findas as suas confissões, verifica-se que de tal meticulosa construção narrativa resultou realização pessoal e apaziguamento interior para o próprio.

De modo semelhante, também, na “logoterapia analítico-existencial” se pode sugerir ao paciente que represente a sua vida como uma película que, sendo visionada não é passível de correcção ou corte de nenhum dos episódios vividos. Precisamente, porque a vida humana detém um carácter irreversível, o que Frankl designou de “a historicidade da existência”<sup>893</sup>. A vida de um homem é, na sua totalidade, como uma substância que se consome com o passar do tempo, dando lugar à acção, à vivência e ao sofrimento de que

---

<sup>889</sup> Frankl, Viktor, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014), p. 76.

<sup>890</sup> Ricoeur, Paul, (1983). *Tempo e Narrativa – tomo I*. (Trad. Constança Marcondes Cesar). São Paulo: Papirus, (1994), p. 15.

<sup>891</sup> Agostinho, Santo, (397 d.C.-398 d.C.). *Confissões*. (Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina). Coleção “Os Pensadores”. São Paulo. Editora Abril Cultural, (1973).

<sup>892</sup> Arendt, Hannah, (1929). *O conceito de amor em Santo Agostinho*. (Trad. Alberto Dinis). Lisboa: Instituto Piaget, (1997), p. 67.

<sup>893</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 84.

o próprio é portador. É o homem que dá forma à sua própria vida, assim como um escultor, esculpe a pedra.

“O homem elabora o material que o destino lhe traz: umas vezes criando e outras vezes sofrendo, esforça-se por ‘desbastar’ a sua vida o mais possível para convertê-la em valores criadores, de vivência ou de atitude”<sup>894</sup>.

Por conseguinte, introduz-se o factor tempo ao considerar-se o homem como “escultor” da sua vida, pois do mesmo modo que o artista dispõe de um intervalo de tempo para a realização de uma obra específica, também, o homem conta com um tempo de vida indeterminado, e que desconhece, para o fazer. Por este motivo, deve remir-se o tempo, uma vez que se desconhece a longevidade dessa vida que nos é dada gratuitamente e pela qual devemos zelar. Portanto, considerando tal condicionalismo, o que importa não é a extensão de uma biografia, mas antes o valor do seu conteúdo. Ou seja, releva que o homem conte com o “tempo e com a finitude”<sup>895</sup> da sua vida para consubstanciar o seu propósito. É através do tempo que o homem se temporaliza, sendo remetido a encontrar um sentido para a sua vida; pois a matriz do sentido reside na experiência do tempo. Sobre o “problema da transitoriedade da vida”<sup>896</sup> Frankl esclarece que:

“[...] o fluxo do tempo não só continua a roer, mas também acumula; o acontecido e o realizado juntam-se continuamente no passado, nele sedimenta-se tudo o que se passou [...] O tempo escoia-se; mas o acontecimento deposita-se para a história. Nada que acontece se pode fazer não acontecido. [...] No ser-passado está tudo imperdivelmente guardado.”<sup>897</sup>.

Frankl “desliza” numa aparente incongruência, pois se, por um lado, afirma que na vida “tudo é transitório”, reportando-se, a título de exemplo, aos relacionamentos e às

---

<sup>894</sup> *Ibid.*, p. 84: “El hombre elabora la materia que el destino le brinda: unas veces creando y otras viviendo o padeciendo, se esfuerza por ‘desbastar’ su vida lo más posible para convertirla en valores, en valores de creación, de vivencia o de actitud.”

<sup>895</sup> *Ibid.*, p. 85.

<sup>896</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 115.

<sup>897</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 152.



ideias; por outro lado, afirma que “tudo é eterno” depois de ter sido realizado como possibilidade e, assim, torna-se realidade<sup>898</sup>. Inclusivamente, como afirmámos acima, segundo o pensamento frankliano, “ter sido” é talvez o *modo-de-ser* mais seguro<sup>899</sup>, precisamente porque “o passado é a autêntica realidade.”<sup>900</sup>. Entre passado e futuro, Frankl afirma a primazia do passado<sup>901</sup>, “[...] porque podemos mudar o futuro e com o futuro, podemos inclusive mudarmos a nós mesmos. Mas o passado já está fixado. [...] tudo está conservado no passado e para sempre.”<sup>902</sup>. Ou seja, todas as possibilidades que o homem realiza transformam-se em realidade e eternizam-se. Em seu entender, o futuro, ainda não aconteceu, estando diante de nós e sob a nossa decisão livre e responsável escolher as possibilidades a realizar, a partir desse futuro. Em suma, a “logoterapia analítico-existencial” sugere um “optimismo do passado” e, concomitantemente, com um “ativismo do futuro”<sup>903</sup>.

É no “espaço” e no “tempo” que existe passado e futuro; porém o homem como *ser-espiritual* está “[...] para além do espaço e do tempo.”<sup>904</sup>. Ou seja, a “ontologia do tempo” logoterapêutica supõe que o sentido da vida de uma pessoa se traduz na sua história vivida, a qual, não podendo ser apagada, permanece, independentemente de ser recordada. Por exemplo, uma pessoa que vivencie um processo de viuvez não perde o sentido da sua vida por ver interrompida a continuidade do seu casamento. É, antes, a história vivida em casal que é portadora desse sentido. Como esclarece Frankl:

“[...] aquilo que até esquecemos, que desapareceu da nossa consciência, não é apagado do mundo; tornou-se parte do passado e continua a fazer parte do mundo.”<sup>905</sup>.

---

<sup>898</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 121.

<sup>899</sup> Cf. *Ibid.*, p. 116: “La logoterapia sostiene que ‘haber sido’ sigue siendo un modo de ser, quizás el modo más seguro.”.

<sup>900</sup> *Ibid.*, p. 114: “el pasado es la auténtica realidad.”.

<sup>901</sup> Cf. Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 153.

<sup>902</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 115: “podemos ‘sacudir’ y cambiar el futuro; y con el futuro, podemos incluso cambiarnos a nosotros mismos. Mas el pasado está fijado ya. [...] todo está conservado en el pasado y para siempre.”.

<sup>903</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 122: “La logoterapia se nos aparece no sólo como un ‘optimismo del pasado’, sino también como un ‘activismo del futuro’ ”.

<sup>904</sup> Frankl, Viktor, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968), p. 147.

<sup>905</sup> Frankl, Viktor (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 117: “Aquello que incluso hemos olvidado, que desapareció de

Contrariamente, em Heidegger, há uma primazia do futuro, pois o *poder-ser* do homem baseia-se no futuro, apesar de ser também determinado pelo passado e pelo presente. Nesta perspectiva, é o futuro que apela e solicita uma acção do homem, na medida em que este é concebido como um *ser-lançado* [*Geworfenheit*] na “existência”. Para Heidegger, somos o paradoxo da temporalização do tempo, estando o *Dasein* em permanente transição, com vista à actualização do ser, transcendendo-se nos três momentos do tempo – passado (retrovir), presente (apresentar) e futuro (advir).

Sobre a compreensão que Heidegger tem acerca do “passado”, Frankl partilhou que num diálogo entre ambos, aquele lhe terá dito que “[...] o passado vai [*Das vergangene geht*]; o passado está a vir [*Das Gewesene kommt*]”<sup>906</sup>, trazendo ao presente o vivido, num movimento ondulante. Sobre o “presente”, Frankl explica que “[...] o presente é a fronteira entre a irrealidade do futuro e a eterna realidade do passado”<sup>907</sup>. É no presente que tomamos decisões sobre o nosso *modo-de-ser*, realizando “valores”, os quais uma vez cumpridos se eternizam, ao se tornarem realidades para sempre. É, portanto, no “presente” que podemos escolher o que pretendemos eternizar, porque “[...] na eternidade não há passado nem futuro, é um presente sem fim. [...] Não é, de modo nenhum, o fim, mas a plenitude da vida, e a plenitude da vida não poderia ser a imobilidade da morte.”<sup>908</sup>.

Em Heidegger, a “temporalidade” [*Zeitlichkeit*]<sup>909</sup> é pensada com base no *ser-para-a-morte*, em Frankl a temporalidade é pensada a partir do *ser-para-a-vida* com vista a uma finalidade - a um sentido. Precisamente, por ser a vida a indagar o homem e a requerer a sua resposta. Ou seja, não é, necessariamente, o confronto do homem com a morte que o motiva a encontrar um sentido para a sua vida. Porém, sobre esta distinta pré-

---

nuestra consciencia, no está borrado del mundo; se há convertido en parte del pasado y sigue formando parte del mundo.”.

<sup>906</sup> *Ibid.*, p. 116.

<sup>907</sup> Frankl, Viktor, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo- tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016), p. 123: “El presente es la frontera entre la irrealidad del futuro y la eterna realidad del pasado.”.

<sup>908</sup> Lepp, Ignace, (1951). *A Existência Autêntica*. (Trad. Aulácio de Almeida/Filomena Cruz). Coimbra: Editora Limitada, (1953), p. 305.

<sup>909</sup> Para Heidegger, a “temporalidade”, descrita na segunda secção da obra *Ser e Tempo*, é a dimensão fundamental para a determinação do *sentido-do-ser* do ser humano. Opondo-se à concepção do tempo da ciência natural moderna, sob a qual o tempo é concebido como algo quantitativo e externo ao existir humano, Heidegger explica que própria temporalidade mostra o movimento *ek-stático* da existência, sendo e estando o *Dasein* aberto temporalmente. Portanto, no quotidiano, o homem conta o tempo, mas conta também com o tempo para realizar e decidir as suas actividades, num movimento para fora de si e para si mesmo. Aquele movimento *ek-stático* consiste num movimento de actualização do ser, ou seja, consiste no vir ao presente realizar-se e temporalizar-se.

compreensão sob a qual o homem vive, Frankl deixa claro que “[...] a vida não pode conceber-se sem a morte.”<sup>910</sup>. Em suma, a temporalidade da existência pode ser concebida como o acontecer da vida quotidiana, desde o nascimento até à morte, numa senda de desvelamento do próprio homem, com vista a encontrar um sentido.

“A temporalidade tem um carácter *ekstático*, pois como um ‘raptus’ ela arrebatada, transporta, abre caminho em direcção às principais orientações temporais do existir: em primeiro lugar, ao futuro através da *expectação*, depois, ao passado pela *retenção* e, finalmente, ao presente pela *presentificação*.”<sup>911</sup>.

Portanto, a própria “temporalidade” é portadora de sentido ao convocar o homem a encontrar o sentido da sua vida finita. Exactamente, porque o homem não se converte numa realidade ao nascer, mas antes na sua morte alcança a plenitude da sua vida, concluindo o seu sentido, o qual fica eternizado através da história vivida. A vida humana, assim concebida, detendo um carácter circular -, por ter um começo e um fim, compreende-se e interpreta-se a si própria. Numa acepção heideggeriana, trata-se de uma vida fáctica<sup>912</sup> e histórica que se caracteriza pela “compreensão” [*Verstehen*] e pela “interpretação” [*Auslegung*] do *sentido-do-ser*<sup>913</sup>. É através da “compreensão” que o ser humano se projecta nas possibilidades de *poder-ser*; sendo por meio da interpretação<sup>914</sup> que elabora sobre essas possibilidades, desdobrando-se e desenrolando-se no tempo.

É, portanto, através da “interpretação” que se encontra um sentido para a vida ao se delinear um projecto existencial. Ou seja, o sentido sustenta a compreensibilidade de alguma coisa, articulando a “interpretação” e o “discurso”<sup>915</sup>. O “discurso” [*die Rede*]

---

<sup>910</sup> Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957), p. 86.

<sup>911</sup> Blanc, Mafalda, (1998). “A Essência da Força: Leibniz e Heidegger”. In *Estudos Sobre o Ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 281.

<sup>912</sup> Na primeira secção da obra *Ser e Tempo*, Heidegger explica a “facticidade” ou *já-ser-em-um-no-mundo* como umas das características ontológicas fundamentais do *Dasein*.

<sup>913</sup> Cf. Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012), § 5, p. 83.

<sup>914</sup> *Ibid.*, § 32, p. 421: “Chamamos *interpretação* o desenvolvimento do entender. [...] A interpretação não consiste em tomar conhecimento do entendido, mas em elaborar possibilidades projectadas no entender.”.

<sup>915</sup> *Ibid.*, § 31- § 34. Na primeira secção desta obra, Heidegger descreve um primeiro grupo de *existenciários fundamentais* (i.e., movimentos de abertura), ou seja, de modos de ser do *Dasein*: 1. O sentimento de situação (i.e., o que nos habilita a sentir); 2. A compreensão (i.e., o que nos abre ao sentido, à inteligibilidade) e; 3. O discurso (i.e., a fala que constitui o existenciário mediador entre o sentir e o compreender) enquanto fundamento ontológico-existencial da linguagem.

permite dar forma àquele “projecto” como uma, de entre outras, possibilidade de *ser-em-situação-no-mundo-e-com-os-outros*. Como afirma Ricoeur, “[...] a temporalidade é levada à linguagem na medida em que esta configura e refigura a experiência temporal”<sup>916</sup> por meio do processo narrativo, o qual permite encontrar um sentido na história de vida, incluindo um sentido nas situações de maior sofrimento e dor que pontuaram essa história.

“Seguir uma história é avançar no meio de contingências e de peripécias sob a conduta de uma espera que encontra a sua realização na ‘conclusão’. [...] Compreender a história, é compreender como e porque os episódios sucessivos conduziram a essa conclusão, a qual, longe de ser previsível, deve finalmente ser aceitável, como congruente com episódios reunidos.”<sup>917</sup>.

Concluindo, a “logoterapia analítico-existencial” -, uma abordagem psicoterapêutica de base fenomenológico-hermenêutica, contribui para que o homem se compreenda a si mesmo e aos seus relacionamentos interpessoais, mas também as experiências com as quais se deparou ao longo da sua vida. Nesta abordagem, o sintoma apresentado pelo paciente é uma forma de linguagem corporal e a saúde mental é uma estrutura hermenêutica que requer interpretação. A teoria frankliana vem, assim, sublinhar a importância de as ciências médicas estarem receptivas aos contributos da filosofia e das ciências humanas em geral.

Frankl apresenta a grande potencialidade terapêutica subjacente à “logoterapia analítico-existencial” ao conceder ao homem a possibilidade de fazer a auto-exegese da sua biografia, com vista a encontrar o sentido da sua vida, incluindo a possibilidade de encontrar um sentido, também, no sofrimento. Esse sentido é-nos dado pela “temporalidade”; porque o tempo projecta-nos no futuro, podendo encontrar-se, nesta projecção e construção individual do futuro, o sentido da própria vida. Essa vida, finda a qual se cumpre uma obra, permanecerá eternizada, independentemente de vir a ser rememorada. Por sua vez, há que dizer que essa obra é trazida à luz pela linguagem, à

---

<sup>916</sup> Ricoeur, Paul, (1983). *Tempo e Narrativa – tomo I*. (Trad. Constança Marcondes Cesar). São Paulo: Papirus, (1994), p. 87.

<sup>917</sup> Ricoeur, Paul, (1983). *Tempo e Narrativa – tomo I*. (Trad. Constança Marcondes Cesar). São Paulo: Papirus, (1994), p. 105.

semelhança da “criação do mundo”, momento no qual “*disse* Deus: Haja luz. E houve luz.” (Livro de Gênesis 1:3)<sup>918</sup>.

---

<sup>918</sup> *Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. (Trad. Ferreira de Almeida). (9ª ed.). São Paulo: Vida, (2005), p. 1.

## Conclusão

O tema do “sentido da vida” tem sustentado as nossas indagações e pesquisas desde que a nossa consciência filosófica foi desperta para tal. De forma muito particular, temo-lo feito na procura de encontrar uma possibilidade de sentido para a vida, também, no “sofrimento”. É esta questão - de cariz existencial que mobiliza o espírito humano na procura de uma resposta, sendo frequentemente trazida ao contexto psicoterapêutico como um pedido de ajuda. Na nossa pesquisa, verificámos a transversalidade na abordagem a este tema, tanto no campo da Literatura, como da Filosofia e, mais recentemente, no campo da Psicologia.

Foi, por isso, na obra magna de Viktor Frankl - *O Homem Em Busca de Sentido* - de cariz autobiográfico, resultante de uma experiência atterradora de sofrimento e de privação existencial -, os campos de concentração nazi, que ancorámos a nossa pesquisa. A partir da realista descrição feita por Frankl sobre a sua vivência do holocausto, pudemos compreender a estreita relação entre sofrimento pessoal, perda de liberdade e procura de sentido para a vida. Como o próprio concluiu, a superação dessa vivência requereu um “para-que-sobreviver”, isto é, um “sentido” como tábua de salvação, porque o contrário tornava inevitável a entrega do ser humano à dissolução perante o sofrimento. Por conseguinte, partindo desta tese, prosseguimos numa pesquisa transversal da obra literária produzida pelo nosso autor, procurando com empenho e rigor desvendar os meandros do seu pensamento e compreender os fundamentos das teses por si defendidas.

O trabalho desenvolvido por Frankl permite reconhecê-lo como um autor de ligação entre a Filosofia e a Psicologia. Neste âmbito é distinguido por se inserir numa abordagem existencial e humanista do ser humano, por se deter no sentido existencial e na dimensão espiritual do homem. Do diálogo que Frankl estabeleceu com filósofos como Scheler, Jaspers, Heidegger e Buber, mas também com o psiquiatra Binswanger -, pioneiro da “psicologia existencial fenomenológica”, resultou um pensamento filosófico, antropológico e psicológico original. De entre outros contributos, evidenciam-se: 1. O contributo de Scheler que, recusando o “prazer” como força dinamizadora do homem, apresenta em alternativa a necessidade do realizar de “valores”; 2. A “ontologia fundamental” de Heidegger e o *sentido-do-ser* e, por último, 3. A proposta de Binswanger acerca da compreensão do *ser-no-mundo* como totalidade.

A teoria desenvolvida por Frankl surgiu no “período epocal” do pós - II Guerra Mundial (1939-1945) que evidenciava um profundo sentimento de falta de sentido na sociedade europeia. Esta, por sua vez, fundada numa concepção de *ser-homem* assente no determinismo, reducionismo, subjectivismo e monadologia. Foi neste contexto, que a “logoterapia analítico-existencial” surgiu na tentativa de complementar as escolas vienenses de psicoterapia que vigoravam na época -, a “psicanálise” e a “psicologia individual”, tentando colmatar a antropologia mecanicista que as caracterizava e que traduzia uma insuficiente resposta ao sentimento de vazio existencial decorrente de uma sociedade banhada pelo “niilismo”, que Frankl bem descreveu ao longo da sua obra.

Contrapondo-se à psicoterapia comum, que tem por objectivo que o homem se sinta “livre de” uma dificuldade ou de uma desordem psíquica e/ou física, a proposta frankliana visa conduzir o homem a uma liberdade superior e que consiste em que este se perceba “livre para” descobrir o seu *modo-de-ser* autêntico. Ou seja, a “logoterapia analítico-existencial” é um método psicoterapêutico que tem por finalidade que o paciente encontre um sentido para a sua vida, através do desdobramento do sentido específico experienciado em cada situação vivencial concreta. Fundamentada numa análise dirigida à existência e não numa análise da existência, esta abordagem psicoterapêutica abre-nos ao diálogo fecundo com a nossa singular existência, uma vez que tal “sentido” não é uma norma de conduta.

Visando superar uma concepção reducionista do homem, Frankl formula uma “ontologia dimensional”, sob a qual o homem é uma “unidade” e “totalidade”, resultando da coexistência e interdependência de três dimensões – física, psíquica e espiritual ou noética. Esta última é aquela que, distinguindo o homem do animal, lhe permite superar os condicionalismos (internos e externos) que a vida lhe proporciona. A partir desta “dimensão noética”, o homem pode compreender-se como facultativamente livre e responsável, perante a sua vida. Assim, pode decidir o que quer ser em cada situação concreta. Este é o grande enfoque da “logoterapia analítico-existencial” que não se centra no funcionamento doente do físico e/ou do psíquico.

A “dimensão noética” constitui o fundo sobre o qual se manifestam as três premissas antropológicas da abordagem logoterapêutica: 1. A “liberdade”; 2. A “vontade de sentido” e, 3. O “sentido da vida”. Estas premissas, por sua vez, consubstanciam, respectivamente, que: a) O ser humano tem liberdade de escolha quanto à atitude a tomar, mesmo em situação de aflição extrema e inalterável. Este princípio descreve o homem como fonte de decisão livre, capaz de posição própria quanto aos condicionalismos

internos (instintos e hereditariedade) e externos (meio ambiente) da sua vida, numa definição de liberdade entendida como o poder de moldar a existência dentro do limite das possibilidades dadas; b) O impulso motivacional é o desejo e a necessidade de encontrar sentido na vida, sendo o homem “livre-para” alguma coisa, nomeadamente para alcançar objectivos e cumprir propósitos e, por último; c) A vida tem sentido em todas as circunstâncias, mesmo as mais adversas em que o desespero parece poder anulá-lo. Este princípio acentua a actividade livre e responsável do homem, podendo este decidir com responsabilidade qual a atitude mais digna face ao sofrimento, configurando assim o sentido da sua existência.

Portanto, sendo livre “de ser conduzido” e livre “para ser responsável”, através da sua “consciência”, o homem é remetido para algo que o transcende; porque, ontologicamente, o “dever” antecede o “querer”. É, precisamente, ao ver-se confrontado com uma pluralidade de “valores” contraditórios dentre os quais tem de escolher, que é remetido à própria “consciência moral”, sob a qual vai decidir com liberdade e responsabilidade. A consciência é, por isso, o meio sob o qual o homem se relaciona com o mundo à sua volta e lhe atribui um sentido, visando realizar o maior número de coisas possíveis, como alcançar a maior parte dos “valores” (i.e., de atitude, criadores e vivenciais) possíveis durante a sua vida.

Do incumprimento da demanda de encontrar o “sentido da vida”, decorre uma experiência de vazio, desolação, desespero e “frustração existencial”, isto é, um sentimento de ausência de sentido da própria existência que potencia a tendência suicidária, mas também facilita o surgimento de doenças psicossomáticas e de desordens neuróticas. É, precisamente, nesta tentativa de se anestesiar do próprio vazio interior, que o ser humano pode desenvolver diferentes patologias. Com efeito, encontrar esse sentido e realizá-lo não é exclusivamente terapêutico, mas antes apresenta um valor preventivo ao nível da saúde mental. Porém, é igualmente verdade que o sofrimento, associado a uma vida sem sentido, constitui expressão de maturidade espiritual, não sendo sinónimo de doença psíquica.

De acordo com a “logoterapia analítico-existencial” as principais causas de “frustração existencial” estão associadas a dois factores: 1. O homem contemporâneo perdeu gradualmente o instinto animal básico “que lhe diga o que *tem de ser*” e 2. Contrariamente ao homem do passado, não dispõe de uma tradição que lhe dite o seu *dever-ser*. Por conseguinte, o homem actual aparenta, cada vez mais, desconhecer o que *quer-ser*, manifestando-o através de um fenómeno designado “vácuo existencial”. Ou



seja, o homem percebe-se sem conteúdo interior e com um sentimento de perda de sentido da própria existência. Este é o sentimento que, experienciado de forma colectiva, funda o que Frankl designou por “neurose colectiva”, a qual se manifesta sob uma tríade de comportamentos sintomáticos – depressão, agressão e adicção e que, tem subjacente uma forma de viver o quotidiano sem projecto, precisamente porque a vida não tem conteúdo e a existência não tem sentido.

Portanto, Frankl vem descrever o “sentido da vida” como uma realidade ontológica que existe por si só, não podendo ser elaborado, deve ser encontrado, cabendo a cada homem responder a tal indagação com independência e autonomia. A indagação do homem sobre o sentido da sua vida, não se traduzindo num sintoma, num complexo psíquico ou numa fraqueza, retrata uma verdadeira expressão humana, que não está presente no animal. Na verdade, esta indagação não parte do homem, mas antes é a própria vida que o confronta continuamente com questões às quais tem de responder, através de atitudes responsáveis. Por sua vez, este sentido que se apresenta como único e irrepetível, associa-se à individualidade de cada ser humano, bem como ao facto de as situações com as quais se depara, ao longo da vida, serem, concomitantemente, singulares e irrepetíveis. Quando o “sentido” deixa o anonimato para se converter em algo único e irrepetível, o homem pode ser capaz de dar uma resposta concreta e criadora a este problema existencial.

É, justamente, ao ser orientado para encontrar um sentido na vida e realizá-lo, por não haver um *à priori* de “sentido”, que o homem aspira à realização de uma “tríade de possibilidades de sentido” (i.e., valores de atitude, criadores e vivenciais). Para a realização destes valores, importa que o homem se auto-transcenda, constituindo esta capacidade a essência da existência humana. Frankl vem, assim, defender que o homem só se torna plenamente humano ao se consagrar a uma tarefa, ou a um serviço, ou ao amor a uma pessoa, descentralizando-se e esquecendo-se de si próprio em prol desse sentido. Equitativamente relevante, é a capacidade humana de “auto-distanciamento”, sob a qual o homem se distancia e objectiva o mundo e a si mesmo, através do humor. Estas são as capacidades que são trabalhadas em contexto psicoterapêutico, competindo ao terapeuta auxiliar o paciente na sua jornada na demanda pelo sentido da sua vida. Aquele pode apenas afirmar que a vida tem sentido e, que este se conserva, sob quaisquer condições e circunstâncias, graças à possibilidade de encontrar um sentido, também, no sofrimento.

É, precisamente, sob a condição de homem sofredor – *Homo Patiens* que Frankl vem descrever o sofrimento, a culpa e a morte - “tríade trágica”, como dimensão de

sentido. Na sua abordagem, procurou trazer uma resposta à angústia humana daí resultante, numa intervenção psicoterapêutica não redundante, mas dinamizada pelo espírito humano, através da análise das possibilidades de sentido associadas a cada situação específica, em particular de sofrimento. Nesta perspectiva, o sentido da vida é incondicional. Aliás, uma “concepção do mundo” que afirme incondicionalmente que a vida tem sentido é determinante em situações de extrema adversidade existencial.

Note-se, também, que o pensamento frankliano vem defender que o sentido da vida encerra em si mesmo um carácter irreversível, porque a responsabilidade de um homem somente pode ser compreendida perante a sua própria vida, sempre que a entendemos como uma responsabilidade com vista ao carácter temporal dessa mesma vida. Com efeito, recai sobre o homem a responsabilidade acerca do modo como utiliza o seu tempo. Nesta perspectiva, torna-se irrelevante a duração da vida humana, por não ser a longevidade a atribuir-lhe sentido, mas antes que próprio homem cumpra o sentido da sua vida. Justamente, quando o homem se depara com um destino irreparável, pode perceber-se como um ser em transformação - um *ser-em-um-mundo* de possibilidades a serem realizadas e cuja realização aponta para um sentido.

Na sua condição de *Homo Patiens*, o homem tem necessidade de partilhar o seu sofrimento, fazendo-o através da “linguagem”, a qual se torna um veículo para trazer à luz esse sentido que se procura e que se pretende comunicar. Por meio dela, o ser humano pode transpor as circunstâncias do seu meio envolvente, elevando-se à amplitude do seu “mundo” e libertando-se da carga de uma determinada situação. Portanto, pensamento e linguagem constituem entre si uma unidade de compreensão e interpretação para o homem; sendo a linguagem o meio de abertura à existência. Através do “discurso” são trazidos à linguagem novos modos de *estar-no-mundo*, de aí viver e de nele projectar as possibilidades de sentido mais autênticas. Com efeito, o “discurso” tem a função de mediar o sentir e a compreensão, dele derivando o “sentido”, isto é, o “sobre-quê” do discurso. Porque a palavra é o lugar da revelação originária do “sentido”, logo, da identidade humana.

É quando o homem exterioriza a sua dor, partilhando-a com *outro*, que se estabelece o ponto de encontro de dois seres humanos - a “comunicação” - lugar de *ser-um-com-o-outro*. Neste ponto de intersecção, o homem “abandonando” a sua solidão, dirige-se ao “mundo” que o rodeia. Porém, é assente no “amor” que este encontro se torna pleno, possibilitando discernir a identidade existencial de cada um – do “eu” e do “tu”. Esta é a

condição essencial para que se possam efectivar as possibilidades de realização de quem sofre e, assim, cumprir o sentido que subjaz a essa condição.

Ao reconhecer o combate espiritual por detrás das doenças psíquicas do homem neurótico, Frankl coadunou na sua proposta a “logoterapia” e a “análise existencial”, afirmando-as como duas faces de uma mesma moeda. Na sua aplicabilidade, a “logoterapia analítico-existencial”, baseando-se no método fenomenológico, tem os seguintes pressupostos: 1. A redução fenomenológica; 2. A intencionalidade da consciência e, 3. A descrição fenomenológica. Na sua intervenção, o logoterapeuta deve garantir que se mantêm em aberto os debates entre o humano na doença e o doentio no homem. Não se detendo na introspecção, procura auxiliar o paciente a restaurar tanto a sua capacidade de iniciativa para a vida – trabalho e relações interpessoais; como a sua capacidade para se mobilizar em busca de um motivo para ser feliz e, ainda, a sua capacidade para lidar com o sofrimento, ao encontrar-lhe um sentido. Aliás, o desenvolvimento da capacidade para fazer face ao sofrimento é um dos grandes trunfos desta abordagem psicoterapêutica.

Frankl delineou uma “tipologia das neuroses”, considerando que toda a doença psicogénica pode ser designada de neurótica. Assumiu como princípios de classificação nosológica: 1. A sintomatologia ou fenomenologia e 2. A etiologia da doença em questão. Na concepção de Frankl, a doença pode manifestar-se no somático, no psíquico e no noético, encontrando-se o sentido da doença no “como do sofrimento” que lhe está associado. Com o objectivo de definir o tratamento adequado, é fundamental identificar a causa primária da doença, ou seja, se é somática ou psíquica. De acordo com o pensamento frankliano, uma doença apesar de desorganizar o organismo psicofísico, não destrói a “pessoa espiritual”, mantendo-se intacta a sua dignidade humana. Apesar de Frankl ressaltar o facto de a “logoterapia” ter desenvolvido técnicas psicoterapêuticas propriamente ditas, a saber: 1. A “intenção paradoxal” e 2. A “derreflexão”, é o próprio quem afirma que a psicoterapia se sobrepõe à técnica, sendo uma arte que está para além da ciência.

Foi com base nestes pressupostos franklianos que avançámos numa compreensão das implicações antropológico-filosóficas e ético-sociais da “logoterapia analítico-existencial” na sociedade contemporânea. Deste modo, estabelecemos uma interligação entre a condição do homem actual e a resposta que este pode encontrar na “logoterapia analítico-existencial” para as suas necessidades especificamente humanas. Para tal,

importa observar a “situação epocal” dos nossos dias, detendo-nos sobre a “concepção de mundo” do homem contemporâneo, a qual é determinante na sua conduta.

Note-se como o homem contemporâneo, imerso no conhecimento técnico e, por isso, desenraizado do terreno originário da semântica do ser que o conduz a uma crise de sentido, necessita de despertar para o jogo do capitalismo e das suas consequências. Parece-nos necessário e urgente desenraizar a “razão” da existência humana e devolver ao homem a experiência da vida por meio da sua relação com a natureza; abrindo-se, assim, caminho para o seu retorno à comunidade, na qual encontrará o “sentido da vida”. Referimo-nos à necessidade de uma ressurreição do *Homo Amans* [*Der liebende Mensch*] como caminho de libertação do homem contemporâneo, cujo saber técnico o ludibriou, alienando-o da sua necessidade primordial de demanda por um sentido para a vida.

Um outro revés, não menos importante, é o facto de na sociedade contemporânea o “consumo” ter assumido um valor cultural, convencendo o homem que o seu valor está no seu *dever-ter* e não no seu *dever-ser* – lugar de manifestação da sua totalidade, corpórea, anímica e espiritual. Consequentemente, o homem abdica do seu *modo-de-ser* autêntico – *estar-junto-a*, isto é, relação e amor para buscar uma felicidade por meio do usufruto do mundo material. Não obstante, esta mesma sociedade de abundância não satisfaz a necessidade inata de “sentido” para a vida, acometendo o homem técnico de um profundo sentimento de “vazio existencial”. É esta “concepção de mundo” que consubstancia a “escravidão moderna”, que tratando o homem como um meio para um fim, cria-lhe necessidades de consumo, que o próprio se esforça por satisfazer, a qualquer preço. É, justamente, neste ponto que a “logoterapia analítico-existencial” pode advertir o homem técnico para a necessidade de retomar o seu *dever-ser* – lugar de autenticidade, alertando-o para a inautenticidade do seu *dever-ter*.

Por último, a “logoterapia analítico-existencial” pode, também, reforçar a importância de reconfigurar o significado da vida de uma pessoa a partir da sua biografia. Neste caso, compete ao próprio homem decifrar e interpretar hermenêuticamente a sua caminhada existencial, com vista à compreensão do seu *modo de-ser*, ao integrar a experiência passada na vivência presente e, consequentemente, projectar o seu futuro. Aliás, é precisamente esta projecção no futuro que a sociedade contemporânea intenta embotar, inviabilizando que o homem antecipe o que quer ser e se projecte temporalmente, para que encontre um sentido para a sua vida, até diante do sofrimento. Sem este passo, o homem técnico não se pode reconciliar com a sua vida e, nessa condição, poderá inclusivamente atentar contra ela, pondo-lhe um fim.

Resumindo, ao ressaltar a importância da análise do *ser-homem* enquanto *ser-em-situação-no-mundo-e-com-os-outros*, a “logoterapia analítico-existencial” pode conduzir o homem a que por si próprio e diante de si, pela consciência da sua própria responsabilidade, penetre na compreensão dos seus deveres peculiares e exclusivos, descobrindo o sentido genuíno da sua vida. Frankl vem, assim, confrontar-nos com o carácter absoluto de missão que cabe à existência, remetendo-nos a vivê-la com um profundo sentido de responsabilidade sobre nós e sobre o *outro*. É num apelo à força transformadora do espírito humano que a “logoterapia analítico-existencial” funda a sua intervenção, tendo como postulado-base que a vida de um homem tem sempre sentido, incluindo nas situações de maior adversidade e provação existencial. É sob o poder da auto-transcendência que o homem pode colocar-se para além de si e da sua condição e abraçar um projecto criando uma obra, amando alguém e/ou suportando sacrificialmente a dor.

Ao estabelecer uma conexão entre a “logoterapia analítico-existencial” e a psicologia praticada em Portugal na actualidade, verificamos que esta tem sido insuficiente na resposta à necessidade humana de encontrar um sentido para a vida. Este tem sido o propósito que tem conduzido muitos a implicar-se num processo psicoterapêutico, iniciando uma jornada com vista ao apaziguamento interior. Apesar de a psicologia em Portugal ter vindo nas últimas décadas a ganhar reconhecimento social, esta mantém um evidente enfoque no modelo mecanicista presente nas psicoterapias de cunho cognitivo-comportamental, bem como o paradigma introspectivo presente na psicanálise. A abordagem psicoterapêutica contemporânea que mais se aproxima centraliza a necessidade humana de demanda pelo sentido, condiz a uma psicologia de cunho transpessoal, a qual é facilmente associada a uma corrente esotérica.

Por isso, parece-nos crucial que os campos da Psicologia contemporânea em Portugal abandonem a sua aridez e avancem pelo terreno da “logoterapia analítico-existencial” em voga em outros países da América Latina e da Europa. Desse modo, a Psicologia em Portugal poderá renovar a sua antropologia, mas para tal importa reconhecer que a compreensão do *ser-homem* pouco ou nada tem de exacto e objectivo. É necessário deixar de reduzir o homem a um homúnculo ou a um “baú de traumas”, e reinterpretá-lo a partir do seu passado, trazendo-o em actualização ao presente e incitando-o a projectar-se no futuro – o seu horizonte de possibilidades.

“O outono é tempo abençoado da contemplação. Os frutos estão colhidos, a tarefa acabada; puros e claros, o céu e o horizonte distante iluminam a paisagem da vida.”<sup>919</sup>.

---

<sup>919</sup> Zweig, Stefan, (1931). *A Cura pelo Espírito*. (Trad. Alice Ogando). (3ª ed.). Porto: Livraria Civilização, (1949), p. 329.

## Bibliografia

### Bibliografia Primária

Frankl, Viktor, (1946a). *O Homem Em Busca de Sentido*. (Trad. Francisco Gonçalves). (4ª ed.). Lisboa: Lua de Papel, (2016).

Publicado originalmente em alemão em 1946, sob o título *Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslager*. Verlag für Jugend und Volk, Wien.

### Bibliografia Secundária

Frankl, Viktor, (1946b). *Psicoanálisis y Existencialismo- de la psicoterapia a la logoterapia*. (Trad. Carlos Silva e José Mendoza). (3ª ed.). México: Breviarios, (1957).

\_\_\_\_\_, (1948). *La Presencia Ignorada de Dios- psicoterapia y religión*. (Trad. J.M. López de Castro S.J.). (7ª ed.). Barcelona: Herder, (1988).

\_\_\_\_\_, (1949). *O Homem Incondicionado: lições metaclínicas*. (Trad. Guilherme de Oliveira). Coimbra: Arménio Amado Editor, (1968).

\_\_\_\_\_, (1959). *La Psychothérapie et Son Image de L'Homme*. (Trad. Joseph Feisthauer). Paris: Resma, (1970).

\_\_\_\_\_, (1971). *La Psicoterapia al Alcance de Todos*. (Trad. Diorki). (3ª ed.). Barcelona: Herder, (2005).

\_\_\_\_\_, (1974). *Sede de Sentido*. (Trad. Henrique Elfes). São Paulo: Quadrantes, (1989).

\_\_\_\_\_, (1975a). *Teoria e Terapia das neuroses- introdução à logoterapia e à análise existencial*. (Trad. Claudia Abeling). São Paulo: Realizações, (2016).

\_\_\_\_\_, (1978a). *O Sofrimento de uma Vida sem Sentido- caminhos para encontrar a razão de viver*. (Trad. Karleno Bocarro). São Paulo: Realizações, (2015).

\_\_\_\_\_, (1978b). *Psicoterapia y Humanismo - tiene un sentido la vida*. (Trad. Alfredo Guéra Miralles). México: Breviarios, (2016).

\_\_\_\_\_, (1982a). *En el principio era el sentido: reflexiones en torno al ser humano*. (Trad. Héctor Piquer Minguijón). Barcelona: Paidós, (2014).

\_\_\_\_\_, (1982b). *A Psicoterapia na Prática*. (Trad. Cláudia M. Caon). São Paulo: Papirus, (1991).

\_\_\_\_\_, (1983). “Argumentos em favor de um otimismo trágico”. In Viktor Frankl [e colaboradores]. *Dar Sentido à Vida- logoterapia de Viktor Frankl*. (Trad. António Estevão Allgayer). Petrópolis: Vozes, (1990).

\_\_\_\_\_, (1987). *Logoterapia y Análisis Existencial- textos de cinco décadas*. (Trad. José A. Prado Díez). Barcelona: Herder, (2011).

\_\_\_\_\_, (1995). *Recollections: An Autobiography*. (Trad. Joseph Fabry/Judith Fabry). New York: Basic Books, (2000).

\_\_\_\_\_, (2010). *Retrouver le sens de la vie*. (Trad. Georges-Elia Sarfati). Paris: InterÉditions, (2017).

#### Outras referências bibliográficas

Abbagnano, Nicolai, (1998). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

Adler, Alfred, (1933). *Journal Articles: 1927- 1931*. (Trad. Gerald L. Liebenau). U.S.A: Henry T. Stein, (2004).

Almeida, Nuno, (2017). *Busca de Sentido da Vida e Reconciliação Cristã*. Minho: Empresa do Diário do Minho.



Arendt, Hannah, (1929). *O conceito de amor em Santo Agostinho*. (Trad. Alberto Dinis). Lisboa: Instituto Piaget, (1997).

Arendt, Hannah, (1958). *A Condição Humana*. (Trad. Roberto Raposo). (10ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, (2007).

Aristóteles. (1973). *Ética a Nicómaco*. (Trad. António de Castro Caeiro). São Paulo: Atlas, (2009).

Bauman, Zygmunt, (2001). *Vida para Consumo*. (Trad. Carlos Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar, (2007).

Beltran-Jaimes, Javier Orlando [e col.], (2012). “Memoria autobiográfica: un sistema funcionalmente definido”. *International Journal of Psychological Research*, 5(2), p. 108-123.

Berg, Van Den, (1964). *O Paciente Psiquiátrico – esboço de uma psicopatologia fenomenológica*. (Trad. Elísia Alves dos Santos Rodrigues). São Paulo: Livro Pleno, (2000).

*Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. (Trad. Ferreira de Almeida). (9ª ed.). São Paulo: Vida, (2005).

Binswanger, Ludwig, (1930). *Le Rêve et l'Existence*. Paris: Minuit, (1970).

Binswanger, Ludwig, (1947). *Introduction à l'Analyse Existentielle*. (Trad. Jacqueline Verdeaux et Roland Kuhn). Paris : Minuit, (1971).

Binswanger, Ludwig, (1965). “Análisis Existencial Y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaboradores]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós.

Blanc, Mafalda, (1998). “Existência e Participação”. In *Estudos Sobre o Ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Blanc, Mafalda, (2015). “Desconstrução e Retomação- Heidegger e a demanda do originário”. In *Philosophica*, 45, Lisboa, p. 58.

Boss, Medard, (1971). *Angústia, culpa e libertação*. (Trad. Barbara Spanoudis). (3ª ed.). São Paulo: Duas Cidades, (1981).

Brett, Colin, (2014). “Introducción.”. In Alfred Adler (1927). *Comprender la Vida*. (Trad. Pilar Paterna). Barcelona: Paidós, (2014).

Brient, Jean-François, (2007). *De la servitude moderne*. Paris: l'Épervier, (2016).

Buber, Martin, (1923). *Eu e Tu*. (Trad. Newton Aquiles Von Zuber). São Paulo: Centauro, (1974).

Brennan, James, (1994). *Historia y Sistemas de la Psicología*. (Trad. José Francisco J. D. Martínez). (5ª ed.). México: Pearson Educación, (1999).

Camus, Albert, (1942). *O Estrangeiro*. (Trad. António Quadros). Lisboa: Editores Associados, (1965).

Correia, Carlos, (2011). *A Religião e o Sentido da Vida- paradigmas culturais*. Editora: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Cottingham, John, (2003). *On the Meaning of Life*. London and New York: Routledge.

Damásio, António, (1999). *O Sentimento de Si –o Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência* (6ª ed.). Lisboa: Publicações Europa-América, (2000).

Dilthey, Wilhelm, (1894). *Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica*. (Trad. Artur Morão). Covilhã: Lusofonia, (2008).

Dilthey, Wilhelm, (1910). *El Mundo Historico*. (Trad. Eugenio Imaz). México: Fondo de Cultura Económica, (1944).

Eucken, Rudolf, (1846). *O Sentido e o Valor da Vida*. (Trad. João Távoa). Rio de Janeiro: Delta, (1962).

Fizzotti, Eugenio, (2005). “Invitación a la lectura de los escritos de juventud de Viktor Frankl.” In Viktor Frankl (2005). *Escritos de Juventud 1923-1942*. (Trad. Roberto H. Bernet). Barcelona: Herder, (2007).

Freud, Sigmund, (1901). “Sobre a psicopatologia da vida cotidiana”. In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. 6. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Imago, (1996).

Freud, Sigmund, (1912). “Alguns Comentários sobre o Conceito de Inconsciente na Psicanálise”. In Freud, Sigmund, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol. 1. (Trad. Luiz Alberto Hanns). Rio de Janeiro: Imago, (2004).

Freud, Sigmund, (1914). “Recordar, repetir e elaborar”. (Trad. Durval Marcondes/J. Barbosa Corrêa). In *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*, Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, (1996).

Freud, Sigmund, (1930). *O Mal-estar na Civilização*. Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, (2000).

Gadamer, Hans-Georg, (1960). *Verdade e Método*. (Trad. Flávio Paulo Meurer). (3ª ed.). Petrópolis: Vozes, (1999).

Gazier, Bernard, (2009). *A Crise de 1929*. (Trad. Júlia Simões). Porto Alegre: L&PM Pocket.

Greenwald, Anthony, (1980). “The Totalitarian Ego”. Fabrication and Revision of Personal History. *American Psychologist*, Vol.35, N.7, 603-618.

Harari, Yuval, (2015). *Homo Deus – história breve do amanhã*. (Trad. Bruno Vieira Amaral). (9ª ed.), (2018).

Hartmann, Nicolai, (1934). *Ontologia – fundamentos*. (Trad. José Gaos). México: Fondo de Cultura Económica, (1954).

Hegel, Wilhelm, (1817-1818). *Estética- a ideia e o ideal*. (Trad. Orlando Vitorino). Lisboa: Guimarães & C, <sup>a</sup>. Editores, (1952).

Heidegger, Martin, (1927). *Ser e Tempo*. (Trad. Fausto Castilho). Petrópolis: Vozes, (2012).

Heidegger, Martin, (1949). *Carta sobre o Humanismo*. (Trad. Rubens Eduardo Frias) (2<sup>a</sup>ed.). São Paulo: Centauro, (2005).

Heidegger, Martin, (1954). “A Questão da Técnica”. In *Ensaaios e Conferências*. (Trad. EmmanueI Carneiro Leão/Gilvan Fogel/Marcia Sá Cavalcante Schuback). Petrópolis: Vozes, (2002).

Heidegger, Martin, (1975). *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*. (Trad. Marco Antônio Casanova). Petrópolis: Vozes, (2012).

Heidegger, Martin, (1987). *Séminaires de Zurich*. (Edités par Medard Boss). (Trad. Caroline Gross). Paris: Éditions Gallimard, (2010).

Herder, Johann, (1772). *Ensaio sobre a origem da linguagem*. (Trad. José M. Justo). Lisboa: Edições Antígona (1987).

Humboldt, Wilhelm von, (1795). “Sobre Pensamento e Linguagem”. (Trad. António Ianni Segatto). *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 32(1): 193-198, 2009.

Husserl, Edmund, (1901). *Investigações Lógicas- investigações para a fenomenologia e teoria do conhecimento*. (Trad. Pedro M.S. Alves/Carlos A. Morujão). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, (2007).

Huxley, Aldous, (1932). *Admirável Mundo Novo*. (Trad. Vidal de Oliveira/Lino Vallandro). (5<sup>a</sup> ed.). Porto Alegre: Globo, (1979).

Jaspers, Karl, (1913). *Psicopatología General*. México: Fondo de Cultura Económica, (1993), p. 840.

Jaspers, Karl, (1950). *Way to Wisdom – an introduction to philosophy*. (Trad. Ralph Manheim). (7ª ed.) London: Yale University Press, (1964).

Laing, Ronald, (1960). *O Eu Dividido – estudo existencial da sanidade e da loucura*. (Trad. Áurea Brito Weissenberg). (3ª ed.). Petrópolis: Vozes, (1978).

Lãngle, Alfried, (2011). “The Existential Fundamental Motivations Structuring the Motivational Process”. In Leontiev DA (Ed.) *Motivation, Consciousness and Self-Regulation*, (Chapter 2). Nova Science Publishers, Inc..

La Mettrie, (1865). *O Homem-Máquina*. (Trad. António Carvalho). Lisboa: Estampa (1982).

Larousse, Paris, (2005). *Dicionário Enciclopédico de Psicologia*. (Trad. Hélder Viçoso), Lisboa: Edições Texto & Grafia, (2008).

Lepp, Ignace, (1951). *A Existência Autêntica*. (Trad. Aulácio de Almeida/Filomena Cruz). Coimbra: Limitada, (1953).

Lukas, Elisabeth, (1986). *Logoterapia: ‘A força desafiadora do espírito’*. (Trad. José de Sá Porto). São Paulo: Loyola, (1989).

May, Rollo, (1960). *Psicologia Existencial*. (Trad. Ernani Pereira Xavier). (4ª ed.). Rio de Janeiro: Globo, (1986).

May, Rollo, (1983). *A descoberta do ser - estudos sobre psicologia existencial*. (Trad. Claudia G. Somogyi). Rio de Janeiro: Rocco, (2000).

Marx, Karl e Engels, Friedrich, (1976). *Textos sobre Educação e Ensino*. (Trad. Rubens Eduardo Frias). São Paulo: Centauro, (2006).

Maslow, Abraham, (1954). *Motivation and Personality*. (3ª ed.). New York: Harper & Row, Publishers.

Maslow, Abraham, (1962). *Introdução à Psicologia do Ser*. (Trad. Álvaro Cabral). (2ª ed.). Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, (1968).

McAdams, Dan e Pals, Jennifer, (2006). “A new Big Five: fundamental principles for an integrative science of personality.”. *American Psychologist*, Vol. 61, N.3, 204-217.

Mejía, Alvaro, (2014). *Los años sesenta – Una revolución en la cultura*. Colombia: Debate.

Nietzsche, Friedrich, (1883). *Assim falou Zaratustra- um livro para todos e para ninguém*. (Trad. Carlos Duarte/Anna Duarte). (4ª ed.). São Paulo: Martin Claret, (2017).

Pastore, María, (2010). *La utopía revolucionaria de los años '60*. Colección Razón Política. Buenos Aires: Signo.

Pulito, Maria Luiza, (2003). “La *Daseinsanalyse* di Ludwig Binswanger”. *Revista Portuguesa de Filosofia. Filosofia e Psicanálise : Perspectivas de Diálogo*. Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, Fasc.2, Vol. 59 (Abril-Junho), pp. 463-481.

Kierkegaard, Søren, (1849). *O Desespero Humano*. (Trad. Fransmar Costa Lima). São Paulo: Martin Claret, (2011).

Ricoeur, Paul, (1976). *Teoria da Interpretação – o discurso e o excesso de significação*. (Trad. Artur Morão). Lisboa: Edições 70, (1987).

Ricoeur, Paul (1983). *Tempo e Narrativa – tomo 1*. (Trad. Constança Marcondes Cesar). São Paulo: Papirus, (1994).

Risch, William, (2005). "Soviet 'Flower Children'. Hippies and the Youth Counter-Culture in 1970s L'viv". *Journal of Contemporary History*, Vol. 40, N. 3 (Jul.), pp. 565-584.

Rousseau, Jean-Jacques, (1781). *Ensaio sobre a origem das línguas*. (Trad. Fernando Guerreiro). Lisboa: Estampa, (1981).

Redsand, Anna, (2006). *Viktor Frankl: A life worth living*. New York: Clarion Books.

Saint-Exupéry, Antoine, (1946). *O Príncipezinho*. (Trad. Joana Morais Varela). (30ª ed.). Barcarena: Presença, (2008).

Santos, Milton, (2007). *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record.

Sartre, Jean-Paul, (1943). *O Ser e o Nada- Ensaio de ontologia fenomenológica*. (Trad. Paulo Perdigão). (24ª Ed.). Petrópolis: Vozes, (2015).

Scheler, Max, (1912-1913). *Da Reviravolta dos Valores*. (Trad. Marco Casanova). Petrópolis: Vozes, (1994).

Scheler, Max, (1921). *Formalism in Ethics and Non-formal Ethics of Values: A New Attempt Toward the Foundation of an Ethical Personalism*. (Trad. Manfred S. Frings/Roger L. Funk). (2ª Ed.). USA: Northwestern University Press, (1985).

Scheler, Max, (1929). *A Concepção Filosófica do Mundo*. (Trad. João Tiago Proença). Porto: Elementos Sudoeste, (2003).

Scheurmann, Erich, (1920). *O Papalagi*. (Trad. Luiza Neto Jorge). Lisboa: Antígona, (2003).

Smiley, Charles, (1977). "The Flower Children of Sudbury". *The Family Coordinator*, Vol. 26, N. 1 (Jan.), pp. 65-68.

Soggie, Neil, (2016). *Logotherapy: Viktor Frankl, Life and Work*. New York: Rowman & Littlefield.

Tillich, Paul, (1962). “Existencialismo y Psicoterapia”. In Ruittenbeek, Hendrik, [e colaboradores]. *Psicoanálisis y filosofía existencial*. Buenos Aires: Paidós, (1965).

Ward, Keith, (2003). *Deus e os Filósofos*. (Trad. Pedro Soares). Lisboa: Editora Estrela Polar, (2007).

Zweig, Stefan, (1931). *A Cura pelo Espírito*. (Trad. Alice Ogando). (3ª ed.). Porto: Livraria Civilização, (1949).